

APRILYNNE PIKE



Wings

A new kind of faerie tale

‘A remarkable debut’
STEPHENIE MEYER

Aprilynne Pike ~ Wings

Laurel sempre viveu como uma garota comum, mas agora alguma coisa está acontecendo com ela. Alguma coisa *mágica*. Neste encantador conto de magia, romance e perigo, tudo que você pensou que sabia sobre fadas será mudado para sempre.

Folha de rosto

Laurel estava mesmerizada, realmente encantada, olhando fixamente para as coisas pálidas com olhos arregalados. Elas eram terrivelmente belas – belas demais para serem descritas por palavras. Laurel se voltou para o espelho novamente, seus olhos nas pétalas esvoaçantes que flutuavam ao lado de sua cabeça. Elas se pareciam quase com asas.

Capítulo 1

Os sapatos de Laurel produziam um ritmo animado que desafiava seu mal humor. Enquanto ela atravessava os corredores da *Del North High*, as pessoas a observavam com olhos curiosos.

Após checar duas vezes seu cronograma, Laurel achou o laboratório de biologia e correu pra reclamar um lugar perto da janela. Se tinha que ficar no lado de dentro, queria ao menos ver lá fora. O resto da sala se encheu lentamente. Um garoto sorriu na sua direção enquanto caminhava para frente da classe e ela tentou retribuir o sorriso. Esperava que ele não pensasse que fosse uma careta.

Um homem alto e magro apresentou-se como Sr. James e começou a distribuir livros didáticos. O começo do livro parecia razoavelmente padrão – classificação de plantas e animais – ela conhecia aqueles – então começou a ir para anatomia humana básica. Por volta da página 80, o texto começou a se assemelhar a língua estrangeira. Laurel resmungou, este seria um longo semestre.

Assim que o Sr. James começou a chamada, Laurel reconheceu alguns nomes de suas primeiras duas aulas aquela manhã, mas ela sabia que ia levar um bom tempo até ligar mesmo metade deles aos rostos que a rodeavam. Sentiu-se perdida no meio de um mar de pessoas desconhecidas.

Sua mãe tinha assegurado a ela que cada estudante de 2º grau se sentiria da mesma forma – afinal, era seu primeiro dia no colégio também – mas ninguém mais parecia perdido ou assustado. Talvez estar perdido e assustado fosse algo a que você se acostumasse após anos de colégio.

Estudar em casa tinha funcionado muito bem para Laurel nos últimos 10 anos e ela não via nenhuma razão para essa mudança. Mas seus pais estavam determinados a fazer tudo certo para sua única filha. Quando ela tinha cinco anos, isso significava estudar em casa em uma cidade minúscula. Aparentemente agora que tinha 15, isso significava ir para um colégio numa cidade ligeiramente menos minúscula.

A sala ficou quieta e Laurel prestou atenção quando o professor repetiu o seu nome. “Laurel Sewell”?

“Aqui” ela disse rapidamente.

Ela se contorceu quando Sr. James a estudou por cima do aro dos óculos e então foi para o próximo nome.

Laurel soltou o fôlego que tinha estado segurando e tirou seu caderno, tentando chamar o mínimo de atenção possível para si mesma.

Enquanto o professor explicava o currículo do semestre, seus olhos se mantiveram desviados para o menino que lhe tinha sorrido mais cedo. Ela tinha reprimido um sorriso quando notou que ele a espreitava também.

Quando Sr. James liberou a sala para o almoço, Laurel sentiu-se grata e deslizou seu livro pra dentro da mochila.

“Ei ”

Ela olhou pra cima. Era o menino que tinha visto lhe observando. Seus olhos captaram primeiro sua atenção. Eles eram de um azul brilhante que contrastava com o tom de oliva de sua pele. Seu cabelo ligeiramente ondulado, castanho claro, era um pouco mais longo de um lado e escorregava através de sua testa num arco suave.

“Você é a Laurel, certo?” Sob os olhos estava um sorriso caloroso, mas casual, com dentes muito retos. Provavelmente aparelho, pensou Laurel, enquanto sua língua inconscientemente corria seus próprios dentes naturalmente retos.

“Sim.” Sua voz ficou presa na garganta e ela tossiu, se sentindo estúpida.

“Eu sou David. David Lawson. Eu – eu queria dizer oi, e bem-vinda a Cidade Crescente, eu acho.”

Laurel forçou um pequeno sorriso. “Obrigada”, ela falou.

“Você quer sentar comigo e com meus amigos para almoçar?”

“Onde?” Laurel perguntou.

David olhou pra ela estranhamente. “Na... cafeteria?”

“Oh”, ela disse, desapontada. Ele parecia legal, mas ela estava cansada de estar enfiada no lado de dentro. “Na verdade, eu vou encontrar um lugar do lado de fora”. Ela pausou.

“Obrigada, mesmo assim”.

“Lado de fora soa bem pra mim. Quer alguma companhia?”

“Verdade?”

“Claro. Eu tenho meu almoço na minha mochila, então estou pronto. E, além disso,” - ele disse, apoiando sua mochila em um dos ombros- “você não deve sentar sozinha no seu primeiro dia”.

“Obrigada”, ela disse após uma minúscula hesitação. “Eu gostaria disso”.

Eles caminharam até o gramado na parte de trás e encontraram um pedaço de grama que não estava tão úmido. Laurel colocou sua jaqueta no chão e sentou-se em cima. David se manteve com a sua.

“Você não está com frio?” ele perguntou, olhando ceticamente para seus shorts e camiseta sem manga.

Ela tirou seus sapatos e enfiou seus dedos na grama espessa. “Eu não sinto frio muito frequentemente – pelo menos não aqui. Se eu for para algum lugar com neve, é uma desgraça. Mas este tempo é perfeito pra mim”. Ela sorriu, desajeitadamente. “Minha mãe brinca que eu tenho sangue-frio”.

“Sorte sua. Eu me mudei de Los Angeles para cá há cinco anos e ainda não me acostumei com a temperatura.”

“Não está *tão* frio”.

“Jura”, David disse com um sorriso irônico. “mas também não está *tão* quente. Após nosso primeiro ano aqui, eu olhei para os registros meteorológicos; você sabia que a diferença entre a temperatura média em julho e dezembro é apenas de 14 graus? Agora, isso é uma bagunça”.

Eles ficaram quietos enquanto David comia um sanduíche e Laurel cutucava sua salada com um garfo.

“Minha mãe embalou para mim um bolinho extra,” disse David, quebrando o silêncio. “Você

quer?” ele estendeu um belo bolinho com glacê azul. “É feito em casa”.

“Não, obrigada.”

David olhou para sua salada, em dúvida, e então para o bolinho.

Laurel entendeu o que David estava pensando e suspirou. Por que era a primeira conclusão que as pessoas sempre tiravam? Certamente ela não era a única pessoa no mundo que realmente gostava de legumes. Laurel bateu uma das unhas na sua lata de Sprite. “Não é dieta”.

“Eu não quis dizer...”

“Eu sou vegan (* vegetariano que apenas consome produtos orgânicos)”, Laurel interrompeu. “Muito estrita, na verdade”.

“Oh, sim?”

Ela acenou e riu duramente “Você não come muitos vegetais, não é?”

“Eu acho que não.”

David pigarreou e perguntou, “Então, quando você se mudou pra cá?”

“Em maio. Eu estive trabalhando bastante para o meu pai. Ele é dono da livraria no centro.”

“Jura?” David perguntou. “Eu fui lá semana passada. É uma loja legal. Não me lembro de ter te visto lá.”

“Culpa da minha mãe. Ela me arrastou para as compras de material escolar a semana toda. Este é o primeiro ano que eu não estudo em casa e minha mãe está convicta de que não tenho material suficiente.”

“ Estudando em casa? ”

“ Sim. Eles estão me obrigando a vir ao colégio este ano. ”

Ele sorriu. “ Bem. Estou contente por isso.” Ele abaixou a cabeça e olhou seu sanduíche por alguns segundos antes de perguntar. “ Você sente falta da sua antiga cidade?”

“ Às vezes.” Ela sorriu baixinho. “ Mas é legal aqui. Minha antiga cidade, Orick, é terrivelmente pequena. Tipo, quinhentas pessoas.”

“Puxa”. Ele riu. “Los Angeles é um pouco maior que isso.”

Ela riu e engasgou com sua soda.

David parecia como se estivesse pronto para perguntar algo, mas o sino tocou e, ao invés disso, ele sorriu. “ Podemos fazer isso novamente amanhã?” Hesitou por um segundo, então completou: “ Com meus amigos, talvez?”

O primeiro instinto de Laurel foi dizer não, mas ela tinha gostado da companhia de David. E por outro lado, socializar mais foi outra razão para que sua mãe insistisse no colégio esse ano. “Claro”, ela disse antes que pudesse perder a calma. “ “Vai ser legal”.

“ Demais.” Ele levantou e ofereceu sua mão e a puxou até que estivesse em pé e sorriu enviesado por um minuto. “ Bem, eu te vejo por aí, eu acho.”

Ela o observou ir embora. Sua jaqueta e seu jeans folgado parecia mais ou menos como de todo mundo, mas havia uma segurança em seu andar que o destacava da multidão. Laurel invejou esse andar confiante.

Talvez algum dia.

Laurel jogou sua mochila no balcão e sentou-se em uma banquetta. Sua mãe, Sarah, tirou os

olhos do pão que estava amassando. “ Como foi a escola?”

“Uma m****.”

Suas mãos pararam. “Cuidado com a língua, Laurel.”

“Bem, foi. E não tem uma palavra melhor pra descrever.”

“Você tem que dar um tempo, querida.”

“Todo mundo me encara como se eu fosse uma aberração.”

“Eles te encaram por que você é nova.”

“Eu não pareço com os outros.”

Sua mãe sorriu. “E você queria isso?”

Laurel revirou os olhos, mas tinha que admitir que sua mãe havia marcado um ponto. Ela podia ter estudado em casa e ser um pouco protegida, mas sabia que se parecia muito com as modelos de revistas e da televisão. E gostava disso.

A adolescência tinha sido bondosa com ela. Sua pele quase translúcida não tinha sofrido os efeitos da acne e seu cabelo loiro nunca tinha sido oleoso. Ela era pequena, uma graciosa garota de 15 anos com um rosto perfeitamente oval e olhos verdes brilhantes. Sempre tinha sido magra, mas não muito magra, e tinha desenvolvido algumas curvas nos últimos anos. Seus membros eram longos e esbeltos e andava com a graça de uma bailarina, mesmo sem nunca ter tido aulas.

“Eu quero dizer, eu me visto diferente.”

“Você poderia se vestir como todo mundo se quisesse.”

“Sim, mas todos eles usam sapatos desengonçados e jeans justos, além de três camadas de camisas, uma em cima da outra.”

“E?”

“Eu não gosto de roupas justas. Elas são ásperas e fazem-me sentir desajeitada. E, na verdade, quem poderia querer usar sapatos desengonçados, hein?”

“Então vista o que quiser. Se suas roupas são suficientes para afugentar possíveis amigos, eles não são o tipo de amigos que você quer.”

Típico conselho de mãe. Doce, honesto e completamente inútil. “É barulhento lá.”

Sua mãe parou de amassar e tirou a franja do rosto, deixando um traço enfarinhado em sua testa.

“Querida, você não pode esperar que uma escola inteira seja tão quieta como nós duas sozinhas. Seja razoável.”

“Eu sou razoável. Eu não estou falando sobre barulho necessário; eles correm por todo lado como macacos selvagens. Eles gritam, riem e gemem até não poder mais. E eles escrevem em seus armários.”

Sua mãe descansou sua mão no quadril. “Algo mais?”

“Sim. Os corredores são escuros.”

“Eles não são escuros”, disse sua mãe, seu tom suavemente de censura. “Eu andei por toda aquela escola com você na semana passada e todas as paredes são brancas.”

“Mas não tem janelas, só aquelas luzes fluorescentes horríveis. Elas são tão falsas e não trazem nenhuma luz real para os corredores. Eles são simplesmente... escuros. Sinto falta de Orick.”

Sua mãe começou a moldar a massa em pães. “ Me diga alguma coisa boa sobre hoje.”

Laurel andou até a geladeira.

“Não”, sua mãe disse, colocando uma mão para pará-la. “Alguma coisa boa antes.”

“Humm... Eu conheci um garoto legal,” ela disse, dando a volta no braço de sua mãe e agarrando uma soda. “David... David alguma coisa.”

Foi a vez de sua mãe revirar os olhos. “Claro. Você se muda para uma cidade nova, eu coloco você na sua novíssima escola e a primeira pessoa a que você se agarra é um garoto.”

“Não é desse jeito.”

“Eu estou brincando.”

Laurel ficou quieta ouvindo o barulho da massa de pão sendo sovada no balcão.

“Mãe?”

“Sim?”

Laurel respirou fundo. “Eu realmente tenho que continuar indo?”

Sua mãe esfregou as têmporas. “Laurel, a gente já conversou sobre isso.”

“Mas...”

“Não, nós não vamos discutir sobre isso de novo”. Ela se inclinou no balcão, seu rosto perto do de Laurel. “Eu não me sinto mais qualificada para te dar aulas.”

“Mas você pode comprar aqueles programas de educação em casa. Eu já procurei na internet.” Laurel disse rapidamente quando sua mãe abriu a boca.

“E quanto vai custar?” Sua mãe perguntou, sua voz baixa, e uma sobrancelha levantada.

Laurel ficou em silêncio.

“Escute,” sua mãe disse, após uma pausa, “até nossa propriedade em Orick ser vendida nós não temos dinheiro para nada extra. Você sabe disso.”

Laurel olhou para o balcão e seus ombros caíram.

A principal razão para eles terem mudado para a Cidade Crescente, em primeiro lugar, foi porque seu pai tinha comprado uma livraria na Rua Washington. No começo do ano, ele tinha estado dirigindo por lá e viu um anúncio de venda de uma livraria saindo do negócio. Laurel lembrava-se de ter ouvido seus pais conversando durante semanas sobre o que poderiam fazer pra comprar a livraria – um sonho que partilhavam desde que se casaram – mas as contas nunca batiam.

Então, no final de abril, um cara chamado Jeremiah Barnes se aproximou do pai de Laurel onde ele trabalhava, em Eureka, interessado na propriedade em Orick. Seu pai tinha vindo para casa quase pulando de entusiasmo. O resto aconteceu num turbilhão que Laurel podia vagamente lembrar o que aconteceu primeiro. Seus pais passaram vários dias no banco em Brookings, no começo de maio a livraria era deles e estavam se mudando de sua pequena cabana em Orick para uma casa ainda menor em Cidade Crescente.

Mas os meses se arrastaram e as coisas ainda não estavam finalizadas com o Sr. Barnes. Até que estivessem, o dinheiro era apertado, seu pai trabalhava várias horas na loja e Laurel estava presa no colégio.

Sua mãe colocou uma mão sobre ela, quente e reconfortante. “Laurel, fora o gasto, você também precisa aprender a conquistar coisas novas. Isso vai ser tão bom pra você. No ano que vem você pode pegar as classes avançadas e pode participar de um time ou clube. Eles vão parecer muito bons na inscrição para a faculdade.”

“Eu sei. Mas...”

“Eu sou a mãe”, ela disse com um sorriso suavizando seu tom firme. “e digo escola.”

Laurel fungou e começou a passar o dedo no rejunte entre as placas do balcão.

O relógio tocou alto e sua mãe colocou os pães no forno e acertou o timer.

“Mãe, nós temos alguns dos seus pêssegos em lata? Eu estou faminta.”

Sua mãe a encarou. “Você está faminta?”

Laurel traçou redemoinhos com seu dedo na condensação da sua lata de soda, evitando o olhar de sua mãe. “Eu fiquei faminta essa tarde. No último período.”

Sua mãe estava tentando não fazer um grande alvoroço disso, mas ambas sabiam que era fora do comum. Laurel raramente se sentia faminta. Seus pais a tinham aborrecido por anos por causa de seus estranhos hábitos alimentares. Ela comia em cada refeição para satisfazê-los, mas não era algo que sentisse necessidade, muito menos que gostasse.

Foi por isso que sua mãe finalmente concordou em manter a geladeira cheia com Sprite. Ela protestou contra os não ainda documentados detrimientos do carbono, mas não podia discutir com as 140 calorias por lata. Isso era 140 calorias a mais que água. Pelo menos, sabia que Laurel estava colocando mais calorias em seu sistema, mesmo que elas fossem “vazias”.

Sua mãe foi apressada até a despensa para pegar uma jarra de pêssegos, provavelmente com medo de que Laurel pudesse mudar de idéia. O torcer estranho no estômago de Laurel tinha começado durante a aula de espanhol, vinte minutos antes do último sinal. Tinha diminuído um pouco no caminho pra casa, mas não tinha ido embora.

“Aqui está”, ela disse, colocando uma tigela na frente de Laurel. Então se virou, dando-lhe um mínimo de privacidade. Laurel olhou para a tigela. Sua mãe tinha sido cuidadosa – uma metade de pêssego e por volta de metade de um copo de suco.

Ela comeu o pêssego em pequenas mordidas, olhando fixamente as costas de sua mãe, esperando que ela se voltasse e espiasse. Mas sua mãe se ocupou com a louça e não olhou nem uma vez. Assim, Laurel sentiu como se tivesse perdido alguma batalha imaginária. Então, quando terminou, ela pegou sua mochila do balcão e saiu na ponta dos pés da cozinha antes que sua mãe pudesse se voltar.

Capítulo 2

O sinal tocou na aula de biologia e Laurel correu para guardar o maldito livro na sua mochila o mais fundo possível.

“Como foi o segundo dia?”

Laurel levantou os olhos para ver David sentado com as costas encostadas numa cadeira na sua mesa de laboratório. “Foi tudo certo.”

“Você está pronta?”

Laurel tentou sorrir, mas sua boca não obedeceu. Quando ela tinha aceitado se juntar a David e seus amigos para almoçar ontem, tinha parecido uma boa idéia. Mas o pensamento de encontrar um grupo inteiro de completos estranhos a fez se encolher. “Sim”, ela disse, mas poderia dizer que não foi muito convincente.

“Você tem certeza? Porque não precisa se não quiser.”

“Não, eu tenho certeza”, ela disse rapidamente. “Apenas me deixe pegar minhas coisa”. Ela guardou seu caderno e canetas bem devagar. Quando ela derrubou uma das canetas no chão, David a pegou e lhe devolveu, mas não a soltou até que ela olhasse para ele. “Eles não

vão morder”, ele disse sério. “Eu prometo”.

No corredor, David monopolizou a conversa, falando até eles entrarem na cafeteria. Ele acenou para um grupo no final de uma das mesas longas e estreitas. “Vamos”, ele disse, colocando uma mão na parte de baixo de suas costas.

Pareceu um pouco estranho ter alguém a tocando desse jeito, mas estranhamente reconfortante também. Ele a guiou através do corredor lotado, então retirou sua mão tão logo eles chegaram à mesa correta.

“Oi, galera, esta é a Laurel.”

David apontou para cada pessoa e disse os nomes, mas cinco segundos depois, Laurel não poderia repetir nenhum deles. Ela sentou num lugar vazio ao lado de David e tentou pegar alguns pedaços das conversas ao redor dela. Distraidamente, ela pegou uma lata de soda, uma salada de morango com espinafre e uma metade de pêssego em calda que sua mãe tinha embalado aquela manhã.

“Uma salada? É dia de lasanha e você está comendo salada?”

Laurel olhou para a garota com cabelo castanho encaracolado que tinha uma bandeja cheia do almoço da escola.

David falou rápido, cortando qualquer resposta que Laurel pudesse ter pensado. “Laurel é vegan – ela é muito estrita.”

A garota relanceou o pequeno pedaço de pêssego com uma sobancelha levantada. “Parece mais do que vegan pra mim. Vegans não comem, tipo, pão?”

O sorriso de Laurel foi estreito. “Alguns.”

David revirou os olhos. “Deixa ela em paz, Chelsea.”

“Você parece como se estivesse em algum tipo de mega dieta,” Chelsea disse, ignorando David.

“Não realmente. Isso é só o tipo de comida que eu gosto.”

Laurel observou os olhos de Chelsea voltarem para sua salada e pôde sentir mais questões prontas para explodirem. Era provavelmente melhor falar do que responder a vinte perguntas. “Meu aparelho digestivo não lida bem com comida normal”, ela disse. “Nada, exceto frutas e vegetais, me faz bem.”

“Isso é estranho. Quem pode viver só de coisas verdes? Você já foi ao médico por causa disso? Por quê...?”

“Chelsea?” a voz de David foi contundente, mas baixa. Laurel duvidava que alguém mais tivesse ouvido.

Os olhos cinzentos de Chelsea se arregalaram ligeiramente. “Oh, desculpe”. Ela sorriu e quando o fez, seu rosto se iluminou. Laurel se viu sorrindo também. “É muito legal te conhecer”, Chelsea disse. Então, retornou para sua refeição e nem mesmo olhou novamente para a comida de Laurel.

O intervalo do almoço só durou 28 minutos - curto para os padrões de qualquer um - mas hoje pareceu se arrastar indefinidamente. A cafeteria era relativamente pequena e vozes ricocheteavam nas paredes como bolas de pingue-pongue, ferindo os ouvidos de Laurel. Ela se sentiu como se todo mundo estivesse gritando com ela ao mesmo tempo. Vários amigos de David tentavam chamá-la para participar de suas conversas, mas Laurel não conseguia se concentrar quando a temperatura na sala parecia estar subindo a cada minuto e não conseguia entender como ninguém notava.

Ela tinha escolhido uma camiseta com mangas essa manhã, no lugar das sem mangas, porque tinha se sentido inadequada no dia anterior. Mas agora a gola parecia ter subido até que ela se sentisse vestindo uma gola olímpica. Uma gola olímpica *apertada*. Quando o sinal finalmente tocou, ela sorriu e disse adeus, mas correu para porta antes que David pudesse alcançá-la.

Ela andou rápido até o banheiro, colocou sua mochila no chão, na base do parapeito da janela, e colocou seu rosto pra fora no ar fresco. Ela respirou o ar gelado e salgado e abanou a frente da camiseta, tentando deixar a brisa tocar o quanto fosse possível do seu corpo. A náusea leve que tinha preenchido seu estômago durante o almoço começou a se dissipar e ela deixou o banheiro – com tempo suficiente só pra correr pra próxima aula.

Após a escola, ela caminhou pra casa devagar. O sol e o ar fresco a revigoraram e fizeram aquele sentimento de náusea em seu estômago desaparecer completamente. Não obstante, quando escolheu sua roupa na manhã seguinte, ela voltou para a camiseta sem manga. No começo da aula de biologia, David sentou-se na cadeira perto dela. “Você se importa?” - ele perguntou.

Laurel balançou a cabeça. “A garota que normalmente senta aqui passa a aula toda rabiscando corações para alguém chamado Steve. Me distrai um pouco.”

David riu. “Provavelmente deve ser Steve Tanner. Ele é super popular.”

“Todo mundo escolhe a pessoa mais óbvia, eu acho.” Ela tirou seu caderno da mochila e encontrou a página que o Sr. James tinha escrito no quadro.

“Você quer almoçar comigo de novo hoje? E meus amigos”, ele completou, apressadamente.

Laurel hesitou. Ela tinha pensado que ele perguntaria, mas ela ainda não havia pensado numa maneira de responder sem magoá-lo. Ela gostava muito dele. E tinha gostado de seus amigos – aqueles que ela tinha sido capaz de ouvir acima do barulho. “Eu acho que não,” ela começou. “Eu...”

“É a Chelsea? Ela não quis te deixar constrangida sobre o seu almoço, ela é somente muito honesta o tempo todo. Na verdade, é meio revigorante depois que você se acostuma.”

“Não, não é ela! Seus amigos são todos muito legais, mas eu não posso... Eu não posso suportar aquela cafeteria. Se eu tiver que ficar aqui dentro o dia todo, eu preciso passar o almoço no lado de fora. Eu acho que, com toda a liberdade de estudar em casa por 10 anos, estou tendo problemas em abandonar isso tão rápido.”

“Então todo mundo foi ok?” David cochichou, quando o Sr. James colocou a classe em ordem.

Laurel acenou.

“Você se importa se eles forem comer do lado de fora com a gente, então?”

Laurel ficou quieta enquanto ouvia o início da palestra sobre os filós. “Isso seria muito legal”, ela finalmente cochichou de volta.

Quando o sinal tocou, David disse: “Eu te encontrarei lá fora. Só vou falar para os outros, pra que eles possam vir se quiserem.”

Por volta do final do almoço, Laurel lembrava-se de pelo menos metade dos nomes das pessoas e tinha conseguido participar de várias conversas. Chelsea e David foram com ela até sua próxima aula e pareceu natural caminhar com eles. Quando David fez uma piada sobre o Sr. James, a risada de Laurel ecoou pelas paredes. Após apenas três dias, a escola

estava começando a ser mais familiar, ela não se sentia tão perdida e mesmo a aglomeração, que tinha sido tão opressiva na segunda-feira, não estava tão ruim hoje. Pela primeira vez desde que deixou Orick, Laurel sentiu-se como se fizesse parte.

Capítulo 3

As três semanas seguintes de escola voaram tão rápido que Laurel nunca o teria imaginado assim após aquele começo desajeitado. Ela se sentiu sortuda por ter conhecido David. Os dois ficavam juntos frequentemente na escola e eles compartilhavam aulas com Chelsea também. Ela nunca almoçou sozinha e sentia como se tivesse atingido um ponto em que poderia chamar David e Chelsea de amigos. E as aulas eram ok. Era diferente que se esperasse que todos aprendessem na mesma velocidade, mas Laurel estava se acostumando.

Ela também estava se acostumando à Cidade Crescente. Era maior que Orick, claro, mas ainda havia bastante espaço aberto e nenhum dos prédios era maior do que dois andares. Pinheiros altos e árvores com folhas largas cresciam em todo lugar, mesmo na frente da mercearia. A grama dos jardins era espessa e verde, e as flores floresciam nas vinhas que rastejavam sobre a maioria dos prédios.

Numa sexta de setembro, Laurel deu de cara com David quando saía de sua aula de espanhol, sua última aula do dia.

“Desculpe”- David disse, firmado-a com uma mão no seu ombro.

“Tudo bem. Eu não estava prestando atenção.”

Laurel encontrou os olhos de David. Ela sorriu timidamente, até perceber que ela estava no meio do caminho.

“Oh, me desculpe”, Laurel falou, saindo do caminho.

“Humm, na verdade, eu estava... eu estava procurando por você.”

Ele parecia nervoso. “Ok, eu só tenho que...”, ela levantou seu livro, “eu preciso pôr isso no meu armário”.

Eles caminharam até o armário de Laurel, onde ela guardou seu livro de espanhol, então olhou na expectativa para David.

“Eu só estava pensando, se você queria, talvez, passear comigo esta tarde?”

Seu sorriso permaneceu em sua face, mas ela sentiu seus nervos diretamente no estômago. Até agora a sua amizade tinha sido completamente limitada à escola; Laurel de repente percebeu que ela não tinha certeza do que David gostava de fazer quando ele não estava almoçando ou tomando notas. Mas a possibilidade de descobrir a atraiu. “O que você vai fazer?”

“Há uma floresta atrás da minha casa. Já que você gosta de estar ao ar livre, eu pensei que nós podíamos dar uma caminhada. Há uma árvore muito legal que achei que você poderia gostar de ver. Bem, duas árvores, na verdade... você vai entender quando a vir. Se você quiser, digo.”

“OK.”

“Verdade?”

Laurel sorriu. “Claro.”

“Ótimo.” Ele olhou o corredor em direção da porta de trás. “É mais fácil se nós formos pela porta de trás.”

Laurel seguiu David pelo corredor lotado e saiu para um refrescante ar de setembro. O sol estava lutando para atravessar a névoa e o ar era gelado, pesado de umidade. O vento soprava do oeste, trazendo o sabor salgado do mar com ele. Laurel respirou profundamente, aproveitando o ar do outono, quando eles entraram numa pequena subdivisão, mais ou menos meia milha ao sul da casa de Laurel. “Então você vive com sua mãe?”, ela perguntou.

“Sim. Meu pai foi embora quando eu tinha nove anos. Então minha mãe terminou a faculdade e veio pra cá.”

“O que ela faz?”

“Ela é farmacêutica na farmácia do centro.”

“Oh!” Laurel riu. “Isso é irônico.”

“Por quê?”

“Minha mãe é mestre em naturopatia.”

“O que é isso?”

“É alguém que basicamente faz seus próprios medicamentos de ervas. Ela até planta um monte de suas próprias ervas. Eu nunca tomei nenhum remédio, nem mesmo paracetamol.” David a encarou. “Você está brincando!”

“Não. Minha mãe faz as coisas que nós usamos ao invés disso.”

“Minha mãe ia ficar doida. Ela pensa que existe uma pílula pra tudo.”

“Minha mãe acha que os médicos estão prontos pra te matar.”

“Eu acho que nossas mães poderiam aprender algo uma com a outra.”

Laurel riu. “Provavelmente.”

“Então sua mãe nunca vai ao médico?”

“Nunca.”

“Então você, tipo, nasceu em casa?”

“Eu sou adotada.”

“Oh, sim?” - Ele ficou quieto por alguns instantes. “Você sabe quem são seus pais verdadeiros?”

Laurel riu: “Não.”

“Porque isso é engraçado?”

Laurel mordeu o lábio. “Promete não rir?”

David levantou sua mão, numa gravidade simulada. “Eu juro.”

“Alguém me pôs numa cesta, na porta dos meus pais.”

“De jeito nenhum! Você está zombando de mim.”

Laurel levantou uma sobrancelha pra David.

David engasgou. “Sério?”

Laurel acenou. “Eu fui uma criança de cesta. Eu não era um bebê, na verdade. Eu tinha, tipo, 3 anos e minha mãe diz que eu estava chutando e tentando sair quando eles atenderam a porta.”

“Então você era uma criança? Você podia falar?”

“Sim. Minha mãe diz que eu tinha um sotaque engraçado, que durou por volta de um ano.”

“Huh? Você não sabia da onde tinha vindo?”

“Minha mãe diz que eu sabia meu nome, mas nada mais. Eu não sabia de onde era ou o que tinha acontecido ou qualquer outra coisa.”

“Esta é a coisa mais estranha que eu já ouvi.”

“Isso criou um enorme problema legal. Após meus pais decidirem que queriam me adotar, eles tiveram um investigador privado procurando pela minha mãe biológica e todo tipo de coisa sobre custódia temporária e coisas assim. Levou dois anos até tudo estar finalizado.”

“Você viveu em um lar adotivo ou algo parecido?”

“Não. O juiz com quem meus pais lidavam foi muito cooperativo, então eu vivi com eles durante todo o processo. Um assistente social vinha nos ver toda semana, mas meus pais não tinham permissão de me tirar do estado até eu ter 7 anos.”

“Estranho. Você já se perguntou de onde você veio?”

“Eu costumava. Mas não há respostas, então fica frustrante pensar sobre isso após um tempo.”

“Se você pudesse descobrir quem é sua mãe verdadeira, você gostaria?”

“Eu não sei”, ela disse, colocando as mãos no bolso. “Provavelmente. Mas eu gosto da minha vida. Eu não me ressinto, afinal eu acabei com a minha mãe e meu pai.”

“Isso é tão legal.” David gesticulou em direção a entrada de uma garagem. “Por aqui.” Ele olhou para o céu. “Parece que vai chover logo. Vamos largar nossas mochilas e espero que tenhamos tempo de ver as árvores.”

“Esta é sua casa? É bonita.” Eles estavam andando na frente de uma pequena casa branca com uma porta vermelha reluzente; zínias multicoloridas preenchiam um longo canteiro que corria na frente da casa.

“Deveria ser,” David disse, mostrando o caminho frontal. “Eu gastei duas semanas este verão pintando.”

Eles largaram suas mochilas na porta da frente e entraram numa cozinha arrumada e decorada com simplicidade. “Posso pegar algo pra você?” David perguntou, andando pela cozinha e abrindo a geladeira. Ele pegou uma lata de *Mountain Dew* (refrigerante) e pegou uma caixa de *Twinkies* (biscoito) do armário.

Laurel se forçou a não franzir o nariz para o *Twinkies* e olhou em volta da cozinha ao invés disso. Seus olhos encontraram uma fruteira. “Posso pegar uma daquelas?” perguntou, olhando para uma fresca pêra verde.

“Sim. Pegue e a traga com você.”

Ele levantou uma garrafa de água: “Água?”

Ela sorriu. “Claro.”

Eles colocaram seus petiscos no bolso e David apontou para a porta de trás. “Por aqui.” Eles foram até a porta de trás e ele abriu uma porta deslizante.

Laurel entrou em um jardim bem cuidado e cercado. Apontou a cerca e disse: “Parece com o fim da linha pra mim.”

David riu. “Para olhos destreinados, talvez.”

Ele se aproximou da cerca que bloqueava o vento e, com um rápido salto, subiu no topo e se empoleirou lá.

“Venha” ele disse, esticando sua mão. “Eu te ajudo.”

Laurel olhou pra ele ceticamente, mas estendeu a mão. Surpreendentemente, com um pequeno esforço, eles saltaram sobre a cerca.

A linha de árvores vinha perto da cerca e com apenas aquele pequeno salto já estavam em pé numa floresta com folhas úmidas e caídas, formando um tapete espesso sob seus pés. A densa cobertura silenciava o som dos carros à distância e Laurel olhou em volta apreciativamente. “Isso é legal.”

David olhou pra cima, com suas mãos nos quadris. “É, eu acho. Nunca fui uma pessoa de ficar ao ar livre, mas eu encontro um monte de plantas diferentes aqui que posso olhar no meu microscópio.”

Laurel olhou pra ele. “Você tem um microscópio?” Ela riu baixinho. Você realmente é um *nerd* da ciência.”

David riu. “Sim, mas todo mundo pensava que Clark Kent era um *nerd* também e olhe como terminou.”

“Você está me dizendo que é o Superman?” Laurel perguntou.

“Você simplesmente nunca saberá!” David disse, gracejando.

Laurel riu e olhou pra baixo, de repente tímida. Quando olhou para cima, David estava olhando para ela e a clareira pareceu muito mais quieta quando seus olhos se encontraram. Ela gostou do jeito que ele a olhou, seus olhos suaves e sondadores, como se ele pudesse aprender mais sobre ela somente estudando seu rosto.

Após um longo momento ele sorriu, um pouco embaraçado, e inclinou sua cabeça em direção a uma trilha sumida. “As árvores são por aqui.”

Então a guiou pela trilha que formava uma ferida pela floresta, atrás e adiante, parecendo sem propósito. Mas após alguns minutos, ele apontou uma árvore grande, fora da trilha.

“Wow”, Laurel disse. “Isso é legal.” Como David tinha dito, eram na verdade duas árvores, um abeto e um pinheiro, que tinham germinado juntos. Seus troncos tinham se mesclado e torcido, resultando no que parecia com uma árvore na qual cresceram espinhos de pinheiro de um lado e folhas largas no outro.

“Eu descobri quando me mudei pra cá.”

“Então onde está seu pai agora?” Laurel perguntou, escorregando suas costas numa árvore e se instalando numa fofa pilha de folhas. Ela tirou a pêra do bolso.

David fez um riso baixo com a garganta. “San Francisco. Ele é advogado de defesa e tem uma firma grande.”

“Você o vê muito frequentemente?” ela perguntou.

David se juntou a ela no chão, seu joelho descansando gentilmente contra sua coxa. Ela não se afastou. “A cada dois meses. Ele tem um jato particular e voa até o Campo MacNamara e me leva junto para o fim de semana.”

“Isso é legal.”

“Eu acho.”

“Você não gosta dele?”

David deu de ombros. “Bem, o suficiente. Mas ele é o cara que nos deixou e nunca tentou ter mais tempo comigo ou algo assim, então não me sinto como se fosse uma prioridade para ele, você entende?”

Laurel acenou. “Sinto muito.”

“Está tudo certo. Nós sempre nos divertimos. Só que é – meio estranho, às vezes.”

Eles sentaram num silêncio pacífico por alguns minutos, a clareira tranquila os embalando em um estado relaxado. Mas então ambos olharam pra cima quando um trovão ressoou através do céu.

“É melhor eu te levar de volta. Vai chover logo.”

Laurel levantou-se e se espanou, tirando as folhas de sua roupa. “Obrigada por me trazer aqui”, ela disse, gesticulando para a árvore. “Isso é muito legal.”

“Fico feliz que tenha gostado,” David disse. Ele evitou seus olhos. “Mas... Este não era realmente o ponto.”

“Oh.” Laurel se sentiu elogiada, mas desajeitada.

“Por aqui”, David disse, sua face um pouco corada quando ele se virou.

Eles escalaram a cerca ao voltar justo quando as primeiras gotas de chuva começaram a cair.

“Você quer ligar para sua mãe vir te buscar?” David perguntou, uma vez que estavam de volta à cozinha.

“Nah, eu vou ficar bem.”

“Mas está chovendo. Eu deveria te levar.”

“Não, está tudo bem. De verdade, eu gosto de caminhar na chuva.”

David parou por um segundo, então disse abruptamente, “Então, posso te ligar? Talvez amanhã?”

Laurel sorriu. “Claro.”

Mas ele não se moveu para a porta da cozinha.

“A porta é por aqui, certo?” ela perguntou, o mais educadamente possível.

“Sim. É que eu não posso te ligar sem o seu número.”

“Oh, desculpe.” Ela tirou uma caneta e escreveu seu número num caderno ao lado do telefone.

“Posso te dar o meu?”

“Claro.”

Laurel começou a abrir sua mochila, mas David a parou. “Não se preocupe”, ele disse.

“Aqui.”

David esticou a mão dela e rabiscou seu número na palma.

“Desse jeito você não vai perder.” Ele disse acanhadamente.

“Ótimo. Falo com você mais tarde.” Ela reluziu pra ele um sorriso caloroso antes de sair na garoa pesada.

Uma vez que estava na rua longe o bastante para que a casa estivesse fora de vista, Laurel retirou o capuz e levantou o rosto para o céu e respirou profundamente, enquanto a chuva borrifava suas bochechas e escorria pelo seu pescoço. Ela começou a esticar seus braços, então se lembrou do número de telefone. Enterrou suas mãos nos bolsos e pegou seu ritmo, sorrindo enquanto a chuva caía suavemente em sua cabeça.

O telefone estava tocando quando Laurel entrou em casa. Sua mãe parecia não estar, então Laurel correu os últimos passos para atender, antes que a secretária eletrônica atendesse.

“Alô?”- Falou, sem fôlego.

“Oh, hey! Você está em casa! Eu só ia deixar uma mensagem.”

“David?”

“Sim. Oi. Desculpe ligar tão cedo,” David disse, “mas eu estava pensando que nós temos

prova de biologia na próxima semana e eu pensei que talvez você gostasse de vir aqui amanhã e estudar comigo.”

“Sério?” Laurel disse. “Isso seria maravilhoso! Estou tão estressada com essa prova, sinto como se soubesse apenas metade das coisas. ”

“Ótimo!” Ele parou. “Não ótimo porque você está estressada, mas ótimo – de qualquer jeito.”

Laurel sorriu de seu embaraço. “Que horas?”

“Qualquer hora. Eu não estarei fazendo nada amanhã, exceto umas tarefas para a minha mãe. ”

“Ok. Eu te ligo. ”

“Ótimo. Te vejo amanhã. ”

Laurel disse adeus e desligou. Ela sorriu enquanto subia a escadas, pulando os degraus de dois em dois.

Capítulo 4

Sábado de manhã, os olhos de Laurel abriram-se ao nascer do sol. Ela não se importava – era uma pessoa da manhã, sempre tinha sido. Normalmente acordava uma hora antes de seus pais e isso lhe dava a chance de dar um passeio, sozinha, e aproveitar o sol nas costas e o vento em suas bochechas antes que tivesse que passar horas dentro da escola.

Após colocar um vestido de verão, ela agarrou o velho violão de sua mãe de seu estojo atrás da porta antes de deslizar para fora silenciosamente para aproveitar o frescor quieto do início da manhã. O fim de setembro tinha afugentado as manhãs luminosas e claras e trazido a névoa que vinha do oceano e se demorava sobre a cidade até o início da tarde. Ela andou por um caminho curto que serpenteava em seu jardim. Apesar do tamanho pequeno da casa, o terreno era razoavelmente grande e os pais de Laurel tinham conversado sobre a possibilidade de adições algum dia. O jardim tinha várias árvores que sombreavam a casa e Laurel tinha passado quase um mês ajudando sua mãe a plantar montes de flores e vinhas por todo o exterior da casa.

A casa deles ficava numa linha de casas, então eles tinham vizinhos de ambos os lados, mas, como em muitas casas na Cidade Crescente, seu jardim corria para uma floresta urbanizada. Laurel normalmente andava nos caminhos que ziguezagueavam pelo pequeno vale até um pequeno regato, que corria bem no meio, paralelo as linhas das casas.

Hoje ela vagueou até o regato e se sentou na margem. Colocou os pés dentro da água gelada, que era clara e fria nas manhãs, antes que os insetos aquáticos e mosquitos se aventurassem a sair e pontilhassem a superfície, procurando por pedaços de comida.

Laurel colocou o violão em seu joelho e começou a dedilhar algumas cordas aleatórias, escolhendo um pedaço de uma melodia após algum tempo. Era bom sentir o espaço em volta com música. Ela tinha começado a tocar três anos atrás quando tinha encontrado o violão velho da sua mãe no sótão. Estava com uma terrível necessidade de cordas novas e alguma afinação, mas Laurel convenceu sua mãe a consertá-lo. Ela lhe tinha dito que o violão agora lhe pertencia, mas Laurel gostava de pensar nele como se ainda pertencesse a sua mãe, isso fazia parecer mais romântico. Como uma velha relíquia.

Um inseto aterrissou em seu ombro e começou a andar nas suas costas. Laurel o golpeou e seus dedos tocaram algo. Esticou seus braços pra trás um pouco mais longe e sentiu novamente. Ainda estava lá: um calombo redondo, apenas grande o bastante para ser sentido sob a pele. Ela torceu o pescoço, mas não pôde ver nada além de seu ombro. Então o tocou novamente, tentando descobrir o que era. Finalmente, levantou-se frustrada e se direcionou para casa, a procura de um espelho.

Após trancar a porta do banheiro, Laurel sentou no vaso, torcendo o corpo até conseguir ver suas costas no espelho. Ela abaixou a parte de cima de seu vestido e procurou pelo calombo e finalmente o localizou bem no meio de suas omoplatas: um círculo minúsculo, inchado, que se matizava com a pele em volta. Era pouco perceptível, mas definitivamente estava lá. Ela tentou cutucar – não doía, mas cutucar provocava uma sensação de formigamento. Parecia com uma espinha. *Isso é reconfortante*, Laurel pensou ironicamente. *De uma forma completamente não reconfortante.*

Laurel ouviu os passos suaves de sua mãe rangendo no corredor e colocou a cabeça para fora da porta do banheiro. “Mãe?”

“Cozinha”, sua mãe chamou com um bocejo.

Laurel seguiu sua voz. “Eu tenho um calombo nas costas. Você poderia olhar?” Ela perguntou, se virando.

Sua mãe pressionou suavemente algumas vezes. “Apenas uma espinha”, ela concluiu.

“Isso é o que eu achei”, Laurel disse, colocando de volta a parte de cima do vestido.

“Você nunca tem espinhas”. Ela hesitou. “Você começou... Você sabe?”

Laurel abanou a cabeça rapidamente. “Apenas uma única”. Sua voz foi monótona e seu sorriso mordaz. “Tudo parte da puberdade, como você sempre diz”. Ela se virou e fugiu antes que sua mãe pudesse perguntar mais coisas.

De volta ao seu quarto, sentou-se em sua cama, tocando o pequeno calombo. Isso a fez sentir-se estranhamente normal, ter sua primeira espinha; como um rito de passagem. Ela não tinha experimentado a puberdade do jeito que os livros descreviam: nunca teve espinhas e embora seu peito e quadris tivessem se desenvolvido da forma como deveriam – um pouco mais cedo, na verdade – aos quinze anos ela ainda não tinha começado seu período.

Sua mãe sempre desdenhou o fato, dizendo que uma vez que eles não tinham nem ideia do histórico médico de sua mãe biológica, não poderiam ter certeza se era uma característica familiar perfeitamente normal ou não. Mas ela tinha certeza que sua mãe estava começando a se preocupar.

Laurel se vestiu em sua usual camiseta sem mangas e jeans e começou a puxar seu cabelo num rabo-de-cavalo. Então se lembrou das marcas inflamadas que ela ocasionalmente via nas costas das outras meninas no vestiário e deixou o cabelo solto. Apenas para o caso do calombo se desenvolver em algo feio mais tarde.

Especialmente na casa do David. Seria péssimo.

Laurel agarrou uma maçã enquanto saía pela porta e falava tchau pra sua mãe. Ela estava quase na casa de David quando olhou para o lado e viu Chelsea correndo do outro lado.

Laurel acenou e a chamou.

“Ei!” disse Chelsea, sorrindo enquanto seus cachos caíam suavemente ao redor de seu rosto.

“Ei!”, Laurel disse com um sorriso. “Eu não sabia que você corria.”

“Cross-country. Normalmente eu pratico com um grupo, mas nos sábados estamos por nossa conta. Para onde você está indo?”

“Eu estou indo para a casa do David”, Laurel disse. “Nós vamos estudar.”

Chelsea riu. “Bem, bem-vinda ao fã-clube de David Lawson. Eu já sou presidente, mas você pode ser a tesoureira.”

“Não é assim”, Laurel disse, não completamente certa que estava falando a verdade. “Nós vamos apenas estudar. Eu tenho prova de biologia na segunda e sem uma séria intervenção, eu vou bombar completamente.”

“A casa dele fica logo ali, virando a esquina. Eu vou com você até lá.”

Elas viraram a esquina e ouviram o cortador de grama. David não as viu quando chegaram e ficaram paradas, observando-o.

Ele estava empurrando um cortador de grama através do gramado espesso, vestindo somente jeans e um tênis velho. Seu peito e seus braços eram longos e rijos, mas marcados com músculos esguios – sua pele era bronzeada e brilhava com o leve brilho de suor, enquanto ele se movia quase graciosamente na gentil luz da manhã.

Laurel não pode evitar olhar. É claro que já tinha visto garotos correndo sem camisa muitas vezes, mas de alguma forma isso era diferente. Ela olhou como os músculos de seu braço se flexionavam quando ele pegava uma parte de grama particularmente espessa e tinha que fazer força para o cortador continuar se movendo. Sentiu um pequeno aperto no peito.

“Eu acho que morri e fui pro céu”, Chelsea disse, não se importando em esconder a apreciação em seus olhos.

Como se tivesse pressentido que o observavam, David de repente olhou pra cima e encontrou os olhos de Laurel. Ela abaixou o queixo e olhou seus pés. Chelsea nem piscou. Depois de um tempo, quando Laurel olhou pra cima novamente, percebeu que David estava colocando uma camisa. “Ei, garotas. Vocês estão de pé cedo.”

“Ainda é cedo?” Laurel perguntou. Era quase nove da manhã, afinal. “Oh”, ela disse embaraçada, “Eu me esqueci de ligar.”

David deu de ombros com um sorriso. “Tudo bem”. Ele gesticulou para o cortador. “Eu estou pronto”.

“Bem, eu tenho que correr”, Chelsea disse, seu fôlego voltando repentinamente.

“Literalmente”. Ela se virou de forma que só Laurel pudesse ver e moveu a boca, dizendo “Wow!”, antes de acenar e recomeçar a correr.

David riu e abanou a cabeça enquanto a observava ir. Então se virou para Laurel e apontou para a casa. “Vamos? Biologia não espera por ninguém.”

Após os testes, na segunda, David se virou para Laurel. “Então, quão ruim foi, de verdade?” Laurel sorriu. “Bem, não foi tão ruim, mas somente por causa da sua ajuda.” Eles tinham estudado por quase três horas no sábado e tinham conversado por outra hora no domingo à noite. Reconhecia que a conversa por telefone não teve nada a ver com biologia, mas talvez ela tenha aprendido algo por osmose. Osmose pelo telefone. Certo...

Ele hesitou por apenas um segundo antes de dizer: “Nós podemos fazer disso uma coisa regular. Estudar juntos, quero dizer...”

“Sim”, Laurel disse, gostando da idéia de mais sessões de “estudo” quietas com ele. “E na próxima vez você pode vir até a minha casa”, ela adicionou.

“Ótimo”.

Estava chovendo na hora da aula de biologia ao ar livre aquele dia, então o grupo se juntou sob um pequeno pavilhão. Quase ninguém comeu lá, porque não havia mesas de piquenique ou paralelepípedos embaixo, mas Laurel gostou do pedaço irregular de grama que parecia que nunca secava completamente – mesmo sob um teto.

Quando chovia, a maioria do grupo ficava dentro do refeitório, mas nesse dia David e Chelsea se juntaram a ela no pátio, assim como um garoto chamado Ryan. David e Ryan jogaram pedaços de pão um no outro e Chelsea comentava, criticando sua mira, forma de atirar e inabilidade para evitar acertar os espectadores.

“Ok, essa foi de propósito”, Chelsea disse, pegando um pedaço de casca que tinha batido direto em seu peito e o quicou de volta para os garotos.

“Nah, isso foi acidente”, Ryan disse. “Foi você quem me disse que eu não conseguia acertar *nada* que estivesse mirando.”

“Então você deveria mirar em mim, daí eu poderia ter certeza que não ia ser acertada”, respondeu, debochando. Ela suspirou e voltou-se para Laurel. “Eu *não* estou destinada a viver no norte da Califórnia”, disse, tirando o cabelo do rosto. “Durante o verão meu cabelo fica legal, mas começa uma chuvinha e *bam!* Se torna nisso.” Chelsea tinha cabelos longos e castanhos, com um toque de ruivo, que caía em cachos sobre suas costas. Suaves e sedosos cachos nos dias de sol, mas revoltados e ásperos, que saltavam sem controle em volta de seu rosto, quando o ar estava úmido e frio – o que era metade do tempo na região. Ela tinha olhos cinzentos brilhantes que lembravam a Laurel o oceano quando o sol estava se levantando e dava as ondas infundáveis qualidades na meia escuridão.

“Eu acho que é bonito”, Laurel disse.

“Isso porque não é seu. Eu tenho que usar xampus especiais e condicionadores só para ser capaz de escovar todo dia.” Ela olhou para Laurel e tocou seu cabelo liso e suave por um segundo. “Os seus parecem ótimos, o que você usa?”

“Oh, qualquer coisa...”

“Humm...” Chelsea tocou seus cabelos, mais uma vez. “Você usa um condicionador *leave-in*? É o que normalmente funciona melhor com o meu.”

Laurel respirou fundo e expirou ruidosamente. “Na verdade... Eu não uso nada. Qualquer tipo de condicionador faz meu cabelo ficar liso e oleoso. E se uso xampu, deixa o meu cabelo muito, muito seco – mesmo se usar o para cabelos mistos.”

“Então você simplesmente não lava?” Essa idéia era aparentemente exótica para Chelsea.

“Bem, lavo com água e enxáguo muito bem. Quer dizer, é limpo e tudo mais”.

“Mas sem xampu, de jeito nenhum?”

Laurel abanou a cabeça e esperou por um comentário cético, mas Chelsea apenas murmurou: “Sortuda”, e se voltou para seu almoço.

Aquela noite Laurel examinou bem de perto seu cabelo. Ela precisava lavá-los com algum produto? Mas eles pareciam iguais ao que sempre foram. Ela virou as costas para o espelho, cutucou e mexeu no calombo. Tinha sido uma coisa minúscula no sábado de manhã, mas durante o fim de semana tinha crescido bastante. “Porcaria de primeira espinha”, Laurel resmungou para o seu reflexo.

Na manhã seguinte, Laurel acordou com um formigamento enfadonho entre suas omoplatas. Tentando não entrar em pânico, correu para o banheiro e torceu o pescoço para olhar suas costas no espelho. O calombo tinha crescido quase o dobro.

Isso não podia ser uma espinha. Ela tocou-o cuidadosamente e uma estranha sensação de formigamento ocorria em todo lugar que tocava.

Em pânico, ela agarrou a camisola ao peito e correu pelo corredor em direção ao quarto de seus pais. Tinha acabado de levantar a mão para bater, quando se forçou a parar e respirar. Laurel olhou para si mesma e de repente sentiu-se muito boba. O que ela estava pensando? Estava de pé, no corredor, vestindo um pouco mais que a roupa de baixo. Mortificada, afastou-se da porta do quarto de seus pais e voltou ao banheiro, o mais rápido e silenciosamente que pode. Voltou as costas para o espelho novamente e estudou o calombo. Ela virou-se para vê-lo de alguns ângulos diferentes, até estar convencida que não era nem de perto tão grande quanto tinha imaginado.

Laurel tinha crescido com a idéia de que o corpo humano sabia como cuidar de si mesmo. A maioria das coisas – se deixadas em paz - se curavam por si mesmas. Seus pais viviam daquele jeito. Eles nunca foram ao médico, nem mesmo por antibióticos.

“ É só uma espinha gigante. Vai sumir por si mesma” - Laurel falou para seu reflexo, seu tom soando exatamente como o de sua mãe.

Ela fuçou na gaveta de medicamentos de sua mãe e encontrou um tubo de creme de sálvia, que sua mãe fazia todo ano. Tinha alecrim, lavanda, óleo de “*tree tea*”, e sabe-se lá o que mais que sua mãe colocava em tudo. Não poderia machucar.

Laurel pegou um dedo cheio da pomada de aroma adocicado e começou a esfregar nas costas. Entre o ardor de suas mãos irritando o calombo e a queimação do óleo de *tree tea*, as costas de Laurel estavam em fogo quando ela vestiu a camisola e, com as costas prensadas na parede, correu para seu quarto.

Ela escolheu uma larga camiseta estilo baseball, com mangas e com costas inteiras, para usar nesse dia. Muitas de suas camisetas sem mangas provavelmente esconderiam o calombo, mas Laurel não quis correr nenhum risco. Esta coisa não poderia ficar maior sem se tornar grosseiro e quando ficasse, Laurel preferiria tê-lo bem escondido sob uma camiseta. Formigava toda vez que algo roçava contra ele – seu cabelo longo, a camiseta quando a vestiu e, claro, toda vez que ela tocava, tentando lembrar a si mesma que era real. Na hora que desceu as escadas, estava convencida que cada nervo em seu corpo estava conectado ao calombo.

Quando a quinta-feira já estava terminando, Laurel não podia mais negar que o que fosse aquilo em suas costas, não era uma espinha. Não só tinha continuado a crescer nos últimos dois dias, como parecia estar crescendo *mais rápido*. Esta manhã estava do tamanho de uma bola de golfe.

Laurel desceu para o café da manhã determinada a contar a seus pais sobre o calombo estranho. Ela tinha até tomado fôlego e aberto a boca para soltar. Mas no último momento desistiu e simplesmente pediu para seu pai lhe passar o melão.

Entre as camisetas que ela esteve vestindo nos últimos dias e seus cabelos soltos, ninguém ainda tinha notado o calombo, mas seria somente questão de tempo – especialmente se continuasse crescendo. *Se, Laurel repetia pra si mesma, se ficar maior. Talvez a pomada da minha mãe dê um jeito.*

Ela estava pondo sálvia direto por três dias, mas até agora não parecia estar fazendo muito efeito. Mas alguma coisa que cresceu deste tamanho tão rápido não poderia ser algo que

um simples óleo de seiva de árvore pudesse curar, poderia? Talvez fosse um tumor. Laurel tinha certeza de ter lido notícias sobre pessoas que tiveram tumores espinhais. Ela respirou fundo. Um tumor fazia bastante sentido.

“Alô? Você está pelo menos me ouvindo?” a voz de Chelsea cortou os pensamentos de Laurel e ela voltou-se para a amiga.

“O quê?”

Chelsea apenas riu. “Eu acho que não”. Então, mais tranquila, “Você está bem? Você estava muito aérea”.

Laurel olhou pra cima e por alguns segundos não conseguiu se lembrar para qual aula se direcionava. “Eu estou bem”, ela murmurou irritadamente. “Apenas pensando”.

Chelsea examinou seu rosto por alguns segundos antes de levantar uma sobrancelha cética. “Ok”.

David caminhou ao lado delas e quando Chelsea os deixou para se encaminhar para sua aula, Laurel tentou ir à frente dele. Ele a alcançou e a puxou pelas costas. “Onde é o incêndio, Laury? Estamos ainda a três minutos do sinal.”

“Não me chame assim”, ela falou rispidamente antes que pudesse se refrear.

A boca de David fechou-se e ele não disse mais nada enquanto o fluxo de pessoas deslizava ao redor deles.

Laurel procurou pelas palavras para desculpar-se, mas o que deveria dizer? *Desculpe David, eu só estou uma pilha porque posso ter um tumor.* Ao invés disso ela soltou, “Eu não gosto de apelidos”.

David já tinha colado o seu sorriso corajoso. “Eu não sabia. Me desculpe”. Ele correu os dedos pelo cabelo. “Você...” Sua voz foi sumindo e ele pareceu mudar de idéia. “Vamos. Eu te levo até sua classe”. Ela se sentiu desajeitada andando ao lado dele agora. Ele virou-se pra ela quando chegaram à classe e acenou. “Te vejo depois”.

“Laurel?”

Ela se virou.

“O que você vai fazer no sábado?”

Ela hesitou. Esperava que ela e David pudessem fazer algo juntos novamente. E até esta manhã, ela esteve tentando chegar a um jeito casual de perguntar. Mas talvez não fosse uma boa idéia.

“Eu estava pensando que vários de nós poderíamos nos encontrar e fazer um piquenique e talvez uma fogueira. Eu conheço um lugar ótimo na praia. Chelsea disse que viria, e Ryan, Molly e Joe também. E um monte de gente disse que talvez fosse.”

Comida, areia e um fogo, muita fumaça. Nada disso soava divertido.

“Está um pouco frio, então não podemos realmente nadar, mas...Você sabe. Alguém sempre é empurrado. É divertido.”

O sorriso falso de Laurel se derreteu. Ela odiava a sensação de água salgada em sua pele – era como se o sal fosse absorvido pelo seus poros. A última vez que ela tinha ido nadar no oceano, anos atrás, ela tinha ficado mole e cansada por dias. E não haveria possibilidade de esconder seu calombo – ou o que quer que fosse - num biquíni também.

Ela estremeceu quando pensou em quão grande estaria em dois dias! Ela não poderia ir, mesmo que quisesse. “David, eu...” Ela odiava colocá-lo pra baixo. “Eu não posso”.

“Por que não? Ele perguntou.

Ela poderia dizer que tinha que trabalhar na livraria – nas últimas semanas ela tinha passado bastante tempo todo sábado lá ajudando seu pai – mas ela não poderia mentir. Não para o David. “Eu apenas não posso”, ela murmurou e se virou para a porta sem se despedir.

Na sexta de manhã o calombo estava do tamanho de uma bola de *softball*. Era definitivamente um tumor. Laurel nem se incomodou em ir ao banheiro olhar. Ela podia sentir. Nenhuma camiseta iria esconder isso.

Laurel teve que cavar até o fundo de seu guarda-roupa para achar uma blusa peluda que no mínimo camuflaria o calombo.

Ela esperou em seu quarto até a hora de ir para a escola, então correu escada baixo e para fora com um único grito de “bom dia” e “até mais” para seus pais.

O resto do dia arrastou-se interminavelmente. O calombo formigava o tempo todo agora, não apenas quando ela tocava. Tudo o que ela podia pensar era como se fosse como um persistente zunido em sua cabeça. Ela não conversou com ninguém no almoço e sentiu-se mal por isso, mas não conseguia se concentrar em nada enquanto suas costas estivessem formigando tanto.

Na hora que sua última aula terminou, ela tinha respondido errado quatro vezes quando perguntada. As questões tinham ficado progressivamente mais fáceis – como se a Senhora Martinez estivesse dando a ela a chance de se redimir – mas sua professora podia também ter falado em *Swahili*. Assim que o sinal tocou, Laurel estava fora da sua cadeira, indo para a porta antes que qualquer outra pessoa. E definitivamente antes da Senhora Martinez cercá-la e perguntá-la sobre sua performance abismal.

Ela viu David e Chelsea conversando perto do armário dela, então se dirigiu para o outro lado e correu em direção a porta de trás, esperando que nenhum deles se virasse e a reconhecesse pelas costas. Assim que tinha escapado da escola, ela se dirigiu ao campo de futebol, sem certeza de onde ir a uma cidade desconhecida. Enquanto andava, não conseguia se livrar de seu medo crescente. *E se for um câncer? Câncer não vai simplesmente embora. Talvez eu devesse contar a minha mãe.* “Segunda”, Laurel suspirou quando o ar gelado açoitava seu cabelo. “Se não sumir até segunda, eu vou contar para os meus pais.” Ela escalou as arquibancadas, seus pés martelando em cada degrau de metal, até alcançar o topo. Parou contra a grade, olhando sobre o topo das árvores para horizonte, no oeste. Estar tão longe de seu ambiente fez com que se sentisse separada e de lado. Isso convinha. Sua cabeça virou bruscamente quando ela ouviu passos atrás de si. Ela se virou pra ver o rosto muito embaraçado de David. “Ei”, ele disse.

Laurel não disse nada, mas o alívio e a irritação guerrearam em sua mente. Alívio estava ganhando. Ele acenou suas mãos para o banco em que ela estava em pé. “Posso sentar?” Laurel ficou parada por um momento, então sentou no banco e bateu no lugar ao seu lado com um leve sorriso.

David sentou-se cautelosamente, como se não confiasse em seu convite. “Eu realmente não quis te seguir”, ele disse, enquanto se inclinava com seus cotovelos nos joelhos. “Eu ia te esperar lá embaixo, mas...” Ele deu de ombros. “O que posso dizer? Eu sou impaciente.” Laurel não disse nada. Eles ficaram em silêncio por um longo tempo.

“Você está bem?” - David perguntou, sua voz estranhamente alta enquanto ecoava pelos bancos de metal vazios.

Laurel sentiu lágrimas queimarem seus olhos, mas forçou-se a piscar até elas sumirem. “Eu

ficarei bem.”

“Você esteve muito quieta a semana toda.”

“Desculpe.”

“Eu... Eu fiz algo?”

Laurel levantou a cabeça bruscamente. “Você? Não, David. Você... Você é ótimo.” A culpa se abateu sobre ela. Ela se forçou a sorrir. “Eu só tive um dia ruim, é tudo. Me dê o fim de semana pra me livrar disso. Me sentirei melhor na segunda. Eu prometo”.

David acenou e o silêncio retornou, pesado e desajeitado. Então ele pigarreou. “Posso te levar pra casa?”

Ela balançou a cabeça. “Eu vou ficar aqui por um tempo. Eu ficarei bem” - Ela completou.

“Mas...” Ele não continuou. Apenas acenou com a cabeça, em seguida levantou e começou a ir embora. Então se virou. “Se você precisar de alguma coisa, você sabe meu número, certo?”

Laurel acenou. Ela sabia de cor.

“Ok”, ele mudou o apoio de um pé para o outro. “Eu estou indo agora”.

Logo que ele ficou fora de vista, Laurel o chamou. “David?”.

Mas quando ele voltou-se para ela, como seu rosto tão franco e receptível, ela perdeu a coragem. “Divirta-se amanhã”, ela disse, falhando a voz.

Seu rosto se entristeceu um pouco, mas ele acenou e continuou indo embora.

Aquela noite Laurel sentou no vaso em seu banheiro olhando suas costas. Lágrimas deslizavam pelas suas bochechas quando ela novamente besuntava sálvia sobre o calombo. Não tinha feito nada antes e a lógica dizia que não faria agora – mas ela tinha que tentar algo.

Capítulo 5

A manhã de sábado amanheceu fria, com apenas uma leve névoa que o sol provavelmente iria queimar por volta do meio-dia. Laurel previu que havia cem por cento de chance que todos na fogueira iam mergulhar ou ser empurrados na água gelada do Pacífico e estava duplamente grata que tivesse saído fora. Ela ficou deitada na cama por vários minutos observando o nascer do sol com sua mistura de tons de rosa, laranja e um suave azul nebuloso. A maioria das pessoas gostava da beleza do pôr-do-sol, mas, para Laurel, o nascer do sol que era verdadeiramente de tirar o fôlego. Ela se espreguiçou e levantou, ainda olhando a janela. Ela pensou na porcentagem de pessoas em sua pequena cidade que estava dormindo diante dessa vista incrível. Seu pai era um. Ele era um vergonhoso dorminhoco e raramente levantava-se antes do meio-dia, no sábado – ou dia de dormir, como ele chamava.

Ela sorriu com o pensamento, mas a realidade escorria em tudo tão cedo. Seus dedos percorreram seu ombro e seus olhos se arregalaram. Ela segurou o grito quando sua outra mão se juntou com a primeira, tentando confirmar o que ela estava sentindo.

O calombo tinha sumido. Mas algo tinha ficado no lugar. Algo longo e frio. E *muito maior* do que o calombo tinha sido.

Se amaldiçoando por não ser uma daquelas garotas com um espelho no quarto, Laurel torceu o pescoço tentando ver sobre o ombro, mas ela só conseguiu ver margens arredondadas de algo branco. Ela jogou pra trás o fino lençol e correu para sua porta. A maçaneta girou silenciosamente e Laurel abriu uma minúscula brecha. Ela podia ouvir seu pai roncando, mas algumas vezes sua mãe levantava cedo e era muito silenciosa. Laurel abriu a porta, conscientemente grata pela primeira vez na vida pelas dobradiças bem lubrificadas, e deslizou pelo corredor em direção ao banheiro com suas costas pra parede. Como se isso fosse ajudar.

Suas mãos estavam tremendo quando ela empurrou a porta do banheiro e se atrapalhou com a fechadura. Apenas quando ela ouviu o clique do trinco no lugar, é que se deixou respirar novamente. Curvou sua cabeça contra a madeira áspera e mal acabada e se forçou a respirar devagar. Seus dedos encontraram o interruptor e ela acendeu a luz. Respirando fundo, piscou pra longe os pontinhos pretos e andou em direção ao espelho.

Ela nem mesmo precisou se virar para ver o novo desenvolvimento. Formas longas, branco-azuladas levantavam-se sobre seus ombros. Por um momento, Laurel permaneceu mesmerizada, realmente encantada, olhando fixamente para as coisas pálidas com olhos arregalados. Elas eram terrivelmente bonitas – quase bonitas demais para serem descritas por palavras.

Virou-se devagar, assim ela pôde vê-las melhor. Tiras parecidas com pétalas germinavam da onde estava o calombo, formando uma estrela de quatro pontas, gentilmente curvadas em suas costas. As pétalas mais longas – como um leque sobre cada ombro e espreitando ao redor de sua cintura – mediam mais que um metro e meio e eram tão largas quanto sua mão. As pétalas menores – por volta de vinte centímetros – espiralavam ao redor do centro, preenchendo os espaços que sobravam. Havia até algumas pequenas folhas verdes onde a enorme flor se conectava com sua pele.

Todas as pétalas eram tingidas de azul escuro no centro e iam diluindo para um azul céu suave no meio e branco nas pontas. As pontas eram onduladas e pareciam assustadoramente com as violetas africanas que sua mãe meticulosamente havia plantado na cozinha. Devia haver umas vinte tiras suaves parecidas com pétalas. Talvez mais. Laurel se virou de frente para o espelho novamente, seus olhos nas pétalas esvoaçantes que flutuavam ao lado de sua cabeça. Elas se pareciam quase com asas.

Uma batida alta na porta tirou Laurel de seu transe. “Não terminou ainda?” - sua mãe perguntou sonolenta. As unhas de Laurel se afundaram em sua palma quando ela olhou horrorizada para as coisas brancas gigantes. Elas eram lindas, claro, mas em quem no mundo cresce nas costas uma flor gigante? Isso era dez – não – *cem* vezes pior que um calombo. Como ela ia esconder isso?

Talvez as pétalas pudessem ser arrancadas. Ela agarrou umas das tiras oblongas e deu um puxão. A dor desceu se irradiando por toda sua espinha e ela teve que morder sua bochecha com força pra segurar o grito. Mas não conseguiu segurar o ganido que escapou entre seus dentes.

Sua mãe bateu novamente: “Laurel, você está Ok?”

Laurel respirou várias vezes e a dor foi desvanecendo para um palpitar maçante e ela recuperou a capacidade de falar. “Eu estou bem”, ela disse, sua voz tremendo um pouco. “Só um minuto”. Seus olhos correram o banheiro procurando por algo útil. A camisola fina

que ela estava usando não ajudaria de jeito nenhum. Ela agarrou sua toalha gigante e jogou sobre seus ombros, puxando pra perto ao redor. Após uma rápida olhada no espelho pra ter certeza que não havia pétalas gigantes à vista, Laurel abriu a porta e forçou um sorriso pra sua mãe. “Desculpe, eu demorei.”

Sua mãe piscou. “Você tomou banho? Eu não ouvi a água correndo.”

“Foi curto”. Laurel hesitou. “E eu não molhei meu cabelo”, ela acrescentou.

Mas sua mãe não estava prestando atenção. “Desça quando estiver vestida, eu vou te fazer o café”, ela disse com um bocejo. “Parece que vai ser um belo dia.”

Laurel moveu-se, passando sua mãe, indo para a segurança de seu próprio quarto. Ela não tinha tranca em seu quarto, mas cravou uma cadeira sob a maçaneta como tinha visto pessoas fazendo nos filmes. Ela olhou para o arranjo duvidosamente - não parecia como se fosse manter muita coisa fora, mas foi o melhor que pôde fazer.

Deixou a toalha cair de seus ombros e examinou as pétalas achatadas. Elas estavam um pouco amarrotadas, mas não doíam. Ela puxou uma longa peça sobre o ombro e examinou.

O enorme calombo era uma coisa, mas o que ia fazer a respeito disso?

Ela fungou a coisa branca, parou e fungou de novo. Cheirava como uma florescência de frutas, mas mais forte. Muito mais forte. A essência intoxicante estava começando a preencher o quarto. Pelo menos, a coisa gigante não fedia. Ela teria que dizer a sua mãe que tinha um perfume novo ou algo assim. Laurel inalou novamente e desejou que *pudesse* encontrar algo que cheirasse tão bem no balcão de perfumes.

Quando a enormidade da situação caiu sobre Laurel, o quarto pareceu girar abaixo dela. Seu peito se apertou enquanto ela tentava considerar o que fazer.

A coisa mais importante primeiro; ela tinha que esconder aquilo.

Laurel abriu seu guarda-roupa e ficou em pé na frente dele, procurando por algo que a ajudasse a esconder uma flor enorme crescendo em suas costas, mas aquela não tinha sido exatamente sua prioridade quando ela tinha ido às compras em agosto. Laurel gemeu para o guarda-roupa cheio de blusas e vestidos de verão leves e finos. Dificilmente feitos para esconder *algo*.

Ela deu uma peneirada entre suas roupas e agarrou algumas blusas. Após checar que a área estava limpa, Laurel correu até o banheiro, jurando que iria hoje até uma loja e compraria um espelho para seu quarto. A porta se fechou um pouco mais forte do que ela intencionava, então ficou parada, com seu ouvido pressionado contra a madeira fria por alguns segundos, mas não ouviu nenhuma resposta de sua mãe.

A primeira blusa não ia nem servir sobre a coisa enorme florida. Ela olhou para aquilo no espelho. Tinha que haver outro jeito.

Ela pegou o máximo que pôde das pétalas brancas e tentou embrulhá-las ao redor dos ombros. Isso não funcionou muito bem. Além disso, ela não queria realmente usar mangas pelo resto da vida – quão longa pudesse ser.

Então, as puxou em volta dos braços e as embrulhou em volta da cintura dessa vez. Isso funcionou melhor. *Muito* melhor. Ela agarrou uma longa echarpe de seda rosa de um dos cabides e envolveu em volta da cintura prendendo as pétalas a sua pele. Então abotoou seu short sobre uma parte da echarpe. Ainda não doía, mas se sentiu confinada e sufocada. Mas era melhor que nada. Laurel pegou uma blusa leve, estilo camponês e jogou sobre tudo. Então, com ansiedade, ela se voltou para olhar no espelho.

Impressionante, se não soubesse ou dissesse a si mesma, praticamente nada se notava. De qualquer forma o tecido da blusa era espesso, então não se poderia dizer que havia algo por baixo. Mesmo na região da protuberância em suas costas era pouco perceptível e, se ela escovasse seu cabelo sobre isso, ninguém seria capaz de dizer. Um pequeno problema resolvido. Centenas de problemas maiores faltando.

Esta foi de longe mais do que alguma estranha manifestação da puberdade. Oscilações de humor, acne desfigurante, mesmo períodos que duravam meses, eram no mínimo semi-normal. Mas crescer pétalas de flores gigantes em suas costas de uma espinha do tamanho de uma bola de *softball*? Isso era algo completamente diferente.

Mas o quê? Isso era o tipo de coisa que se via em filmes de terror barato. Mesmo se decidisse contar para alguém, quem acreditaria nela? Nunca, nem em seus piores pesadelos, tinha imaginado que algo como isso pudesse lhe acontecer.

Isso ia arruinar tudo! Seu futuro, sua vida... Era como se tudo tivesse ido por água abaixo num instante.

O banheiro de repente se tornou muito quente. Muito pequeno, muito escuro, muito... muito *tudo*. Desesperada para sair de casa, Laurel correu através da cozinha, agarrou uma lata de soda e abriu a porta de trás.

“Saindo pra um passeio?”

“Sim, mãe” - ela disse sem se voltar.

“Divirta-se”.

Laurel fez um som evasivo sob a respiração.

Ela desceu como um furacão o caminho em direção as árvores, não prestando atenção no verde salpicado de orvalho a sua volta. Ainda havia um toque de névoa no horizonte a oeste, onde se afastava do oceano, mas o pico do céu era azul e limpo e o sol estava fazendo seu caminho firmemente no topo do céu. Seria de fato um belo dia. Imagine... Ela se sentiu como se a mãe Natureza estivesse zombando dela. Sua vida estava desfeita, mas ainda tudo a sua volta era bonito, como se fosse apesar dela.

Dirigiu-se para trás de um grande grupo de árvores, fora da vista da rua e de sua casa, mas ainda não era suficiente. Ela continuou andando.

Após mais alguns minutos, parou e ouviu se havia o som de alguém – ou algo – em volta dela. Uma vez que se sentiu segura, levantou as costas de sua camiseta e desamarrou a echarpe confinante. Um suspiro escapou de seus lábios quando as pétalas se precipitaram em sua posição original em suas costas. Sentiu-se como se tivesse sendo libertada de uma caixa minúscula e limitada.

Um feixe da luz do sol brilhou através de uma fenda nas árvores acima, fazendo sua silhueta se alongar na grama em sua frente. O contorno de sua sombra parecia com uma borboleta enorme com asas leves. E, da mesma forma estranha que balões lançavam sombras, o negrume tinha um tom de azul. Ela tentou fazer as coisas como asas se moverem, mas, embora pudesse senti-las – sentir cada polegada delas, embriagando-se nos raios do sol – ela não tinha controle sobre elas. Algo tão destruidor de vida não deveria ser tão bonito. Olhou fixamente para a imagem no chão por um longo tempo, pensando no que fazer. Ela deveria contar aos seus pais? Tinha prometido a si mesma que contaria a eles na segunda se o calombo não tivesse ido embora. Bem, ele se foi.

Puxando uma das longas tiras sobre os ombros, Laurel correu seus dedos sobre ela. Era tão

suave. E não doía. *Talvez simplesmente vá embora*, pensou ela bem otimista. Aquilo era o que sua mãe sempre dizia. Eventualmente a maioria das coisas sumia por si mesma. Talvez... Talvez isso fosse ok.

Ok? As palavras pareciam encher sua cabeça, reverberando no seu crânio. *Eu tenho uma flor gigante saindo da minha espinha. Como isso pode ser ok?!*

Como suas emoções tombavam a sua volta como um furacão, seus pensamentos de repente centraram-se em David. Talvez David pudesse ajudá-la a dar um sentido a isso. Devia haver uma explicação científica pra isso. Ele tinha um microscópio – um muito bom, pelo que disse. Talvez pudesse olhar um pedaço dessa flor estranha. Podia ser capaz de dizer o que era. E mesmo que dissesse que não tinha idéia, ela não ficaria pior do que estava agora. Embrulhou novamente sua echarpe ao redor da flor e correu para casa, quase atropelando seu pai quando ele se arrastava pesadamente pra dentro da cozinha.

“Pai!” - ela disse surpresa, seus nervos quase a flor da pele se esticando um pouco mais. Ele se curvou e beijou o topo de sua cabeça. “Bom dia, linda”. Ele colocou um braço ao redor de seus ombros e Laurel sugou numa respiração nervosa, esperando que ele não pudesse sentir as pétalas através de sua camiseta.

Mas seu pai raramente notava algo antes de sua segunda xícara de café.

“Por que você está de pé?” - ela perguntou, com um leve tremor em sua voz.

Ele gemeu. “Eu tenho que ir abrir a loja. Maddie precisa do dia de folga.”

“Claro”, Laurel disse distraidamente, tentando não ver essa mudança na rotina normal como algo de mau agouro.

Ele começou a afastar seu braço, então parou e inalou o ar em seu ombro. Laurel congelou. “Você cheira bem. Você deve usar este perfume mais frequentemente.”

Laurel acenou, rezando para que seus olhos não estivessem pulando para fora da cabeça, e desvencilhou-se do abraço de seu pai. Correu para pegar o telefone sem fio e então se dirigiu escada acima.

Em seu quarto, olhou para o telefone por um longo tempo antes que seus dedos conseguissem discar o número de David. Ele atendeu após o primeiro toque: “Alô?”

“Ei”, ela disse rapidamente, se forçando a não desligar.

“Laurel. Ei! Como está?”

Os segundos se esticaram no silêncio.

“Laurel?”

“Sim?”

“Você me ligou.”

Mais silêncio.

“Posso ir até aí?” - ela disparou.

“Humm... Claro. Quando?”

“Agora?”

Capítulo 6

Alguns minutos mais tarde Laurel tinha sua cadeira escorada sob a maçaneta novamente.

Ela levantou a frente de sua camiseta e puxou para fora da echarpe o fim de uma das tiras longas, brancas e azuis. Parecia tão inofensiva ali em sua mão. Quase podia esquecer que estava grudada em suas costas. Pegou a tesoura de unha de sua mãe e estudou o fim da pétala. Provavelmente não precisava de um pedaço tão grande. Olhou novamente e selecionou uma curva pequena na ponta ondulada.

Ela se preparou quando moveu a tesoura reluzente para posição. Queria fechar os olhos, mas estava com medo que pudesse provocar um dano maior dessa forma. Contou silenciosamente: *Um, dois, três!... Eu devia contar até cinco.*

Após mentalmente se xingar de banana, posicionou a tesoura de novo: *Um, dois, três, quatro, cinco!* Ela fechou a tesoura e fez um corte limpo, jogando um pequeno pedaço do branco em sua colcha. Laurel arquejou e pulou por alguns segundos até a dor aguda se amenizar e olhou para baixo, para a borda do corte. Não estava sangrando, mas estava soltando um pouco de um líquido claro. Laurel a secou com uma toalha antes de colocá-la delicadamente de volta sob a echarpe. Então embrulhou o pequeno pedaço branco em um tecido e colocou cuidadosamente no bolso.

Ela desceu pulando a escada, tentando parecer o mais casual possível. Quando passou por seus pais sentados na mesa, tomando café-da-manhã, ela disse. “Eu estou indo na casa de David”.

“Espere”, seu pai disse.

Laurel parou de andar, mas não se virou.

“Que tal, ‘Eu posso ir até o David?’”

Laurel se virou com um sorriso forçado em seu rosto. “Eu posso ir até o David?”

Seu pai nem tirou os olhos do jornal quando levou a xícara de café à boca. “Claro. Divirta-se”.

Laurel fez seus pés andarem em passos normais até a porta, mas logo que a porta se fechou, correu até sua bicicleta e lançou-se a caminho. Eram apenas alguns blocos até a casa de David e logo Laurel estava apoiando sua bicicleta contra a porta da garagem. Ela ficou parada no capacho, centrada na porta da frente, vermelha e reluzente, e apertou a campainha antes que pudesse convencer a si mesma a se virar e correr pra casa. Segurou a respiração quando ouviu passos e a porta se abriu.

Era a mãe de David. Laurel tentou esconder a surpresa em seu rosto – afinal, era sábado, e Laurel devia ter esperado que ela estivesse em casa. Mas era apenas a segunda vez que a encontrava. Ela estava usando uma linda camisa sem mangas vermelha e jeans e seus longos cabelos quase pretos estavam soltos e caíam em suas costas, em ondas. Ela era a mãe mais “não-mãe” que Laurel já havia encontrado. De um jeito bom.

“Laurel, que bom te ver”.

“Oi”, Laurel disse nervosamente e então apenas ficou lá parada.

Por sorte, David veio. “Ei”, ele disse com um sorriso largo. “Vamos entrar”. Ele gesticulou para Laurel em direção ao corredor. “Laurel precisa de uma pequena ajuda com o dever de biologia”, ele explicou para sua mãe. “Nós estaremos no meu quarto”.

A mãe de David sorriu para eles. “Vocês precisam de algo? Um lanche ou outra coisa?”

Ele balançou a cabeça. “Apenas um pouco de silêncio. É um exercício muito difícil”.

“Eu os deixarei em paz, então”.

A porta verde-floresta do quarto de David ficou entreaberta e, com um movimento do

braço, ele conduziu Laurel para dentro. Curvou-se para pegar seu caderno de biologia e após olhar os dois lados do corredor, para ter certeza que sua mãe não estava perto, fechou a porta.

Laurel olhou para a porta fechada. Ela tinha estado em seu quarto antes, mas ele nunca tinha fechado a porta. E percebeu, pela primeira vez, que sua maçaneta não tinha tranca. “Sua mãe não iria, tipo, ouvir pela porta, iria?” Laurel perguntou, se sentindo boba assim que a pergunta escapou da sua boca.

David bufou. “Nunca. Eu ganhei muita privacidade por não perguntar por que vários dos namorados de minha mãe não vão embora até de manhã. Eu fico fora dos negócios da minha mãe e ela fica fora dos meus”.

Laurel riu, um pouco do seu nervoso se dissipando agora que ela já estava aqui.

David apontou para ela a cama e puxou uma cadeira para si. “Então?” - ele disse, após alguns segundos.

Era agora ou nunca. “Na verdade, eu estava esperando que você pudesse olhar algo no seu microscópio pra mim.”

Confusão passou pelo rosto de David. “Meu microscópio?”

“Você disse que tem um muito bom.”

Laurel colocou a mão no bolso e tirou o tecido. “Você poderia me dizer o que é isso?”

David pegou o tecido, desembalou cuidadosamente e olhou para o pequeno fragmento branco. “Isso parece com uma pétala de flor.”

Laurel se forçou a não revirar os olhos. “Você poderia olhar sob o microscópio?”

“Claro”. Ele se voltou para uma mesa longa, coberta com várias peças de equipamentos – alguns dos quais Laurel reconheceu do laboratório de biologia. Muito poucos. Ele tirou uma capa cinza de um microscópio preto brilhante e pegou um slide de uma caixa com pequenos painéis de vidro separados por folhas de um papel fino. “Posso cortar isso?” - ele perguntou, olhando pra ela.

Laurel estremeceu, lembrando-se de quando cortou a si mesma a menos de meia hora antes, mas acenou. “É toda sua”.

David cortou um pedaço minúsculo e colocou num slide, adicionou uma solução amarela, e colocou uma lamínula em cima. Ele prendeu o slide sob as lentes e mexeu com os ajustes enquanto olhava pelo visor. Os minutos passaram devagar enquanto ele ajustava cada vez mais e movia o slide, olhando de ângulos diferentes. Finalmente se afastou. “Tudo que eu posso te afirmar com certeza é que isso é um pedaço de uma planta, com células muito ativas, o que significa que está crescendo. Florescendo, eu suponho, pela cor.

“Um pedaço de uma planta? Você está certo?”

““Muito certo” - ele disse, olhando de volta no visor.

“Não é parte de um... animal?”

“Uh-uh. De jeito nenhum. ”

“Como você pode dizer?”

Ele folheou alguns slides pré-preparados e etiquetados em outra caixa. Ele escolheu um com uma coloração rosada e voltou ao processo de focar ao microscópio. “Venha aqui”, ele disse, se levantando e gesticulando para sua cadeira.

Ela pegou seu lugar e fez uma tentativa de se curvar ao microscópio.

“Não vai te morder”, ele disse com uma risada. “Se curva mais perto”.

Ela se curvou e abriu os olhos para um mundo rosa com linhas castanho-avermelhadas e pontos. “O que eu supostamente estou vendo?”

“Eu quero que você olhe para as células. Elas se parecem muito com as figuras no seu livro de biologia. Vê como elas são redondas ou com formas irregulares. Se parecem com manchas todas conectadas.”

“Ok”.

Ele deslizou o microscópio de volta para si e trocou para o slide amarelo que tinha preparado alguns minutos antes. Após fazer mais ajustes, ele voltou o microscópio pra ela. “Agora olha este aqui.”

Laurel abaixou sua testa em direção ao visor, com muito mais medo desse slide do que do outro. Ela esperava que David não notasse suas mãos tremendo.

“Olhe para as células agora. Elas são todas muito quadradas e uniformes. Células vegetais são muito ordenadas, não iguais a células de animais. E elas têm paredes celulares espessas, que são quadradas como estas que você vê aqui. Não dá para dizer que nunca se viu células animais quadradas, mas elas não seriam nem de perto tão uniformes e as paredes celulares seriam mais finas.”

Laurel recostou-se muito devagar. Isto não fazia nenhum sentido.

Ela tinha uma planta real crescendo em suas costas! Uma mutante, uma flor parasita! Era a aberração de todas as aberrações. Se alguém um dia descobrisse, ela seria picada e cutucada pelo resto da vida. Sua cabeça começou a girar e sentiu como se todo o ar tivesse sido sugado para fora do quarto. Seu peito se contraiu e não conseguia respirar ar suficiente. “Eu tenho que ir”, ela resmungou.

“Espere”, David disse, segurando o braço dela. “Não vá. Não quando você está toda descontrolada desse jeito.”

Ele tentou encontrar seus olhos, mas ela se recusou a olhá-lo. “Eu estou muito preocupado com você. Você não pode só me dizer o que está errado?”

Ela olhou dentro de seus olhos azuis. Eles eram suaves e sinceros. Não é que pensasse que ele não podia guardar um segredo, estava certa que podia. Ela confiava nele, percebeu. Tinha que contar a alguém. Tentar se virar sozinha não tinha funcionado. *Realmente* não tinha funcionado.

Talvez ele pudesse entender. O que ela teria a perder?

Ela hesitou. “Você não dirá a *ninguém*? Nunca?”

“Nunca”.

“Você jura?”

Ele acenou solenemente.

“Eu preciso ouvir você dizer, David.”

“Eu juro.”

“Não existe data de validade nesta promessa. Se eu te contar – sua ênfase no *se* foi inconfundível – você nunca poderá contar a ninguém. Nunca. Nem em dez anos, ou vinte ou cinquenta...”

“Laurel, pare! Eu prometo, não vou contar a ninguém, nunca. Não a menos que você me diga o contrário.”

Ela o encarou. “Isso não é um pedaço de flor, David. Isso é um pedaço de *mim*.”

David a olhou por um longo tempo. “O que você quer dizer com é um pedaço de você?”

Ela tinha passado do ponto onde não há volta. “Eu tinha um calombo nas minhas costas. Era por isso que estava tão estranha. Pensei que tinha câncer, um tumor ou alguma coisa assim. Mas esta manhã esta... Esta coisa, tipo flor, floresceu nas minhas costas. Eu tenho uma *flor* crescendo para fora da minha espinha.”

Ela sentou-se, com seus braços envolta do peito, desafiando-o a aceitá-la agora.

David a olhou fixamente, com sua boca ligeiramente aberta. Ele ficou em pé, mãos na cintura, lábios pressionados. Virou, andou até sua cama e sentou-se com os cotovelos nos joelhos. “Eu vou perguntar uma vez, porque eu preciso – mas eu nunca perguntarei de novo, porque acreditarei em sua resposta, ok?”

Ela acenou.

“É uma piada, ou você realmente acredita no que acabou de dizer?”

Ela levantou-se bruscamente e se direcionou para a porta. Tinha sido um erro ter vindo até ele. Um erro *gigante*. Mas antes que ela pudesse girar a maçaneta, David parou em sua frente, bloqueando o caminho.

“Espere. Eu disse que tinha que perguntar uma vez. E eu tinha. Você me jura que isso não é uma piada e eu acreditarei em você.”

Ela encontrou seus olhos e os estudou cuidadosamente. O que ela viu lá a surpreendeu. Não era incredulidade, era incerteza. Ele apenas não queria ser vítima de uma peça idiota. Ela quis provar que não faria isso – não a ele.

“Eu te mostrarei” - ela disse, mas soou mais como uma pergunta.

“Ok”. Sua voz também soou como se estivesse testando.

Laurel se voltou e começou a soltar o nó na echarpe. Quando ela soltou as pétalas enormes, levantou sua camiseta e então elas puderam devagar levantar-se em sua posição normal.

David ficou mudo, seus olhos arregalados e sua boca aberta. “Mas como... você não pode... elas são... que diabos?”

Laurel deu a ele um sorriso com os lábios apertados. “Sim”.

“Eu posso... Eu posso olhar de perto?”

Laurel acenou e David andou para frente, hesitantemente.

“Não vai morder” - ela disse, mas seu tom foi sem humor.

“Eu sei, é que...”. Seu rosto ficou vermelho. “Esquece”. Ele andou para perto, atrás dela, e passou seus dedos ao longo das superfícies longas e macias. “Isso está bem?” - ele perguntou.

Laurel acenou.

David cutucou muito gentilmente por toda base onde sua pele se misturava com as pequenas folhas verdes. “Não há nem uma emenda aqui. Elas vão direto para sua pele. É a coisa mais incrível que eu já vi.”

Laurel olhou para o chão, incerta sobre o que dizer.

“Eu posso entender porque você esteve um pouco estranha essa semana.”

“Você nem tem idéia”, Laurel disse, sentou-se em sua cama e virou suas costas para a janela onde o sol podia reluzir nas pétalas. A luz do sol era estranhamente reconfortante.

David a olhou, seus olhos cheio de perguntas. Mas não disse nada. Ele sentou na frente dela, seus olhos se lançando de seu rosto para as pontas das pétalas apontando sobre seus ombros, e de volta novamente para seu rosto. “Você...?” Mas parou.

Após um minuto, levantou-se e andou de um lado ao outro algumas vezes. “Poderia...?” -

Ele parou de falar novamente e continuou andando.

Laurel esfregou suas têmporas. “Por favor, não ande – isso me enlouquece.”

David imediatamente sentou-se. “Desculpe”. Ele a examinou de novo. “Você sabe que isso é impossível, certo?”

“Acredite. Eu estou consciente.”

“Eu só... Eu sei, ver é acreditar, mas eu me sinto como se piscasse algumas vezes, eu acordarei... Ou minha visão vai de repente se clarear ou algo assim.”

“Tá tudo bem”, Laurel disse, prestando atenção em suas mãos em seu colo. “Eu ainda estou esperando acordar também”. Ela alcançou por sobre o ombro e agarrou uma pétala longa e a examinou por alguns segundos, depois a soltou. Ela balançou direto para cima, para flutuar ao lado de seu ombro.

“Você não vai atá-las novamente?” - David perguntou.

“Elas se sentem melhor se eu deixá-las soltas.”

“Elas se sentem melhor? Você pode senti-las?”

Laurel acenou.

Ele olhou para o pedaço que ela havia cortado. “Aquilo doeu?”

“Ardeu muito.”

“Você pode... Movê-las?”

“Eu acho que não. Por quê?”

“Bem, se você pode senti-las, elas podem ser mais parte de você do que apenas uma... Cultura. Talvez não sejam pétalas de flores, talvez sejam mais como - bem, asas.” Ele riu.

“Soa muito estranho, humm?”

Laurel riu. “Mais estranho do que o fato de estarem crescendo nas minhas costas em primeiro lugar?”

““Você marcou um ponto.” Ele suspirou quando seus olhos vagaram de volta para as pétalas cintilando no sol. “Então... Você tem que molhá-las?”

“Eu não sei”. Laurel bufou. “Não seria legal? Então eu teria uma maneira fácil de deixá-las morrer.”

David resmungou algo baixinho.

“O que foi?”

David deu de ombros. “Eu acho que é bonito, só isso.”

Laurel relanceou sobre os seus ombros para as bordas onduladas azuis que se estendiam em cada lado dela. “Você acha?”

“Claro. Se você fosse para escola desse jeito, eu aposto que metade das garotas lá ficaria insanamente enciumada.”

“E a outra metade estaria me encarando como se eu fosse uma aberração da natureza. Não, obrigada.”

“Então, o que você vai fazer?”

Ela balançou a cabeça. “Eu não sei o que posso fazer. Nada, eu acho.” - Ela riu sem humor.

“Esperar que isso tome meu corpo e me mate?”

“Talvez suma.”

“Certo, isso foi o que fiquei me dizendo sobre o calombo.”

David hesitou. “Você... Contou para os seus pais?”

Laurel chacoalhou a cabeça.

“Você vai?”

Ela chacoalhou a cabeça novamente.

“Eu acho que você deveria. ”

Laurel engoliu com dificuldade. “Eu estive pensando sobre isso desde que acordei”. Ela voltou-se para olhá-lo. “Se você fosse pai e sua filha te contasse que tinha uma flor gigante crescendo nas costas, o que você faria?”

David começou a dizer algo, então olhou para o chão.

“Você faria uma coisa responsável. Você a levaria para o hospital, ela seria picada e cutucada e se tornaria uma aberração médica. É isso que aconteceria comigo. Eu não quero ser essa garota, David. ”

“Talvez sua mãe possa fazer algo para ajudar”, David sugeriu com entusiasmo.

“Nós dois sabemos que isso é algo maior do que minha mãe possa consertar.” Laurel apertou seus dedos na sua frente. “Honestamente, se essa coisa vai me matar, eu preferiria fazer em particular. E se for embora...” - Ela disse com um encolher de ombros, soltando suas mãos na sua frente. “Então é melhor que ninguém mais soubesse.”

“Ok”. David finalmente disse. “Mas eu acho que você deveria reconsiderar, se algo mais acontecer.”

“O que mais pode acontecer?” Laurel perguntou.

“Pode aumentar. Ou espalhar. ”

“Espalhar?” Ela não tinha considerado isso.

“Sim, como se folhas começarem a crescer por todas suas costas – ou você tiver flores em – algum outro lugar. ”

Ela ficou quieta por um longo tempo. “Eu vou pensar sobre isso.”

Ele riu secamente. “Eu acho que sei por que você não pode ir até a praia hoje.”

“Oh, céus. Me desculpe. Eu esqueci completamente. ”

“Está tudo bem. É daqui a algumas horas.” Ele ficou quieto por um tempo. “Eu te convidaria de novo, mas...” Ele gesticulou para as pétalas, e Laurel acenou tristemente.

“Não funcionaria exatamente.”

“Vou te ver mais tarde, então? Apenas pra ter certeza que você está bem?”

Lágrimas subiram aos olhos de Laurel. “Você acha que eu estarei bem?”

David se juntou a ela na cama e colocou um braço em volta de seus ombros. “Eu espero que sim.”

“Você também não sabe isso, sabe?”

“Não”, David respondeu honestamente. “Mas com certeza eu espero sim.”

Ela esfregou o rosto com o braço. “Obrigada.”

“Então eu posso ir?”

Ela sorriu para ele e acenou.

Capítulo 7

Laurel estava sentada confortavelmente no sofá quando a campainha tocou. "Eu atendo" ela falou. Ela abriu a porta e sorriu para David, em sua camiseta preta e seu short de skatista amarelo brilhante. "Ei", ela disse, saindo para o alpendre e fechando a porta atrás de si.

"Como foi a festa?"

David deu de ombros. "Seria mais divertida com você lá." Ele hesitou. "Como você está?"

Laurel olhou para o chão. "Eu estou bem. Igual hoje de manhã."

"Isso dói ou algo parecido?"

Ela chacoalhou a cabeça.

Ela sentiu sua mão acariciar seu braço. "Ficará tudo bem", ele disse suavemente.

"Como isso vai ficar bem, David? Eu tenho uma flor crescendo nas minhas costas. Isso *não* está bem."

"Eu quero dizer, nós vamos pensar em algo..."

Ela sorriu tristemente. "Desculpe-me. Você veio ser legal e eu apenas..." Sua voz foi interrompida quando faróis brilhantes iluminaram seu rosto. Ela levantou uma mão para bloquear o brilho intenso e observou o carro estacionar na entrada da garagem. Um homem alto, de ombros largos, saiu e começou a andar na direção deles.

"Esta é a residência dos Sewell?" Sua voz era baixa e grave.

"Sim", Laurel disse quando ele chegou até a luz no alpendre. Laurel franziu o nariz involuntariamente. Seu rosto não parecia muito correto. Os ossos faciais eram afiados e desiguais e seu olho esquerdo era caído. Seu nariz longo parecia como se tivesse sido quebrado algumas vezes sem ter sido consertado devidamente e, mesmo que não estivesse sendo sarcástico, sua boca parecia em um permanente estado de desapontamento. Seus ombros eram enormemente largos e o terno que ele estava usando parecia deslocado em sua forma volumosa.

"Seus pais estão em casa?" o homem perguntou.

"Sim, só um segundo." Ela se virou devagar. "Humm, entre."

Ela segurou a porta aberta e ambos, o homem e David, entraram. Quando os três estavam na entrada, o homem fungou, e então pigarreou. "Você fez uma fogueira ou algo assim hoje?" - ele perguntou, olhando criticamente para David.

"Sim," David disse. "Lá na praia. Eu estava encarregado de acender e posso lhe dizer que houve muita fumaça antes de ter algum fogo." Ele riu por um segundo, mas quando o homem nem mesmo sorriu, ele ficou em silêncio.

"Eu vou chamá-los", Laurel disse apressadamente.

"Eu te ajudo", David disse seguindo ela.

Eles entraram na cozinha, onde os pais de Laurel estavam tomando chá.

"Tem um cara aqui pra vê-los", Laurel disse.

"Oh". Seu pai pousou a xícara e marcou a página de seu livro. "Com licença".

Laurel hesitou na porta, observando seu pai. A mão de David ainda estava na parte de baixo de suas costas e ela esperava que ele não a movesse. Não que estivesse precisamente com medo, mas não pôde se livrar de um sentimento que pairava de que algo estava muito errado.

"Sarah," seu pai chamou. "Jeremias Barnes está aqui."

A mãe de Laurel pousou sua xícara de chá com um barulho alto e se apressou passando por Laurel e David em direção a porta da frente.

"Quem é Jeremias Barnes?" David perguntou baixo.

"Agente estatal." Laurel respondeu. Ela olhou em volta. "Venha aqui," ela disse, agarrando a mão de David. Ela o puxou para as escadas, atrás do sofá onde o Sr. Barnes estava sentado.

Ela andou na ponta dos pés alguns passos, tentando ficar fora de vista. Soltou a mão de David, mas, quando sentaram, ele colocou seu braço na escada atrás dela. Isso afugentou um pouco da inquietação que tinha sentido desde que o Sr. Barnes chegou.

“Espero que vocês não se importem por eu ter aparecido de surpresa.”

“De forma alguma”, a mãe de Laurel disse. “O senhor gostaria de uma xícara de café? Chá? Água”

“Eu estou bem, obrigado”, Barnes disse.

Sua voz profunda colocou todo o corpo de Laurel em alerta.

“Eu tinha algumas perguntas sobre a origem da propriedade de Orick, antes de submetermos a nossa oferta oficial”, o Sr. Barnes disse. “Pelo que entendi, é uma terra de família. Há quanto tempo esteve em sua família?”

“Desde os dias da corrida por ouro”, disse a mãe de Laurel. “Meu grande e um pouco esquisito “avô” reivindicou a terra e construiu a primeira cabana lá. Nunca encontrou ouro, aliás. Todo mundo na minha família viveu lá uma vez ou outra desde sempre.”

“Ninguém tentou vendê-la?”

Ela sacudiu a cabeça. “Não, apenas eu. Imagino minha mãe se revirando no túmulo, mas...”

Ela deu de ombros. “Por mais que eu odeio perdê-la, há coisas mais importantes.”

“De fato. Há algo... Não usual sobre a propriedade?”

Os pais de Laurel se entreolharam e sacudiram as cabeças. “Eu acho que não”, seu pai disse. Barnes acenou. “Vocês tiveram algum problema com invasores? Estranhos tentando se estabelecer lá? Algo desse tipo?”

“Não realmente”, o pai de Laurel disse. “Nós ocasionalmente tivemos pessoas atravessando o terreno e vimos pessoas aqui e acolá. Mas a propriedade fica bem em frente ao *Redwood National Park*; nós não temos cerca e também não colocamos nenhum aviso de divisas de propriedade. Tenho certeza que se você fizesse, não teria nenhum problema.”

“Eu não fui capaz ainda de descobrir qual é o preço que vocês estão pedindo.” Barnes deixou a pergunta não dita pendurada no ar.

O pai de Laurel limpou a garganta. “Tem sido difícil ter uma boa avaliação da terra. Nós tivemos dois avaliadores e ambos conseguiram perder nosso arquivo. Foi muito frustrante. Preferiríamos que você fizesse sua oferta e nós partiríamos daí.”

“Compreensível.” Barnes levantou-se. “Eu espero ter minha oferta oficial para vocês dentro de uma semana.”

Eles apertaram-se as mãos e o homem partiu.

Laurel segurou a respiração até que ouviu o rugido do carro sendo ligado e saindo da porta da garagem. David tirou o braço que estava em torno dela e Laurel desceu as escadas.

“Finalmente, Sarah,” seu pai disse animadamente. “Foram quase seis meses desde que ele se aproximou de mim. Eu estava começando a pensar que tinha feito tudo isso para nada.”

“Isso deixaria as coisas muito mais fáceis.” A mãe de Laurel concordou. “Não é um acordo fechado, porém.”

“Eu sei, mas está tão perto.”

“Nós estivemos perto antes. Houve aquele casal no começo do verão que estava tão animado sobre a casa...”

“Sim, animados de verdade.” O pai de Laurel argumentou. “Quando nós ligamos para checar as coisas que tinham dito, a mulher pergunta: ‘Que casa?’ Ela tinha esquecido

completamente. ”

“Você está certo”, sua mãe concordou. “Eu acho que não estava *tão* impressionada.”

“Vocês não estão pensando seriamente em vender nossa terra para ele, estão?” Laurel disse veementemente.

Seus pais se voltaram para ela com olhos questionadores. “Laurel?” sua mãe disse. “Qual é o problema?”

“Oh, vamos. Ele era totalmente arrepiante. ”

A mãe de Laurel suspirou. “Você não recusa uma venda que mudará sua vida para alguém só porque eles não são muito carismáticos.”

“Eu não gostei dele. Ele me assusta. ”

“Te assusta?” seu pai perguntou. “O que há de assustador nele?”

“Eu não sei”, Laurel disse, se sentindo um pouco intimidada, agora que o Sr. Barnes tinha ido embora. “Ele... Ele pareceu estranho. ”

Seu pai riu. “Sim. Provavelmente um jogador de futebol que teve muitas jogadas difíceis. Mas você não pode basear sua opinião na forma como alguém se parece. Se lembra de toda aquela coisa do livro e sua capa?”

“Sim, eu acho. ” Laurel cedeu, mas não estava convencida. Havia algo diferente sobre ele, algo estranho em seus olhos. E ela não gostou.

Finalmente David pigarreou. “Eu tenho que ir pra casa,” ele disse. “Só passei por um minuto.”

“Eu te levo até a porta.” Laurel disse rapidamente, tomando o caminho da porta.

Laurel levou apenas um segundo para checar duas vezes que a garagem estivesse vazia antes de sair para o alpendre.

“Ele pareceu estranho pra você?” Laurel perguntou tão logo David fechou a porta da frente.

“O cara, Barnes?” Ele esperou um longo momento, então deu de ombros, “Não realmente”, admitiu. “Ele é do tipo de aparência esquisita, mas acho que é mais aquele nariz. É como o do Owen Wilson. Provavelmente esmagado jogando futebol, como seu pai disse.”

Laurel suspirou. “Talvez seja apenas eu. Estou provavelmente sendo supersensível por causa...” Ela gesticulou para suas costas. “Você sabe.”

“Sim”. David colocou as mãos nos bolsos, então as retirou e as cruzou sobre o peito. Após alguns segundos ele mudou de idéia e as colocou de volta nos bolsos. “Eu tenho que te dizer, Laurel, esta é a coisa mais estranha que eu já vi. Não posso fingir que não é.”

Laurel acenou. “Eu sei. Eu sou uma total aberração.”

“Não, você não é. Bem... Você sabe, tipo... Mas não é você,” ele completou apressadamente. “Você apenas tem essa coisa esquisita. E eu... Eu farei o que puder para ajudar. Ok?”

“Verdade?” Laurel sussurrou.

David acenou: “Eu prometo”.

Lágrimas de gratidão ameaçaram descer, mas Laurel forçou-as a voltarem. “Obrigada”.

“Eu tenho que ir à igreja com a minha mãe amanhã e então depois nós iremos comer em Eureka, com meus avós, mas estarei de volta à noite e te ligo.”

“Ótimo. E divirta-se.”

“Vou tentar.” Ele hesitou por um minuto e pareceu como se estivesse prestes a virar-se e ir embora. Mas no último segundo, ele deu um passo e a abraçou.

Surpresa, Laurel o abraçou em retorno.

Ela observou quando a bicicleta de David desapareceu no crepúsculo almiscarado e ficou parada olhando por um longo tempo após ele ter sumido de vista. Tinha estado tão amedrontada quando fora para a casa dele essa manhã. Mas sabia agora que ele tinha sido a pessoa certa para contar. Ela sorriu, então se virou pra voltar para dentro.

Segunda foi o primeiro dia de escola de Laurel com a enorme florescência nas costas. Ela considerou fingir que estava doente, mas quem sabia por quanto tempo a flor ficaria? *Para sempre, talvez...* ela pensou com um estremecimento. Ela não poderia fingir estar doente todo dia. Encontrou David no átrio, antes do início da primeira aula e se assegurou várias vezes que ele não poderia dizer que havia algo sob sua camiseta. Ela respirou fundo e se dirigiu para sua sala.

No almoço, Laurel sentou e observou David, as nuvens se abriram por apenas alguns segundos, libertando um raio brilhante da luz do sol e Laurel notou a forma como o sol o iluminou – iluminava os destaques sutis em seus cabelos castanho - claros e pegava as pontas de seus cílios. Ela não tinha pensado muito antes sobre o quão bonito ele era, mas, nos últimos dias, tinha se pegado olhando para ele mais e mais, e já duas vezes, durante o almoço, ele tinha se virado e a pego. Estava começando a causar-lhe o sentimento de borboletas no estômago que ela sempre tinha lido nos livros.

Quando ninguém estava olhando, Laurel levantou sua mão para o sol. Não parecia o mesmo. O corpo de David tinha bloqueado o sol totalmente, mas veio se esgueirando pelos lados. Sua mão parecia bloquear apenas uma parte do sol e a luz parecia brilhar como se tivesse encontrado uma rota através de sua pele. Ela enfiou a mão no bolso. Ela estava ficando paranóica agora.

As pétalas em volta de sua cintura eram muito desconfortáveis, e ela ansiava soltá-las – especialmente com a brilhante luz do sol que ela sabia que seria escassa nos meses que viriam. Mas era um desconforto que ela podia – e devia – lidar. Esperava que o sol reaparecesse mais tarde, quando pudesse se esgueirar para um passeio.

Chelsea estava em casa doente, então David caminhou com Laurel para sua aula de inglês sozinho.

“Ei, David?” ela disse.

“Sim?”

“Você quer fazer uma pequena viagem comigo esta tarde? Eu e meus pais,” ela completou. O rosto de David pendeu. “Eu não posso.”

“Por que não?”

“Eu estarei tirando minha carteira de motorista em algumas semanas e minha mãe decidiu que preciso trabalhar o suficiente para pagar pela gasolina e o seguro. Ela me arranjou um emprego na farmácia e tenho que começar hoje.”

“Oh. Você não me disse.”

“Eu só descobri isso ontem. Além disso – ele se inclinou pra mais perto – seus problemas são um pouquinho maiores que os meus, no momento.”

“Bem, boa sorte,” Laurel disse.

David suspirou. “Sim, nada como um pouco de nepotismo para fazer todos os seus colaboradores serem como você.” Ele riu bruscamente. “Aonde vocês vão?”

“Até minha antiga casa. Minha mãe não tem falado sobre nada além da venda nos últimos

dois dias. Ela está animada com isso, mas está em dúvida, como que pensando duas vezes também.

“Por quê? Eu pensei que eles realmente quisessem vender.”

“Eu pensei também. Mas minha mãe está ficando triste com isso. Ela cresceu lá. E sua mãe antes dela. E o anterior e anterior. Você sabe como é?”

“Eu acho isso maravilhoso. E gostaria que vocês não tivessem que vender.”

“Eu também,” Laurel disse. “Não que não seja ótimo aqui,” ela disse rapidamente. “Estou feliz que mudamos. Mas gosto da idéia de voltar para lá e visitar.”

“Você voltou desde que se mudou?”

“Não. Nós estivemos tão ocupados, montando a loja e a mantendo funcionando e, bem, nós apenas não tivemos tempo. Então minha mãe quer visitar e se assegurar que ela está realmente certa da venda e varrer as folhas enquanto estivermos lá. E lavar as janelas. E meu pai provavelmente quer podar as cercas.” Ela sorriu com uma animação fingida. “Vai ser diversão, diversão, diversão,” ela disse sarcasticamente.

David acenou e então a olhou mais seriamente. “Eu gostaria de poder ir,” ele disse. “eu realmente gostaria.”

Laurel olhou para baixo; seus olhos eram tão intensos. “Outra vez,” ela disse sinceramente, tentando não soar tão desapontada.

“Eu espero que sim.”

Capítulo 8

O cabelo de Laurel estava selvagem e emaranhado quando eles chegaram. Levaria eras para escová-los mais tarde, mas valeu a viagem de quarenta e cinco minutos no velho conversível com o vento açoitando seu rosto. Eles entraram na longa entrada da garagem e Laurel segurou o fôlego quando fizeram a curva no amontoado de árvores e a cabana se tornou visível.

O aparecimento de sua velha casa foi acompanhado por uma onda de nostalgia que Laurel não esperava. A cabana era pequena, mas singular, aninhada em um grande círculo de grama espessa rodeada por uma cerca raquítica. Laurel tinha sentido falta de sua antiga casa frequentemente desde a mudança para Cidade Crescente, mas nunca tão intensamente quanto no momento em que ela se tornou visível pela primeira vez após quatro meses. Por doze anos ela tinha vivido nesta casa, e nesta terra.

Ela conhecia todos os caminhos serpenteantes através da vasta floresta atrás da casa e tinha passado horas vagando por eles. Não era precisamente que ela desejasse viver lá novamente, mas ela não queria perdê-la.

Seus pais começaram a descarregar rodos, baldes e materiais de limpeza. Laurel retirou seu violão do banco de trás e sua mãe riu. “Eu adoro que você toque essa coisa velha.”

“Por quê?”

“Me lembra quando eu costumava tocá-lo em Berkeley.” Ela sorriu para o pai de Laurel. “Quando nos conhecemos. Nós éramos meio hippies naquela época.”

Laurel olhou a longa trança de sua mãe e a sandália Birkenstock de seu pai e bufou. “Vocês são hippies hoje.”

"Nah, isso não é nada. Nós éramos hippies de *verdade* naquela época." Sua mãe deslizou uma mão em direção ao seu pai entrelaçando seus dedos. "Eu costumava tocar esse violão em manifestações pacíficas. Eu tocava 'Nós não devemos ser removidos' terrivelmente desafinada e todo mundo sentava e acompanhava. Lembra-se disso?"

Seu pai sorriu e balançou a cabeça. "Os bons velhos tempos," ele disse sarcasticamente. "Ei, era divertido."

"Se você diz," seu pai cedeu, se curvando para beijá-la.

"Vocês se importam se eu passear um pouco?" Laurel perguntou, colocando a alça do violão sob o ombro. "Eu voltarei logo para ajudar."

"Claro", sua mãe disse enquanto escavava o porta-malas.

"Vejo vocês daqui a pouco", Laurel disse, já andando em direção a parte de trás da casa.

A floresta estava cheia de pinheiros e árvores de folhas largas que sombreavam o carpete macio de folhas verdes no chão. A maioria dos troncos era coberta com musgo verde escuro que escondia a casca áspera. Todo lugar que você olhava era verde. Tinha choviscado aquela manhã e o sol estava escondido, tornando as milhões de gotículas de água em orbes cintilantes que faziam cada superfície brilhar como faces de uma esmeralda. Os caminhos serpenteavam para dentro da escuridão entre as árvores, e Laurel devagar seguiu um deles.

Era fácil imaginar que ela estava andando através de solo sagrado – ruínas de alguma grande catedral de eras atrás antes que qualquer lembrança. Ela sorriu quando viu um banco revestido de musgo iluminado por um tênue raio de sol e esfregou sua mão sobre ele então as gotas brilhantes de água caíram de suas mãos e capturaram a luz quando caíram no chão.

Quando ela estava fora da vista de seus pais há alguns minutos, Laurel deslizou o violão para frente e desatou a echarpe. Com um suspiro de alívio, ela levantou um pouco sua camiseta para deixar as pétalas livres. Após estarem atadas para baixo o dia todo, elas doeram ao serem libertadas. As pétalas se esticaram como músculos contraídos e machucados, enquanto Laurel continuava andando no caminho estreito e coberto de folhas. Ouviu o gorgolejar de um grande riacho e se encaminhou, através da vegetação, em sua direção, encontrando-o em apenas alguns minutos e se deixou cair em uma rocha na margem. Ela tirou seus chinelos e deixou seus pés balançarem dentro da água gelada.

Sempre tinha amado esse riacho. A água era tão clara na corrente tranquila que se podia ver o fundo e observar os peixes passarem rapidamente para cima e para baixo. Onde chapinhava sobre as rochas em pequenas cascatas, se agitava em uma espuma branca perfeita que se parecia com bolhas de sabão espessas e superficiais. Todo o cenário pertencia a um cartão-postal.

Laurel começou a escolher acordes da sua música favorita da Sarah McLachlan. Ela cantarolava junto baixinho enquanto a fragrância da flor a envolvia.

Após o primeiro verso, um farfalhar a sua esquerda fez sua cabeça se levantar em um movimento brusco. Ela ouviu cuidadosamente e pensou que tinha ouvido sussurros suaves. "Mãe?" ela chamou tentativamente. "Pai?"

Laurel apoiou o violão numa árvore e lidou com o nó na echarpe onde ela esta atada em volta da cintura. Seria melhor que tivesse as pétalas fora de vista antes que seus pais vissem.

A longa echarpe se recusou a se soltar de sua cintura e ela ouviu outro ruído, mais alto que o primeiro. Seus olhos dispararam para o local da onde tinha vindo o som, bem ao seu ombro esquerdo. “Olá?”

Cuidadosamente, Laurel dobrou as pétalas e as embrulhou ao redor da cintura. Ela estava quase segura com a echarpe quando uma figura tropeçou por de trás de uma árvore, como se tivesse sido empurrado. Ele disparou um olhar desagradável para a árvore, por apenas um segundo, antes de se voltar para Laurel. Sua agitação se derreteu e um calor inesperado preencheu seus olhos.

“Oi”, ele disse com um sorriso.

Laurel engasgou e tentou se afastar, mas seu calcanhar se prendeu numa raiz e ela caiu, soltando as pétalas para se segurar.

Era tarde demais pra esconder algo, elas saltaram totalmente à vista.

“Não, não...! Oh, querida. Me desculpe. Posso te ajudar?” o estranho disse.

Laurel olhou dentro de olhos verdes escuros quase muito vibrantes para serem reais. O rosto de um homem jovem olhou para ela enquanto ela estava esparramada no chão. Ele estendeu sua mão. “Eu sinto muitíssimo. Nós... Eu fiz algum barulho. Não pensei que você me ouviria”. Ele sorriu timidamente. “Eu acho que estava errado.” Seu rosto se parecia com uma pintura clássica – maçãs do rosto claramente definidas sob uma pele suave e bronzeada que parecia que combinava melhor com uma praia de LA do que com uma floresta gelada coberta de musgo. Seu cabelo era espesso e preto, iguais as suas sobrancelhas e cílios emoldurando seus olhos preocupados. Eram um pouco longos e úmidos – como se ele não tivesse entrado quando começou a chover – e de alguma forma ele tinha conseguido tingir apenas as raízes no mesmo verde brilhante que seus olhos. Ele tinha um sorriso gentil e suave que fez Laurel perder o fôlego. Ela levou alguns segundos pra encontrar sua voz.

“Quem é você?”

Ele parou e examinou-a com um olhar estranho sem vacilar.

“Bem?” Laurel incitou.

“Você não me conhece, não é?” ele perguntou.

Laurel pensou para responder. Ela sentiu como se realmente o conhecesse. Havia uma lembrança ali, na beira da sua mente, mas quanto mais tentava alcançá-la, mais rápido escapulia.

“Eu deveria?” Sua voz foi cautelosa.

O olhar de sondagem desapareceu tão abruptamente quanto tinha vindo. O estranho riu suavemente – quase tristemente – e sua voz ricocheteou nas árvores, soando mais como um pássaro do que com um humano. “Eu sou Tamani”, ele disse, ainda estendendo uma mão para levantá-la. “Você pode me chamar de Tam, se quiser.”

Subitamente ciente que ainda estava deitada no chão úmido onde tinha caído, Laurel sentiu-se embaraçada. Ela ignorou a mão dele e colocou-se sobre seus pés, esquecendo-se de segurar as pétalas. Com um arfar cortante ela puxou sua blusa pra baixo, estremecendo quando a flor se esmagou contra sua pele.

“Não se preocupe”, ele disse. “Eu mantereí distância da sua flor”. Sorriu e ela sentiu como se tivesse perdido uma piada interna. “Eu sei quais pétalas eu tenho permissão para tocar e quais eu não tenho.” Ele inalou profundamente. “Mmmmm. E por mais fabuloso que o seu

cheiro seja, suas pétalas estão fora dos limites para mim.” Levantou uma sobrancelha. “Pelo menos por agora.”

Ele levantou uma mão para seu rosto e Laurel não conseguiu se mover. Ele espanou algumas folhas do seu cabelo e deu uma olhadela para cima e para baixo em seu aspecto. “Você parece estar intacta. Sem pétalas ou hastes quebradas.

“Do que você está falando?” ela perguntou, tentando esconder as pétalas que despontavam por baixo de sua camiseta.

“ É um pouco tarde para isso, não acha?”

Ela o olhou. “O que você está fazendo aqui?”

“Eu moro aqui. ”

“Você não mora aqui.” Ela disse. “Esta é a *minha* terra.”

“Verdade?”

Agora ela estava perturbada novamente. “Bem, é a terra de meus pais.” Segurou forte a ponta da camiseta. “E você... Você não é bem vindo aqui.” Como tinham seus olhos se tornado tão intensamente, impossivelmente verdes? *Lentes*, ela disse para si mesma firmemente.

“Não sou?”

Os olhos dela se abriram quando ele deu um passo mais perto. Seu rosto era tão confiante, seu sorriso tão contagioso, que não conseguia se afastar. Ela estava certa de que nunca tinha conhecido ninguém como ele em sua vida, mas um senso de familiaridade a oprimia.

“Quem é você?” Laurel repetiu.

“Eu te disse, eu sou Tamani. ”

Ela balançou a cabeça. “Quem é você realmente?”

Tamani pressionou um dedo nos lábios dela. “Shhh, tudo a seu tempo. Venha comigo.” Ele pegou sua mão e Laurel não a puxou enquanto a guiava mais fundo na floresta. Sua outra mão gradualmente esqueceu o que estava fazendo e ela soltou sua camiseta. As pétalas devagar levantaram até estarem espalhadas atrás dela em toda sua bela glória. Tamani olhou para trás. “Isso, parece melhor, não?”

Laurel somente conseguiu acenar. Sua mente se sentia vaga e, embora em algum lugar no fundo de sua consciência ela suspeitava que devesse estar incomodada por tudo isso, de alguma forma não parecia importante. A única coisa que importava era seguir este rapaz de sorriso sedutor.

Ele a trouxe para uma pequena clareira onde as folhas acima deles se repartiam, permitindo que um círculo da luz do sol se filtrasse através dos ramos sob um fragmento de grama pontilhada por manchas de um musgo verde esponjoso. Tamani se esparramou na grama e gesticulou para o lugar a sua frente.

Extasiada, Laurel somente olhou. Seus cabelos verdes e pretos se penduravam em longos fios que caíam através de sua testa, pouco abaixo de seus olhos. Ele estava vestindo uma larga camiseta branca que parecia artesanal e calças marrons folgadas do mesmo estilo que eram apertadas logo abaixo do joelho. Elas eram decididamente fora de moda, mas ele fazia com que parecessem tão na moda quanto o resto dele. Seus pés estavam descalços, mas mesmo os espinhos de pontas afiadas e galhos quebrados ao longo do caminho não tinham parecido incomodá-lo. Ele era talvez uns 15 centímetros mais alto que ela e se movia com a graça de um gato que ela nunca tinha visto em outro garoto.

Laurel se sentou numa posição de pernas cruzadas e olhou para ele expectativamente. O estranho desejo de segui-lo foi devagar começando a sumir e a confusão começou a aparecer.

“Você nos deu um grande susto, fugindo daquele jeito.” Sua voz tinha uma cadência suave – não muito britânica nem muito irlandesa. “Daquele o quê?” Laurel perguntou, tentando clarear a mente.

“Aqui num dia, sumida no outro. Onde você esteve? Eu estava começando a entrar em pânico.”

“Pânico? Ela estava tão aturdida para discutir ou exigir mais informação.

“Você contou a alguém sobre isso?” ele perguntou, apontando sobre o ombro dela.

Ela balançou a cabeça “Não – oh, sim. Eu contei para o meu amigo David.”

O rosto de Tamani se tornou bruscamente uma ardósia ilegível. “Apenas um amigo?”

O juízo de Laurel devagar começou a voltar. “Sim... não... Eu não acho que isso seja da sua conta”. Mas ela disse baixinho.

Pequenas linhas se mostraram nos cantos dos olhos de Tamani e, apenas por um instante, Laurel pensou ter visto um lampejo de medo. Então ele se recostou e seu suave sorriso retornou; ela devia ter imaginado. “Talvez não.” Ele brincou com uma folha de grama. “Mas seus pais não sabem?”

Laurel começou a chacoalhar a cabeça, mas o absurdo da situação finalmente conseguiu atingi-la. “Não... sim... talvez – Eu não devia estar aqui,” ela disse asperamente, se levantando. “Não me siga.”

“Espere”, Tamani disse, sua voz em pânico.

Ela puxou um galho grande e baixo. “Afaste-se!”

“Eu tenho respostas!” Tamani chamou.

Laurel parou e olhou para trás. Tamani tinha se ajoelhado, sua expressão implorando para que ficasse.

“Eu tenho respostas para todas as suas questões. Sobre a flor... E qualquer outra coisa.”

Ela se virou devagar, sem ter certeza se deveria confiar nele.

“Eu lhe direi o que você quiser saber,” ele disse, sua voz mais baixa agora.

Laurel deu dois passos para frente e Tamani instantaneamente relaxou. “Você fica lá,” Laurel disse, apontando para o lado mais longe da clareira, “E eu vou sentar aqui. Eu não quero que me toque novamente.”

Tamani suspirou. “Justo o suficiente”.

Ela se instalou na grama novamente, mas ficou tensa e alerta, pronta pra correr. “Ok. O que é isso?”

“É uma flor”.

“Vai sumir?”

“Minha vez primeiro: aonde você foi?”

“Cidade Crescente. Vai embora?” ela repetiu, sua voz mais cortante.

“Tristemente, sim.” Ele suspirou desamparado. “É uma pena.”

“Você tem certeza que vai sumir?” A hesitação de Laurel desapareceu quando ela se agarrou a boa notícia que ele oferecia.

“É claro. Você irá florescer novamente no próximo ano, mas como todas as flores, elas não duram para sempre.”

“Como você sabe disso?”

“Minha vez novamente. Qual a distância de Cidade Crescente?”

Ela deu de ombros. “Uns 60, 70 quilômetros. Algo parecido com isso.”

“Em qual direção?”

“Não, minha vez. Como você sabe sobre essa coisa?”

“Eu sou exatamente como você. Nós somos do mesmo tipo.”

“Então onde está a sua?”

Tamani riu. “Eu não floresço.”

“Você disse que era do meu tipo. Se isso é verdade, você deveria ter uma também.”

Tamani se apoiou em um cotovelo. “Eu também sou um rapaz, no caso de você não ter notado.”

Laurel sentiu sua respiração acelerar. Ela estava muito consciente que ele era um rapaz.

“Em que direção?” - ele repetiu.

“Norte. Você não tem um mapa?”

Ele sorriu. “Essa é sua pergunta?”

“Não!” Laurel disse, então olhou para Tamani quando ele riu. Ela sentiu sua pergunta real coçando para ser perguntada, mas estava com medo de perguntar. Finalmente engoliu e perguntou baixinho: “Eu estou me transformando numa flor?”

Um sorriso divertido assinalou o canto da boca de Tamani, mas ele não riu. “Não”, disse suavemente.

Laurel sentiu seu corpo inteiro relaxar com o alívio.

“Você *sempre* foi uma flor.”

“Me desculpe?” ela disse. “O que você quer dizer com isso?”

“Você é uma planta. Você não é humana, nunca foi. Florescer é somente a mais óbvia manifestação” - Tamani explicou, mais calmo do que Laurel pensou que ele tivesse algum direito de estar.

“Uma planta? Laurel disse, não se importando em esconder a descrença em sua voz.

“Sim. Não qualquer tipo de planta, claro. A mais desenvolvida forma da natureza do mundo.” Ele se curvou para frente, seus olhos verdes cintilando. “Laurel, você é uma fada.”

As mandíbulas de Laurel se cerraram quando ela percebeu quão estúpida tinha sido. Atraída por um belo rosto, enganando-se ao deixá-lo guiá-la para longe na floresta, e mesmo acreditando pela metade em seus pedidos ultrajantes. Ela se levantou, seus olhos relampejando de raiva.

“Espere,” Tamani disse, precipitando-se para frente para agarrar seu pulso. “Não vá ainda. Eu preciso saber o que seus pais irão fazer com esta terra.”

Laurel puxou seu pulso. “Eu quero que você vá embora.” ela silvou. “Se eu voltar a vê-lo aqui, eu chamarei a polícia.” Ela se voltou e correu, puxando sua camiseta para baixo sobre as pétalas.

Ele a chamou, “Laurel, eu tenho que saber. Laurel!”

Ela se obrigou a ir mais rápido. Nada parecia mais importante que impor a maior distância possível entre ela e Tamani, esta estranha pessoa que atijou tantas emoções confusas dentro dela.

Quando alcançou a clareira onde tinha estado antes de seguir Tamani, Laurel parou por alguns momentos para embrulhar as pétalas novamente em volta da sua cintura e segurá-

las com a echarpe. Ela pegou seu violão e levantou a alça por sobre as costas. Quando fez isso, sua mão atravessou um raio de luz. Ela parou e colocou a mão pra fora novamente. Seu pulso brilhava com minúsculas partículas de pó cintilante. *Ótimo. Ele deixou algum tipo de resíduo em mim. Isso é um truque estúpido.*

Quando conseguiu ver a cabana, ela parou, seu peito pesado. Olhou para seu pulso novamente e a raiva borbulhou por dentro enquanto esfregava o pó cintilante, até que todos os traços tivessem sumido.

Capítulo 9

No dia seguinte Laurel se sentiu como um zumbi. Ela não queria acreditar em nada do que Tamani tinha dito. Mas ela não pode evitar pensar sobre isso e divagar. Era possível? Então ficava brava consigo mesma por ser tão ridícula, e todo ciclo começava novamente.

David tentou alcançá-la várias vezes no corredor, mas ela conseguiu enganá-lo e entrar nas aulas antes dele.

Mas não poderia evitá-lo em biologia.

Ele se apressou para reclamar seu lugar habitual ao lado dela. “O que há de errado?” ele perguntou. “Está se espalhando?” ele sussurrou antes que ela pudesse se virar.

Balançou a cabeça e seus cabelos caíram em volta do seu rosto como uma parede entre eles.

Ele puxou sua cadeira um pouco mais perto enquanto o resto da classe tomava seus lugares de forma barulhenta. “Laurel, você tem que falar comigo. Você vai enlouquecer guardando tudo dessa forma.”

“Eu não posso...” Sua voz saiu sufocada, enquanto as lágrimas jorravam em seus olhos. “Eu não posso falar agora.”

David acenou. “Nós podemos conversar após a escola?” Ele sussurrou quando o Sr. James começou a aula.

Laurel acenou e tentou sutilmente enxugar as lágrimas sem atrair atenção.

David deu tapinhas em sua perna sob a carteira, então começou a rabiscar em seu caderno.

Laurel desejou que ele tomasse algumas anotações a mais para ela copiar.

O dia se arrastou enquanto Laurel ficava indo e vindo em sua mente, censurando a si mesma por ter prometido contar a David, ao mesmo tempo estando aliviada porque ela tinha alguém a quem contar. Não tinha certeza nem por onde começar. Como dizer simplesmente: “Ei, sabia que eu poderia ser uma criatura mitológica?”

“Eu não sou”, Laurel sussurrou baixinho. “Isso é estupidez”.

Mas ela não conseguiu se convencer disso.

Após a escola, ela e David caminharam em direção a casa dele. David parecia sentir que não estava pronta pra falar, então eles caminharam em silêncio.

Ele foi especialmente gentil quando a ajudou a pular a cerca de trás, suas mãos evitando suas costas num gesto estudado. Segurou seus braços quando ela pulou da cerca e uma vez que tinha pousado e estava firme, David ainda assim não tirou suas mãos sobre ela.

Laurel sentiu uma urgência de se aninhar em seu peito e apenas esquecer tudo sobre essa besteira. Mas sabia que era impossível. Ele a olhou fixamente, até que ela pôs as mãos no bolso e se forçou a virar.

"Por aqui", David disse, tomando a liderança enquanto andavam para as árvores torcidas. Laurel olhou para a densa cobertura de folhas sobre eles. Era outubro já e as folhas estavam num estado perfeito de meia-transformação. As bordas eram laranja e vermelhas - com alguns galhos alardeando amarelos e marrons pálidos, os centros ainda lutando para manter o verde. Isso fazia a floresta linda com a mistura de cores, mas também deixou Laurel um pouco triste por ver o verde perder a batalha para as matizes mais extravagantes.

Fez com que pensasse em sua própria flor. Ela iria morrer devagar como as folhas? *Iria doer?* Ela pensou subitamente com um aperto de medo. Mesmo se doesse, valeria a pena só por ter sumido. Mas Tamani também tinha dito que cresceria outra no próximo ano. Ela esperava que a maioria do que ele tinha dito fosse verdade. O resto... Ela nem queria pensar sobre isso.

Mas seus pensamentos se mantinham vagando de volta de qualquer forma. E embora ela odiasse admitir, não era somente porque a informação era tão bizarra, era por causa de Tamani. Ele tinha mexido com ela - introduzido emoções que ela nunca tinha experimentado. O sentimento agudo de querer alguém mesmo sem nem conhecê-lo - ela nunca tinha se sentido assim antes. Não com qualquer um. Era excitante e hilariante, mas também um pouco assustador. Uma parte dela que parecia totalmente fora de seu controle. E não tinha certeza se gostava.

Ele era tão... lindo era a palavra certa? Parecia a palavra certa, mas era algo mais. O que quer que fosse, quase não tinha sido capaz de afastar seus olhos dele. Essa era a parte que realmente a fez se perguntar se ele tinha sido algum tipo de miragem. Um sonho super-realista.

Olhou para seu pulso onde tinha esfregado para tirar o pó brilhante. Aquilo tinha sido real. Tinha encontrado um pequeno vestígio em seus jeans quando tinha chegado em casa. Ele tinha que ser real.

E então havia aquela enervante suspeita de que o tinha visto antes, que não podia descartar. E ele tinha agido com certeza com se a conhecesse. Por que ele a conheceria? Como ele poderia conhecê-la? Toda a situação estava fazendo sua cabeça girar.

"Então, o que aconteceu ontem?" David finalmente perguntou quando eles chegaram à vista da árvore.

Laurel gemeu, pensando em quão idiota isso tinha começado a parecer depois que ela tinha concordado em contar ao David. "É tão ridículo, David, eu não sei por que eu estou tão irritada com isso. Provavelmente porque me faz sentir estúpida."

"Isso tem a ver com a, uh, flor?"

"Mais ou menos, talvez. Eu não sei," Laurel disse, derramando as palavras enquanto ela começava a andar de um lado para outro. "Só se isso for verdade e eu não posso acreditar nisso. Estou começando a pensar que eu inventei tudo, como um sonho que não lembro ter dormido para sonhar ou algo assim."

"Isso não está fazendo sentido nenhum. "

"Sentido?" Laurel disse com uma bufada. "Quando eu te disser o que ele disse, estarei fazendo ainda menos sentido."

"Quem?"

Laurel parou de andar e se apoiou numa árvore. "Eu conheci alguém. Lá na propriedade. Um rapaz, um tipo de..." Quase um homem, mas ela não disse isso alto. " Ele disse que vive lá."

"Na *sua* terra?"

"Foi isso que eu disse."

"O que seus pais disseram?"

Laurel balançou a cabeça. "Eles não o viram."

"Você encontrou com ele sozinha?"

Laurel acenou.

"Encontrou um rapaz estranho sozinha? Você tem sorte por não ter se machucado!" - Ele parou por um segundo, então perguntou discretamente: "Você se machucou?"

Mas Laurel já estava chacoalhando a cabeça. "Não foi assim". Por um momento, ela se lembrou da sensação que tinha sentido enquanto estava sentada naquela pequena clareira. " Eu me senti segura, eu estava segura. Ele... Ele me conhecia. Eu não sei como. Ele viu a flor e não se surpreendeu em nada. Ele me disse que é uma floração."

"Uma floração?"

"Ele também disse que vai embora. Essa é a única parte da conversa que eu estou esperando e rezando que seja verdade."

"Quem era ele? Ele disse?"

"Ele disse que seu nome era Tamani". Tão logo ela disse o nome dele desejou que não tivesse dito. O nome parecia de alguma forma mágico e falando alto trouxe aquele sentimento de perda de controle de volta, que fez com que ela se sentisse estranhamente impulsiva. Seu rosto invadiu a sua mente, bloqueando a visão de qualquer outra coisa. Seus olhos intensos, aquele meio sorriso, a forma como tinha sido invadida por uma sensação de conforto e familiaridade quando ele tocou sua mão.

"Tamani?" David disse, trazendo ela de volta à realidade. "Nome estranho".

Laurel apenas acenou, forçando seus pensamentos a voltarem para o presente.

"O que mais ele disse?"

"Ele me disse que era do meu tipo; por isso que ele sabia sobre a flor."

"Seu tipo? O que isso significa?"

Laurel riu, tentando quebrar a tensão. Não funcionou. "É só tão estúpido. Ele disse... Ele disse que eu sou uma flor, uma planta."

"Uma planta?"

"Exatamente. É ridículo."

David parou para contemplar isso. "Algo mais?" ele perguntou.

"Algo mais? Isso não é ruim o suficiente? Ele disse que eu sou uma planta esquisita. Eu não sou uma planta. Não sou", ela adicionou para garantir.

David deslizou as costas pelo troco de uma árvore e sentou no chão, seus dedos tamborilando nos joelhos. "Isso *explicaria* muito, você sabe", ele disse hesitante.

"Oh, por favor, David, você também não."

"Ele disse algo mais?" - David perguntou, ignorando o comentário dela.

Laurel se virou e começou a arrancar pequenos pedaços de casca da árvore em que tinha estado apoiada. "Ele apenas disse outra coisa doida, só isso."

David se levantou e andou até a árvore que ela estava atacando e esperou até que ela

olhasse para ele. “Se foi apenas uma conversa doida, porque você está tão irritada?”

“Porque – porque foi tão estúpido.”

“Laurel.”

Seus olhos se lançaram aos dele.

“O que ele disse?”

“É estúpido. Ele disse que eu sou uma – você vai apenas rir.”

“Eu não vou rir. O que ele disse que você é?”

Ela expirou profundamente e seus ombros caíram pra frente. “Ele disse que eu sou uma fada”, ela sussurrou.

David ficou quieto por um momento antes de levantar sua mão, polegar e indicador separados por mais ou menos 8 centímetros. “Uma fada?” Ele disse duvidosamente.

“Bem, obviamente eu sou um pouquinho maior que isso”, Laurel zombou.

David apenas sorriu.

“O quê? Sua voz foi mais cortante do que ela intencionava, mas ela não se desculpou.

“É que... Bem, meio que faz sentido.”

As mãos de Laurel foram para seus quadris. “Algum rapaz maluco alega que eu sou uma criatura mítica e isso faz sentido pra você?”

David corou e deu de ombros. “Se eu tivesse que escolher uma pessoa que eu acho que me lembra uma fada, seria você.”

Laurel tinha esperado que David risse e que dissesse a ela que isso era bobagem. Ela estava dependendo disso. Mas ele meio que acreditou. E, apesar dela saber que era irracional, isso a deixou com raiva. “Nós podemos ir agora?” Ela se voltou e começou a voltar pelo caminho.

“Espere.” David correu para alcançá-la. “Isso não te deixa curiosa?”

“Não, David.” Ela vociferou. “Não deixa. Me faz ter vontade de ir para casa, dormir e acordar para descobrir que tudo isso é um sonho. Que a flor, o calombo, mesmo o colégio, nunca aconteceram. É isso que me faz querer!” Ela se voltou sem deixá-lo responder e correu por uma trilha aleatória. Ela não se importava para onde levava. Ela só tinha que fugir.

“O que te assusta mais, Laurel,” David gritou atrás dela. “que ele esteja certo ou que esteja errado?”

Laurel correu todo o caminho para casa e parou ofegante na porta de sua garagem por vários minutos antes de fazer a volta para a porta da frente. Os dias estavam ficando mais curtos e o sol já estava começando a se pôr.

Ela desabou no alpendre com os braços em volta dos joelhos. Era uma hora mágica, quando as nuvens são roxas, matizadas com uma laranja fluorescente. Laurel amava essa hora do dia. Sua nova casa tinha uma janela enorme voltada para o oeste de onde ela e sua mãe observavam frequentemente as nuvens resplandecerem num roxo brilhante, então gradualmente mudarem para lilás enquanto o tom laranja do sol se pondo as superava. Esta noite não tinha nenhuma beleza para ela.

Laurel olhou para os cornisos brancos que revestiam o caminho da frente em seu jardim. Se ela pudesse acreditar em Tamani, ela teria mais em comum com as árvores do que com seus pais, vivos e respirando, esperando do outro lado da porta.

Ela olhou para seus pés. Sem pensar, tinha tirado os chinelos e enfiado os pés na terra

quebradiça em frente do canteiro de flores. Respirou superficialmente várias vezes para repelir o seu pânico enquanto limpava a terra dos pés e os colocava novamente nos chinelos. E se fosse ao jardim na parte de trás, enterrasse seus pés na terra rica e levantasse seus braços para o céu? Sua pele devagar endureceria como casca de árvore? Ela iria florescer com mais pétalas, talvez no estômago ou no topo da cabeça? Era um pensamento aterrorizante.

Mas Tamani tinha parecido normal. Se ele realmente fosse igual a ela, isso significava que não mudaria? Ainda não tinha certeza se podia acreditar em algo que ele tinha dito. A porta da frente abriu com um estrondo e Laurel levantou-se apressada e se virou quando seu pai colocava a cabeça pra fora. “Eu pensei ter ouvido alguém,” ele disse com um sorriso. “O que você está fazendo?”

Laurel parou, tentando se lembrar o que a tinha feito parar e sentar em primeiro lugar. “Eu estava apenas observando o pôr-do-sol”, ela disse com um sorriso forçado.

Ele suspirou e se apoiou no batente. “É lindo, não é?”

Laurel acenou e tentou engolir o carço em sua garganta.

“Você esteve bem quieta nas últimas semanas, Laurel. Você está bem?” Ele perguntou suavemente.

“Apenas estressada com a escola”, Laurel mentiu. “É mais difícil do que eu pensei.”

Ele se juntou a ela no alpendre. “Você está conseguindo lidar bem com isso?”

“Sim, só me consome bastante. ”

Ele sorriu e colocou seu braço sobre os ombros de Laurel. Ela ficou rígida, mas seu pai não pareceu notar isso e nem mesmo as pétalas finas, separadas da descoberta por um mero milímetro ou mais de tecido. “Bem, nós temos um monte de pêssegos para manter sua energia em alta”, ele disse com um sorriso.

“Obrigada, pai.”

“Entre quando estiver pronta”, ele disse. “É quase hora do jantar.”

“Pai?”

“Sim?”

“Eu era diferente das outras crianças quando era pequena?”

Ele parou, viu o rosto de Laurel, então se juntou a ela no degrau frontal novamente. “O que você quer dizer?”

Ela considerou confidenciar a ele, mas rapidamente mudou de idéia. Ela queria descobrir o que ele sabia primeiro. “Como a forma que eu como. Outras crianças não comem como eu. Todo mundo acha que é estranho. ”

“É um pouco diferente. Mas eu não conheço ninguém que come mais frutas e vegetais que você. Eu acho isso saudável. E você não teve nenhum problema, teve?”

Laurel balançou a cabeça. “Eu alguma vez fui ao médico?”

“Claro. Quando nós estávamos finalizando a adoção, um pediatra veio até a cabana para assegurar que você estava em boa saúde.” Ele parou. “Na verdade, esta é uma história engraçada. Ele a examinou e tudo pareceu normal.” Seu pai riu. “Exceto que seu joelho não fazia aquela coisa de chutar quando ele bateu nele com o seu pequeno bastão. Lembro que o médico ficou preocupado, mas eu não achei que realmente importava. Então ele pegou seu estetoscópio... Foi aí que as coisas ficaram estranhas, porque se manteve movendo o estetoscópio por suas costas e peito. Eu perguntei qual era o problema e ele disse que eu

deveria buscar a sua mãe. Ele queria falar com nós dois. Então fui buscá-la e quando voltamos, ele estava guardando suas coisas. Sorriu e disse que você estava em perfeita saúde.”

“Então, qual era o problema?”

“Isso foi o que eu perguntei a ele. Ele disse que não sabia do que eu estava falando. Me deixou somente dizer que isso não ajudou a melhorar a visão de sua mãe sobre os médicos. Ela ralhou sobre o quão louco ele era por semanas.”

“E vocês nunca descobriram?”

Seu pai deu de ombros. “Eu não acho que havia algo errado com você. Acho que o estetoscópio dele estava quebrado ou ele o usou errado, algo assim. Então, percebeu o seu erro, não quis parecer incompetente e tentou apagar tudo. Médicos nunca gostam de admitir que estejam errados.” Ele olhou para Laurel. “Sobre o que é isso? Você quer que nós a levemos até um médico? Você está isenta do teste físico no colégio, mas se isso faria você se sentir melhor, nós podemos te levar agora.”

Laurel balançou a cabeça. Essa era a última coisa que queria. “Não. Eu realmente não quero isso.”

“Você está bem?”

Laurel sorriu. “Sim, eu acho que sim.”

“Você tem certeza?” seu pai pressionou, seus olhos suaves, mas preocupados.

Ela acenou. “Eu estou bem, sim.”

“Bom.” Ele ficou parado e girou a maçaneta da porta. “Oh, a propósito, nós recebemos a oferta de Barnes esta manhã.”

“Isso é maravilhoso”, Laurel disse enquanto ela olhava para o horizonte escurecendo. Ela não se importava mais com ele sendo estranho. “Eu espero que ele compre rápido.” *Eu não quero nunca mais voltar*, ela adicionou em sua cabeça.

Capítulo 10

Laurel estava sentada no alpendre de David quando ele saiu para a escola na manhã seguinte. Ele olhou para ela por alguns segundos, então inspirou profundamente e trancou a porta.

“Me desculpe,” Laurel disse antes que David pudesse se virar. “Eu não tinha motivos para gritar com você. Você foi tão legal e tentou ajudar e eu agredi você por isso.”

“Está tudo bem”, David resmungou, guardando suas chaves no bolso.

“Não, não está”, Laurel disse acertando o passo ao lado dele. “Eu fui horrível – gritei com você. Eu nunca grito. Eu só estava muito estressada.”

David deu de ombros. “Eu meio que merecia. Eu te pressionei demais. Eu deveria ter recuado.”

“Mas eu preciso disso algumas vezes. Eu não gosto de encarar coisas difíceis. Você é melhor nisso que eu.”

“Isso é porque não é tão pessoal pra mim. Eu não sou a pessoa com uma flor.”

Laurel parou e agarrou a mão de David para virá-lo. Quando ele virou, ela não soltou. Era

bom ter sua mão na dele. “Eu não posso fazer isso sem um amigo. Eu realmente sinto muito.”

David balançou a cabeça, então levantou a mão devagar para o rosto dela e colocou um pouco de cabelo atrás de sua orelha, seu polegar levemente acariciando sua bochecha. Ela permaneceu imóvel, amando a sensação da mão nele em seu rosto. “É impossível ficar bravo com você.”

“Bom.” Estando tão perto, o calor de seu peito quase a tocando, ela teve a súbita vontade de beijá-lo. Sem parar para questionar, ela deslocou seu peso para frente de seus pés e se inclinou. Mas um carro voou ao seu lado no exato momento e Laurel se assustou. Ela se voltou abruptamente e começou a andar. “Não quero chegar atrasada”, ela disse, rindo tensamente.

David rapidamente captou. “Então, você queria falar sobre isso?” ele perguntou.

“Não há nada para se falar,” Laurel respondeu.

“E se ele estiver certo?” David não teve que especificar quem ele era.

Laurel chacoalhou a cabeça. “Não faz sentido. Eu admito que seja um pouco diferente e esta flor nas minhas costas é seriamente esquisita, mas efetivamente ser uma planta? Como eu poderia mesmo estar viva?”

“Bem, *planta* pode significar um monte de coisas. Há plantas com mais capacidades do que você possa imaginar – e essas são apenas aquelas que os cientistas descobriram. Eles suspeitam que existam milhões de espécies nas florestas tropicais que ninguém nunca foi capaz de estudar.”

“Claro, mas você alguma vez viu uma planta sair da terra e andar na rua?”

“Não.” Ele deu de ombros. “Mas existem muitas coisas que eu nunca vi antes. Isso não significa que elas não existem.” Ela revirou os olhos. “Eu estou aprendendo isso todo dia.”

“Não faz sentido”, ela repetiu.

“Eu pensei muito nisso na noite passada, na verdade. Você sabe, na ocasional possibilidade de que você fosse voltar a falar comigo. Há, na verdade, uma forma bastante fácil de provar ou refutar isso.”

“Como?”

“ Amostras de tecido”.

“O quê?”

“ Você me dá várias amostras de células do seu corpo e nós olhamos sob meu microscópio e vemos se elas são células vegetais ou animais. Isso deve ser muito conclusivo. ”

Laurel franziu o nariz. “Como eu te dou amostras de tecido?”

“Você poderia pegar células epiteliais da sua bochecha, como eles fazem no CSI.”

Laurel riu. “CSI? Você vai me investigar agora?”

“Não se você não quiser. Mas eu penso que deveria ao menos testar o que este rapaz – qual era o nome dele?”

“Tamani”. Um pequeno arrepio viajou por sua espinha.

“Sim. Você devia checar o que Tamani disse e descobrir se há alguma verdade nisso.”

“E se for verdade?” Laurel tinha parado de andar.

David olhou para ela, observando que em seu rosto estava gravado o medo. “Então você saberia.”

“Mas isso significaria que minha vida inteira seria esta mentira terrível. Aonde eu iria? O que

eu faria?”

“Você não teria que partir. Tudo poderia ficar do mesmo jeito”.

“Não, não poderia. As pessoas descobririam e eles iriam querer... Não sei, fazer coisas comigo?”

“Ninguém tem que descobrir. Você não contará, eu não contarei. Você terá esse segredo incrível que te diferencia de todos os outros. Você saberia que é essa... coisa incrível, mas ninguém mais nunca suspeitaria.”

Laurel chutou o asfalto. “Você faz isso soar excitante e glamoroso.”

“Talvez seja.”

Laurel hesitou e David chegou um pouco mais perto. “É o seu chamado,” ele disse suavemente, “mas o que quer que você decida, eu te ajudarei.” Ele colocou uma mão suave e quente atrás de seu pescoço e a respiração de Laurel ficou presa em sua garganta. “O que quer que você precise, eu serei. Se você precisar de um gênio da ciência pra te dar respostas de um livro, eu sou o seu cara; se você só precisa de um amigo pra sentar com você na aula de biologia e te ajudar a se sentir melhor quando estiver triste, eu ainda sou o seu cara.” Seu polegar devagar afagando o lóbulo de sua orelha e foi descendo até sua bochecha. “E se você precisar de alguém pra te abraçar e te proteger de qualquer pessoa no mundo que poderia querer te machucar, então eu sou definitivamente o seu cara.” Seus olhos azuis brilhantes perfuraram os dela e por um segundo ela não pôde respirar. “Mas tudo depende de você”, ele sussurrou.

Era tão tentador. Tudo em sua presença era tão reconfortante. Mas Laurel sabia que não seria justo. Ela gostava dele – muito – mas não tinha certeza se seus sentimentos eram românticos ou só necessidade. E até que tivesse certeza, ela não poderia se comprometer com nada. “David, acho que você está certo – eu deveria ter algumas respostas. Mas agora tudo que preciso, tudo com o que posso lidar no momento, é um amigo.”

O sorriso de David foi um pouco forçado, mas ele apertou o ombro dela gentilmente e disse: “Então, é isso que você terá.” Ele virou e começou a andar novamente, mas permaneceu perto dela o suficiente para que seus membros se roçassem.

Ela gostou disso.

“Estas são definitivamente células de uma planta, Laurel”, David disse, olhando em seu microscópio.

“Você tem certeza?” Laurel perguntou, pegando a sua vez de ver as células que tinha tirado com um algodão de dentro da sua bochecha. Mas mesmo ela reconheceu as células quadradas, com paredes espessas que pontilhavam o slide iluminado.

“Noventa e nove por cento de certeza”, David disse, esticando seus braços sobre sua cabeça. “Eu acho que esse rapaz, Tamani sabe de alguma coisa.”

Laurel suspirou e revirou os olhos. “Você não estava lá, ele era seriamente estranho.” *Sim, continue dizendo isso a si mesma; talvez você acredite.* Ela afastou a pequena voz.

“É essa a maior razão pra ele estar relacionado com você.”

Laurel juntou as sobrancelhas e chutou a cadeira de David enquanto ele ria. “Eu estou incrivelmente ofendida”, ela disse, arregalando os olhos dramaticamente.

“Ainda,” David disse, “parece que ele está certo. Pelo menos sobre isso.”

Laurel balançou a cabeça. “Tem que haver algo mais.”

David pausou. “Há uma coisa, mas – não, é estupidez.”

“O que?”

David estudou ela por um minuto. “Eu – eu poderia olhar uma amostra de sangue.”

“Oh.” O coração de Laurel afundou.

“Qual é o problema?”

“Como você conseguiria o sangue?”

David deu de ombros. “Uma picada no dedo deve fazer isso fácil.”

Laurel chacoalhou a cabeça. “Eu não suporto agulhas. Elas me aterrorizam.”

“Verdade?”

Laurel acenou, seu rosto comprimido. “Eu nunca fui picada por uma agulha.”

“Nunca?”

Laurel balançou a cabeça. “Sem médicos, se lembra?”

“E injeções?”

“Eu nunca tomei nenhuma. Minha mãe teve que preencher um formulário especial pra me colocar na escola.”

“Nem pontos?”

“Oh, meu Deus,” ela disse, cobrindo a boca. “Eu não quero nem pensar sobre isso.”

“Ok, esqueça então.”

Eles sentaram em silêncio por algum tempo.

“Eu não teria que olhar?” Laurel perguntou.

“Eu prometo que não. E na realidade nem dói.”

A respiração de Laurel ficou presa na garganta, mas isso parecia importante. “Ok. Eu tentarei.”

“Minha mãe é diabética, então ela tem lancetas em seu quarto pra testar o seu sangue. Esse é provavelmente o jeito mais fácil. Eu já volto.”

Laurel forçou sua respiração se acalmar enquanto David estava fora do quarto. Ele voltou com as mãos vazias.

“Onde está?” ela perguntou.

“Eu não vou dizer onde, nem vou nem deixar que você veja. Vai mais pro lado, eu tenho uma idéia.” Ele sentou na cama bem em frente pra ela. “Ok, senta atrás de mim e ponha seus braços em volta da minha cintura. Você pode manter sua cabeça abaixada contra as minhas costas e me apertar se tiver medo.”

Laurel sentou atrás dele, pressionando seu rosto contra as costas dele e apertou sua cintura o mais forte que conseguiu.

“Eu preciso de uma mão”, David disse, sua voz um pouco tensa.

Laurel se forçou a se soltar e abandonar uma mão. David esfregou sua palma suavemente enquanto ela começava a apertá-lo novamente. “Pronta?” ele perguntou.

“Me surpreenda,” ela disse, sua voz ofegante.

Ele esfregou a mão dela um pouco mais, então ela soltou um chiado quando uma sensação como de um choque estático irrompeu em seu dedo. “Ok, acabou.” David disse calmamente.

“Você guardou?” Laurel perguntou sem levantar a cabeça.

“Sim”, David disse, sua voz estranhamente monótona. “Laurel, você precisa ver isso.”

A curiosidade ajudou a dissipar o medo enquanto Laurel espiou sobre os ombros de David.

“O quê?”

David estava gentilmente aplicando pressão no fim do dedo mediano dela. Uma gota de um líquido claro minou.

“O que é isso?” Laurel perguntou.

“Eu estou mais preocupado com o que não é” David respondeu. “Não é vermelho.”

Laurel apenas olhou fixamente.

“Humm, eu posso...?” David gesticulou para a caixa de slides.

“Claro”, Laurel disse entorpecidamente.

David pegou um slide de vidro fino e tocou o dedo de Laurel contra ele. “Posso pegar dois?”

Laurel apenas acenou.

Três slides mais tarde, embrulhou o dedo de Laurel num tecido e Laurel dobrou suas mãos no colo.

David sentou ao lado dela, sua coxa tocando a dela. “Laurel, isso é o que sempre sai quando você se corta?”

“Eu nunca me cortei em eras.”

“Você teve ao menos um joelho ralado alguma vez, não teve?”

“Eu tenho certeza que sim, mas...” Sua voz sumiu quando ela percebeu que não poderia apontar um único momento. “Eu não sei”, ela sussurrou. “Não consigo me lembrar.”

David correu os dedos pelo cabelo. “Laurel, você alguma vez já sangrou... De qualquer lugar, em toda sua vida?”

Ela odiou tudo que ele estava insinuando, mas não podia negar a verdade. “Não. Eu não me lembro. Eu honestamente não consigo me lembrar de alguma vez ter sangrado.”

David deslizou sua cadeira de volta ao microscópio e pôs o novo slide sob o campo iluminado, então examinou através das lentes por um longo tempo. Ele trocou os slides e olhou de novo. Então ele retirou alguns slides vermelhos de outra caixa e trabalhou com eles na rotação.

Laurel não se moveu o tempo todo.

Ele se voltou. “Laurel”, ele disse, “e se você não tiver sangue? E se esse fluido claro é tudo o que flui pelas suas veias?”

Laurel balançou a cabeça. “Isso não é possível. Todo mundo tem sangue, David.”

“O epitélio de *todo mundo* também é de células animais, Laurel, mas não o seu”, ele respondeu. “Você disse que seus pais não acreditam em médicos. Você já viu um alguma vez?”

“Quando eu era bem pequena. Meu pai me contou sobre isso na outra noite.” Seus olhos se arregalaram. “Oh, meu Deus”. Ela contou a história a David. “Ele sabia, ele devia saber.”

“Porque ele não diria aos seus pais?”

“Eu não sei.” Ela chacoalhou a cabeça.

David estava quieto, sua testa franzida. Quando ele falou, foi hesitante. “Você se importa se eu tentar uma coisa?”

“Contanto que não inclua me abrir pra olhar minhas entranhas.”

Ele riu. Laurel não.

“Posso tomar seu pulso?”

Laurel foi pega de guarda baixa pela onda de alívio e comicidade que fluiu sobre ela. Ela começou a rir e não pôde parar. David olhou para ela silenciosamente enquanto ela ria em

histeria, até que ela finalmente se controlou. “Desculpe”, ela disse, respirando pesadamente repelindo uma nova onda de risos. “É que... Isso é tão melhor que me abrir.”

David deu um meio sorriso e revirou os olhos. “Me dê sua mão,” ele disse.

Ela estendeu seu braço e ele colocou dois dedos em seu pulso. “Sua pele é realmente fria”, ele disse. “Eu estou um pouco surpreso por não ter notado isso antes”. Então ele ficou quieto, concentrado. Após um tempo, ele mudou da cadeira para o lado dela na cama.

“Deixe me tentar aqui em cima no seu pescoço.”

Ele segurou a parte de trás do pescoço dela com uma mão e colocou seus dedos firmemente contra o lado direito. Ela podia sentir a respiração dele em sua bochecha e, apesar dele estar olhando estudiosamente pra longe de seu rosto, ela não podia olhar pra qualquer outro lugar.

Ela viu coisas que nunca tinha notado antes. Uma linha leve e superficial de sardas ao longo da linha dos cabelos, uma cicatriz quase escondida em sua sobrancelha, e a graciosa curva de seus cílios. Vagamente sentiu seus dedos apertarem um pouco mais. Quando ela ofegou, ele se afastou. “Machucou?”

Ela balançou a cabeça e tentou não notar o quão perto ele estava.

Alguns segundos depois, suas mãos se afastaram. Ela não gostou do olhar nos olhos dele – a ruga de preocupação entre suas sobrancelhas. “O quê?” ela perguntou.

Mas ele apenas chacoalhou a cabeça. “Eu tenho que ter certeza. Eu não vou te assustar por nada. Eu posso... Posso ouvir seu peito?”

“Com um estetoscópio?”

“Eu não tenho um estetoscópio. Mas se eu...” Ele hesitou. “Se eu puser meu ouvido bem sobre o seu coração, eu devo ser capaz de ouvir alto e claro.”

Laurel sentou um pouco mais ereta. “Ok”, ela disse baixinho.

David colocou uma mão em cada lado das costelas dela e devagar abaixou sua cabeça.

Laurel tentou respirar calmamente, mas ela tinha certeza que seu coração devia estar acelerado. A bochecha dele era quente contra sua pele, pressionada contra a gola de sua camiseta.

Após um longo tempo ele levantou seu rosto.

“Então...”

“Shhh,” ele disse, virando seu rosto e colocando sua outra bochecha no lado oposto do peito dela. Ele não ficou lá por muito tempo antes de levantar a cabeça novamente. “Não há nada”, ele disse, sua voz muito suave. “Nada em seu pulso ou no seu pescoço. E eu não consigo ouvir nada em seu peito. Soa... Vazio”.

“O que isso significa, David?”

“Você não tem batimentos cardíacos, Laurel. Você provavelmente nem tem um coração.”

Capítulo 11

Todo o corpo de Laurel estava tremendo agora. Ela sentiu os braços de David a sua volta, quentes e pesados, e pareceu como se não pudesse sentir mais nada. Ele era uma corda salva-vidas, e ela não tinha certeza se poderia sobreviver aos próximos segundos caso ele se fosse. “O que devo fazer David?”

“Você não precisa fazer nada.”

“Você está certo”, ela disse num tom desanimado. “Eu só preciso esperar que o resto do meu corpo perceba que está morto.”

David a puxou pra perto e acariciou seus cabelos. Ela se agarrou à camiseta dele enquanto as lágrimas a oprimiam e se esforçava para respirar.

“Não”, David murmurou perto do seu ouvido. “Você não vai morrer.” Sua bochecha roçando a dela, áspera com pêlos esparsos crescendo. A ponta de seu nariz deslocou-se pelo comprimento do rosto dela, e as lágrimas pararam quando ela focou na sensação do rosto dele contra o seu. Ele era tão quente contra a sua pele, que era sempre fria. Os lábios dele roçaram a sua testa, e um minúsculo tremor subiu pela sua espinha. A testa dele apoiada contra a dela, e suas pálpebras abriram por conta própria, seus pensamentos perdidos no oceano azul dos olhos dele. Ele roçou seus lábios muito suavemente nos dela e uma onda de calor diferente de tudo que ela já tinha sentido se espalhou dos seus lábios através de seu rosto.

Quando ela não se moveu, ele a beijou novamente, um pouco mais confiante desta vez. Em um instante, David se tornou parte da tempestade que a assolava por dentro e ela enroscou seus braços em volta do pescoço dele, o puxando pra perto, mais apertado, tentando aspirar aquele incrível calor para dentro de si. Pode ter durado segundos, minutos, horas – tempo não tinha significado enquanto o corpo quente dele estava pressionado contra o dela e aquele calor devagar a envolvia.

Quando David se afastou quase violentamente e ofegou por ar, a realidade invadiu a mente de Laurel - *O que eu fiz?*

“Eu sinto muito,” ele sussurrou. “Eu não queria...”

“Shhh.” Laurel pressionou seus dedos nos lábios dele. “Está tudo bem.” Ela não se soltou dele e como não pareceu reclamar, David hesitantemente se inclinou novamente.

No último segundo, Laurel o deteve com uma mão em seu peito e balançou a cabeça. Ela respirou fundo e então disse: “Eu não sei se o que eu sinto é real ou somente pânico ou...” Ela parou. “Eu não posso fazer isso David. Não com tudo isso acontecendo.”

Ele se afastou devagar e ficou quieto por um longo tempo. “Então eu esperarei”, ele disse, quase inaudível.

Laurel pegou sua mochila. “Eu devo ir”, ela disse inutilmente.

Os olhos de David a seguiram quando ela atravessou o quarto.

Ela parou para olhar pra trás uma vez mais antes de passar pela porta e fechá-la atrás de si.

Na aula de biologia Laurel selecionou seu lugar usual, mas não tirou seus livros. Sentou com sua mochila totalmente arrumada e esforçou-se para ouvir o som familiar dos passos de David. Mesmo assim ela se assustou quando ele colocou com uma pancada sua mochila na mesa ao lado dela. Ela se forçou a olhar para ele. Mas ao invés do rosto tenso e desconfiado que ela estivesse esperando, encontrou um sorriso largo e bochechas coradas de excitação. “Eu li um pouco na noite passada,” ele disse sem cumprimento, “e eu tenho algumas teorias.”

Teorias? Ela não tinha certeza se queria saber. Na verdade, algo na expressão do rosto dele a deixou completamente certa de que *não* queria saber.

Ele abriu um livro e deslizou para frente dela.

“Uma Vênus Caça-moscas? Você com certeza sabe como elogiar uma garota.” Ela tentou devolver-lhe o livro, mas ele pôs as duas mãos nele e o manteve no lugar.

“Apenas ouça por um segundo. Eu não estou dizendo que você é uma Vênus caça-moscas. Mas leia um pouco sobre os hábitos alimentares dela.

“É carnívora, David.”

“Tecnicamente é, mas leia o porquê.” Seus dedos voaram pelos parágrafos que ele tinha iluminado em marca-texto verde. “Caça-moscas crescem melhor em solo pobre, geralmente solo que tem muito pouco nitrogênio. Elas comem moscas porque o corpo das moscas contém muito nitrogênio, mas nenhuma gordura ou colesterol. Não é a carne, mas o tipo de nutriente que elas precisam.” Ele virou para a próxima página. “Olhe aqui, fala como cuidar de uma Venus caça-moscas em casa. Diz que muita gente a alimenta com pequenos pedaços de hambúrguer ou bife porque como você - disse ele - apenas pensam, 'Ei, é carnívora.' Mas na verdade você pode matar uma caça-moscas alimentando-a com hambúrguer, porque hambúrguer tem muita gordura e colesterol e a planta não consegue digerir.”

Laurel apenas olhou horrorizada para a planta de aparência monstruosa e se perguntou como no mundo David pôde pensar que ela era igual a isso. “Eu não estou entendendo”, ela disse sem graça.

Os nutrientes, Laurel. Você não toma leite, toma?”

“Não.”

“Por que não?”

“Me faz mal.”

“Eu aposto que te faz mal porque tem gordura e colesterol. O que você *toma*?”

“Água, soda.” Ela parou, pensando. “O xarope nos pêssegos em lata de minha mãe. Acho que só isso.”

“Água e açúcar. Você já pôs açúcar em um vaso de flores para mantê-las vivas? As flores amam, elas sugam direto.”

A explicação de David fez muito sentido. A cabeça de Laurel começou a doer. “Então por que eu não como moscas?” Laurel perguntou sarcasticamente enquanto esfregava as têmporas.

“Muito pequena pra fazer qualquer bem, eu imagino. Mas pense nas coisas que você *come*. Frutas simples e vegetais. Plantas que cresceram no solo e que sugaram todos aqueles nutrientes através de suas raízes. Você os come e obtém os mesmo nutrientes como se tivesse raízes e pudesse obtê-los por si própria.”

Laurel ficou quieta por vários segundos enquanto o Sr. James colocava a classe em ordem.

“Então você ainda pensa que eu sou uma planta?” Laurel perguntou num sussurro.

“Uma incrivelmente desenvolvida e altamente avançada planta,” David respondeu. “Mas sim, uma planta.”

“Isso é um saco”.

“Eu não sei”, David disse com um sorriso. “Eu acho que isso é bem legal.”

“Você deveria; você é o gênio da ciência. Eu sou a garota que apenas quer passar pela aula de ginástica sem ser encarada.”

“Bom”, David persistiu. “Eu pensei que isso é legal para nós dois.”

Laurel bufou e chamou a atenção do Sr. James.

“Laurel, David? Vocês gostariam de compartilhar a piada com o resto da classe?” ele

perguntou, uma mão no seu quadril magricelo.

“Não senhor.” David disse. “Mas obrigado por perguntar. “ Os alunos ao redor dele riram, mas o Sr. James não pareceu contente. Laurel se recostou e sorriu. *David, um. Professor que acha que é tão esperto quanto David - Zero.*

No sábado, Laurel e David se encontraram na casa de David para ‘estudar’, David mostrou a ela um artigo que ele tinha achado online sobre como as plantas absorvem dióxido de carbono através das folhas. “E você?” ele perguntou. Ela estava sentada na cama dele com suas pétalas soltas e voltadas em direção a janela que ficava no oeste onde elas poderiam absorver a luz do sol. Essa era uma das muitas vantagens de ‘estudar’ na casa vazia de David após a escola quase todo dia. David até mesmo fez um valente esforço para não olhar – embora Laurel não tivesse certeza se ele estava relanceando escondido suas pétalas ou seu diafragma descoberto.

Ela não se importou, tampouco.

“Bem, eu não tenho folhas – exceto as minúsculas sob as pétalas. Ainda”, ela adicionou enigmaticamente.

“Não tecnicamente, mas eu acho que a sua pele provavelmente conta.”

“Por quê? Estou parecendo um pouco esverdeada esses dias?” ela perguntou, então se calou. O pensamento em se tornar verde a fez pensar em Tamani e em seus olhos e cabelos verdes. Não queria pensar nele. Era muito confuso. E parecia injusto pensar nele enquanto ela estava com David. Desleal, de uma forma estranha. Ela guardou esses pensamentos para a noite, apenas quando ela estava quase dormindo.

“Nem todas as folhas são verdes”, David continuou sem notar. “Na maioria das plantas, as folhas são a maior superfície exterior e em você essa seria sua pele. Então talvez você absorva dióxido de carbono através da sua pele.” Ele corou. “Você gosta de vestir camisetas sem mangas mesmo quando está frio.”

Laurel mexeu sua Sprite com o canudo. “Então por que eu respiro? Eu *respiro*, você sabe”, ela disse severamente.

“Mas você *tem* que respirar?”

“O que você quer dizer com eu tenho que? É claro que eu tenho.”

“Eu não acho que precise. Não da forma que eu preciso, em todo caso. Ou no mínimo não tão frequentemente. Quanto tempo você consegue prender a respiração?”

Ela deu de ombros. “Tempo o suficiente.”

“Vamos, você já nadou – você deve ter alguma idéia. Uma estimativa aproximada,” ele pressionou, quando ela balançou a cabeça.

“Eu apenas venho à tona quando canso de ficar embaixo da água. Eu não vou pra debaixo d’água muito, de qualquer forma. Apenas pra molhar meu cabelo, então eu não sei.”

David sorriu e apontou para seu relógio. “Vamos descobrir?”

Laurel olhou para ele por alguns segundos, então afastou sua soda e se curvou para frente, cutucando David no peito com um sorriso. “Eu estou cansada de ser a cobaia. Vamos quanto tempo você consegue prender a respiração.”

“Justo o suficiente, mas você é a próxima.”

“Feito.”

David inspirou fundo várias vezes e, quando Laurel disse vai, sugou o máximo para encher os pulmões e se recostou em sua cadeira. Ele durou cinquenta e dois segundos de rosto

vermelho antes que o ar saísse com força e fosse a vez de Laurel.

“Sem rir”, ela avisou. “Você provavelmente vai me vencer.”

“Eu duvido muito.” Ele sorriu com a mesma confiança que sempre tinha quando tinha certeza que estava certo.

Laurel inspirou profundamente e se recostou nos travesseiros de David. Ele deu início no timer com um bip suave.

Enervava ela ficar olhando para o sorriso de autoconfiança dele enquanto os segundos corriam então ela se virou para a janela. Ela observou um pássaro voar contra o azul pálido do céu até elevar-se fora de vista sob uma colina.

Sem nada de interessante para olhar, ela começou a prestar atenção ao seu peito. Estava começando a ficar desconfortável. Ela esperou um pouquinho mais, decidiu que não gostava da sensação e soltou o ar. “Então. Qual é o veredicto?”

David olhou para seu relógio. “Você prendeu a respiração o máximo que conseguiu?”

“O máximo que eu quis prender.”

“Isso não é a mesma coisa. Você poderia ter esperado mais?”

“Provavelmente, mas estava ficando desconfortável.”

“Quanto tempo mais?”

“Eu não sei,” ela disse, afobada agora. “Quanto tempo eu consegui?”

“Três minutos e vinte oito segundos.”

Levou um momentos para que os números fizessem sentido. Ela se sentou ereta. “Você me deixou ganhar?”

“Não. Você apenas provou minha teoria.”

Laurel olhou para seu braço. “Uma folha? De verdade?”

David pegou o braço dela e pôs o seu do lado. “Olha aqui – se você olhar de perto, nossos braços não se parecem muito. Vê?” ele disse, apontando para as veias que raiavam ao longo do seu braço. “Admitindo que veias usualmente sejam mais proeminentes em rapazes em todo caso, mas com sua pele clara, você deveria ser capaz de ver ao menos rastros pálidos de azul. Você não tem nenhum.”

Laurel examinou seu braço, então perguntou, “Quando você notou isso?”

Ele deu de ombros culposamente. “Quando eu chequei seu pulso, mas você estava tão assustada que eu decidi que podia esperar um pouco. Além disso, eu queria fazer alguma pesquisa antes.”

“Obrigada... Eu acho.” Ela ficou quieta por um longo tempo enquanto os pensamentos invadiam sua mente, Mas ela voltava para a mesma conclusão toda hora. “Eu realmente sou uma planta, não sou?”

David olhou para ela, então solenemente. “Eu acho que sim.”

Laurel não tinha certeza porque as lágrimas vieram. Não era exatamente uma surpresa. Mas ela nunca tinha aceitado isso antes. Agora que tinha, ela sentia a esmagadora combinação de medo, alívio, admiração e uma tristeza estranha.

David subiu na cama ao lado dela. Sem uma palavra, ele recostou-se em sua cabeceira e a puxou contra seu peito. Ela se juntou a ele facilmente, aproveitando a segurança que sentia em seus braços. As mãos dele ocasionalmente se moviam para cima e para baixo em seus braços e costas, cuidadosamente evitando suas pétalas.

Ela podia ouvir o coração dele batendo em um ritmo regular que a lembrava que algumas

coisas eram ainda normais. Confiáveis.

O calor do corpo dele se espalhou pelo dela, a aquecendo de uma forma que era contundentemente similar a como o sol a aquecia. Ela sorriu e se aconchegou um pouco mais.

“O que você vai fazer no próximo sábado?” David perguntou, sua voz reverberando no peito onde o ouvido dela estava pressionado.

“Eu não sei. O que vai fazer?”

“Isso depende de você. Eu estava pensando sobre o que Tamani disse a você.”

Ela levantou a cabeça do peito dele. “Eu não quero falar sobre isso.”

“Por que não? Ele estava certo sobre você ser uma planta. Talvez ele esteja certo sobre... Sobre você ser uma fada.”

“Como você pode dizer isso onde seu microscópio pode ouvi-lo, David?” Laurel perguntou com uma risada, tentando manter o assunto leve. “Ele pode parar de funcionar se perceber que seu dono é tão não-científico.”

“É muito não-científico ter uma amiga que é uma planta,” David disse, se recusando a adotar o mesmo tom de humor.

Laurel suspirou, mas deixou sua cabeça pender de volta ao peito dele. “Toda menina pequena desejaria que ela realmente fosse uma princesa, uma fada, uma sereia, ou algo assim. Especialmente garotas que não sabem quem são suas mães verdadeiras. Mas você perde esse sonho quando tem algo como, seis. Ninguém ainda acha isso quando tem quinze.” Ela fez uma cara de teimosa. “Não existe essa coisa de fada.”

“Talvez não, mas você não precisa ser necessariamente uma na realidade.”

“O que você quer dizer?”

David estava olhando para a flor dela. “Há um baile a fantasia na escola no próximo sábado. Eu pensei que você poderia ir como fada e experimentar o papel. Você sabe, se acostumar à ideia como uma fantasia antes de tentar enfrentar a idéia que é real. Ficar confortável com isso.”

“O que? Asas de couro e vestir algum vestido ridículo?”

“Pra mim parece que você já tem asas.” David disse, sua voz séria.

O que ele queria dizer devagar começou a aparecer para Laurel e ela olhou pra ele em descrédito. “Você quer que eu vá assim?” Com a minha flor aparente pra todo mundo ver? Você deve estar louco! Não!”

“Apenas ouça”, David disse, sentando ereto. “Eu pensei sobre isso. Você conhece aquela coisa de guirlanda de ouropel? Se eu embrulhar ela em volta da base da flor e então laçá-las sobre os seus ombros, ninguém nunca vai saber que não é falsa. Eles apenas pensarão que é uma fantasia maravilhosa.

“Eu não posso passar isso por uma fantasia, David. É muito bom, muito perfeito.”

David deu de ombros. “Pessoas geralmente acreditam no que você diz a elas.” Ele sorriu. “E você realmente acha que alguém vai olhar pra você e dizer, ‘Humm, eu acho que essa garota é uma planta?’ Isso realmente soava absurdo. A mente de Laurel vagou para o vestido formal azul celeste brilhante que ela tinha vestido no casamento do primo de sua mãe no verão passado. “Eu pensarei nisso”, ela prometeu.

Após a escola, na quarta, David tinha que trabalhar, então Laurel decidiu ir até a biblioteca pública. Ela se aproximou da recepção de referência onde a bibliotecária estava tentando

explicar o sistema decimal Dewey para um garoto que claramente não entendia nada nem queria entender. Após alguns minutos, ele deu de ombros e foi embora.

Com um suspiro frustrado, a bibliotecária se virou para Laurel. “Sim”?

“Posso usar a internet?” Laurel perguntou.

A bibliotecária sorriu, provavelmente agradecida por uma pergunta racional. “Aquele computador ali”, ela disse, apontando. “Conecte-se com o número de seu cartão de biblioteca e você terá uma hora.”

“Só uma?”

A bibliotecária se curvou pra frente de modo conspiratório. “É uma regra que tivemos que fazer a alguns meses atrás. Tinha uma senhora aposentada que vinha e jogava Internet Hearts o dia todo.” Ela deu de ombros enquanto se endireitava. “Você sabe como é; alguns malucos arruínam para o resto de nós. É alta velocidade, contudo”, ela adicionou voltando para a pilha de livros que estava escaneando.

Laurel se dirigiu para o compartimento que mantinha o único computador com internet disponível. Ao contrário da grande biblioteca que Laurel e seu pai frequentemente tinham visitado em Eureka, a biblioteca de Cidade Crescente era dificilmente maior que uma casa normal. Tinha uma estante de livros de gravuras e uma estante de ficção adulta e outra, além dessa, que tinha velhos livros de referência. E não muitos deles.

Ela sentou no computador e se conectou. Após uma olhada rápida pelo relógio, ela começou a procurar no Google.

Quarenta e cinco minutos depois, ela tinha encontrado livros de fadas vivendo em flores, vestindo roupas feitas de flores, e tomando chá em minúsculas xícaras de flor. Mas nenhuma menção sobre fadas sendo na verdade flores. Ou plantas. Ou o que seja. Porcaria, ela pensou irritadamente.

Ela começou lendo um longo artigo da Wikipédia, mas a cada duas ou três sentenças, ela tinha que procurar por uma referência que ela não entendia. À medida que ela estava só a alguns parágrafos no artigo.

Com uma inspiração profunda, ela fechou os olhos rapidamente e começou a ler o artigo novamente.

“Eu amo fadas!”

Laurel quase caiu da cadeira quando a voz de Chelsea soou bem no seu ouvido.

Chelsea se largou numa cadeira perto de Laurel. “Eu passei por essa fase a mais ou menos um ano atrás onde tudo que fazia tinha a ver com fadas. Eu tenho, tipo, dez livros sobre fadas e gravuras no meu teto. Ainda encontrei um panfleto de uma teoria de conspiração de algum cara sobre como a Irlanda é controlada pelo Seelie Court – você sabe o grupo que governa o tribunal das fadas. E mesmo que a idéia dele fosse um pouco forçada, ele fez alguns pontos válidos.

Laurel fechou o navegador o mais rápido que pode, embora a frase *tão perto, tão tarde*, veio a sua mente.

“Lá na Era das trevas, as pessoas costumavam pensar que tudo de ruim que acontecia era causado pelas fadas”, Chelsea continuou, não parecendo ter notado que Laurel ainda não tinha dito uma palavra. “Claro, qualquer coisa boa que acontecesse eles culpavam as fadas também, então eu acho que dá na mesma, todavia.”

Ela sorriu. “Então porque você está procurando por fadas?”

A boca de Laurel ficou seca. Ela tentou pensar em algum tipo de desculpa, mas, após tentar envolver sua mente em volta de dúzias de lendas de fadas conflitantes, ela não tinha nada. “Humm, eu apenas queria encontrar – “ Ela mal conseguiu se lembrar que Chelsea estava na sua turma de inglês antes de usá-la como desculpa.

Então ela se lembrou da proposta de David.

“Eu vou ao baile de fada nesse sábado”, ela disparou. “Eu pensei em tentar aprender um pouco mais sobre elas.”

O rosto de Chelsea se iluminou. “Isso é tão legal. Eu quero muito ser uma fada. A gente deveria tentar combinar. ”

Oh, ótimo. “Na verdade, David está fazendo pra mim algum tipo de asas. Ele diz que é surpresa. ”

“Oh”. Chelsea hesitou por apenas um segundo. “Tudo bem. Eu deveria provavelmente colaborar com Ryan, de qualquer jeito.” Suas bochechas coraram um pouco. “ Ele me convidou para ir com ele.”

“Isso é ótimo.”

“Sim. Ele é uma graça. Ele não é uma graça?”

“Claro. ”

“Bom.” Ela pareceu perdida em pensamentos por um momento. “Então você vai com o David?”

Laurel acenou.

Chelsea sorriu, embora parecesse um pouco triste. “Bem, você vai ser uma linda fada. Você praticamente parece com uma, de qualquer forma, então vai ser perfeito. ”

“Pareço?”

Chelsea deu de ombros. “Eu acho que sim. Especialmente com sua pele e cabelo tão claros. Pessoas costumavam pensar que anjos eram fadas, então fadas devem ser muito claras e de aparência frágil. ”

Frágil? Laurel pensou, um pouco surpresa.

“Você vai parecer perfeita,” Chelsea disse. “Eu te esperarei na porta. Eu quero ver sua fantasia primeiro. ”

“Feito”, Laurel disse com um sorriso forçado. Ela não gostou de como ela tinha de repente ficado presa na idéia de David. Mas era melhor do que dizer a verdade a Chelsea.

“Por que você está usando a internet aqui, em todo caso?” Chelsea perguntou. “Você não tem internet em casa?”

“Discada”, Laurel disse revirando os olhos.

“Verdade? Eles ainda têm isso? Meu pai é técnico de computadores e ele montou toda essa rede de wireless na nossa casa. Nós temos internet de alta velocidade em seis computadores. Ele morreria se eu contasse a ele que você ainda está usando a discada. Você deveria vir a minha casa na próxima vez. Muita banda larga e eu te emprestarei alguns livros, ok?”

Laurel disse ok instintivamente, mas não havia como ela pudesse ir à casa de Chelsea pra pesquisar. Chelsea era muito esperta – ela juntaria as peças.

Assumindo que havia todas as peças pra juntar. Laurel não encontrou uma única fonte que falasse sobre fadas sendo qualquer coisa como ela era. O mais perto que ela achou foram as dríades – espíritos da floresta – e elas eram apenas espíritos de árvores.

Ela estava completamente certa que não era um espírito.

“Bem, eu tenho que ir”, Chelsea disse. “Eu tenho que fazer uma pesquisa de verdade.” Ela levantou seu livro de história. “Eu tenho que encontrar no mínimo três fontes não incluindo a internet. Eu juro, o senhor Mitchell é tão atrasado. De qualquer forma, vejo você amanhã?”

“Sim”, Laurel disse, acenando. “Amanhã”. Ela se voltou ao computador pra fazer mais uma pesquisa. Mas quando ela abriu o navegador, seu tempo tinha expirado.

Laurel suspirou e pegou suas anotações esparsas. Se ela quisesse mais, ela teria que voltar outro dia. Ela deu uma olhada em direção às prateleiras onde ela só pode ver os cachos de Chelsea.

A casa de Chelsea *seria* mais conveniente.

Conveniência tão ruim estava muito abaixo em sua lista de prioridades estes dias.

Capítulo 12

“Ainda nada?” David perguntou quando Laurel ligou pra ele sábado à tarde, algumas horas antes do baile.

“Nada. Eu estive na biblioteca por três dias seguidos e não há *nada*.”

“Nem um palpite?”

“Bem, você pode ler alguma descrição em algo se você quiser muito, mas nenhuma descrição de...”. Ela abaixou a voz. “Fadas que soem de alguma forma como eu.”

“E Shakespeare? *Sonho de uma noite de verão*?”

“Na verdade, esses são os que mais se aproximaram. Mas eles ainda têm asas e parecem muito mágicos. Pra não mencionar maldosos. Eu não sou assim... Sou?”

David riu. “Não, não é.” Ele ficou quieto por alguns momentos. “Talvez as histórias estejam erradas.”

“Todas elas?”

“Quão verdadeira é a maioria das lendas?”

“Eu não sei. É que parece que haveria *alguma* documentação se fosse verdade.”

“Bem, nós continuaremos procurando. De qualquer forma, você está pronta para hoje à noite?”

“Claro”.

“Eu te vejo às 8, então?”

“Eu estarei pronta.”

David apareceu algumas horas depois com uma grande caixa que supostamente continha as ‘asas’. Laurel atendeu a porta em seu vestido azul com um xale embrulhado apertado em seus ombros.

“Wow”, David disse. “Você parece ótima”.

Laurel olhou para baixo, meio que desejando que tivesse escolhido algo que chamasse menos atenção, todo mundo estaria olhando pra ela vestindo isso. O vestido era de cetim azul claro cintilante com contas prateadas, cortado em uma diagonal que caía em um

perfeito drapeado sobre cada uma de suas curvas. A frente tem um suave decote princesa, e era frente-única. Ela estava nua quase até a cintura onde havia uma borda arredondada e mais das contas prateadas brilhantes. E uma mini-cauda dava o toque final.

David estava vestindo calças pretas, com um paletó de smoking completo com cauda. Com uma faixa de seda vermelha em volta da cintura, e ele tinha conseguido achar uma gravata pra colocar no pescoço. Luvas brancas saiam do bolso do paletó e ele tinha colocado gel no cabelo.

“Quem você deveria ser?” Laurel perguntou apreciativamente.

David corou. “Príncipe encantado?” Quando Laurel riu, ele deu de ombros. “Eu pensei que nós dois poderíamos ser criaturas míticas de um conto de fadas.”

“Minha mãe sabe que você está vindo”, Laurel sussurrou, guiando David rápido escada acima, “mas eu acho que é melhor se nós tentássemos ter tudo preparado antes dela saber que você está aqui. Ela pode insistir pra que eu mantenha a porta aberta ou algo assim.”

“Sem problema”.

Ela o levou para seu quarto e, após uma olhadela de precaução para o corredor, fechou a porta. Laurel desfez o nó de seu xale branco e deixou sua flor flutuar livre. Ela ajudou as pétalas a voltarem para sua posição ereta, elas tinham parecido um pouco flácidas nos últimos dias e não ficavam tão altas. Ela se voltou quando ouviu a inspiração aguda de David.

“O quê?”

“Elas são tão lindas – especialmente com esse vestido. Eu fico maravilhado todas às vezes que as vejo.”

“Claro”, Laurel disse sarcasticamente. “Elas são fabulosas quando não são suas.”

Levou aproximadamente dois minutos para David colocar a guirlanda em volta da base da flor e sobre os ombros dela. Laurel se voltou para o espelho novo pendurado na parte de trás da porta e riu. “David você é um gênio. Parece totalmente com uma fantasia.”

David ficou ao lado dela, sorrindo para o reflexo dos dois. “Eu ainda não terminei.” Ele se voltou para a caixa. “Sente-se”, ele disse, apontando para a cadeira. “E feche os olhos.”

Ela obedeceu, começando a gostar disso agora. As mãos dele tocaram seu rosto e então ela sentiu algo gelado roçar ao longo de suas pálpebras e bochechas. “O que você está fazendo?”

“Sem perguntas. E mantenha os olhos fechados.”

Ela ouviu algo sacudir e então uma bruma gelada cobriu o comprimento de seu cabelo. “Só um segundo”, ele disse. Então ela sentiu seu hálito quente, fazendo os pontos ainda molhados em suas pálpebras mais frias, mas aquecendo o resto de seu rosto. “Ok. Você está pronta”, ele disse.

Ela abriu seus olhos e ficou de pé para olhar no espelho. Ela engasgou e riu enquanto virava o rosto para um lado, e então para o outro, deixando a fraca luz do sol pegar o brilho em seus málares e em volta de seus olhos. E o cabelo dela estava cheio de brilho que cintilava e caía para decorar seu vestido quando ela sacudia a cabeça. Ela quase não se reconheceu entre o cintilar da pintura no rosto e a guirlanda em seus ombros.

“Agora você parece com uma fada”, David disse aprovadamente.

Laurel suspirou. “Eu me *sinto* como uma fada. Eu nunca pensei que diria isso.” Ela se voltou para David. “Você é incrível.”

“Não”, David disse com um sorriso. “Você provou cientificamente – *você é incrível*”. Ele correu os dedos pelo cabelo lustroso com um sorriso enviesado. “Eu sou apenas humano”. Laurel sorriu e apertou a mão dele. “Talvez, mas você é o melhor humano.”

“Falando em humanos”, David disse, gesticulando em direção a porta, “nós devemos ir mostrar aos seus pais. Minha mãe estará aqui para nos apanhar em 10 minutos.”

Toda a tensão pela noite invadiu-a novamente. “Você não acha que minha mãe vai ver diretamente através disso?”, ela disse.

“Ela não teria uma pista”, David disse. “Eu tenho certeza”. Ele pegou ambas as mãos dela. “Você está pronta?”

Ela não estava, mas ela acenou rigidamente de qualquer jeito.

David abriu a porta, então ofereceu seu braço com um floreio. “Podemos?”

A mãe de Laurel os pegou quando eles desciam as escadas. “Aí estão vocês”, ela disse, brandindo a sua câmera. “Eu estava com medo que vocês fugissem de mim.” Ela examinou Laurel com um sorriso. “Você parece linda”, ela disse. “Você parece muito bonito também”, ela adicionou para David.

“Onde está o meu pai?” Laurel perguntou, inspecionando a sala de estar.

“Ele teve que trabalhar até tarde hoje. Mas eu prometi a ele toneladas de fotos. Então vamos, sorriam!”

Ela tirou por volta de cinquenta fotos antes da mãe de David finalmente buzinar chamando-os.

Laurel puxou David atrás dela enquanto sua mãe gritava pra que se divertissem. A mãe de David os arrebatou também, mas ela já tinha tirado fotos de David então eles só perderam tempo com cinco ou seis fotos a mais dos dois juntos.

Quando eles terminaram, Laurel tinha quase mudado de idéia. “É tão chamativo”, ela sussurrou para David na parte de trás do carro da mãe dele. “Alguém vai descobrir.”

David riu. “Ninguém vai descobrir”, ele assegurou. “Eu prometo”.

“Melhor você estar certo”, Laurel resmungou quando eles entravam no estacionamento do colégio.

“Olhe pra você!” Chelsea guinchou quando ela e David entraram no ginásio decorado.

“David disse que as asas iam ser maravilhosas, mas eu não tinha idéia que elas seriam tão lindas assim”. Ela fez Laurel girar. “Você sabe, meio que parece mais com uma flor do que com asas, você não acha?”

“Elas são como asas floridas, eu acho”, Laurel respondeu nervosamente.

Mas Chelsea deu de ombros. “Elas são totalmente lindas. David você é um gênio”, ela disse, tocando o ombro dele,

Laurel sufocou um sorriso. David levaria a maioria dos créditos por sua flor esta noite, mas estava bem pra ela. Especialmente quando a outra opção era todo mundo descobrindo que tinha crescido nela.

Chelsea cheirou seu ombro e Laurel endureceu “Wow”, Chelsea disse, cheirando abertamente agora. “O que você colocou nelas? Eu pagarei pelo que for que você tenha usado. ”

Laurel ficou indecisa por alguns instantes, então disse, “Na verdade, é apenas um perfume antigo que eu sempre tive. Eu nem me lembro como se chama. ”

“Se você não quiser, eu quero. Mmmmm. ”

Laurel sorriu e olhou significativamente para David quando inclinava a cabeça em direção ao outro lado do salão. Longe do nariz de Chelsea.

“Nós vamos pegar algo para beber,” David disse, pegando a mão de Laurel. Por sorte, Ryan apareceu e Chelsea foi distraída o suficiente para não segui-los.

Laurel deixou sua mão na de David. Ele não tinha dito exatamente que isso era um encontro, mas ele também não tinha dito que não era. Ele preferia pensar que era. Apesar de sua hesitação em chamá-lo de namorado, ela não estava completamente certa que não era o que queria. O que mais ela poderia querer num rapaz? Ele era doce e paciente, esperto, divertido, e ele não fez nenhum segredo que adorava ela. Ela sorriu enquanto o seguia. Andar de mãos dadas poderia dar início a alguns rumores, mas ela não se importava. Enquanto ela andava todo mundo abria caminho para suas ‘asas’. Pessoas que nunca tinham falado com ela antes a procuravam para dizer quão legal sua fantasia era. Todo lugar que ela olhava as pessoas a estavam observando. Mas isso não a deixou nervosa essa noite. Ela sabia o que eles estavam vendo – ela tinha se visto no espelho mais cedo. Ela parecia mágica, não havia outra palavra para isso.

Uma música lenta começou por volta das onze e meia e David finalmente a chamou para sua primeira dança da noite. Ele tinha ficado parado a noite toda, conversando com seus amigos e observado ela a maior parte da noite enquanto vários outros garotos a convidavam pra dançar.

“Então me diga”, ele disse puxando-a pra perto, “Isso foi tão ruim?”

Ela sorriu para ele quando pôs seus braços em volta de seu pescoço. “Não totalmente. Você estava totalmente certo. ”

David riu. “Sobre o que?”

O sorriso permaneceu no rosto dela, mas suas palavras eram sérias. “Todo mundo pode me ver pelo que eu sou, e ninguém está com medo ou assustado. Ninguém está chamando cientistas excêntricos ou algo assim. Eles apenas acham que é legal.” Ela hesitou então completou, “Eu acho isso meio que legal”.

“Isso é legal. Isso é maravilhoso.” Ele sorriu. “Você é maravilhosa”.

O olhar de Laurel baixou até os ombros dele, mas um entorpecimento quente se espalhou através dela.

“Então como é ser uma fada?”

Laurel deu de ombros. “Não tão ruim. Claro, não seria como isso todo dia. ”

“Não, mas se você puder apenas se acostumar com a idéia, então talvez possa começar a pensar que é verdade. ”

Laurel olhou para ele em divertimento. “Você *quer* que seja verdade!”

“E se eu quiser?”

“Por quê?”

“Porque ser uma criatura mítica por associação é o mais perto que eu vou chegar a ser. ”

“O que você quer dizer? Você é o príncipe encantado. ”

“Sim, mas – você sabe – não realmente. Mas você? Laurel, eu acho que é verdade. E é maravilhoso. Quem mais é melhor amigo de uma fada? Ninguém!”

Laurel sorriu. “Eu sou realmente sua melhor amiga?”

Ele olhou para ela com olhos sérios. “Por agora”.

Ela se aproximou, deitou sua cabeça no ombro de David para a última metade da música. Quando terminou, ela o puxou mais pra perto para um abraço. “Obrigada”, ela sussurrou em seu ouvido.

Ele sorriu e ofereceu seu braço dramaticamente. “Podemos?”

Ele a guiou de volta para a mesa onde a maioria dos seus amigos estava sentada e Laurel se deixou cair em uma cadeira. “Eu tenho que dizer, eu estou totalmente exausta.”

David inclinou-se perto do ouvido dela. “O que você esperava? O sol se pôs há horas. Todas as boas fadas devem estar em casa, enfiadas em suas camas de flor.”

Laurel riu, então começou quando alguém deu tapinhas em seu ombro. Um aluno mais velho que ela reconheceu da escola estava parado ao lado dela. “Ei, isso caiu quando você parou de dançar. Eu pensei que você ia querer de volta.” Ele entregou uma longa pétala branca azulada a ela.

Laurel olhou de olhos arregalados para David. Após alguns segundos, David pegou a pétala. “Obrigado, cara.”

“Sem problema. Do que você a fez? Parece como uma pétala de flor verdadeira.”

“Isso é um segredo do ofício”, David disse com um sorriso.

“Bem, é realmente maravilhoso.”

“Obrigado.”

O aluno andou de volta para a multidão enquanto David colocava a pétala na mesa. Laurel estava estranhamente embaraçada de tê-la colocada lá onde todo mundo podia ver. Parecia íntimo – como se David tivesse colocado lá roupa de baixo. “Isso apenas caiu?” David perguntou, inclinando-se para perto novamente. “Você sentiu?”

Laurel chacoalhou a cabeça.

“Não poderia ter sido arrancada sem que você notasse, poderia?”

Laurel lembrou a dor excruciante quando ela tinha tentado arrancar uma das pétalas algumas semanas atrás. “De jeito nenhum”.

“Laurel,” David começou, tão baixo que ela mal pôde ouvi-lo, “isso não é o que Tamani disse que aconteceria?”

Laurel acenou rapidamente. “Eu não acreditei, eu não podia. Era tão bom para ser verdade”. Sua boca disse as palavras automaticamente, mas sua mente fixou numa questão óbvia. *Se ele estava certo sobre isso, estaria certo sobre eu ser uma fada?*

David olhou para o chão atrás dela por um segundo, então se abaixou e sentou-se novamente, segurando outras duas pétalas. Ele sorriu para o grupo e deu de ombros.

“Parece que minha criação está se despedaçando.”

“Tudo bem”, Chelsea disse. “O baile terminará em alguns minutos, de qualquer jeito.” Ela sorriu para Laurel. “Foi lindo enquanto durou.”

“David, nós podemos ir para fora e esperar por sua mãe?” Laurel perguntou desesperadamente.

“Claro. Vamos.”

Laurel freneticamente pegou as pétalas todo o caminho até a porta enquanto David a guiava pela multidão. Mas toda vez que alguém batia nela, mais pétalas caíam. Na hora que eles chegaram à porta da frente, apenas algumas pétalas se agarravam as suas costas, e seus braços estavam cheios delas. “Eu peguei todas?” - ela perguntou, procurando no chão perto dela.

“Eu acho que sim”.

Laurel suspirou e esfregou o rosto. E um monte de brilho polvilhou o chão. “Saco, eu esqueci”.

David riu e olhou para o seu relógio. “É meia-noite. Você vai perder um sapato também?”

Laurel revirou os olhos. “*Tãõ sem graça*”.

David apenas enfiou as mãos nos bolsos e sorriu.

“Como está?” Laurel perguntou, voltando as costas pra ele.

“Não posso dizer com a guirlanda em cima.”

“Bom.”

Ela parou por um longo tempo e olhou para os braços cheios de pétalas. Sua garganta secou quando ela olhou para David. “É verdade, não é?”

“O quê?”

Ela deu de ombros, mas se forçou a dizer. “Eu realmente sou uma fada, não sou?”

David apenas sorriu e acenou.

E por alguma razão, Laurel se sentiu melhor. Ela riu. “Whoa”, ela disse.

A mãe dele estacionou alguns minutos depois e eles entraram no banco de trás. “Oh, as asas se despedaçaram,” ela disse. “É uma boa coisa que eu já tenha tirado fotos.”

Laurel não disse nada enquanto se virava e pegava mais duas pétalas e as adicionava à pilha. Eles estacionaram na entrada da garagem de Laurel e David saiu para ajudar Laurel na porta, com seus braços cheios de pétalas. “Sobraram apenas cinco”, David disse, olhando as costas dela. “E aquelas provavelmente vão cair enquanto você estiver dormindo”.

“Ah! Isso se demorarem tanto.”

David parou. “Você está aliviada?”

Laurel pensou sobre isso por um minuto. “Mais ou menos. Eu estou feliz que não tenho que esconder mais nada - exceto a marca onde o calombo costumava estar. Eu ficarei feliz de usar camisetas sem mangas novamente. Mas...” Ela hesitou, juntando seus pensamentos.

“Alguma coisa mudou esta noite, David. Por algumas horas eu gostei da flor. Gostei muito, muito. Me senti especial e mágica.” Ela sorriu. “Você fez isso por mim. E... Eu estou muito feliz.”

“Lembre-se, você a terá de novo no próximo ano. Isso é o que Tamani disse, certo?”

A testa dela franziu ao som daquele nome.

“Nós podemos fazer disso uma tradição. Você pode deixar de se esconder e ser uma fada para todo mundo ver uma vez por ano.”

Ela acenou. Ela gostou da idéia mais do que poderia ter previsto antes dessa noite. “As outras garotas terão ciúmes”, ela avisou. “Elas irão querer que você faça asas para elas também”.

“Eu terei que dizer a elas que somente Laurel ganha asas. Elas não saberão quão verdadeiro isso é.”

“Você não acha que alguém vai descobrir?”

“Talvez. Sempre há alguém que secretamente acredita em mitos e lendas ou ao menos em partes deles. Essas são as pessoas que vão ver além do óbvio e verão coisas nesse mundo que são verdadeiramente maravilhosas.” Ele deu de ombros. “Mas eles não dirão nada e mesmo que digam... Porque o resto de nós, que veem o mundo como lógico e científico, nunca veremos a verdade, mesmo que esteja postada na Billboard. Eu sou sortudo que você

tenha me acertado na cabeça com isso, ou nunca teria visto você pelo que você realmente é.”

“Eu sou apenas eu, David”.

“Essa é a melhor parte”.

Antes que ela pudesse dizer algo, ele se inclinou e pressionou um beijo suave em sua testa, então se virou com um boa noite murmurado e se dirigiu para o carro.

Capítulo 13

Laurel olhou no espelho sobre os ombros para as suas costas nuas. Havia uma linha branca minúscula no meio – como uma cicatriz esquecida a muito – mas era dificilmente notável. Ela suspirou enquanto vestia uma camiseta sem mangas. Isso era tão melhor. A idéia de ser uma fada pareceu tão real na noite passada. Hoje, estava a milhas de distância. Ela examinou os ângulos do seu rosto no espelho do banheiro, meio que esperando que ele tivesse mudado.

“Eu sou uma fada”, ela sussurrou. Mas seu reflexo não respondeu.

Pareceu bobagem dizer isso. Ela não se sentia como uma fada – ela não se sentia nem um pouco diferente do que sempre fora. Ela se sentia normal. Mas não importava, ela sabia a verdade agora – e normal não era uma palavra que poderia descrever a vida dela novamente.

Ela precisava falar com Tamani.

Ela desceu as escadas na ponta dos pés e pegou o telefone, discando o número do celular de David. Apenas quando ele atendeu com uma voz grave ela pensou na hora. “O que?” Não havia como desligar agora – ela já tinha acordado ele. “Oi. Desculpe. Eu não pensei.” “O que você está fazendo de pé às seis da manhã?” ele perguntou sonolento.

“Humm... o sol nasceu.”

David bufou. “Claro.”

Laurel olhou para o quarto de seus pais com a porta entreaberta e deslizou dando a volta num canto entrando na despensa. “Você me cobriria hoje?” ela perguntou num meio-sussuro.

“Cobrir?”

“Posso falar para os meus pais que eu estou na sua casa?”

David soou mais alerta agora. “Para onde você está indo na verdade?”

“Eu tenho que ver Tamani, David. Ou ao menos, eu tenho que tentar.”

“Você está indo para a sua velha casa? Como você vai chegar até lá?”

“De ônibus. Eles terão algum descendo a 101 no domingo, você não acha?”

“Isso é como você vai chegar até Orick, mas quão longe disso é a sua casa?”

“Eu posso pôr a minha bicicleta na frente do ônibus. É apenas um quilômetro ou mais da parada de ônibus; não vai levar 10 minutos.”

David suspirou. “Eu queria ter minha licença.”

Laurel riu. Ele choramingava sobre isso frequentemente. “Mais duas semanas David. Você a terá.”

“Não é isso. Eu gostaria de ir com você.”

“Você não pode. Se Tamani souber que você está lá ele pode não aparecer. Ele não estava muito feliz com a idéia que eu tinha te contado a você sobre a flor em primeiro lugar.”

“Você disse isso a ele?”

Laurel enrolou o fio de telefone em volta da cintura. “Ele perguntou se eu tinha contado a alguém e eu apenas soltei. Ele é meio que diferente – persuasivo. É como se você não pudesse mentir pra ele.”

“Eu não gosto disso, Laurel. Ele pode ser perigoso.”

“Você é a pessoa que vem falando que ele está certo a semana toda. Ele diz que é igual a mim. Se ele disse a verdade sobre tudo mais, porque ele mentiria sobre isso?”

“E aquele cara Barnes? E se ele estiver lá?”

“Os papéis ainda não foram assinados. Nós ainda somos os donos.”

“Você tem certeza?”

“Sim. Minha mãe mencionou isso ainda ontem.”

David suspirou e a linha ficou silenciosa.

“Por favor? Eu tenho que ir. Eu *tenho* que descobrir mais.”

“Tudo bem, Uma condição – quando você voltar, você me conta o que ele disse.”

“Tudo que eu puder.”

“O que isso significa?”

“Eu não sei o que ele vai me dizer. E se houver algum grande segredo das fadas que eu não deva contar a ninguém sobre isso?”

“Tudo bem, tudo exceto o grande segredo do mundo se houver um. Certo?”

“Certo.”

“Laurel?”

“Sim?”

“Tenha cuidado. Tenha muito, muito cuidado.”

Após trancar sua bicicleta a uma pequena árvore, Laurel colocou sua mochila em um dos ombros. Ela passou a casa vazia, então hesitou na borda da linha de árvores onde várias trilhas serpenteavam dentro dos arbustos espessos e floresta. Ela decidiu pegar a trilha para o lugar onde Tamani a encontrou na última vez. Esse parecia ser o melhor plano de todos. Quando ela alcançou a grande rocha perto do afluente, Laurel olhou em volta. Sentada perto do lindo riacho a fez sentir-se calma e feliz; por um momento ela considerou apenas sentar lá por uma hora, então voltar pra casa se falar com Tamani de qualquer modo. Era tão desesperador conversar com ele.

Mas ela se forçou a não agir como uma banana, tomou um grande fôlego e gritou,

“Tamani?” Meio que ecoando nas rochas, sua voz pareceu ser absorvida pelas árvores, fazendo com que se sentisse muito pequena. “Tamani?” ela chamou novamente, um pouco mais suave dessa vez. “Você ainda está aqui? Eu quero conversar.” Ela fez uma volta em círculo, tentando olhar todo lugar de uma só vez. “Tam !”

“Ei.” A voz era de boas vindas, mas estranhamente hesitante.

Laurel se virou e quase deu de encontro com o peito de Tamani. Ela colocou as mãos sobre a boca para silenciar um grito. Era Tamani, mas ele parecia diferente de antes. Seus braços estavam nus, mas seus ombros e peito estavam cobertos com o que parecia uma armadura feita de casca de árvore e folhas. Uma longa lança despontava sobre seu ombro, sua ponta de pedra afiada como uma navalha. Ele estava tão deslumbrante quanto antes, mas tinha

um ar de intimidação a sua volta como uma névoa espessa.

Tamani a olhou por um longo tempo e, embora ela tentasse, Laurel não podia afastar o olhar. O lado de sua boca se levantou em um meio-sorriso e ele puxou a estranha armadura sobre a cabeça, desfazendo o seu ar de intimidação. “Desculpe pela roupa”, ele disse, guardando a armadura atrás de uma árvore. “Nós estamos em alerta máximo hoje.” Ele se endireitou e sorriu hesitantemente. “Eu estou feliz que tenha voltado. Eu não tinha certeza que voltaria.” Sob a armadura ele estava vestido todo em verde escuro – uma camisa justa com uma manga três - quartos e o mesmo estilo de calças folgadas que ele estava usando a última vez. “E você veio sozinha”. Não era uma pergunta.

“Como você sabe?”

Tamani riu, seus olhos faiscando. “Que tipo de sentinela eu seria se eu não soubesse quantas pessoas invadem minha turfa?”

“Uma sentinela?”

“Certo”. Ele a estava guiando pela trilha agora, em direção a clareira onde tinham conversado da última vez.

“O que você guarda?” ela perguntou.

Ele se voltou com um sorriso e tocou a ponta do nariz dela. “Algo muito, muito especial.”

Laurel tentou recuperar o fôlego e apenas conseguiu. “Eu vim para... Humm... Para me desculpar”, ela gaguejou.

“Pelo o quê?” Tamani perguntou, não diminuindo o passo.

Ele está gracejando, ou ele realmente não se importou? “Eu exagerei na última vez”, ela disse, não conseguindo andar ao lado dele. “Eu já estava assustada com tudo o que estava acontecendo, e as coisas que você me disse foram a gota d’água. Mas eu não devia ter explodido com você daquele jeito. Então me desculpe.”

Eles deram mais alguns passos. “E...?” Tamani incitou.

“E o quê?” Laurel perguntou, seu peito se apertando quando os olhos verdes dele a estudavam.

“E tudo que eu disse era verdade, e agora você está aqui pra aprender mais”. Ele parou abruptamente. “É por isso que você está aqui certo?” Ele se apoiou numa árvore e olhou pra ela divertidamente.

Ela acenou, incapaz de falar. Ela nunca tinha se sentido tão desajeitada. Por que ele era tão completamente prenda-língua? Ela não conseguia pensar ou falar perto dele. Ele, por outro lado, parecia perfeitamente confortável com ela.

Tamani afundou graciosamente no chão, e Laurel percebeu que eles tinham alcançado a clareira. Ele gesticulou para um lugar, alguns metros distantes. “Sente-se”. “Claro, você pode sentar ao meu lado se preferir.”

Laurel pigarreou e sentou-se de frente pra ele.

“Eu ainda não sou tão sortudo, né?” Ele entrelaçou seus dedos atrás da cabeça. “Ainda há tempo. Então,” ele disse quando ela se estabeleceu, “suas pétalas murcharam”.

Laurel acenou. “Noite passada.”

“Aliviada?”

“Principalmente”.

“E você está aqui para descobrir mais sobre ser uma fada, certo?”

Laurel estava embaraçada por ser tão transparente, mas ele estava certo e não havia nada a

fazer a não ser admitir.

“Eu não acredito que tenha muito a dizer-lhe – você sobreviveu doze anos por conta própria; você não precisa de mim para te advertir pra não comer sal.”

“Eu fiz alguma pesquisa”, Laurel disse.

Tamani riu baixinho. “Isso deve ser bom”.

“O que?”

“É só que os humanos nunca acertam.”

“Eu notei”. Após um momento de hesitação ela perguntou. “Você não tem nenhuma asa escondida sob essa camisa em algum lugar, tem?”

“Você quer checar?” As mãos dele foram para o final de sua camisa.

“Tá tudo bem”, Laurel disse rapidamente.

Tamani ficou sério agora. “Não há asas, Laurel. Em ninguém. Algumas flores assemelham-se a asas, da mesma forma que algumas flores se assemelham a borboletas - a sua flor era muito parecida com asas, na verdade. Mas elas são somente flores – como você descobriu.”

“Porque as histórias são tão erradas?”

“Eu acho que os humanos são apenas bons em interpretar errado o que vêem.”

“Eu nunca li *nada* sobre fadas sendo plantas. E acredite em mim, eu procurei”, ela disse.

“Humanos gostam de contar histórias sobre outros humanos, mas sobre aqueles com asas ou cascos ou varinhas mágicas. Não sobre plantas. Não sobre algo que eles não são e nunca poderão esperar ser.” Tamani deu de ombros. “E os humanos se parecem tanto com a gente, eu acho que isso é uma suposição razoável.”

“Mas ainda. Eles estão *muito* por fora. Eu não tenho asas. E eu certamente não tenho magia.”

“Não tem?” Tamani disse com um sorriso.

Os olhos de Laurel se arregalaram. “Tenho?”

“Claro”.

Tamani riu do entusiasmo de Laurel.

“Então há magia? Magia real? Não é somente tudo científico como David diz?”

Tamani revirou os olhos. “David de novo?”

Laurel se eriçou. “Ele é meu amigo. Meu melhor amigo.”

“Não seu namorado?”

“Não. Quero dizer... Não.”

Tamani a encarou por vários segundos. “Então o lugar está vago?”

Laurel revirou os olhos. “Nós não estamos tendo essa conversa.”

Ele olhou incisivamente para ela um pouco mais, mas ela se recusou a encontrar seus olhos.

Ele olhou pra ela tão possessivamente, como se ela fosse uma amante que ele já tivesse ganhado e estivesse apenas esperando que ela percebesse isso.

“Me conte sobre a magia”, ela disse, mudando de assunto. “Você pode voar?”

“Não. Como as asas isso é apenas folclore.”

“O que você pode fazer?”

“Você não está curiosa sobre o que você pode fazer?”

“Eu posso fazer mágica?”

“Absolutamente. Você pode fazer mágica muito poderosa. Você é uma fada de Outono.”

“O que isso significa?”

“Há quatro tipos de fadas; Primavera, Verão – “

“Outono e Inverno?”

“Sim.”

“Por que eu sou uma fada de Outono?”

“Porque você nasceu no outono. É por isso que você floresce no outono.”

“Isso não soa muito mágico,” Laurel disse, um pouco desapontada. “Isso soa como ciência.”

“E é. Nem tudo na nossa vida é mágico. Na verdade, fadas são muito normais, na maior parte.”

“Então e sobre a mágica?”

“Bem, cada tipo de fada tem seu próprio tipo de magia.” Sua face tomou um ar de reverência. “Fadas de Inverno são as mais poderosas de todas as fadas, e as mais raras. Apenas duas ou três são produzidas em uma geração inteira, frequentemente menos. Nossos governantes são sempre fadas de Inverno. Elas têm domínio sobre as plantas. Todas elas. Uma árvore de pau-brasil madura se curvaria no meio se uma fada de Inverno pedisse”.

“Isso soa como se elas pudessem fazer quase tudo.”

“Às vezes eu acho que podem. Mas fadas de Inverno, sobretudo guardam suas habilidades – e suas limitações – para si mesmas, passando-as através das gerações. Alguns dizem que o maior dom das fadas de Inverno é a sua habilidade em manter um segredo.”

“Então o que fadas de Outono fazem?” Laurel perguntou impacientemente.

“Fadas de Outono são as próximas mais poderosas, e como as fadas de Inverno, mais raras. Fadas de Outono fazem coisas.”

“Que tipo de coisas?”

“Coisas de outras plantas. Elixires, poções, cataplasmas. Esse tipo de coisa.”

Isso não soava muito mágico definitivamente. “Então, eu sou como uma cozinheira? Eu misturo coisas?”

Tamani chacoalhou a cabeça. “Você não entende. Não é o fato de simplesmente misturar coisas – senão qualquer um poderia fazer. Fadas de Outono tem um sentido mágico pra plantas e podem usá-las para o benefício do reino. Me dê cada livro já escrito sobre tônicos e eu ainda não conseguirei fazer nem mesmo uma mistura pra parar um fungo. Isso é mágica, mesmo se parecer sensato.”

“É que apenas não *soa* como mágica, só isso.”

“Mas é. Fadas de Outono tem diferentes especialidades. Elas fazem poções e elixires pra fazer todos os tipos de coisas – como criar uma névoa pra confundir invasores ou fazem uma toxina para fazê-los dormir. Fadas de Outono são cruciais para a sobrevivência das fadas como espécie. Elas são muito, muito importantes.”

“Eu acho que isso é legal.” Mas Laurel não estava inteiramente convencida. Soava como química pra ela, se as suas aulas de biologia eram um tipo de indicador, ela não seria boa nisso.

“O que as fadas de Verão fazem?”

Tamani sorriu. “Fadas de Verão são flamejantes”, ele disse, retomando o seu tom de conversa. “Como flores de verão. Elas criam ilusões e os mais incríveis fogos de artifício. O tipo de coisa que os humanos tipicamente acham que é mágica.”

Laurel não pôde evitar pensar que ser uma fada do Verão soava muito mais divertido do que ser uma fada do Outono.

“Você é uma fada do Verão?”

“Não”. Tamani hesitou. “Eu sou apenas uma fada da Primavera.”

“Por que apenas?”

Tamani deu de ombros. “Fadas da Primavera são as menos poderosas de todas as fadas. É por isso que eu sou uma sentinela. Trabalho manual. Eu não preciso de muita mágica pra isso.”

“O que você pode fazer?”

Tamani olhou pra longe. “Se eu te disser, você tem que prometer que não vai ficar brava.”

“Por que eu ficaria brava?”

“Porque eu usei em você da última vez que você esteve aqui.”

Capítulo 14

“Fez o quê?” A voz de Laurel aumentou.

“Você tem que prometer não ficar brava.”

“Você lançou algum tipo de feitiço em mim e agora você espera que eu só sorria e diga que está tudo bem?” Bem, não está!”

“Olhe, nem mesmo funcionou muito bem... Nunca funciona com outras fadas.”

Laurel cruzou os braços. “Apenas me conte.”

Tamani se apoiou novamente em sua árvore. “Eu seduzi você”.

“Me seduziu?”

“Eu te seduzi a me seguir até aqui.”

“Por que você faria isso?”

“Você tinha que ouvir o suficiente pra ouvir a verdade.”

“Então... O quê? Você jogou pó de fada em meus olhos?”

“Não, isso é ridículo,” Tamani disse. “Eu te disse – magia de fada real não tem muito a ver com o que você está pensando. Não há pó mágico pra te fazer voar, nem varinhas mágicas pra se acenar, nem nuvens de fumaça. São apenas coisas que nós podemos fazer que nos ajudam em nossos papéis na vida.”

“Como *seduzir* ajuda você a ser uma sentinela?” a voz de Laurel pingando sarcasmo, mas Tamani continuou explicando como se não tivesse notado.

“Pense nisso. Eu posso afugentar um intruso com a minha lança, mas o que de bom isso faria? Ele apenas correria pra contar aos amigos o que tinha acontecido, então eles voltariam procurando por nós.” Tamani estendeu a mão em sua frente. “Ao invés disso, eu seduzo ele para longe, dou a ele um elixir de memória, e o mando embora. Nunca ouviu sobre fogo-fátuo?”

“Claro.”

“Isso somos nós. Depois que um humano bebe o elixir, tudo que se lembram de todo incidente é seguir uma luz brilhante. É pacífico desta forma. Ninguém se machuca.”

“Mas eu não esqueci você.”

“Eu não te dei um elixir, dei?”

“Você ainda assim usou sua mágica em mim.” Ela recusou-se a desistir tão facilmente.

“Eu tive que usar. Você teria me seguido se eu não tivesse usado?”

Laurel balançou a cabeça, mas em sua mente ela sabia que não era totalmente verdade. Ela poderia ter seguido Tamani pra qualquer lugar.

“Além disso, como eu disse, não funciona muito bem em outras fadas – e não funciona definitivamente se eles souberem o que está acontecendo. Você se libertou muito facilmente quando pensou sobre isso.” O meio sorriso voltou.

“E hoje?” Laurel perguntou antes que o sorriso pudesse hipnotizá-la.

“Você está com medo que eu use em você novamente?” ele perguntou com um sorriso.

“Meio que.”

“Não. Todo esse charme e carisma vêm naturalmente.” O sorriso dele foi confiante agora. Arrogante.

“Prometa que você não vai testar isso em mim novamente.”

“Isso é fácil. Agora que você já sabe, não funcionaria se eu tentasse. E eu não tentarei”, ele adicionou. “Eu gosto mais quando eu posso enfeitiçá-la *sem* minha mágica.”

Laurel escondeu seu sorriso e sentou-se novamente esperando que o sentimento reconfortante em volta dela se derretesse.

Não derreteu.

Ela enrugou as sobrancelhas. “Pare com isso. Você prometeu.”

Os olhos de Tamani se arregalaram em confusão. “Parar o quê?”

“Essa coisa de seduzir. Você ainda está fazendo.”

A expressão de confusão de Tamani foi substituída por um sorriso caloroso. A satisfação pairou em volta de seus olhos. “Não sou eu.”

Laurel olhou para ele.

“É a magia do reino. Escoa do mundo das fadas. Ajuda as sentinelas a se sentirem em casa quando não podemos estar”. O sorriso dele foi calmo e sereno agora, e um traço de satisfação pairava ao redor dos olhos dele. “Você sentiu isso antes – eu sei que sentiu. É por isso que você ama tanto esse pedaço de terra. Mas agora que você sabe o que você é e que floresceu pela primeira vez, será mais forte”. Ele se curvou para frente, seu nariz a meras polegadas dos dela. A sua respiração ficou presa no peito e a proximidade dele fez com seu corpo todo se sentisse mole. “É o reino chamando você pra casa, Laurel.”

Laurel arrancou seus olhos das profundezas infinitas do olhar de Tamani e se concentrou no que estava sentindo. Ela olhou para a folhagem em volta de se e o sentimento se intensificou. A agradável sensação parecia emanar das árvores e o ar reverberava com isso.

“Isso é mágica de verdade?” Ela perguntou sem ar, sabendo que não poderia ser outra coisa.

“Claro.”

“Não é você?”

Tamani riu suavemente, não escarnecendo. “É uma mágica muito maior que uma humilde fada de Primavera poderia mesmo se aventurar.”

Ela encontrou seus olhos por um momento não conseguindo afastar o olhar. Os olhos verdes brilhantes dele se mantendo nos dela. Ele parecia principalmente humano, mas havia algo – ela não conseguia saber o que – parecia indicar que ele era muito mais do que

aparentava ser. “A maioria das fadas é como você?” ela perguntou baixinho. Ele piscou, e ela conseguiu afastar o olhar. “Isso depende do que você quer dizer”, ele disse. “Se você está se referindo ao meu charme e perspicácia, não - Eu sou tão charmoso quanto elas. Se você quer dizer minha aparência...” Ele parou para olhar pra baixo e dar uma olhada em si mesmo. “Eu acho que eu sou relativamente normal. Nada realmente especial.”

Laurel poderia ter discutido sobre isso. Ele tinha o tipo de rosto que mesmo estrelas de cinema apenas tem com retoques. Mas se ele estivesse certo, talvez todas as fadas se parecessem com ele.

Com um estalo Laurel se perguntou se ela se parecia dessa forma para os seus observadores. Seu rosto parecia normal para ela, mas então, ela tinha se visto no espelho todo dia em toda a sua vida.

Ela se perguntou brevemente se o que ela via quando olhava para Tamani era o que David via quando olhava para ela.

O pensamento a deixou um pouco desconfortável. Ela pigarreou e começou a cavar em sua mochila para encobri-lo. Ela tirou uma lata de soda da sua mochila. “Quer uma? Ela perguntou distraidamente enquanto abria a lata.

“O que é isso?”

“Sprite.”

Tamani riu. “Sprite? Você está brincando.”

Laurel revirou os olhos. “Você quer uma ou não?”

“Claro.”

Ela mostrou a ele como abrir a lata e ele tentou várias vezes. “Huh, isso não é aquela coisa.”

Ele a examinou por alguns segundos. “Isso é aquela coisa que você está sempre bebendo?”

“É uma das poucas coisas que eu gosto.”

“Não é surpresa seu cabelo e olhos serem quase sem cor.”

“E?”

“Você nunca se perguntou por que os meus não são?”

“Eu... Acho que eu me perguntei sobre o seu cabelo.” *Isso era um eufemismo.*

“Eu como muitas coisas verdes escuras. O musgo lá em baixo no rio, principalmente.”

“Eww.”

“Não, é bom. Você está apenas apegada a ideais humanos. Eu aposto que você gostaria se experimentasse”.

“Não, obrigada.”

“Faça como quiser. Você é bonita o suficiente como é.”

Ela sorriu timidamente enquanto ele levantava sua lata na direção dela antes de sorver.

“Eu como pêssegos”, ela disse de repente.

Tamani acenou. “Eles são gostosos, eu acho. Eu não gosto muito de doces, pessoalmente.”

“Esse não é o ponto. Por que eu não fico laranja?”

“O que mais você come?”

“Morangos, alface e espinafre. Maçãs algumas vezes. Frutas e legumes básicos.”

“Você come uma variedade, então seu cabelo e olhos não pegam uma determinada cor; eles apenas ficam claros.” Ele deu um sorriso bobo. “Tente não comer nada além de morangos por uma semana – isso dará a sua mãe um susto.”

“Eu me tornaria vermelha?” Laurel perguntou horrorizada.

“Não você inteira”, Tamani disse. “Apenas seus olhos e as raízes dos seus cabelos. Como o meu. Voltar pra casa é uma coisa da moda. Azul, rosa, roxo. É divertido.”

“Isso é tão estranho”.

“Por quê? A metade das histórias dos humanos não diz que temos pele verde? Isso é muito mais estranho.”

“Talvez”. Laurel se lembrou de algo da última vez que ela tinha encontrado Tamani. “Você disse que não há pó mágico, certo?”

Tamani inclinou um pouco seu queixo, aparentemente em concordância, mas seu rosto era indecifrável.

“Da última vez que eu estive aqui, você agarrou meu pulso e mais tarde havia um pó brilhante nele. O que era aquilo, se não pó mágico?”

Agora Tamani fez uma careta. “Desculpe-me sobre isso; Eu deveria ter sido mais cuidadoso.”

“Por que, era perigoso?”

Tamani riu. “Difícilmente. Era apenas pólen.”

“Pólen?”

“Sim, você sabe.” Ele estudou suas mãos como se elas de repente tivessem se tornado muito interessantes. “Para... Polinização.”

“Polinização?” Laurel começou a rir, mas Tamani não pareceu como se estivesse contando uma piada.

“Por que você acha que floresceu? Isso não é só pra olhar. Embora a sua estivesse muito atrativa.”

“Oh.” Laurel ficou quieta por alguns momentos. “Polinização é como as flores se reproduzem.”

“É como nos reproduzimos também.”

“Então você poderia ter... Me polinizado?”

“Eu nunca faria isso, Laurel.” Seu rosto mortalmente sério.

“Mas você poderia?” Laurel pressionou.

Tamani falou devagar, escolhendo suas palavras com grande cuidado. “Tecnicamente, sim.”

“Então o quê? Eu teria um bebê?”

“Uma muda, sim.”

“Cresceria nas minhas costas?”

“Não, não. Fadas crescem em flores. Essa é uma coisa que geralmente as histórias humanas acertam. A... Fêmea... é polinizada pelo macho e quando suas pétalas caem, ela é deixada com uma semente. Ela planta e quando a flor floresce, você tem uma muda.”

“Como você... Nós... Você sabe, *fadas* polinizam?”

“O macho produz pólen em suas mãos e quando duas fadas decidem polinizar o macho penetra na flor da fêmea e deixa o pólen misturar. Isso é um processo delicado.”

“Não soa muito romântico.”

“Não há nada de romântico sobre isso definitivamente”, Tamani respondeu, um sorriso confiante se espalhando pelo seu rosto. “Isso é pra que serve o sexo.”

“Vocês ainda...?” Ela deixou a questão pendurada.

“Claro.”

“Mas fadas não engravidam?”

“Eu posso ver o pólen?” Laurel perguntou, estendendo suas mãos para as dele. Tamani afastou suas mãos instintivamente. “Eu não tenho nenhum agora – você não está mais florida. Nós apenas produzimos pólen quando estamos perto de uma fêmea que está em florescência. Isso que eu esqueci e deixei um pouco em seu pulso. Eu não tinha estado perto de uma fêmea com uma flor há muito tempo.”

“Por que não?”

“Eu sou uma sentinela. Há sempre outras sentinelas, mas todas aqui são machos. E eu não vou pra casa tão frequentemente.”

“Soa solitário.”

“Às vezes.” Olhou para ela novamente e algo mudou em seus olhos. Ele estava de guarda baixa e Laurel viu uma profunda e pesarosa tristeza neles. Quase machucava olhar, mas ela não se virou. Então, tão rápida quanto veio, se foi – substituída por um sorriso carinhoso. “Era mais divertido quando você estava aqui. Você me colocou em grandes problemas, aliás.”

“O que eu fiz?”

“Você desapareceu.” Tamani riu e balançou a cabeça. “Cara, nós estamos felizes que tenha voltado. Quando você –“

“Quem é ‘nós’?”

“Você não achou que eu era a única fada aqui, achou?”

Laurel brincou com um fio de cabelo que se soltou de seu rabo de cavalo. “Meio que, sim.”

“Você não nos verá, a menos que nós deixemos.”

Apesar do que Tamani tinha dito, Laurel olhou para as árvores. “Quantos?” Ela perguntou, pensando se ela estava rodeada por legiões de fadas invisíveis.

“Depende. Shar e eu estamos quase sempre aqui. Outros dez ou quinze usualmente fazem rodízio por seis meses ou um ano de cada vez.”

“Há quanto tempo você está aqui?”

Ele olhou para ela por vários segundos silenciosos com uma expressão ilegível. “Muito tempo”, ele finalmente disse.

“Por que você está aqui?”

Ele sorriu. “Pra vigiar você. Bem, até o seu número de desaparecimento.”

“Você estava aqui para *me* vigiar? Por quê?”

“Pra ajudar a protegê-la. Ter certeza que ninguém descobriria o que você é.”

Laurel lembrou algo da sua pesquisa. “Eu sou um... Uma criança trocada?”

Tamani hesitou por um segundo. No sentido mais superficial da palavra, sim. Exceto que nós não roubamos ninguém e colocamos você no lugar. Eu prefiro pensar em você como um enxerto. ”

“O que é um enxerto?”

“É uma planta que foi tirada de uma planta e foi enxertada em outra. Você foi tirada do nosso mundo e colocada no mundo dos humanos. Um enxerto. ”

“Mas por quê? Existem muitos... Enxertos?”

“Não. No momento, há apenas você. ”

“Por que eu?”

Ele se inclinou um pouco pra frente. “Eu não posso lhe contar tudo e você tem que respeitar

isso, mas eu direi o que puder, oK?”

Laurel acenou.

“Você foi colocada aqui há doze anos para se integrar com o mundo humano. ”

Laurel revirou os olhos. “Eu deveria ter sabido. Quem mais poderia ter me colocado numa cesta no alpendre de alguém?” Os olhos dela se arregalaram quando Tamani riu. “Você fez isso?”

Ele riu mais agora, jogando a cabeça pra trás em seu divertimento. “Não, não. Eu era muito novo. Mas quando que me integrei às sentinelas aqui, eu me inteirei da sua vida toda. ”

Laurel não tinha certeza de ter gostado daquela idéia. “Minha vida toda?”

“Sim”.

Ela estreitou os olhos. “Você me espionou?”

“Não é exatamente espionar. Nós estávamos ajudando. ”

“Ajudando... Certo.” Ela cruzou os braços no peito.

“De verdade. Nós tivemos que manter seus pais longe de descobrir o que você é. ”

“Isso soa como um plano mal costurado.” Seu tom se tornou sarcástico. “Humm, como nós deveríamos manter esses dois humanos longe de descobrir sobre as fadas. Oh, eu sei, vamos colocar uma em sua porta. ”

“Não foi assim. Nós precisamos deles pra ter uma criança fada. ”

“Por quê?”

Tamani hesitou, então franziu os lábios.

“Ótimo, Senhor eu-te-contarei-mas-então-terei-que-matá-la. Por que vocês não me mandaram embora daqui como um bebê?” ela riu desajeitadamente. “Confie em mim, eu teria cabido melhor na cesta se eu não tivesse três anos.”

Tamani não sorriu dessa vez. “Na verdade, você era uma pouco mais velha que isso.”

“O que você quer dizer?”

“Fadas não crescem da mesma forma que os humanos. Elas nunca são bebês realmente. Quero dizer, elas se parecem muito com bebês humanos quando florescem pela primeira vez, mas bebês fadas nunca são desamparados da forma que os humanos são. Eles nascem sabendo como andar e falar e mentalmente eles são equivalentes a...” Ele considerou por um momento. “Talvez uma criança de uns cinco anos.”

“Jura?”

“Sim. Então eles crescem um pouco mais devagar fisicamente, e na época que uma fada aparenta ter três ou quatro anos, ela tem na verdade sete ou oito... e mentalmente elas agem como se tivessem onze ou doze. ”

“Isso é estranho.”

“Você tem que lembrar que nós somos plantas. Nutrir jovens desamparados é o que animais fazem. Não plantas. Plantas produzem mudas e estas mudas crescem por si mesmas. Elas não precisam de ajuda. ”

“E aí, fadas nem mesmo tem pais? Eu não tenho pais fadas em algum lugar?”

Tamani mordeu seu lábio e olhou para o chão. “As coisas são muito diferentes no reino das fadas. Não há muito tempo para ser uma criança e nem fadas adultas o suficiente pra somente sentar e observar as crianças brincarem. Todo mundo tem um papel e um propósito, e eles começam a lidar com esse papel muito cedo. Nós crescemos rápido. Eu tenho sido uma sentinela desde os quatorze. Eu era um pouco jovem, mas apenas por um

ano ou dois, A maioria das fadas está praticando sua profissão e vivendo sozinhos aos quinze ou dezesseis. ”

“Isso não soa muito divertido.”

“Diversão não é realmente o ponto.”

“Se você diz. Então, eu não podia ir como um bebê porque eu podia andar e falar. Certo?”

Ele suspirou, e por um momento Laurel pensou que ele não iria contar para ela. Então ele pareceu mudar de idéia. “Você tinha 7 anos.”

“Sete?” A idéia foi um pouco chocante. “Por que eu não me lembro de nada?”

Tamani se inclinou para frente, seus cotovelos apoiados nas coxas. “Laurel, mesmo que você não se lembre, você concordou com tudo isso.”

“Tudo o que?”

“Tudo. Vir aqui, executar o seu papel, viver com os humanos, tudo isso. Você foi selecionada para isso há muito tempo e concordou em ir. ”

“Por que eu não me lembro?”

“Eu te contei que posso fazer os humanos se esquecerem que me viram, certo?”

Ela acenou.

“Foi isso que eles fizeram com você. Uma vez que você estava na idade em que poderia passar por uma criança humana, eles fizeram você esquecer sua vida de fada. ”

“Tipo, com uma poção ou algo assim?”

“Sim”.

Laurel sentou-se atordoada. “Eles me fizeram esquecer sete anos da minha vida?”

Tamani acenou solenemente.

“Eu... Eu não sei o que dizer. ”

Eles ficaram sentados em silêncio por vários minutos enquanto Laurel tentava compreender o que isso significava pra ela. Ela começou a contar os anos que Tamani disse que ela tinha perdido. “Eu tenho dezenove?” ela perguntou assombrada.

“Tecnicamente, sim. Mas você ainda é como uma humana de quinze anos. ”

“Quantos anos você tem?” ela perguntou, a raiva pesada em sua voz. “Quinze?”

“Vinte e um”, Tamani disse baixinho. “Nós temos quase a mesma idade.”

“Então eles apenas me fizeram esquecer tudo?”

Tamani deu de ombros, seu rosto tenso.

O forte controle que Laurel mantinha sobre o seu temperamento se perdeu. “Vocês nem mesmo pensaram sobre isso? Um milhão de coisas poderia ter dado errado. E se meus pais não me quisessem? E se eles descobrissem que eu não tenho um coração, ou sangue, ou que eu mal tenho que respirar? Você sabe com o que a maioria das pessoas alimenta crianças de três anos? Leite, biscoitos, cachorro-quente! Eu poderia ter morrido!”

Tamani chacoalhou a cabeça. “Por quem você nos toma? Amadores? Raramente houve ocasiões em sua vida que você não teve no mínimo cinco fadas a observando, garantindo que tudo estava indo suavemente. E não é como essa coisa de comida fosse um problema. É por isso que você foi selecionada em primeiro lugar. ”

“Eu não esqueci o que eu deveria comer?”

“Essa é a coisa legal sobre fadas de Outono. Parte da magia delas é saber intrinsecamente o que é bom ou ruim para elas mesmas assim como para outras fadas. Elas têm que saber a fim de preparar seus elixires. Nós sabíamos que você não comeria algo ruim pra você por

vontade própria. A única coisa que tínhamos que vigiar era pra que seus pais não forçassem você a comer. O que eles nunca fizeram”, ele disse antes que ela pudesse perguntar. “Nós tínhamos tudo completamente sob controle. Bem,” ele adicionou relutantemente, “até você ir embora.”

“Até eu ir embora? Se vocês estavam me observando tão de perto, vocês deveriam ter sabido que nós estávamos nos mudando. ”

“Nós paramos de observar você tão de perto há alguns anos atrás. Eu insisti. Eu estou... Meio que encarregado de você agora. Você não era mais uma criança. Em termos de idade de fada, você era mais que um adulto. Os sinais de você ser uma fada não eram tão óbvios. Você não caía muito frequentemente, e seus pais estavam acostumados com os seus hábitos alimentares. Eu senti que você merecia um pouco mais de liberdade. Eu pensei que você apreciaria”, ele adicionou amorosamente.

“Eu provavelmente teria se tivesse sabido”, Laurel admitiu.

Tamani suspirou. “Mas eu me afastei demais e nós perdemos totalmente a sua mudança até que os carregadores apareceram. Eu quis ir ao extremo e parar tudo imediatamente. Dopar os carregadores, trazer você de volta para o reino, mandar todo o projeto por água abaixo. Mas... Vamos apenas dizer que eu fui voto vencido. Então vocês e seus pais se foram no carro e então você se... Foi.” Ele riu sem humor. “Cara, eu me meti em problemas.”

“Eu sinto muito.”

“Tudo bem. Você voltou. Tudo está bem agora. ”

Ela olhou para ele cautelosamente. “Você vai me seguir até em casa e se mudar para o meu jardim já que você aparentemente gosta de me observar bastante?”

Ele riu. “Não. Nós estamos bem aqui, obrigado. Nós estávamos principalmente preocupados com a sua floração e tendo problemas maiores com isso. Por sorte, você conseguiu lidar bem com tudo. ”

“Então eu vou morar lá e vocês vão somente continuar vivendo aqui?”

“Por enquanto. ”

“Então qual foi o motivo pra eu ser um... Um enxerto? Eu fui somente um experimento?”

“Não. Definitivamente não.” Tamani soltou um suspiro alto e exasperado, então olhou em volta da clareira rapidamente. “O motivo para mandar você aqui foi para ajudar a proteger essa terra. É... Um lugar importante para as fadas. É imperativo que alguém que entenda tenha a posse da terra. Esta é a principal questão de você ter sido colocada com eles. Quando a mãe da sua mãe morreu, sua mãe se tornou muito amarga e imediatamente pôs este lugar à venda. Ela tinha dezenove anos e eu acho que essa terra continha muitas lembranças. ”

“Ela me contou isso. ”

Tamani acenou. “As coisas melhoraram quando ela se casou com seu pai, mas ela nunca parou de tentar vender. Foi aí que o Seelie Court surgiu com a idéia de colocar você na família dela. Funcionou muito melhor do que eles esperavam. Após sua mãe ter realmente se ligado a você, ela parou de tentar vender. Alguns compradores ocasionais apareciam de vez em quando, essa parte do nosso trabalho foi fácil. Parece ser muito todas as encostas agora.” Tamani recostou com as mãos esticadas atrás da cabeça. “Nós apenas sentamos e esperamos você herdar tudo.”

Laurel olhou para suas mãos. “E se eu não herdar? E se – e se meus pais venderem?”

“Eles não podem vender”, ele disse normalmente.

A cabeça de Laurel se voltou com um movimento brusco. “Por que não?”

Tamani sorriu astutamente. “Você não pode vender uma casa que ninguém lembra que existe.”

“Huh?”

“Ter nos visto não é a única coisa que podemos fazer os humanos esqueceram.”

Os olhos de Laurel se arregalaram quando ela entendeu. “Você os tem sabotado! Vocês fizeram as pessoas esquecerem que tinham visto a casa.”

“Nós tivemos que fazer.”

“E os avaliadores?”

“Confie em mim, seria muito tentador se sua mãe descobrisse o quanto vale essa terra.”

“Então vocês os fizeram esquecer também?”

“Foi necessário, Laurel. acredite em mim.”

“Hum... Não funcionou”, Laurel disse baixinho.

O rosto de Tamani se tornou desconfiado. “O que você quer dizer?” ele perguntou num tom baixo e sério.

“Minha mãe está vendendo a terra.”

“Pra quem? Ninguém veio olhar. Nós teríamos cuidado disso.”

“Eu não sei; um cara que meu pai conheceu em Brookings.”

Tamani se inclinou para frente. “Laurel, isso é muito importante. Você não *pode* deixá-la vender.”

“Por que não?”

“Pra começar, porque eu moro aqui. Eu realmente não apreciaria ser um sem-teto. Mas...” -

Ele deu uma olhada em volta e rosou frustrado. “Eu não posso explicar tudo agora, mas você *não* pode deixá-la vender. Aconteça o que acontecer, você precisa falar com ela quando chegar em casa e fazer o que for preciso para convencê-la a dizer não pra esse cara.”

“Hum, isso pode ser um problema.”

“Por que?”

“A oferta já foi aceita. Eles estão elaborando os papéis para serem assinados em breve.”

“Oh, não”. Tamani tirou o cabelo da testa. “Isso é ruim, isso é muito ruim. Shar vai me matar”. Ele suspirou. “Você pode fazer algo sobre isso?”

“Isso não é minha decisão na verdade”, Laurel disse. “Eu não posso dizer a eles o que fazer.”

“Eu estou apenas pedindo pra você tentar. Diga... *Alguma coisa*. Nós tentaremos pensar em algo por aqui também. Se você soubesse o quão importante essa terra é para o reino, você não dormiria até que estivesse em segurança. Eu não sei se *eu* serei capaz de dormir até você voltar e me dizer que está segura.”

“Por quê?”

Ele soltou um suspiro em um chiado exasperado. “Eu não posso dizer – é proibido.”

“Proibido? Eu sou uma fada, não sou?”

“Você não entende, Laurel. Você não pode saber tudo só porque você é uma de nós – não ainda. Mesmo no reino, fadas jovens não têm permissão para entrar no mundo humano, até terem provado sua lealdade – se assim forem. Você está me pedindo pra revelar um dos

maiores segredos da nossa espécie. Você não pode esperar isso de mim. ”

Vários segundos passaram em silêncio. “Eu farei o que puder”, Laurel finalmente disse.

“Isso é tudo que eu estou pedindo.”

Ela forçou um sorriso. “Meus pais vão pensar que eu sou louca.”

“Isso está bem pra mim.”

Laurel olhou para ele por alguns segundos antes de se inclinar e beijar o ombro dele.

Tamani apenas riu.

Então ele se firmou e olhou para ela. Hesitantemente, ele deslizou para perto e deixou seus dedos correrem pelos braços nus dela. “Eu estou feliz que você veio hoje”, ele disse. “Eu senti sua falta.”

“Eu... Eu acho que também senti sua falta. ”

“Jura? A esperança brilhou nos olhos dele tão desesperadamente que Laurel teve que olhar para longe e rir nervosamente.

“Você sabe, após eu ter pensado que você era um sem-teto maluco.”

Eles riram juntos e Laurel admirou-se com a qualidade suave e tilintante da voz de Tamani.

Isso fez um formigamento quente estremecer suas costas. Ela olhou para o relógio. “Eu... preciso ir”, ela disse, as desculpas pesadas em suas voz.

“Volte logo”, Tamani disse. “Nós conversaremos mais.”

Laurel sorriu. “Eu gostaria disso.”

“E sua promessa, você falará com seus pais?”

Ela acenou. “Eu falarei.”

“Você me trará notícias?”

“O mais cedo que eu puder. Mas não sei quando será isso.”

“Você irá contar aos seus pais tudo sobre isso?” Tamani perguntou.

“Eu não sei”, Laurel disse. “Eu não acho que eles acreditariam em mim. Especialmente desde que eu não tenho mais a flor pra provar. Foi assim que eu convenci David”.

“David”, Tamani disse com um tom de zombaria.

“O que há de errado com David?”

“Nada, eu acho. Mas você tem certeza que ele é confiável?”

“Tenho.”

Tamani suspirou. “Eu acho que você tinha que contar a alguém. Eu não gosto, porém.”

“Por que não?”

“Porque ele é um humano. Todo mundo sabe que não se pode confiar em humanos. Você deve tomar cuidado.”

“Eu não tenho que tomar cuidado com ele. Ele não contaria.”

“Espero que você esteja certa.”

“Eles andaram devagar, Laurel guiando o caminho pela trilha familiar. Eles pararam na borda da linha das árvores. “Você tem certeza que tem que ir?” Tamani perguntou baixinho. Laurel se surpreendeu com a emoção na voz dele. Ela tinha sentido durante a conversa que ele gostava dela... Muito. Mas isso parecia com algo mais. Algo mais pessoal. Ela estava um pouco surpresa para perceber que ela também estava relutante em partir. “Meus pais nem sabem que eu estou aqui. Eu meio que fugi.”

Tamani acenou. “Eu vou sentir sua falta”, ele sussurrou.

Laurel riu nervosamente. “Você quase nem me conhece.”

“Eu sentirei sua falta de qualquer forma.” Ele encontrou os olhos dela. “Se eu te der algo, você o guardará pra lembrar-se de mim – e talvez pensar em mim um pouquinho mais?” “Talvez”. Os olhos verde-escuro de Tamani pareceram ver através dela – dentro dela. Ele tirou um cordão fino do pescoço e estendeu um círculo pequeno, e cintilante. “Isso é pra você”.

Ele colocou o minúsculo objeto brilhante na mão dela. Era um círculo de ouro brilhante, um pouco maior que uma ervilha, com uma minúscula flor de cristal em cima. “O que é isso?” Laurel perguntou em admiração.

“É um anel para uma muda”, Tamani respondeu. “Você sabe, um bebê fada. Cada muda recebe um anel quando são jovens. Se você usá-lo, cresce com você. Fadas de Inverno os fazem. Bem, fadas da Primavera os fazem, mas são as fadas de Inverno que os encantam.” Ele estendeu a sua mão para mostrar uma banda lisa e prateada em seu dedo. “Vê, este é o meu. Costumava ser tão pequeno quanto este aqui. Você não é mais uma muda, então não se ajustará em seu dedo, mas eu pensei que você talvez gostasse.”

O anel minúsculo era extraordinário, bonito em cada detalhe. “Por que você está dando isso pra mim?”

“Pra ajudá-la a se sentir mais como uma de nós. Você pode pendurá-lo num colar”. Ele hesitou por um longo momento. “Eu apenas acho que você deve tê-lo.”

Laurel olhou pra ele em dúvida, mas ele não encontrou seus olhos. Ela queria ter mais tempo para tirar segredos dele. “Eu usarei sempre”, ela disse.

“E pensará em mim?” Os olhos dele mantiveram os dela cativos, e ela soube que só havia uma resposta.

“Sim”.

“Bom.”

Ela começou a se virar, mas antes que pudesse se afastar, Tamani agarrou sua mão. Sem quebrar o contato visual, ele levantou a mão dela até seu rosto e esfregou seus lábios nos nós dos dedos dela. Por apenas um segundo, os olhos dele estavam sem defesa. Uma faísca passou através de Laurel com o que ela viu lá: desejo cru e desenfreado. Antes que ela pudesse olhar mais de perto, ele sorriu, e o lampejo se foi.

Laurel andou em direção a sua bicicleta, seu fôlego superficial enquanto ela tentava frear o jorro de aquecimento que estava se espalhando pelo seu corpo a partir do lugar onde os lábios de Tamani tinham tocado. Ela se manteve olhando pra ele quando ela pedalou em direção à estrada. Toda vez que ela se virava, os olhos dele ainda estavam presos nela. Até mesmo quando ela pedalou para a ciclovia ao longo da rodovia, ela pôde senti-los seguindo o tempo em que ela conseguiu vê-los.

Capítulo 15

Eram quatro da tarde quando Laurel estacionou a sua bicicleta na garagem, muito tarde do que qualquer sessão de estudo pudesse justificar. Ela se preparou e abriu a porta da frente. O pai dela estava cochilando no sofá, seus roncos, num ritmo baixinho e familiar. Nenhuma ameaça de problemas desta fonte. Ela tentou ouvir sua mãe e ouviu o barulho de garrafas

tilintando na cozinha. “Mãe?” ela chamou quando virou um canto.

“Aí está você. Você e David devem ter terminado a última página rápido. Eu apenas liguei meia hora atrás.”

“Uh, sim. Era mais fácil do que eu pensei”, ela disse rapidamente.

“Você se divertiu? Ele é um bom menino.”

Laurel acenou, sua mente bem longe de David – por volta de 65 quilômetros longe de David, pra ser precisa.

“Vocês dois estão...?”

“O quê?” Laurel tentou focar no que sua mãe estava dizendo.

“Bem, você passa um tempo impressionante na casa dele; Eu pensei que talvez vocês estivessem se tornando íntimos.”

“Eu não sei”, ela disse honestamente. “Talvez.”

“É só que – eu sei que a mãe de David algumas vezes trabalha por longas horas, então você e David passam muito tempo sozinhos. É fácil pras coisas saírem do controle quando vocês estão juntos numa casa vazia.”

“Eu serei cuidadosa, mãe,” ela disse ironicamente.

“Eu sei que vai, mas eu sou a mãe, e eu tenho que dizer isso de qualquer jeito,” ela disse com um sorriso. “Lembre-se”, ela adicionou, “só porque você ainda não começou o seu período não significa necessariamente que você não possa engravidar.”

“Mãe!”

“Eu estou apenas dizendo.”

Laurel pensou nas palavras de Tamani mais cedo naquele dia. *Polinização é para reprodução – sexo é apenas pra diversão.* Ela se perguntou o que sua mãe diria se Laurel contasse que ela não podia engravidar - nunca começaria seu período. Que sexo para ela era apenas sexo, sem cordas que a prendessem. Se havia algo que Laurel pudesse dizer para realmente provocar sua mãe, seria isso. Inferno, ela ainda estava tentando entender tudo isso.

“Mãe”, ela disse hesitantemente, “eu queria conversar com você sobre a terra. Tem estado em nossa família por tanto tempo. E nós vivemos lá minha vida toda”. Ela baixou sua cabeça quando pensou em suas origens reais – seu lar secreto. “O tanto que eu me lembro, de qualquer forma.” Lágrimas inesperadas pinicavam seus olhos quando ela olhou novamente para sua mãe. “É o lugar mais mágico no mundo. Eu gostaria que você não vendesse.”

A mãe dela olhou para ela por um longo tempo. “O Senhor Barnes está oferecendo pra gente muito dinheiro, Laurel. Todas as coisas que você quis recentemente que nós não podíamos custear estarão em nosso orçamento novamente.”

“Mas e se você não vender? Ficaria tudo bem?”

Sua mãe suspirou e pensou sobre isso por um momento. “Seu pai está indo bem nos negócios, mas não há garantia de que continuará”. Ela se curvou e pôs os cotovelos no balcão. “Nós poderíamos ter esse orçamento apertado por um longo tempo, Laurel. Eu não gosto de viver nessa sobriedade. Você não é a única que tem que desistir das coisas.”

Laurel ficou quieta por um tempo. Pareceu uma tarefa tão monumental para uma garota de quinze anos. *Mas então*, ela adicionou mentalmente, *eu não sou uma garota comum.*

Motivada pelo pensamento, ela disse, “Você poderia pelo menos pensar sobre isso? Por, tipo, uma semana?” Laurel adicionou quando sua mãe pressionou seus lábios.

“Nós deveríamos assinar os papéis na quarta.”

“Uma semana? Por favor? Apenas diga ao Sr. Barnes que você precisa de uma semana. E se você realmente pensar nisso por uma semana, eu não te incomodarei com isso novamente.” Sua mãe a estudou com ceticismo.

“Por favor?”

Seu rosto se suavizou. “Eu acho que o Sr. Barnes provavelmente não irá rescindir sua oferta se eu precisar de uma semana mais.”

Laurel contornou o bar e abraçou a sua mãe. “Obrigada”, ela sussurrou. “Significa muito.”

“Então ele não te contou tudo.” David sentou num banco no balcão em sua cozinha. Sua mãe estava num encontro, então ele e Laurel tinham a casa pra eles essa noite. David estava comendo sobras esquentadas no microondas e Laurel estava rabiscando num caderno, tentando se distrair do cheiro.

“Ele me contou o suficiente”, Laurel disse defensivamente. “Foi como se ele quisesse me contar mais, mas não tivesse permissão. Eu posso dizer que isso o aborreceu.”

“Ele soa meio que estranho.”

“Ele é definitivamente diferente – e não somente na aparência”. Ela parou no meio de uma espiral e olhou para cima, lembrando. “Ele é tão intenso. Tudo que ele sente – bom ou ruim – parece aumentado. E contagiante.” Ela começou a rabiscar novamente. “Você quer se sentir como ele, mas não há nenhum jeito de você poder acompanhar, porque a forma como ele sente muda tão rápido. Deve ser exaustivo ser tão impulsivo.” O corpo dela estremeceu quando encontrou a palavra exata para ele. *Impulsivo*, sempre.

“Então vocês são, tipo, amigos agora?”

“Eu não sei”. A verdade era que sabia que ele a queria. E apesar de tentar não se sentir assim, ela se sentia muito da mesma forma. Pareceu desleal passar a noite com David após seu dia com Tamani. Ou talvez ela se sentisse desleal por ter passado o dia com Tamani. Era difícil de dizer com certeza.

Levantou a mão para tocar o anel que ele tinha lhe dado, amarrado em uma corrente fina de prata. Ela já tinha feito o mesmo no mínimo umas cem vezes naquele dia. Isso trouxe de volta a sensação de estar com ele. Em sua pequena visita, eles tinham se tornado mais que amigos – não, não mais, *além de* amigos.

A palavra amigo pareceu muito insignificante para descrever a conexão que eles compartilhavam. Era mais como se eles tivessem um elo. Ela não podia dizer isso ao David. Seria difícil o suficiente explicar para um observador que não se afetasse – e David estava longe de não se afetar. Se ele tivesse alguma idéia da tempestade de emoções que ela sentia por Tamani, ficaria terrivelmente enciumado.

Mas isso não significava que ela não gostasse de David. Ela o considerava seu melhor amigo e algumas vezes mais. David era tudo que Tamani não era – calmo e centrado, lógico e penetrante. Os sentimentos dela por ele não eram uma tempestade de caos, mas uma constante e forte atração. Ele era uma constante na vida dela de uma forma que Tamani nunca poderia ser. Duas metades que nunca poderiam ser um inteiro.

David finalmente terminou seu jantar e Laurel empurrou o caderno para o lado para encará-lo. “Obrigado por me cobrir, aliás. Eu nunca sonhei que minha mãe realmente ligaria pra você.”

David deu de ombros. “Você estava fora há bastante tempo e ela sabe que você na verdade

não gosta de biologia”.

“Eu li alguma coisa essa tarde”, Laurel disse. “Você sabe como plantas absorvem dióxido de carbono do ar e então liberam oxigênio como bio-produto, certo?”

“Sim, é por isso que nós temos que salvar as árvores e toda aquela coisa.”

“Eu estava pensando que não faria sentido pra mim respirar oxigênio.”

“Então... Você acha que respira dióxido de carbono?”

“E exalo oxigênio, sim”.

“Eu acho que faria sentido.”

“Eu estava pensando”, Laurel começou devagar, “que nós poderíamos tentar outro experimento.”

David olhou para ela, perplexo. “Ok. Que tipo de experimento?”

“Hum, bem, ar não é algo que você possa olhar sob o microscópio ou algo assim, então a única forma de dizer se eu estiver exalando oxigênio seria ver se você poderia inalá-lo sem nenhum problema.”

David começou a enxergar onde isso estava chegando. “E como você propõe que façamos isso?” ele perguntou, com um sorriso minúsculo pairando no canto da boca.

“Bem, eu estava pensando que seria tipo... Respiração boca-boca. Exceto que você irá expirar na minha boca primeiro e então, sem inspirar outra golfada de ar, eu poderia expirar na sua.” Ela olhou pra ele por um segundo, então disparou, “Mas não há razão pra você ter que fazer. Foi apenas uma idéia que eu tive.”

“Eu estou impressionado”, David disse. “Você estudou biologia sozinha.”

Laurel revirou os olhos, mas sorriu. “Google é meu amigo.”

David bufou, então tentou disfarçar com uma tosse.

Laurel olhou para ele.

“Isso faz sentido,” David disse. “Vamos fazer.”

David se virou para ela até que seus joelhos se tocassem.

“Primeiro você respira fundo e segura por volta de dez segundos pra que seus pulmões possam converter o ar em dióxido de carbono. Então sopra na minha boca e eu irei aspirar. Daí espero por volta de 10 segundos e sopro de volta na sua boca, ok?”

David acenou.

Soou simples o suficiente. Bem, exceto a parte boca a boca. Mas ela poderia lidar com aquilo, certo?

O peito de David se expandiu quando ele sugou ar pra encher os pulmões e seu rosto ficou vermelho enquanto ele segurava.

Sem volta agora...

Depois de aproximadamente dez segundos, ele gesticulou para Laurel e se curvou para frente, os olhos dele parados na sua boca. Ela se forçou a focar enquanto se curvava para frente para encontrá-lo. Seus lábios se tocaram gentilmente no começo e Laurel quase se esqueceu de si e respirou um gole de ar de nervosismo. Então David pressionou mais firmemente e soprou dentro de sua boca. Ela deixou seus pulmões se encherem.

Ele voltou pra sua posição e Laurel cometeu o erro de encontrar os olhos dele. Ela sorriu, então teve que olhar para longe enquanto contava até dez. Então ele estava se inclinando e sua mão tocando suavemente os ombros dela.

Laurel o encontrou no meio do caminho sem hesitação dessa vez. A boca de David

pressionou-se contra dela e ele abriu seus lábios apenas um pouco. Ela soprou todo o ar de seus pulmões de volta para a boca dele e sentiu-o inalando. Ele hesitou por apenas um minuto antes de ir pra trás, quebrando contato.

“Wow.” Ele exalou e correu os dedos pelo cabelo. “Wow. Isso foi demais. Minha cabeça está girando um pouco. Eu acho que você está exalando quase oxigênio puro, Laurel.”

“Você não vai cair do seu banco vai?” Ela colocou suas mãos nas pernas dele.

“Eu estou bem”, David disse, respirando devagar. “Apenas me dê um pouco mais de tempo”. Ele deixou suas mãos deslizarem para cobrir as dela, onde elas ainda estavam apoiadas em suas pernas. Ela olhou para cima quando ele sugou seu lábio inferior, sorrindo.

“O que é tão engraçado?”

“Desculpe”, David disse, ficando vermelho novamente. “Você apenas tem um gosto tão doce.”

Ele lambeu o seu lábio inferior uma vez mais. “Você tem sabor de mel”.

“Mel?”

“Sim. Eu pensei que ia enlouquecer no dia... Bem, você sabe, aquele dia. Mas foi a mesma coisa hoje. Sua boca é realmente doce”. Ele parou por um segundo, então sorriu. “Não como mel – como néctar. Isso faz mais sentido.”

“Ótimo. Agora eu vou ter que explicar isso pra todo mundo que eu beijar, pelo resto da minha vida menos pra você ou... Ou outra fada.” Ela tinha quase falado o nome de Tamani. Seus dedos voaram para o anel em volta do pescoço.

David deu de ombros. “Então não beije ninguém além de mim.”

“David...”

“Eu estou apenas te oferecendo a solução óbvia”, ele disse, com as mãos levantadas em protesto.

Ela riu e revirou os olhos. “Eu acho que isso vai me manter afastada de ser uma daquelas garotas que beijam todo mundo.”

David balançou a cabeça. “Você nunca poderia ser assim. Seus sentimentos são tão suaves. Você se preocuparia se estivesse quebrando o coração de cada garoto que beijasse.”

Ela não tinha certeza se ele disse isso como um elogio ou não, mas pareceu assim. “Hum, obrigada. Eu acho.”

“Então o que é isso?” ele perguntou, apontando para o colar dela. “Você fica brincando com isso”.

Laurel deixou o anel cair sob a frente de sua camiseta. Era como um talismã que mandava seus pensamentos direto pra Tamani. Ela se perguntou se Tamani tinha sabido antes de dá-lo que iria fazer isso. Ela estava um pouco surpresa quando o pensamento não a irritou. “É um anel”, ela finalmente confessou. “Tamani me deu.”

David olhou para ela estranhamente. “Tamani te deu um anel?”

“Não é desse jeito. É um anel de bebê. Eu acho que todas as fadas os ganham quando são pequenas”. Contra o seu impulso de manter o anel como seu segredo pessoal, ela puxou a corrente de debaixo de sua camiseta e mostrou a David o círculo minúsculo.

“Isso é mesmo bonito”, ele disse relutante. “Por que ele te daria isso?”

Laurel tentou evitar essa pergunta. “Eu não sei. Ele apenas quis que eu tivesse um.”

David olhou para o anel por um longo tempo antes de deixar caí-lo novamente sobre o peito dela.

Capítulo 16

“Bem na hora”, a mãe disse, quando Laurel entrou em casa voltando da escola no dia seguinte. “Telefone pra você.”

Laurel pegou o telefone. Ela tinha acabado de deixar David na esquina. Por que ele estaria ligando já? “Alô?” ela perguntou inquisitiva.

“Ei, Laurel. É a Chelsea.”

“Oi,” Laurel disse.

“Você está ocupada? É um dia ensolarado, então eu pensei que você poderia gostar de ver o farol de Battery Point.”

Laurel tinha escutado sobre o marco histórico, mas ainda não tinha visto. “Sim”, ela disse.

“Eu adoraria.”

“Te pego em cinco minutos?”

“Ótimo.”

“Indo a algum lugar com David?” A mãe de Laurel perguntou depois que ela desligou.

“Chelsea, na verdade. Ela quer ir ao farol. Está tudo bem?”

“Claro, isso é maravilhoso. Eu estou feliz de ver que está diversificando. Você sabe que eu gosto muito de David, mas deve ter mais amigos. É mais saudável.”

Laurel foi até a geladeira e abriu uma soda enquanto estava esperando.

“Eu recebi sua notas do trimestre pelo correio hoje”, a mãe dela disse.

A soda pareceu entalar na garganta de Laurel. Até ela ter florescido, ela tinha ido muito bem na escola, mas não tinha certeza o quanto ela tinha sido capaz de acompanhar quando a vida dela enlouqueceu.

“Três As, dois Bs. Eu estou muito feliz com isso”, a mãe dela disse com um sorriso. Então riu e adicionou, “Honestamente, parte de mim está orgulhosa de mim mesma. Eu devo ter feito um bom trabalho pra você estar indo tão bem.”

Laurel revirou os olhos enquanto sua mãe lhe entregava as notas. O B em biologia não era surpresa, nem o A em inglês. Tudo que ela tinha que fazer era manter-se assim até o fim do semestre agora. Não deveria ser tão difícil. O pior estava definitivamente atrás dela.

“Por que o carro do meu pai está aqui?” Laurel perguntou.

Sua mãe suspirou. “Seu pai está doente. Ele tem estado doente o dia inteiro. Perdeu o dia de trabalho, também.”

“Wow”, Laurel disse. “Ele nunca perdeu um dia de trabalho.”

“Sim. Eu o fiz ficar na cama o dia todo. Ele deverá estar melhor amanhã.”

Ela ouviu uma buzina na entrada da garagem.

“Aí está Chelsea”, Laurel disse agarrando sua jaqueta.

“Divirta-se”, sua mãe disse com um sorriso.

Laurel deslizou para o banco traseiro do carro da mãe de Chelsea, enquanto a amiga se voltou e sorriu para ela. “Ei! O farol é impressionante; é totalmente clássico. Você vai adorar.”

A mãe de Chelsea deixou-as no estacionamento. “Eu estarei de volta em umas duas horas”, ela disse.

“Tchau”, Chelsea disse, acenando.

“Pra onde agora?” Laurel disse, olhando para o oceano.

“Nós andamos”, Chelsea disse, apontando para uma ilha por volta de cento e cinquenta metros de distância além da praia.

“Nós vamos andar até uma ilha?”

“Tecnicamente é um istmo quando a maré está baixa.”

Sombreado seus olhos por causa do sol, Laurel apertou os olhos para a ilha. “Eu não vejo um farol.”

“Não é como os faróis que você vê em quadros. É apenas uma casa com uma luz no telhado.”

Chelsea guiou o caminho enquanto elas andavam numa pequena faixa de areia que conectava a pequena ilha com a ilha principal. Foi divertido estar tão perto do oceano sem na verdade estar nele. Laurel gostava do cheiro picante da água salgada e da brisa fresca que acariciava seu rosto e fazia o cabelo encaracolado de Chelsea balançar. Era irônico, realmente, que ela gostasse do cheiro do oceano quando odiava água salgada.

Quando elas alcançaram a ilha, havia uma estrada de cascalho que levava até a colina. Foi apenas alguns minutos antes delas virarem uma pequena curva e o farol entrar no campo de visão.

“É realmente apenas uma casa normal”, Laurel disse surpresa.

“Exceto pela luz”, Chelsea disse, apontando.

Chelsea brincou de guia de turismo, sob um olhar de vigilância do guarda de segurança, mostrando a Laurel a pequena casa e explicando a história do farol, incluindo o papel nos tsunamis de que Cidade Crescente fora vítima de tempos em tempos. “Eles são impressionantes”, Chelsea disse, “pelo menos, quando não ficam muito grandes.”

Laurel não tinha certeza se compartilhava o entusiasmo de Chelsea.

Chelsea a levou pra fora, para um pequeno jardim, e apontou as flores roxas que cresciam nas rochas em todos os lados da minúscula ilha. “Elas são muito bonitas”, Laurel disse, se curvando para tocar um pequeno trecho das minúsculas flores.

Chelsea tirou um cobertor da sua mochila e estendeu na grama macia. Elas se sentaram juntas, observando o mar em silêncio por alguns minutos. Laurel se sentiu tão em paz nesse lugar áspero e bonito. Chelsea cavou em sua mochila novamente e tirou uma barra de chocolate Snickers para si e entregou a Laurel um Tupperware.

“O que é isso?” Laurel perguntou.

“Morangos. Eles são orgânicos, se isso importa”, Chelsea adicionou.

Laurel sorriu e tirou a tampa. “Obrigada. Eles parecem ótimos.” Um milhão de vezes melhor do que a barra de chocolate que Chelsea estava saboreando.

“Então o que há entre você e David?”

Laurel se engasgou com o morango que ela tinha acabado de começar a mastigar e tossiu energicamente. “O que você quer dizer?”

“Eu só estava me perguntando se vocês são um casal ainda.”

“Bem, não fique dando voltas ou coisa assim”, Laurel disse, mais para os seus morangos do que pra Chelsea.

“Ele realmente gosta de você, Laurel”. Chelsea suspirou. “Eu acho que ele mal gosta de mim a metade.”

Laurel cutucou seus morangos com seu garfo.

“Eu acho que gostei dele desde o dia que se mudou pra cá. Ele e eu costumávamos estar no time de futebol juntos”, ela adicionou, sorrindo.

Laurel pode ver em sua mente uma Chelsea de dez anos de idade – teimosa e sincera, exatamente como agora, e não realmente se encaixando – encontrando David pela primeira vez. Sem julgamento, aceitando David. Não era nada extraordinário que Chelsea tenha se ligado a ele. Mas ainda...

“Chelsea, sem ofensa, mas por que você está me dizendo isso?”

“Eu não sei”. Elas ficaram em silêncio por um curto espaço de tempo. “Eu não estou tentando te fazer se sentir mal ou algo assim,” Chelsea assegurou. “David não gosta de mim desse jeito, eu sei disso. Honestamente, se ele vai ter uma namorada, eu preferiria que fosse alguém como você. Alguém que eu tenho amizade também.”

“Isso é bom, eu acho”, Laurel disse.

“Então... Você é a namorada dele agora?” Chelsea pressionou.

“Eu não sei. Talvez?”

“Isso é uma pergunta?” Chelsea perguntou com um sorriso.

“Eu não sei.” Ela parou, então olhou de esguelha para Chelsea. “Você realmente não se importa se eu falar sobre isso?”

“Definitivamente. É como viver sofregamente.”

“Você diz as coisas mais estranhas de vez em quando”, Laurel disse pesarosamente.

“Sim. Isso é o que David também diz. Pessoalmente, eu não acho que as pessoas dizem o que realmente pensam.”

“Você definitivamente tem um ponto aí.”

“Então, namorada ou não?” Chelsea perguntou novamente, se recusando a deixar passar.

Laurel deu de ombros. “Eu realmente não sei. Às vezes eu penso que isso é o que eu quero, mas eu nunca tive um namorado antes. Eu nunca nem tive um garoto que fosse um amigo próximo. Eu gosto muito disso... Eu não quero perder essa parte.”

“Talvez você não vá”.

“Talvez. Eu só não tenho certeza.”

“Poderia haver uma margem de benefícios”, Chelsea disse.

“Como o quê?”

“Se vocês estiverem em termos de beijos, ele poderia fazer seu dever de biologia.”

“Tentador”, Laurel disse. “Eu me ferro em biologia”.

Chelsea sorriu. “Sim, isso é o que ele disse.”

Os olhos de Laurel se arregalaram. “Ele não disse! Verdade?”

“É dificilmente um segredo – você se queixa disso todo dia no almoço. Eu acho que ele seria um ótimo namorado”, Chelsea adicionou.

“Por que você está encorajando isso? A maioria das pessoas em sua posição estaria tentando nos separar.”

“Eu *não* sou a maioria das pessoas”, Chelsea disse defensivamente. “Além disso”, ela continuou num tom mais leve, “isso o faria muito feliz. Eu gosto quando David está feliz.”

“Estou em casa”, Laurel gritou quando entrou pela porta da frente, jogando a mochila no chão e andou até a despensa a procura de uma jarra de peras em conserva. Sua mãe veio alguns minutos depois enquanto Laurel estava mordiscando uma pera com a metade pra fora da jarra. Mas ao invés do “Olhar de Mãe” que Laurel usualmente recebia por não usar uma vasilha, sua mãe apenas suspirou e sorriu cansada.

Você pode se arranjar pra jantar essa noite?”

“Claro, o que há?”

“Seu pai está piorando. O estômago dele dói e está um pouco inchado e agora ele está com febre. Não é tão alta – por volta de 38°C - mas eu não consigo abaixar. Não com uma compressa gelada ou um banho frio ou mesmo o meu hissopo ou minhas cápsulas de raiz de alcaçuz.”

“Jura?” Laurel perguntou. Sua mãe tinha uma erva para tudo e elas funcionavam as maravilhas. Suas amigas sempre a chamavam quando já estavam no limite de suas forças e os medicamentos que não precisavam de prescrição não estavam resolvendo. “Você tentou dar a ele chá de equinácea?” ela sugeriu, já que era o que a mãe dela sempre lhe dava tomar.

“Fiz pra ele um monte disso, gelado. Mas ele está tendo problema pra engolir também, então eu não sei se ele está tomando o suficiente pra ajudar.”

“Eu aposto que foi algo que ele comeu”, Laurel sugeriu.

“Talvez”, a mãe dela disse distraidamente, mas não soou convincente. “Ele na verdade piorou logo após você ter saído. De qualquer forma”, ela adicionou voltando a cabeça para a filha, “eu vou passar a noite com ele, vou ver se consigo fazer com que se sinta um pouco mais confortável.”

“Sem problema. Eu tenho peras em conserva e um monte de dever de casa.”

“Noite animada para nós duas.”

“Sim”, Laurel disse com um suspiro, olhando para a pilha de livros esperando por ela em cima da mesa.

Capítulo 17

Após a escola na quinta, Laurel agarrou seu avental azul e se dirigiu rua abaixo em direção à Mark’s Bookshelf. Jen, Brent e Maddie – a equipe de seu pai – tinham sido postos em turnos extras, mas se as coisas continuassem do jeito que estavam, todos os três alcançariam o máximo de quarenta horas na sexta. Laurel queria ao menos dar a Brent e Jen um dia de folga. Ela e Maddie poderiam cuidar da livraria. Maddie era a única empregada que seu pai tinha herdado do ex-dono e tinha estado trabalhando naquela livraria por quase dez anos agora e, por sorte, poderia gerir o lugar sozinha.

Mas não era com a livraria que Laurel estava preocupada quando caminhou em direção a Rua Principal. Ela tinha ido ao quarto dos pais para pegar algumas instruções de última hora com seu pai e tinha ficado chocada com sua aparência. Seu pai tinha sempre sido magro, mas agora seu rosto estava cavado e cinza, com olheiras profundas sob os olhos. Seus lábios estavam pálidos e um leve reflexo de suor cobria sua testa. A mãe de Laurel tinha tentado de tudo. Cataplasmas de lavanda e alecrim em seu peito, chá de erva-doce para o estômago,

um monte de vitamina C para fortificar seu sistema imune. Nada parecia estar funcionando. Ela deu a ele conhaque à noite para ajudá-lo dormir e pingou óleo de menta no umidificador. Ainda assim, sem melhora. Não deixando o orgulho atralhá-la, ela tinha até tentado um punhado de medicamentos convencionais, para aliviar o resfriado, e paracetamol para a febre e ainda assim ele não se sentiu nem um pouco melhor. O que todo mundo tinha esperado ser uma gripe desagradável tinha se tornado muito mais sério e mais rápido do que sua mãe poderia ter antecipado.

Quando Laurel se voluntariou para ir à livraria aquela tarde, para que sua mãe pudesse ficar com seu pai, ela a tinha abraçado fortemente e sussurrado um obrigada em seu ouvido. Ele não se parecia consigo mesmo definitivamente – mais como uma fraca caricatura do homem que tinha sido apenas alguns dias atrás. Ele tinha tentado sorrir e brincar do jeito que sempre fazia – mas mesmo isso foi demais para ele.

Um alegre som de sinos soou quando Laurel abriu a porta da frente da loja.

Maddie olhou para ela e sorriu. “Laurel? Você fica mais linda a cada vez que eu te vejo”. Elas se abraçaram e Laurel se demorou no abraço, se sentindo um pouco melhor. Maddie sempre cheirava a biscoitos e temperos e algo mais que Laurel nunca conseguiu descobrir. “Como está seu pai?” Maddie perguntou com um braço ainda sobre os ombros de Laurel. A sua resposta para todos tinha sido um simples “ele está bem”. Mas quando Maddie perguntou, Laurel não pôde apenas ignorar. “Ele parece horrível, Maddie. Como uma pele solta num esqueleto. Minha mãe não pode fazer nada pra ajudar. Nada está funcionando.” “Mesmo o hissopo e as raízes de alcaçuz dela?”

Laurel sorriu dolorosamente. “Isso foi o que eu perguntei.”

“Bem, isso sempre funcionou como uma cura miraculosa, então até eu estou preocupada.”

“Não está funcionando para meu pai. Não dessa vez, de qualquer forma.”

“Eu acendo uma vela toda noite pra ele”. O que raízes de alcaçuz e hissopo eram para a mãe de Laurel, velas eram pra Maddie. Ela era uma católica devota que tinha uma prateleira de velas em sua janela da frente e acendia uma por qualquer coisa, desde um amigo paroquiano morrendo de câncer a um gato do bairro perdido. Ainda sim, Laurel estava grata.

“Meu pai fez um cronograma para o resto da semana.”

Maddie riu. “Doente na cama e ainda preparando cronogramas – ele não deve estar tão perto da morte.” Ela estendeu sua mão. “Aqui, vamos ver”. Maddie examinou o cronograma escrito a mão. “Ele fez um corte no horário comercial, eu vejo.”

Laurel acenou. “Apenas não há empregados suficiente para manter o horário regular.”

“Tudo bem. Eu tenho falado pra ele a meses que é bobagem abrir às oito. Quem quer comprar um livro às oito horas da manhã?” ela se inclinou para frente como se estivesse compartilhando um segredo. “Verdade seja dita, nem eu mesmo gosto de estar fora da cama às oito da manhã”.

Elas trabalharam as próximas poucas horas alegremente o suficiente, ambas evitando o assunto do pai de Laurel. Mas ele nunca estava longe dos pensamentos de Laurel. Ela deixou Maddie fechando o caixa e pregou um aviso na porta pedindo desculpas pelo fechamento não programado da loja naquele final de semana.

Laurel andou até em casa devagar, seu corpo todo cansado após horas armazenando caixa após caixa de livros. Quando ela virou a última esquina, viu um grande veículo estacionado

na entrada da garagem. Levou alguns segundos para registrar o que estava vendo, mas seus pés começaram a correr no segundo que ela reconheceu a ambulância vermelha e branca. Ela entrou como um rojão pela porta da frente na hora que os paramédicos estavam descendo as escadas com seu pai numa maca, sua mãe apenas um passo atrás.

“O que está errado com ele?” Laurel perguntou, com seus olhos fixos em seu pai.

Lágrimas estavam traçando linhas no rosto de sua mãe. “Ele começou a vomitar sangue. Eu tive que ligar.”

As escadas finalmente ficaram livres o suficiente para Laurel alcançar sua mãe. Ela colocou seus braços em volta da cintura dela. “Está tudo bem, mãe. Ele ficará feliz que você ligou.”

“Ele não confia em médicos”, a mãe dela disse distraidamente.

“Isso não importa. Ele precisa disso.”

A mãe dela acenou, mas Laurel não tinha certeza se ela tinha sequer ouvido. “Eu tenho que ir com ele”, ela disse. “Apenas é permitida a uma pessoa acompanhá-lo na ambulância. Eu acho que será melhor se eu te ligar quando ele estiver estabelecido.”

Laurel acenou. “Sim, vá. Eu posso cuidar de mim mesma.”

Ela conseguiu enganchar a bolsa no braço de sua mãe enquanto ela continuava andando em direção à ambulância, inconsciente da presença de Laurel. Ela não olhou pra trás quando as portas se fecharam.

Laurel olhou a ambulância ir embora e uma sensação de enjôo e aperto envolveu seu estômago. Nenhum de seus pais tinha estado em um hospital nas lembranças de Laurel, exceto pra visitar alguém. Laurel não tinha querido acreditar que isso era mais do que uma virose aguda que eventualmente passaria sozinha. Mas isso não pareceu ser o caso.

Voltou pra dentro de casa e fechou a porta com ambas as mãos. O som da porta fechando pareceu ecoar pelo corredor da frente. A casa parecia enorme e vazia sem seus pais. Ela tinha estado sozinha em casa muitas vezes nos cinco meses, desde que se mudaram, mas essa noite parecia diferente, assustador. Suas mãos tremiam enquanto ela virava a chave na tranca. Escorregou pela porta e sentou no chão por um longo tempo enquanto os últimos raios de luz deixados pelo pôr-do-sol sumiam, deixando Laurel na lúgubre escuridão.

Com a chegada da escuridão veio uma permissão não dita para ter pensamentos sombrios também. Laurel se levantou e correu para a cozinha e ela acendeu todas as luzes antes de se estabelecer na mesa da sala de jantar. Ela pegou sua tarefa de inglês e tentou trabalhar nisso, mas após ler a primeira sentença, as letras nadavam diante de seus olhos – bobagens sem sentido.

Deitou a cabeça no livro. Seus pensamentos vagaram da livraria para Tamani, para David, então de volta para seus pais no hospital e davam voltas e voltas até seus olhos se fecharem devagar.

Um toque alto a tirou bruscamente de seus sonhos confusos e sem sentido. Ela se concentrou no som e conseguiu apertar o botão de falar no telefone e soltou um sonolento. “Alô?”

“Ei, doçura, é a mamãe.”

Laurel acordou de repente e fechou rapidamente seu livro amarrotado. “O que eles disseram?”

“Eles vão mantê-lo aqui a noite toda e darão a ele alguns antibióticos. Nós teremos que esperar pra ver o que acontece amanhã”. Ela hesitou. “Ele nem está em um quarto ainda e

quando estiver vai ser tarde. Você pode ficar sozinha essa noite e vir vê-lo amanhã?” Laurel vacilou por alguns segundos. Ela tinha a sensação irracional que se ela fosse ao hospital, poderia fazer algo. Mas isso era bobagem. Amanhã seria breve o suficiente. Forçou um tom alegre em sua voz. “Não se preocupe comigo mãe, eu ficarei bem”.

“Eu te amo”.

“Eu te amo também.”

Uma vez mais, Laurel estava sozinha na casa vazia. Quase que por acordo próprio, seus dedos encontraram o número de David. Ele disse alô antes dela perceber conscientemente que tinha ligado pra ele. “David?” ela disse, piscando. “Oi.” Ela olhou pela janela da cozinha onde a lua estava se elevando. Ela não tinha idéia de que hora era. “Você pode vir até aqui?”

Quando a campainha tocou, Laurel correu para deixar David entrar. “Eu sinto tanto ter ligado. Eu não sabia quão tarde era”, ela disse.

“Tudo bem”, David disse, suas mãos firmes nos ombros dela.

“São apenas dez horas e minha mãe disse que eu poderia estar em casa a qualquer hora. Emergências acontecem. O que eu posso fazer?”

Laurel deu de ombros. “Minha mãe se foi e... Eu não quero ficar sozinha.”

David colocou seus braços em volta dos seus ombros, enquanto ela se apoiava nele. Ele a manteve no vestíbulo por vários minutos enquanto ela se aninhava em seu peito, o abraçando pra se confortar. Ele parecia tão sólido e quente contra ela que apertou seus braços envolta dele tão fortemente até que eles comessem a doer. Por algum tempo, pareceu como se tudo fosse ficar bem.

Finalmente ela se soltou, sentindo-se desajeitada após deixar David abraçá-la por tanto tempo. Mas ele somente sorriu e andou até o sofá e pegou o violão dela. “Quem toca?” ele perguntou, dedilhando uma corda ao acaso. “Seu pai?”

“Não. Humm... Eu toco. Eu nunca tive aulas ou algo assim. Na verdade só aprendi algumas coisas sozinha. “

“Como é possível que eu não soubesse disso ?”

Laurel balançou a cabeça. “Eu não sou muito boa, de verdade.”

“Há quanto tempo você toca ? “

“Por volta de três anos.” Ela tirou o violão dele e o equilibrou no joelho.

“Eu o achei no sótão. Era ser da minha mãe. Ela me mostrou os acordes básicos e eu meio que toco de ouvido agora. “

“Você vai tocar alguma coisa pra mim ? “

“Oh, não”, Laurel disse, tirando os dedos das cordas.

“Por favor? Eu aposto que faria você se sentir melhor.”

“Por que você acha isso?”

Ele deu de ombros. “Você está segurando tão naturalmente... Como se realmente adorasse esse violão”.

As mãos de Laurel acariciaram seu pescoço. “Eu adoro. É realmente antigo. Eu gosto de coisas antigas. Elas têm histórias e lembranças.”

“Então toque.” David se recostou, suas mãos atrás da cabeça.

Laurel hesitou, então dedilhou o violão suavemente, fazendo pequenos ajustes. Devagar,

suas mãos mudaram dos acordes de afinação para a melodia suave de John Lennon ,
“Imagine “. Após o primeiro verso, Laurel começou a cantar as palavras devagar,
tranquilamente. Parecia com uma canção apropriada para esta noite. Quando seus dedos
terminaram os acordes finais, ela suspirou.

“Wow”, David disse. “ Isso foi muito bonito” .

Laurel deu de ombros e colocou o violão de volta em sua proteção.

“Você não me disse que também cantava.” Ele parou. “Eu nunca ouvi nada como isso antes.
Não é do jeito que estrelas pop cantam, foi simplesmente lindo e calmo.” Ele pegou a mão
dela. “Se sente melhor?”

Ela sorriu. “Me sinto sim. Obrigada” .

David limpou a garganta enquanto apertava a mão dela. “Então e agora?”

Laurel olhou em volta. Não tinha muita coisa ali para se divertir. “Quer assistir a um filme?”

David acenou. “Claro” .

Laurel escolheu um musical antigo onde ninguém ficava doente e ninguém morria.

“*Dançando na chuva?*” David perguntou, franzindo um pouco o nariz.

Laurel deu de ombros. “É divertido” .

“Você que escolhe.”

Quinze minutos de filme, David estava rindo enquanto Laurel apenas o observava – a
silhueta dele brilhando por causa da tela da televisão. Seu rosto estava num meio-sorriso, e
de vez em quando ele inclinava sua cabeça e ria. Era fácil esquecer tudo quando estava com
ele. Sem parar pra pensar em suas ações, Laurel chegou mais perto. Quase instintivamente,
David levantou seu braço e o colocou em volta dos ombros dela. Laurel se aconchegou
contra as costelas dele e deitou a cabeça em seu peito. Os braços dele se apertaram em
volta dela e ele inclinou a cabeça e sua bochecha descansou contra o topo da cabeça dela.
“Obrigada por vir”, Laurel sussurrou com um sorriso.

“A qualquer hora”, David disse, seus lábios roçando os cabelos dela.

Laurel levantou os olhos quando a campainha tocou na porta da frente da livraria. Ela não
tinha certeza se tinha capacidade pra sorrir pra mais um cliente. Mas um sorriso de alívio
atravessou seu rosto quando seus olhos encontraram os de David.

“Oi”, ela disse e largou a pilha de livros que estava separando de volta na mesa ao lado da
prateleira.

“Ei”, David disse baixinho. “Como você está?”

Laurel se forçou a sorrir. “Eu estou viva. Apenas” .

Ele hesitou. “Como está o seu pai?”

Laurel se virou para a prateleira, tentando piscar suas lágrimas pra longe pela décima quinta
vez aquele dia. Ela sentiu as mãos de David massageando seus ombros e se apoiou nele,
deixando-se relaxar, se sentindo melhor – mais segura. “Eles o estão transferindo para
Brookings”, ela sussurrou após alguns minutos.

“Ele está pior?”

“É difícil dizer.”

David deixou seu rosto descansar no topo da cabeça dela.

A campainha da porta da frente soou novamente e, mesmo Jen tendo corrido para ajudar

ao cliente, Laurel se afastou e tomou um fôlego profundo e estremeado, para recuperar a compostura. “Eu preciso terminar isso”, ela disse, pegando a pequena pilha de livros da mesa. “A loja fecha em uma hora e eu tenho mais quatro caixas pra desempacotar.” “Me deixe ajudar”, David disse. “Apenas me diga onde eles devem ficar.” Ele sorriu. “Você pode ser a supervisora”. Ele tomou a pilha de livros dela e esfregou a capa reluzente do livro de cima por alguns segundos. “Talvez eu possa vir e ajudar amanhã também.” “Você tem o seu próprio trabalho e tem que pagar pelo seguro do carro, você me disse.” “Eu não me importo com o meu seguro estúpido, Laurel.” A voz dele foi cortante e ele parou antes de continuar em um tom calmo e suave. “Esta é a primeira vez nesta semana que eu te vejo mais do que no almoço ou durante as aulas. Eu sinto sua falta”, ele disse com um dar de ombros.

Laurel hesitou.

“Por favor?”

Laurel cedeu. “Tudo bem, mas apenas até meu pai melhorar.”

“Isso vai ser em breve, Laurel. Eles têm grandes especialistas em Brookings e vão descobrir o que está errado.” Ele sorriu. “Você vai ter sorte se tirar de mim uma semana inteira de trabalho que valha.”

Capítulo 18

Apesar das palavras otimistas de David, uma semana se tornou duas, e ainda o pai de Laurel não tinha melhorado. Laurel se movia através de sua vida como um fantasma, dificilmente falando com alguém exceto David e Chelsea, que frequentemente parava na livraria pra conversar. Eles ainda não tinham conseguido que Chelsea ajudasse muito ainda – ela era uma supervisora natural, ela brincava – mas a companhia dos dois amigos de Laurel era confortadora.

Verdadeiro com a sua palavra, David estava determinado a trabalhar na livraria até o pai de Laurel voltar pra casa. Laurel se sentiu culpada enquanto o tempo passava e ele continuava trabalhando de graça, mas era uma discussão que ela sempre perdia.

Alguns dias eles passavam as tardes conversando enquanto separavam livros e espanavam as prateleiras, e por apenas alguns minutos Laurel esquecia-se de seu pai. Isso nunca durava muito, porém. Agora que ele tinha sido transferido, não conseguia vê-lo todo dia. Mas no minuto que David conseguiu sua licença, ele se voluntariou para bancar o motorista a cada dois ou três dias.

Ele levou ela e Chelsea para Brookings no primeiro dia após conseguir sua licença e, embora Laurel tenha se segurado em seu acento com os nós dos dedos brancos e Chelsea o tenha repreendido toda vez que ele ultrapassava o limite de velocidade, eles chegaram intactos. Laurel trouxe flores – apenas flores silvestres de seu jardim. Ela esperava que a lembrança de casa faria seu pai ficar mais ansioso pra voltar. Ele estava muito fraco e apenas conseguiu manter seus olhos abertos por alguns minutos para dizer alô e aceitar um abraço delicado. Então deslizou de volta ao esquecimento da morfina.

Aquela foi a última vez que Laurel viu seu pai acordado. Pouco depois, a equipe do hospital começou a sedá-lo o tempo todo para protegê-lo da dor contínua que mesmo a morfina não

podia aliviar. Laurel estava secretamente feliz por isso. Era mais fácil vê-lo adormecido. Ele parecia tranqüilo e satisfeito. Quando estava acordado, ela podia ver a dor que tentava esconder e era obviamente horrível o quão fraco ele tinha se tornado. Dormir era melhor. O técnico do laboratório tinha sido capaz de isolar uma toxina no sangue de seu pai, mas era uma que os médicos nunca tinham visto antes e, até agora, estava sem forma de tratamento. Eles tentaram tudo, enchendo o corpo dele com qualquer medicamento que pensavam que poderia ajudar – o transformando em um porquinho-da-índia humano enquanto tentavam reverter os efeitos da toxina. Mas nada funcionava. O corpo dele estava ficando mais fraco, até que um dos médicos puxou a mãe de Laurel para fora do quarto e informou a ela que, embora eles se mantivessem tentando, se eles não conseguissem limpar a toxina do sangue dele, era apenas questão de tempo antes que seus órgãos começassem a falhar, um a um.

E não ajudava que o Sr. Barnes tenha começado a ligar toda noite. Por uma semana Laurel tinha sido capaz de dizer que sua mãe não estava em casa, mas após um tempo, ele não iria aceitar a resposta. Após ser interrogada duas vezes, Laurel tinha começado a deixar a secretária eletrônica atender todas as chamadas, atendendo somente se fosse Chelsea ou David.

E não disse para sua mãe sobre o Sr. Barnes também, se sentindo culpada toda noite quando apagava a mensagem diária – algumas vezes duas – mas ela tinha prometido pra Tamani que faria o que pudesse.

Era estranho pensar em Tamani agora. Ele parecia quase como um sonho. Uma pessoa muito impressionante que pertencia ao brilho e ao entusiasmo que veio com sua aceitação de ser uma fada. Nada disso parecia muito importante agora. Ela considerou ir vê-lo, mas mesmo se tivesse transporte, o que ele poderia fazer? Sedução certamente não ia ajudar seu pai.

Ela tinha prometido que o avisaria se a propriedade estivesse em perigo, mas desde que estava apagando todas as mensagens do Sr. Barnes, ela não estava. Ultimamente, apenas tentava não pensar em Tamani definitivamente.

Laurel ouviu a campainha estridente do telefone através da porta da frente quando estava voltando pra casa da livraria e correu pra virar a chave na fechadura. Alcançou o telefone no sexto toque e ouviu a voz de sua mãe. “Oi, mãe. Como está o pai hoje?”

A linha ficou em silêncio.

“Mãe?”

Ela ouviu sua mãe tomar um fôlego áspero e encontrar a voz novamente. “Eu acabei de falar com o Dr. Hansen”, ela disse, sua voz tremendo. “Seu pai está mostrando sinais de falência cardíaca. Eles deram a ele menos de uma semana.”

David ficou em silêncio enquanto dirigia pela rodovia escura. Laurel tinha conseguido pegá-lo pelo telefone celular quando ele estava chegando em casa e ele tinha insistido em levá-la até Brookings aquela noite ao invés de esperar até a manhã seguinte. Laurel tinha a janela aberta e, mesmo que David estivesse congelando com o vento gélido do outono através do carro, ele não protestou. Sentiu seus olhos voando continuamente para ela, e de vez em quando ele estendia a mão e acariciava o braço dela. Mas não disse nada.

Eles pararam no estacionamento do Centro Médico de Brookings e David pegou a mão de Laurel enquanto eles seguiam a rota familiar para o quarto do pai dela. Laurel bateu de leve na porta aberta e colocou a cabeça entre as cortinas que circundavam a entrada. Sua mãe estava sentada na pequena mesa com um homem que estava com as costas voltadas pra eles – mas ela acenou para que David e Laurel entrassem.

Laurel reconheceu o homem imediatamente. Seus ombros eram largos e desmedidos em uma camisa que não parecia servir muito bem. E algo em sua presença a deixou com os nervos a flor da pele. Era Barnes.

Laurel se apoiou na parede com seus braços cruzados sobre o peito enquanto sua mãe continuava conversando com Barnes. Ela sorriu e acenou várias vezes e, embora Laurel não pudesse ouvir o que o homem estava dizendo, sua mãe continuava repetindo, “Ah, sim”, e “Claro”, e acenando entusiasticamente. Laurel estreitou seus olhos enquanto continuava a observar sua mãe sorrir e acenar – assinando papéis sem uma única olhada no que estava escrito neles. Isso era tão estranho.

Sua mãe não gostava de contratos, não confiava em ‘advocatês’, como ela chamava isso. Ela sempre examinava formulários e acordos, frequentemente cortava linhas antes que fosse assinar. Mas agora Laurel a observou assinar por volta de oito folhas sem ler uma única palavra.

Barnes não tinha nem mesmo olhado na direção deles o tempo todo.

A pele de Laurel começou a formigar e ela apertou a mão de David enquanto Barnes obtinha algumas assinaturas mais, entregava uma pilha de folhas grampeadas para a mãe de Laurel e colocava o resto em sua pasta. Ele apertou a mão dela e se virou, seus olhos encontrando os de Laurel quase que instantaneamente. Os olhos dele foram rapidamente de Laurel para David, então de volta para Laurel. Suas feições se abriram em um sorriso tortuoso que fez Laurel dar um passo pra trás.

“Laurel”, ele disse numa voz que soou muito falsa para ela, “Eu estava acabando de perguntar sobre você. Parece que nenhuma das minhas mensagens foi recebida por sua mãe.” Ele terminou a sentença com um pequeno rosnado e Laurel cerrou os dentes quando o terror de repente encheu o seu peito.

Então Barnes deu de ombros e a sua expressão se tornou presunçosa. “Por sorte, eu consegui encontrar a sua mãe, então tudo se resolveu BEM.”

Laurel não disse nada quando olhou pra ele, desejando que ela e David tivessem chegado apenas uma hora mais cedo. Então eles poderiam ter... O quê?” Ela nem mesmo sabia, mas desejou que pudesse ter descoberto.

“Foi um prazer vê-la novamente, Laurel”. Ele deu uma breve olhada para a mãe de Laurel, que ainda estava sorrindo. “Sua filha é...” Ele parou e estendeu uma mão em direção a Laurel. Ela tentou recuar, mas já estava contra a parede. Virou o rosto, mas os dedos ásperos dele vaguearam por sua bochecha. “Adorável”, ele terminou.

Quando ele afastou a cortina e partiu, Laurel soltou a respiração e percebeu que ela tinha estado apertando a mão de David tão forte que os dedos dele estavam brancos.

Laurel cerrou os dentes. “O que ele estava fazendo aqui?” ela perguntou, sua voz um pouco tremida.

Sua mãe estava encarando a cortina ainda balançando após a saída do homem. “O quê ?” ela perguntou, se voltando em direção a Laurel e David. “Oh, humm...” Ela andou até a mesa

e começou a misturar os papéis numa pilha. “Ele veio para finalizar os papéis para a venda da propriedade em Orick.”

“Mãe, você prometeu que iria pensar sobre isso.”

“Eu pensei. E aparentemente você resolveu pensar um pouco por mim”, ela disse, olhando significativamente para Laurel. “Você vai me passar as minhas mensagens de agora em diante, entendeu?”

Laurel olhou para o chão. “Sim, mãe”, ela disse baixinho.

Sua mãe olhou para os papéis na pequena mesa e correu o dedo na borda deles, endireitando as já ordenadas folhas. “Na verdade, eu tinha decidido que se você queria manter a terra na família, nós manteríamos “. Esperança a inundou. Talvez não fosse tão tarde! “Mas não é mais uma possibilidade.” Ela ficou em silêncio por um tempo e quando falou novamente, sua voz era baixa e constrangida. “Ele apareceu aqui e aumentou sua proposta”. A mãe de Laurel olhou para cima e encontrou os olhos dela. “Eu tive que aceitar.”

O estômago de Laurel se contorceu e sua respiração de repente pareceu difícil quando ela pensou em perder a terra – perder Tamani. “Mãe, você não pode vender!” A voz de Laurel foi alta e estridente.

Os olhos de sua mãe endureceram e ela olhou para o pai de Laurel por um instante antes de dar dois passos através do quarto até Laurel e agarrar seu braço. Ela trovejou pra fora, puxando Laurel com ela. O braço de Laurel pareceu fraco no aperto esmagador de sua mãe; ela não podia se lembrar de sua mãe alguma vez a tratando tão bruscamente. Sua mãe se dirigiu para uma pequena alcova e soltou o braço de Laurel. Laurel se forçou a não esfregá-lo.

“Isso não é sobre você, Laurel. Eu não posso me prender a algo tão valioso apenas porque você gosta. A vida não funciona desse jeito”. O rosto de sua mãe era tenso e mordaz. Laurel ficou em pé contra a parede e deixou sua mãe ralhar. Por semanas ela tinha sido uma rocha – mas ninguém podia aguentar todo esse estresse sem se partir de vez em quando. “Eu sinto muito”, Laurel sussurrou. “Eu não deveria ter gritado”.

Com uma respiração profunda, a mãe de Laurel parou de andar de um lado pro outro e olhou para ela. O seu rosto relaxou devagar até se enrugarem numa confusão de lágrimas. Ela encostou-se à parede e devagar deslizou até o chão enquanto as lágrimas corriam por suas bochechas. Laurel respirou fundo e cruzou o pequeno espaço para sentar-se ao lado de sua mãe, deslizando um braço envolta da sua cintura e apoiou sua cabeça no ombro dela.

Pareceu estranho estar confortando sua mãe.

“Eu machuquei o seu braço?” a mãe dela perguntou suavemente depois que a torrente de lágrimas cessou.

“Não”, Laurel mentiu.

Ela suspirou, um profundo e pesado suspiro. “Eu realmente considerarei não vender Laurel. Mas não tenho mais escolha. Por causa das contas do hospital, nós estamos nos afogando em débitos.”

“Nós não temos seguro?”

A mãe dela chacoalhou a cabeça. “Não muito. Nós nunca pensamos que precisaríamos. Mas

com todos esses testes e cuidados médicos, apenas há muito que pagar.”

“Não há outro jeito?”

“Eu queria que houvesse. Eu estive quebrando a cabeça, mas não há outro lugar pra conseguir dinheiro. É a terra ou a loja. E pra ser honesta, a terra vale muito mais. Nós esticamos nosso crédito ao limite apenas pra manter seu pai aqui o tempo que estamos mantendo. Ninguém vai nos emprestar mais dinheiro.”

Ela se voltou pra Laurel. “Eu tenho que ser razoável. A verdade é...” - Ela parou enquanto lágrimas encheram seus olhos novamente. “Seu pai pode não acordar. Nunca. Eu tenho que olhar pro futuro. A loja é nossa única fonte de renda. E mesmo se ele acordar, não há forma de se recuperar de um golpe financeiro como esse sem vender *algo*. Sabendo o quanto seu pai ama essa loja, o que você queria que eu fizesse?”

Laurel queria olhar pra longe dos olhos castanhos tristes de sua mãe, mas não conseguiu. Ela expulsou Tamani da sua mente e tentou pensar racionalmente. Ela cerrou os dentes e acenou devagar. “Você está certa, tem que vender a terra.”

O rosto de sua mãe estava abatido e seus olhos pareciam desolados. Ela levantou uma mão para tocar a bochecha de Laurel. “Obrigada por entender. Eu queria ter outra escolha, mas não tenho. O Sr. Barnes estará de volta pela manhã com mais alguns papéis pra finalizar a venda. Ele vai avançar o mais rápido possível e com sorte o dinheiro vai estar na nossa conta dentro de uma semana.”

“Uma semana?” Foi tudo tão rápido.

A mãe dela acenou.

Laurel hesitou. “Você agiu de um jeito engraçado enquanto ele estava aqui. Você estava toda feliz e concordou com tudo o que ele disse.”

Ela deu de ombros. “Eu acho que pus minha cara de negócios. Eu apenas não queria que nada acontecesse pra atrapalhar essa venda. O Sr. Barnes ofereceu setecentos e cinquenta mil. Isso irá cobrir todas as contas médicas e nós teremos alguma sobra também”. Ela suspirou. “Eu não sei o que ele sabe, mas eu quero vender enquanto o preço está alto.”

“Mas você assinou tudo que ele pôs na sua frente”, Laurel continuou. “Você nem mesmo leu.”

Sua mãe acenou desamparada. “Eu sei. Mas não há tempo. Eu quero tomar vantagem dessa oferta enquanto está na mesa. Se eu hesitasse novamente, ele podia decidir que nós somos muito inseguros e retirar a proposta completamente.”

“Eu acho que isso faz algum sentido”, Laurel disse. “Mas...”

“Sem mais, por favor, Laurel. Eu não posso discutir com você agora.” Ela tomou a mão de Laurel. “Você tem que acreditar que eu estou fazendo o melhor que eu posso, ok?”

Laurel acenou relutantemente.

Sua mãe levantou-se do chão e secou os últimos traços de lágrimas de seu rosto. Ela ajudou Laurel a levantar-se e a abraçou. “Nós vamos sobreviver a isso”, ela prometeu. “Não importa o que acontecer, nós encontraremos um jeito.”

Quando elas entraram no quarto do pai dela novamente, os olhos de Laurel foram para a cadeira onde Barnes tinha estado sentado. Era tão estranho ela não gostar tanto de alguém sem conhecê-lo. Mas mesmo o pensamento de sentar na cadeira onde Barnes tinha sentado fez sua pele arrepiar-se. Ela andou até a mesa e pegou o cartão de visitas dele.

Jeremiah Barnes, Agente de Estado. Embaixo estava um endereço.

Parecia legítimo o suficiente, mas Laurel não estava satisfeita. Ela deslizou o cartão em seu bolso traseiro e foi colocar-se ao lado de David. “Com fome, David?” Laurel disse, olhando pra ele significativamente. Ele não captou nada. “Não realmente.”

Ela andou pra perto e agarrou um punhado da parte de trás da camiseta dele. “Mãe, eu vou levar o David e comprar algo pra ele jantar. Nós estaremos de volta em algumas horas.”

A mãe dela levantou os olhos, um pouco assustada. “Já passa das nove.”

“David está com fome”, ela disse.

“Morrendo de fome”, David concordou, sorrindo.

“E ele me trouxe aqui de carro à noite num dia de semana”, Laurel adicionou.

A mãe de Laurel olhou pra eles em dúvida por alguns segundos, então voltou sua atenção novamente ao seu marido adormecido. “Não tente comer a comida da cafeteria”, ela avisou.

“Por que nós estamos fazendo isso novamente?” David perguntou após eles terem dirigido por quase uma hora procurando pela parte certa da cidade.

“David, tem algo errado com esse cara. Eu posso sentir.”

“Sim, mas se esgueirar até o escritório dele e espiar pelas janelas? Isso é um pouco demais.”

“ Bem, o que você espera que eu faça? Ligar e perguntar a ele se gostaria de me contar por que me assusta tanto? Isso vai funcionar”, Laurel murmurou.

“Então o que nós vamos falar aos guardas quando eles nos prenderem?” David perguntou sarcasticamente.

“Ah, deixa disso”, Laurel disse. “Está escuro, nós apenas vamos dar a volta no escritório, espiar em algumas janelas e ter certeza que tudo parece legítimo”. Ela parou. “E se acontecer deles terem deixado uma janela aberta, bem, isso não é minha culpa.”

“Você é tão doida”.

“Talvez, mas você está aqui comigo.”

David revirou os olhos.

“Isso é a beira-mar”, Laurel disse de repente. “Apague seus faróis.”

David suspirou, mas estacionou e apagou as luzes. De um modo discreto, eles andaram furtivamente até o fim da rua sem saída e pararam na frente de uma casa dilapidada que parecia que tinha sido construída no início de 1900.

“É isso”, Laurel sussurrou, olhando de soslaio pros números no meio-fio e no cartão de visita.

David espreitou a estrutura imponente. “Isso não parece realmente com nenhum escritório de estado que eu tenha visto. Parece abandonado. ”

“Menos chance de sermos pegos, então. Vamos”.

David puxou sua jaqueta mais apertada enquanto eles, nas pontas dos pés, circundavam o lado da casa e começaram a espiar as janelas. Estava escuro e era lua nova, mas Laurel ainda se sentiu exposta em sua camiseta azul clara. Ela desejou que não tivesse deixado sua jaqueta preta no carro. Mas se recuasse agora, poderia não ter coragem pra voltar.

A casa era uma estrutura enorme e espalhada com novas adições brotando do prédio principal como apêndices aleatórios. Laurel e David espionaram pelas janelas e viram algumas formas sombreadas e volumosas nas salas escuras – “Mobília velha”, David assegurou a ela – mas a casa está na sua maioria vazia. “Não existe como ele esteja na verdade fazendo negócios aqui”, David disse. “Por que ele colocaria esse endereço no cartão de visitas?”

“Porque ele está escondendo alguma coisa”, Laurel sussurrou de volta. “Eu sabia.”

“Laurel, você não acha que nós estamos em perigo aqui? Nós deveríamos voltar para o hospital e ligar para a polícia.”

“E contar a eles o quê? Que um agente de estado tem um endereço falso em seu cartão de visita? Isso não é crime.”

“Vamos falar pra sua mãe então.”

Laurel balançou a cabeça. “Ela está desesperada pra vender. E você a viu com esse cara Barnes. Foi como se ele a tivesse em um transe. Ela apenas sorriu e concordou com tudo que ele disse. Eu nunca a vi fazer isso antes. E essa coisa que ela assinou, quem sabe o que era!” Laurel espiou na esquina de uma adição particularmente tortuosa e acenou para David. “Eu vejo uma luz”.

David correu para agachar-se ao lado dela. Com toda certeza, perto do lado de trás da casa, uma luz brilhava através de uma pequena janela. Laurel estremeceu.

“Com frio?”

Ela balançou a cabeça. “Nervosa”.

“Você mudou de idéia?”

“De jeito nenhum”. Ela engatinhou pra frente, tentando evitar ramos grandes e o lixo espalhado através do jardim. A janela era baixa o suficiente para olhar por ela ajoelhado no chão, e os dois se posicionaram em ambos os lados dela. Persianas cobriam o vidro, mas elas eram deformadas e fáceis de ver através. Ouviram vozes e movimentos dentro, mas com a janela fechada, não puderam entender nenhuma palavra. Laurel tomou várias golfadas de ar para se acalmar, então voltou sua cabeça para olhar pela janela.

Ela viu Jeremiah Barnes quase imediatamente, com sua figura imponente e rosto estranho. Ele estava sentado à mesa trabalhando em papéis que ela pode apenas presumir que estaria levando pra sua mãe assinar pela manhã. Havia dois outros homens de pé juntos, jogando dardos na parede. Se Barnes não tinha atrativos, esses dois eram completamente grotescos. Suas peles se penduravam em seus rostos como se não estivessem propriamente ligadas e suas bocas eram torcidas em sorrisos severos. O rosto de um dos homens era uma bagunça de cicatrizes e descoloração e, mesmo do outro lado da sala, ela podia dizer que um olho era quase branco e o outro quase preto. O outro homem tinha cabelo vermelho vibrante que cresceu em um padrão estranho e desigual que mesmo o seu chapéu não pode esconder completamente.

“Laurel”, David estava acenando pra ela do seu lado da janela. Ela se abaixou sob o peitoril e espiou por outro ângulo. “O que diabos é aquilo?”

Acorrentado no canto mais distante da sala estava algo que parecia meio humano, meio animal. Seu rosto era composto por pedaços torcidos de carne remendada quase que de maneira aleatória. Dentes grandes e quebrados pulavam entre lábios de uma mandíbula distendida, encimados por uma monstruosidade bulbosa que poderia ter sido um nariz. Era vagamente humanóide e Laurel pôde ver pedaços de roupas embrulhadas em volta de seus ombros e abdômen. Mas uma coleira forrava seu pescoço amarrado, dando a aparência de um animal doméstico bizarro. A forma desajeitada e desmazelada estava em um tapete sujo, aparentemente dormindo.

Laurel cravou as unhas no parapeito enquanto ela olhava fixamente para a coisa. Sua respiração veio em arquejos ásperos e de alguma forma ela não conseguia afastar o olhar.

Apenas quando ela pensou que poderia recuperar o controle para virar o rosto, um olho azul abriu-se e encontrou os dela.

Capítulo 19

Laurel se afastou rapidamente da janela. “Olhou pra mim”.

“Você acha que te viu?”

“Eu não sei. Mas nós temos que ir. Agora!” Ela ouviu barulhos guturais vindo de dentro e seus joelhos pareceram grudados ao chão.

Os dois homens gritaram para a criatura calar a boca, mas Barnes os silenciou com uma palavra alta que Laurel não reconheceu. Um murmurar suave se seguiu, e dentro de segundos o uivo da criatura estranha tinha aquietado.

Laurel se inclinou de volta em direção a janela, mas sentiu um pequeno puxão atrás da sua camiseta. Ela se voltou.

David balançou a cabeça pra ela e apontou o carro.

Laurel parou, mas não estava muito satisfeita. Ela levantou um dedo para David e esgueirou-se pra mais uma espiada através do lado da janela.

Seus olhos encontraram o olhar incompatível de Jeremiah Barnes.

“Vai!” ela sibilou para David e se lançou em direção à frente da casa. Mas antes que se afastasse mais que um passo, ela ouviu o vidro quebrar e sentiu uma mão grande agarrá-la pelo pescoço puxando-a através da janela pra dentro da sala imunda. Dedos ásperos raspavam sua garganta quando ela sentiu a moldura de madeira da janela se quebrar contra as suas costas.

Então ela estava voando. Gritou por apenas um instante antes de bater na parede do lado oposto da sala. Sua cabeça começou a girar. Distante ela ouviu um grunhido de David quando ele bateu contra a parede ao lado dela. Laurel tentou se focar enquanto a sala em volta parecia girar. David se estendeu e a puxou para ele e ela sentiu um rastro de sangue quente gotejar sobre o seu ombro.

A sala finalmente parou de rodar e ela olhou para o rosto zombeteiro de Barnes. “O que nós temos aqui?” Ele sorriu cruelmente. “A menininha da Sarah. Eu ouvi mais sobre você hoje do que eu queria saber.”

Laurel abriu sua boca para replicar, mas David apertou o seu braço. Laurel sentiu um líquido espesso e caudaloso descendo da ferida pungente em suas costas e se perguntou o tamanho do dano que a janela tinha feito.

“Boa garota, Bess”, Barnes disse, dando tapinhas na cabeça meio-careca do animal estranho. Então ele se acorou ao lado de Laurel e David. “Por que vocês estão aqui?” Ele perguntou numa voz de comando suave. Laurel sentiu sua boca começar a abrir por vontade própria. “Nós... Nós tínhamos que descobrir por que você... Por que você...” - Então ela conseguiu se agarrar ao seu juízo, forçou sua boca a se fechar e olhou para Barnes.

“Nós sentíamos que tinha algo que não estava certo”, David disse. “Nós viemos ver se podíamos encontrar algo.”

Laurel se virou com os olhos arregalados e olhou para David. Ele estava olhando fixamente pra frente com um olhar um pouco atordoado em seu rosto, que era assustadoramente similar ao olhar que Laurel tinha visto em sua mãe apenas uma hora mais cedo. “David!” ela sibilou.

“E o que vocês estavam planejando fazer se você encontrasse algo?”

Barnes perguntou naquela mesma voz compulenta.

“Obter provas. Levar para a polícia.”

“David!” Laurel gritou, mas ele não pareceu ouvi-la.

“Por que você está tão preocupada?” Barnes perguntou.

Novamente David abriu sua boca, mas havia muitos segredos que poderiam vir à tona.

Laurel fechou seus olhos, se desculpando mentalmente e deu um tapa no rosto de David o mais forte que conseguiu.

“Droga! Ow! Laurel!” David colocou a mão na bochecha, alongando seu maxilar.

Um suspiro de alívio escapou dos lábios de Laurel e ela apertou a mão de David. Ele apenas olhou confuso.

“Eu ouvi o suficiente”, Barnes disse se levantando.

O homem ruivo sorriu – uma caricatura sinistra de um sorriso real que fez Laurel se encolher de medo contra o peito de David. “Vamos quebrar a perna deles. Eu posso usar como exercício.”

Laurel sentiu David enrijecer e a respiração dele se tornou curta e errática.

Barnes balançou a cabeça. “Aqui não; este endereço está no meu cartão. Eu tenho sangue o suficiente pra limpar do jeito que está”. Ele se acorou novamente e olhou de um para outro por um longo minuto. “Vocês gostam de nadar?”

Laurel estreitou seus olhos e olhou para Barnes, mas David a segurou.

“Eu acho que vocês acharão um pequeno mergulho no rio Chetco muito... refrescante essa noite”. Barnes ficou de pé e agarrou os ombros de David, colocando-o de pé. “Vasculhem ele.” Os outros dois homens sorriram e começaram a esvaziar os bolsos de David – carteira, chaves e uma latinha de balas de menta. Barnes pegou as chaves e as atirou para Scarface e deslizou a carteira e as balas de volta na calça de David. “Assim os policiais podem identificar você quando seus corpos forem encontrados na primavera”, ele disse com uma risada.

Sem David para segurá-la, Laurel se lançou para Barnes, suas unhas procurando pelo rosto dele, seus olhos, qualquer coisa. Barnes atirou David para seus parceiros e agarrou os braços de Laurel, torcendo eles nas costas dela até ela choramingar de dor. Ele colocou a boca perto do ouvido dela e acariciou seu rosto. Ela não podia nem mesmo se esquivar. “Você apenas fique quieta agora”, ele sussurrou brandamente. “Porque se você não ficar”, ele continuou no mesmo tom suave, “Eu arrancarei seus braços.”

David estava lutando com seus captores, gritando e tentando chegar até Laurel, mas ele não podia lutar nem um pouco melhor do que ela podia. “Quieto!” Barnes rugiu em uma voz que preencheu a sala e ecoou pelas paredes. A boca de David se fechou.

“Pegue o carro”, Barnes disse. “Suba até passar a ponte Azalea e os atire no rio. E não se esqueça do peso pra afundá-los.” Ele adicionou cinicamente. “Tenham certeza que não haja nenhuma forma de que essa aqui,” ele gesticulou em direção a Laurel, “apareça antes que os papéis sejam assinados amanhã”, ele riu. “Primavera é ideal, mas contanto que não seja

amanhã, eu não me importo quando os encontrarem. E deixe o carro lá. Não no estacionamento – do lado de alguma trilha. Eu não preciso de nenhum carro de garoto desaparecido dando sopa na frente do meu *escritório*.” Ele olhou de soslaio para eles. “Voltem andando. Isso fará bem pra vocês dois.”

“Você não vai sair dessa”, Laurel murmurou entre dentes cerrados.

Mas Barnes apenas riu. Ele soltou o braço dela e olhou para o rastro vermelho em sua mão – sangue de David. “Que desperdício”, ele disse, limpando sua mão num lenço branco. “Levem eles daqui.”

Os dois homens amarraram Laurel e David juntos e os atiraram no banco traseiro do Civic de David. “Você pode gritar o quanto quiser agora”, o ruivo disse com um sorriso. “Ninguém vai te ouvir”.

Não havia dúvida quanto a isso.

Enquanto eles dirigiram, as luzes das ruas cintilavam no carro, apenas luz suficiente para que Laurel conseguisse ver o rosto de David. Sua mandíbula estava flexionada e ele parecia tão assustado quanto ela estava, mas ele não se incomodou em gritar também.

“É bom estar do lado de fora fazendo isso novamente, não é?” Scarface disse, falando alto pela primeira vez. Diferente de seu companheiro, a voz de Scarface era profunda e suave – o tipo de voz que você esperaria ouvir de um herói num filme antigo em preto e branco, não vinda desse rosto áspero e desfigurado.

“Sim”, disse o Ruivo com uma risada - uma risada chiada que fez o estômago de Laurel revirar. “Eu estive tão doente de ficar sentado nessa lixeira velha esperando que algo acontecesse.”

“Nós somos uns dos melhores em toda horda. Mas Barnes nos trata como se fôssemos nada. Nos mandando sair pra cuidar de crianças. Crianças!”

“Sim”. Alguns segundos se passaram em silêncio. “Nós devemos rasgá-los em pedaços ao invés de atirá-los no rio. Isso me faria sentir melhor.”

Uma risada suave daquela voz perfeita de estrela de cinema preencheu cada polegada do carro apesar do volume baixo. Um calafrio subiu pela espinha de Laurel. “Eu iria gostar disso”. Ele se voltou para espiar Laurel e David com um sorriso assustadoramente calmo. Então ele suspirou e voltou seus olhos para a estrada. “Mas eles não podem ser encontrados por alguns dias. Pedaços são difíceis de esconder – mesmo num rio.” Ele parou. “É melhor a gente apenas seguir as ordens.”

“Laurel?”

O sussurro de David a distraiu por um instante abençoado. “Sim?”

“Eu sinto muito não ter acreditado em você sobre o Barnes.”

“Tudo bem.”

“Sim, mas eu devia ter acreditado em você. Eu queria...” A voz dele falhou por alguns segundos. “Eu queria que nós pudéssemos...”

“Não se atreva a começar a dizer adeus, David Lawson”, Laurel sibilou o mais baixo que conseguiu. “Isso ainda não terminou.”

“Oh, sim?” David perguntou frustrado. “O que você sugere?”

“Nós pensaremos em algo”, ela sussurrou quando o clique do indicador começou a soar e o carro desacelerou. Ela sentiu as rodas entrarem ruidosamente numa estrada de terra e

deixarem todas as luzes pra trás. Foi uma viagem acidentada por vários minutos antes que o homem estacionasse e abrisse as portas.

“Tá na hora”, Scarface disse, seu rosto uma pedra lisa e ilegível.

“Você não tem que fazer isso”, David disse. “Nós podemos manter nossas bocas fechadas. Ninguém...”

“Shhhhh”, o Ruivo disse, colocando uma mão sobre a boca de David. “Apenas ouça. Você ouviu isso?”

Laurel parou. Ela ouviu alguns pássaros e grilos, mas acima de qualquer outra coisa, ela ouviu a agitação distante do Rio Chetco.

“Esse é o som do seu futuro, esperando pra te carregar pra longe. Vamos”, ele disse, levantando David bruscamente. “Você tem um compromisso e nós não queremos que você se atrase.”

Eles cutucaram seus cativos pra seguirem em frente ao longo da trilha escura enquanto um dos homens cantava estridente e fora do tom, “Oh Shenandoah, anseio por vê-lo. À distância rio ondulante”. Laurel fez uma careta quando ela chutou novamente outra pedra com seus pés desprotegidos e desejou pela primeira vez em sua vida que estivesse usando alguns sapatos de verdade ao invés de chinelos.

Então as árvores se abriram e eles ficaram parados na frente do Chetco. Laurel respirou fundo quando ela olhou as corredeiras brancas espumosas avançando. Scarface a empurrou para o chão. “Você apenas sente aqui”, ele rosnou. “Nós voltaremos logo.”

Laurel não tinha mãos para ampará-la e ela estatelou-se sobre o estômago, sua bochecha repousando na lama escura e úmida. David logo se estatelou ao lado dela e a falta de esperança de sua situação finalmente tornou-se clara. Era tudo culpa dela e sabia disso, mas como você se desculpa por fazer alguém ser morto?

“Isso não é como eu pensei que terminaria”, David murmurou.

“Eu também”, Laurel disse. “Morta nas mãos de... O que você acha que eles são? Eu não... Eu não acho que eles sejam humanos. Nenhum deles. Talvez nem mesmo Barnes.”

David suspirou. “Eu nunca estive tão relutante em admitir que acho que você está certa”. Eles ficaram em silêncio por alguns momentos.

“Quando tempo você acha que vai levar?” Laurel perguntou, seus olhos fixos nas corredeiras espumosas.

David balançou a cabeça. “Eu não sei. Quanto tempo você pode segurar a respiração?” Ele riu vagarosamente. “Eu acho que você vai durar um pouco mais que eu”. Mas a risada dele cessou depressa e ele suspirou.

Levou dois segundos para a mente de Laurel juntar tudo. “David!” Uma minúscula faísca de esperança agitou-se para a vida em sua cabeça. “Lembra-se do meu experimento? Na sua casa, na sua cozinha?” Ela ouviu os murmúrios dos dois homens enquanto eles voltavam para o rio. “David, respire, respire muito, muito fundo, antes de entrar no rio”, ela sussurrou.

Os homens estavam carregando pedras enormes e cantando alguma canção que Laurel não reconheceu. Mais voltas de corda se enrolaram em suas mãos e ela sentiu Scarface testar o peso da pedra quase tão grande quanto uma bola de praia.

Alguns minutos depois David se encontrava na mesma posição. “Você está pronto?” Scarface perguntou pro seu parceiro.

Laurel olhou para o rio. Era no mínimo trinta metros até o meio; o que eles esperavam que fizessem, andassem? Como se sentisse a questão dela, Scarface pegou Laurel em uma mão e a pedra na outra como se nenhum dos dois pesasse mais do que 1 quilo ou dois. O Ruivo fez o mesmo com David. Antes que Laurel pudesse se aperceber dessa nova anomalia, Scarface a atirou. Ar gelado arremeteu contra o seu rosto e ela gritou enquanto voava pro alto no ar, apenas passando o meio do rio. Ela mal conseguiu tragar um pouco de ar antes que a pedra afundasse através da superfície e a arrastasse pra baixo.

A água picava como agulhas glaciais enquanto a escuridão retumbante se fechava sobre sua cabeça. Ela abriu os olhos e esforçou seus ouvidos para encontrar David. A pedra dele foi impelida passando por ela, mal errando sua cabeça enquanto descia para a escuridão tenebrosa embaixo. Ela enrolou suas pernas em volta do peito dele enquanto ele deslizava através da água ao lado dela. A pedra dela puxava seus braços, e ela apertou suas pernas em volta de David. Ela esperava que ele tivesse conseguido tomar um grande fôlego. Foi apenas alguns segundos antes de suas pedras baterem contra o fundo do rio com um ruído estranho. Laurel olhou para cima, mas não conseguiu ver nem mesmo um pouquinho de luz. Ela pode perceber apenas o contorno mais desprotegido da pele branca de David na frente de seus olhos e não podia dizer se ele ainda estava consciente. A boca dela sondou na escuridão procurando pela dele. Alívio fluiu através dela quando sentiu o rosto dele se mover também. As suas bocas se encontraram e Laurel se concentrou em selar seus lábios com os dele antes de soprar gentilmente dentro de sua boca. Ele segurou a respiração por alguns segundos e soprou algum ar de volta na dela. Esperando que ele entendesse o que ela estava fazendo, Laurel afastou sua boca e começou a se contorcer, testando suas amarras.

A água era gelada e Laurel sabia que tinha que trabalhar rápido. Primeiro ela tinha que colocar as mãos em sua frente ou nada disso ia funcionar – ela poderia nem mesmo ser capaz de chegar perto o suficiente de David para dar a ele mais ar se ela não pudesse usar suas mãos. Ela se inclinou para frente e tentou deslizar seus braços por trás de suas costas e sob suas pernas, mas suas costas não queriam se curvar tanto. Ela sentiu a pele de seus pulsos dilacerarem-se enquanto ela puxava mais forte, sabendo que David não conseguiria segurar o fôlego por muito mais tempo. A espinha dela doeu quando ela forçou a curvar-se mais – então um pouco mais que isso, ainda.

O corpo dela revoltou-se, mas finalmente suas mãos deslizaram sob seus joelhos e ela libertou as pernas, procurando freneticamente por David. Ela envolveu seus braços em volta do pescoço dele e pressionou sua boca na dele novamente. Eles respiraram várias vezes de um para o outro enquanto ela tentava decidir o que fazer em seguida. Ela soprou uma grande quantidade de ar nos pulmões de David e se separou novamente. Puxou a corda que a conectava a pedra e, quando alcançou o fundo, seus dedos entorpecidos procuraram por algo afiado.

Mas o rio era muito veloz. Nada que poderia uma vez ter sido afiado tinha ficado encahado em um acabamento liso e suave. Ela se deixou flutuar até David para mais ar antes de descer, seguindo a corda de David dessa vez. Seus dedos apalparam nervosamente o nó em volta da rocha e ela devagar começou a puxar um fio livre da corda.

Após mais algumas tentativas, ela nadou pra cima, para dar a David mais ar. Ele estava lutando para ter seus braços na sua frente como os dela estavam, mas ele não era tão

flexível e não tinha feito nenhum progresso. Após uma respiração funda, David voltou à tentativa de soltar seus braços, mas ele não estava nem perto. Laurel cerrou seus dentes; ela teria que fazer isso sozinha. Ela voltou devagar pra baixo pela corda até o nó em volta da pedra.

Levou mais três respiradas antes do nó se soltar em suas mãos. Mas a corda ainda estava presa sob a pedra enorme. Apoiando seus pés no fundo do rio, Laurel içou a pedra tentando libertar o último pedaço de corda. Seus pés deslizaram e ela chutou um dos chinelos que tinha sobrevivido ao mergulho gelado. Seus pés procuraram as fendas da pedra e encontraram um apoio melhor, e ela se esforçou contra a pedra, tentando rolá-la apenas algumas polegadas. Ela sentiu começar a se mover e empurrou um pouco mais. A pedra deslocou-se repentinamente e o pé de Laurel escapuliu dela. O rio a atirou em sua corrente, seus braços balançando pra trás enquanto a corda se retesava.

A forma branca de David passou rápido, um escravo da corrente e fora do alcance antes que Laurel pudesse tentar agarrá-lo. Foi menos de um segundo antes que ele estivesse fora de vista, um rastro minúsculo de bolhas o único sinal enfraquecido de sua presença.

David tinha sumido e Laurel sentiu-se desesperada. Ela devia ter planejado isso melhor. Tudo que ela conseguiu pensar enquanto olhava freneticamente dentro da escuridão era que tinha passado muito tempo desde a última tomada de ar.

Pânico moveu-se em seus pensamentos e Laurel tentou não deixar isso atingi-la. A falta de ar já tinha começado a arder em seu peito, mas isso era muito menos desconfortável que qualquer das outras coisas que ela estava sentindo agora. Seus pés estavam esfolados de empurrar a pedra de David e seus pulsos doíam onde a corda se cravou quando ela caiu impotente na corrente.

Fechou seus olhos e pensou em seus parentes por alguns segundos, reconquistando o aspecto de calma. Ela não deixaria sua mãe perder sua família inteira. Mão após mão, Laurel devagar se arrastou pra baixo por sua corda até a pedra. Tinha funcionado pra David e era provavelmente sua melhor esperança. Por causa do frio seus dedos mais desajeitados agora e Scarface tinha feito um trabalho melhor que seu companheiro. Os nós rendiam-se mais devagar e quando ela os desfez, seu peito estava gritando por ar em uma agonia que ela nunca tinha sentido antes.

E a parte mais difícil ainda estava na frente dela.

Ela encontrou um apoio aceitável e empurrou sua pedra, suplicando pra movê-la facilmente. E nem mesmo se moveu.

Ela amaldiçoou em sua mente e, mesmo na água, lágrimas encontraram o caminho para seus olhos. Ela levou alguns segundos preciosos para mover algumas das pedras menores na frente da que estava bloqueando sua corda e apoiou seus pés feridos e ardendo novamente. Ela empurrou com toda a sua força e, quando a escuridão começou a preencher as bordas da sua visão, a pedra começou a deslizar. Laurel moveu suas mãos e empurrou novamente, expelindo o resto de ar por sua boca enquanto ela forçava a pedra outra polegada pra frente. Mais uma, mais uma, só mais uma.

De repente ela estava sacudindo-se na água como uma boneca de pano, sem nenhuma idéia de qual lado era pra cima. Ela chutou freneticamente, tentando encontrar algum tipo de apoio na água escura. Seu pé chutou uma pedra com força agonizante e ela dobrou as pernas contra isso, empurrando pra cima com cada centímetro de sua força minguada.

Quando ela pensou que não conseguiria durar nem mais um segundo, seu rosto atravessou a superfície e ela arquejou numa golfada de ar.

A corrente ainda a estava arrastando ao longo e embora ela chutasse em direção da margem, seu corpo tinha sido drenado de suas forças. Seus pés raspavam o fundo e ela tentou ficar em pé, mas suas pernas não obedeciam. A força da água a jogava pra baixo e os braços e pernas dela batiam nas pedras enquanto ela tentava tomar o controle.

Então alguma coisa curvou-se sobre sua cabeça, a empurrando pra baixo por alguns segundos. Laurel choramingou, sabendo que tinha sido encontrada pelos dois bandidos, agora prontos pra terminar o serviço que tinham começado. Mas um gancho pesado alcançou sua cintura e a puxou pra cima e pra fora da água. Pra longe das pedras impiedosas.

“Eu te peguei”, David disse no ouvido dela sob o som da corrente. Os braços dele ainda amarrados estavam envolta da cintura dela e caminhou pesadamente na água rasa em direção a margem. Ele a arrastou alguns metros pra fora do rio e para o junco espalhado na margem antes de desabar no chão. Seus dentes batiam no ouvido dela quando eles deitaram juntos, ambos arquejando por ar.

“Obrigado, Deus”, David suspirou enquanto os braços em volta de Laurel ficavam flácidos.

Capítulo 20

Foram vários minutos antes que ambos fossem capazes de se mover. O corpo inteiro de David tremia de frio enquanto ele desembaraçava seus braços de Laurel. “Eu pensei que nunca te veria novamente”, ele disse. “Você esteve lá embaixo por quase quinze minutos após eu ter meus braços na minha frente então eu pude ver meu relógio.”

Quinze minutos! Laurel ficou instantaneamente grata por ter libertado David primeiro ao invés de si mesma. Ele teria estado morto após somente cinco. “Como você chegou à margem?”

David sorriu abatido. “Sendo muito, muito teimoso. Eu não estava convencido que iria conseguir fazer isso definitivamente. Mas me mantive chutando e respirando quando eu conseguia e eventualmente cheguei na água rasa.” Ele se inclinou-se pra mais perto até que seus ombros se tocassem. “Eu não tinha idéia de onde você estava, nem mesmo poderia ter encontrado onde você estava amarrada porque o rio está tão escuro. Apenas fiquei andando pra baixo e pra cima na margem procurando por qualquer sinal de você.”

“E se aqueles dois feiosos estivessem esperando?” Laurel o repreendeu.

“Esse era um risco que eu estava querendo correr”, David disse baixinho. Um calafrio violento chacoalhou o corpo dele todo e Laurel se levantou devagar e vacilante.

“Nós temos que aquecê-lo”, ela disse. “Você pode ter hipotermia após ter estado naquela água.”

“E você? Você esteve muito mais tempo.”

Laurel balançou a cabeça. “Eu não tenho sangue quente, se lembra? Vamos, vamos procurar por algo afiado pra cortar essa corda”, ela se curvou e começou a procurar por algo no chão.

“Não”, David disse. “Vamos apenas voltar ao meu carro. Eu tenho uma faca lá. Isso vai levar bem menos tempo no final das contas.”

“Você acha que consegue encontrá-lo?”

“É melhor eu achar, caso contrário não vai importar que sobrevivemos ao rio.”

Eles andaram cansados rio acima por vários minutos antes que as coisas começassem a parecer familiares. “Lá”, Laurel disse, apontando para o chão. Ela apenas conseguiu ver o seu chinelo branco parado serenamente no banco, a corrente sobrepondo-se ao chinelo.

“Eu devo ter perdido quando Scarface me pegou.”

David parou, olhando para o calçado. “Como eles fizeram aquilo, Laurel? Ele me pegou com uma mão!”

Laurel acenou. “A mim também”. E ela não queria dizer a ele o quão pesadas as duas pedras tinham sido. “O carro deve estar por aqui”, ela disse, gesticulando com a cabeça. Ela queria deixar o rio pra trás e nunca mais voltar.

“Você quer isso?” David perguntou, se curvando para pegar o calçado dela.

O estômago de Laurel se revirou quando ela olhou para o chinelo branco arranhado. Seus pés latejavam, mas ela não podia aguentar o pensamento de usar aquele calçado novamente. “Não”, ela disse. “Jogue no rio.”

Sem lua para guiá-los, eles fizeram o seu caminho muito devagar pela trilha. Duas vezes eles tiveram que retroceder, mas foi menos de meia hora antes de David ajoelhasse ao lado de seu carro, procurando pela chave sobressalente na roda. “Eu disse para minha mãe que isso era uma idéia estúpida”, David disse, seus dentes batendo novamente. “Mas ela me assegurou que um dia eu ficaria feliz por isso.” Ele recuperou a chave prateada e a segurou em suas mãos temendo. “Eu não acho que isso era exatamente o que ela tinha em mente.” Ele colocou a chave no porta-malas e ambos suspiraram quando estalou e a tampa do porta-malas abriu. “Eu vou comprar flores pra ela quando voltar pra casa”, ele prometeu.

“Chocolates também”.

David escavou desajeitado em seu kit de sobrevivência na estrada e puxou uma pequena faca de bolso. Levou alguns minutos para cortar as cordas grossas, mas era um milhão de vezes melhor do que tentar fazer com uma pedra. Ele ligou o carro e acionou o aquecimento no máximo enquanto eles deslizavam para os bancos da frente, mantendo suas mãos levantadas para o vento e tentando secar suas roupas ainda úmidas.

“Você deve tirar sua camiseta e pôr minha jaqueta”, Laurel disse. “Não é muito, mas pelo menos está seca”.

David balançou a cabeça. “Eu não posso fazer isso; você precisa dela”.

“Meu corpo se ajusta a qualquer temperatura – sempre se ajustou. Você é o único que precisa se aquecer.” Ela olhou o rosto de David mudar enquanto ele guerreava entre seus ideais de cavalheirismo e sua necessidade desesperada de se aquecer.

Laurel revirou os olhos, mas após alguns segundos ele tirou sua camiseta molhada e a trocou pela jaqueta dela.

“Você acha que consegue dirigir?”

David fungou. “Eu posso dirigir longe o bastante para nos levar à delegacia. Isso vai funcionar?”

Laurel parou a mão de David no câmbio. “Nós não podemos ir até a polícia.”

“Por que não? Dois homens acabaram de tentar nos matar! Acredite, é pra isso que os policiais servem.”

“Isso é maior que a polícia, David. Você esqueceu como aqueles homens nos jogaram no rio

como se não pesássemos nada? O que você acha que eles fariam com alguns policiais?” David olhou para o volante, mas não disse nada.

“Eles não são humanos, David. E qualquer um que é humano vai apenas se machucar se tentar pará-los.”

“Então o que faremos?” David perguntou, sua voz mordaz. “Os ignoramos? Vamos pra casa com o rabo entre as pernas?”

“Não”, Laurel disse muito baixo. “Nós vamos até Tamani.”

Lágrimas de alívio pinicavam os olhos de Laurel quando ela passou a linha de árvores e sentiu o conforto familiar da floresta envolvê-la. Ela tirou seu cabelo emaranhado do rosto e infrutiferamente tentou correr os dedos através dele enquanto ela mancava pela trilha mal iluminada em direção ao regato. Ela estava tão exausta que mal conseguia pôr um pé machucado em frente do outro.

“Tamani?” ela chamou baixinho. A voz dela parecia anormalmente alta nessa escuridão.

“Tamani? Eu preciso de ajuda.”

Tamani juntou-se a ela tão silenciosamente que ela não o notou até que ele falasse. “Eu posso presumir que o garoto no veículo é David?”

Ela parou de andar e os olhos dela o olharam atentamente. Ele não estava de armadura essa noite mas em uma camisa preta de mangas compridas e calças ajustadas que se misturavam quase completamente com as sombras. A noite estava tão escura que ela conseguia apenas ver o contorno do rosto dele, cada ângulo suave e extraordinariamente lindo. Ela queria se atirar em seus braços, mas ela se segurou. “Sim, é David.”

Seus olhos eram suáveis, porém sondadores. “Por que você o trouxe?”

“Não tive escolha.”

Tamani levantou uma sobrancelha. “Pelo menos você falou pra ele ficar no carro.”

“Eu estou tentando, Tamani. Mas ele era minha única forma de chegar aqui essa noite.”

Tamani suspirou e olhou pra trás, para o fundo da trilha onde Laurel tinha deixado David no carro. “Eu tenho que admitir que estou muito feliz por você estar aqui. Mas a floresta está cheia de fadas essa noite – não é uma boa hora.”

“Por que elas estão aqui?”

“Tem havido muita... atividade inimiga na área recentemente. Nós não temos certeza do motivo. Isso é tudo que eu posso dizer”. Ele lançou um olhar rápido pro fim da trilha.

“Vamos mais distante”. Ele pegou a mão dela e continuou descendo a trilha.

O primeiro passou lançou dor por sua perna como se um pedaço de pau entrasse em seu pé machucado. “Pare, por favor”. A voz dela foi um apelo estrangulado, mas estava além de sentir-se embaraçada essa noite. Lágrimas deslizaram pelo seu rosto quando Tamani parou e se virou.

“O que há de errado?”

Mas agora que as lágrimas tinham começado Laurel não conseguia pará-las. O pânico e o pavor da noite a banharam tão tangível quanto a corrente do Chetco e ela arquejou por ar. Então os braços de Tamani estavam em volta dela, seu peito quente apesar do ar frio. Suas mãos acariciaram pra baixo e pra cima as costas dela até que ele tocasse a ferida onde ela tinha sido cortada pela janela e ela não conseguiu segurar um gemido. “O que aconteceu com você?” Tamani sussurrou no ouvido dela enquanto suas mãos passavam por seu cabelo.

Os dedos de Laurel agarraram a frente da camiseta dele quando tentou manter o equilíbrio. Tamani se curvou e colocou os braços embaixo dela, a levantando de seus pés doloridos e a enrolando contra si. Fechou seus olhos, hipnotizada pela graciosa cadência de seus pés que nunca pareciam fazer barulho. Ele andou alguns minutos descendo a trilha e a colocou num lugar macio no chão.

Uma faísca flamejou e Tamani acendeu o que pareceu como um tipo de orbe de latão pequeno. Luz tremulante brilhou por centenas de minúsculos buracos na orbe, enchendo a clareira com um brilho suave. Tamani tirou o fardo do ombro e ajoelhou ao lado dela. Sem dizer uma palavra, ele colocou um dedo sob o queixo dela e girou seu rosto de um lado pro outro. Ele se moveu para os braços e pernas dela, murmurando a cada machucado e abrasão que ele encontrava. Gentilmente, levantou o pé dela até o seu colo e Laurel captou os perfumes familiares de lavanda e ylan-ylang enquanto ele esfregava alguma coisa quente em suas solas esfoladas. Formigou e quase queimou por um minuto antes de refrescar e rechaçar a dor pungente.

“Você está machucada em mais algum lugar?” Tamani perguntou, após tratar todos os machucados que ele pode ver.

“Minhas costas”, Laurel disse, se virando e levantando sua camiseta.

Tamani soltou sua respiração num pequeno assobio. “Esse está muito ruim. Eu vou precisar costurar.”

“Vai doer?” Laurel disse devagar enquanto o calor da pequena orbe parecia envolver seu corpo.

“Não, mas você vai ter que ter cuidado por alguns dias enquanto cicatriza.”

Laurel acenou e colocou sua bochecha em seu braço.

“Onde você conseguiu isso, Laurel?” Ele perguntou enquanto seus dedos suaves trabalhavam no corte profundo. “Fadas não são conhecidas por serem desajeitadas.”

A língua de Laurel pareceu grossa e devagar enquanto ela tentava explicar. “Eles tentaram nos matar. David e eu.”

“Quem?” A voz dele foi suave, mas Laurel pôde sentir a intensidade por trás de suas palavras.

“Eu não sei. Alguma coisa feia, inumana. Homens que convenceram minha mãe a vender a terra.”

“Feio?”

Laurel acenou. Ela fechou os olhos enquanto contava a ele sobre seu pai e Jeremiah Barnes, as palavras dela começando a falhar.

“Uma toxina?” Tamani pressionou enquanto os olhos dela pesavam e a voz dele parecia longe e cada vez mais longe.

“Os papéis devem ser assinados amanhã”, Laurel respirou, se forçando a transmitir a mensagem mais importante enquanto sua pele formigava gentilmente, como se ela estivesse deitada ao sol de meio-dia.

Alguns segundos mais tarde um braço deslizou em volta dela e Laurel se agarrou a ele enquanto a bochecha de Tamani encostava-se ao seu cabelo. “Durma”, Tamani sussurrou.

“Eu não vou deixar nada te machucar.”

“D-D-David, ele está esperando...”

“Não se preocupe”, Tamani a acalmou, acariciando o braço dela. “Ele também está

dormindo. Shar irá assegurar que ele esteja seguro. Vocês dois precisam descansar agora.”

Tudo que ela conseguiu fazer foi acenar enquanto se aninhava no peito de Tamani e deixar todo o resto deslizar para fora da sua mente.

Dedos suaves passavam através dos cabelos de Laurel enquanto ela se esticava devagar e deitava de costas. Seus olhos se abriram e encontraram o de Tamani.

“Bom dia”, ele disse com um sorriso suave enquanto sentava ao lado da cabeça dela.

Ela sorriu, então seus olhos olharam pra cima, para um céu coberto de estrelas e a pequena lâmpada ainda pendurada nos galhos sobre ela. “É?”

Tamani riu. “Bem, é muito cedo, eu acho, mas sim.”

“Você dormiu?”

Ele balançou a cabeça. “Muito que fazer.”

“Mas –“

“Eu ficarei bem. Já fiz pior.” Seu sorriso sumiu e sua mandíbula se retesou. “É hora de ir”.

“Ir aonde?” ela perguntou sentando.

“Cuidar dos trolls antes que eles terminem de matar o seu pai.”

“Trolls?” ela balançou a cabeça. Certamente ela tinha ouvido errado. Ela tinha sentado muito rápido, era isso. “Meu pai? Você pode ajudar meu pai?”

“Eu não sei”, Tamani admitiu. “Mas não importará ao menos que cuidemos dos trolls primeiro.” Tamani inclinou sua cabeça muito levemente para o lado. “Pode sair Shar. Eu sei que você está ouvindo.”

Outro homem saiu silenciosamente detrás de uma árvore que Laurel poderia jurar que era pequena demais para escondê-lo. Ele tinha a mesma postura de confiança que Tamani e os mesmos olhos verdes. As raízes de seus cabelos eram verdes também, mas o resto era louro claro e comprido – puxado pra trás longe do seu rosto. Shar tinha a mesma perfeição que ela ainda não estava acostumada ver em Tamani; embora seu rosto fosse duro, cheio de ângulos agudos onde os de Tamani eram suaves. Ele era mais alto– quase tão alto quanto David – com membros longos e rijos, braços e peito muito sólidos.

“Laurel, Shar. Shar, Laurel”, Tamani disse sem olhar para a outra fada.

Laurel olhou fixamente, olhos arregalados, mas Shar apenas acenou e cruzou os braços sobre o peito, ouvindo enquanto se apoiava na árvore que ele tinha acabado de sair detrás.

“Eu devia ter percebido que eram trolls tentando comprar essa terra. As criaturas que você descreveu não podem ser nada mais. Nós precisamos cuidar deles antes que aqueles papéis sejam assinados.”

“Trolls? Tipo trolls reais? Você está falando sério? Por que trolls se importariam em comprar essa terra? Apenas porque vocês vivem aqui?”

Tamani olhou sobre seu ombro para Shar antes de voltar para Laurel. “Não. É porque o caminho é aqui.”

“Caminho?”

“Tamani, você está indo muito longe”, Shar rosnou.

Tamani girou seu corpo. “Por quê? Você não acha que ela, de todas as fadas, tem o direito de saber?”

“Essa decisão não é sua. Você está deixando isso se tornar muito pessoal.”

“É pessoal”, Tamani disse, amargura pesada em sua voz. “Sempre foi pessoal”.

“Nós seguiremos o plano”, Shar insistiu.

“Eu estive seguindo o plano por doze anos, Shar. Mas trolls a meras horas longe de ganhar o título dessa terra e desfazendo tudo pelo que nós trabalhamos não é parte do plano também.” Ele parou, olhando para seu companheiro. “As coisas mudaram e ela precisa saber o que está em risco.”

“A Rainha não ficará feliz”.

“A Rainha passou a maioria do seu reinado fazendo me sentir miserável. Talvez seja melhor se a maré mudar uma vez.”

“Eu confio em você, Tamani, mas você sabe que eu não posso esconder isso.”

Um longo momento passou enquanto os dois homens estudavam um ao outro. “Que assim seja”, Tamani disse e voltou-se para Laurel. “Disse para você uma vez que eu guardava algo muito especial. Não é algo que possa pegar e mover - é por isso que essa terra é tão importante. É um portão para o reino. A única proteção para o caminho até Avalon”.

“Avalon?” Laurel exalou.

Tamani acenou. “Há quatro caminhos no mundo todo que levam a isso. Milhares de anos atrás, os caminhos eram abertos. Eles ainda eram secretos e guardados por aqueles que sabiam sobre eles, mas o fato é que muitos sabiam. Desde o começo dos tempos, trolls tentado tomar o controle de Avalon. É um pedaço perfeito da terra onde a natureza não é a única fonte abundante lá. Ouro e diamantes são tão comuns quanto paus e pedras. Eles não significam nada pra gente exceto como decoração.” Tamani riu. “Nós gostamos de coisas que brilham, você sabe.”

Laurel riu enquanto pensava nos prismas de vidro que ela tinha enfiado na janela do seu quarto anos atrás. “Eu pensei que era uma preferência pessoal.”

“Nunca conheci uma fada que não gostasse”, Tamani disse com um sorriso. “Mas os trolls sempre tentaram subornar seu caminho para o mundo humano com dinheiro. Alguns trolls gastam sua vida inteira caçando tesouros e Avalon é um tesouro muito grande pra deixar passar. Por séculos, era um lugar de morte e destruição enquanto os trolls tentavam nos invadir e nos destruir e as fadas desesperadamente tentavam proteger seu lar. Mas durante o reinado do Rei Arthur tudo mudou.”

“Rei Arthur? O Rei Arthur? Você está brincando comigo!”

“Nem um pouco, embora como tudo mais, a história nunca é contada da forma certa. Eu te digo isso, se você quer manter um segredo, transforme em uma história humana. Eles irão bagunçá-la tanto em cem anos, que ninguém será capaz de separar a verdade do mito.”

“Eu tomaria por ofensa, exceto, que até agora, eu descobri que isso é completamente verdade.”

Tamani deu de ombros.

“O que o Rei Arthur fez?”

“Principalmente foi o mago dele que fez. Arthur, Merlin e Oberon.”

“Oberon? Oberon de Shakespeare?”

“Shakespeare foi provavelmente o primeiro a imortalizá-lo, mas sim, aquele Rei Oberon. Junto com Arthur e Merlin, Oberon criou uma espada que continha tanta magia que quem quer que a empunhasse era certeza de sair vitorioso na batalha”.

“Excalibur”, Laurel disse sem fôlego.

“Exatamente. Oberon, Arthur e Merlin lideraram o maior exército que Avalon tinha visto na

batalha contra os trolls para bani-los para sempre. Fadas, Arthur e seus cavaleiros. Merlin e suas três amantes e Oberon em pessoa. Os trolls nunca tiveram uma chance. As fadas purgaram Avalon dos trolls, e Oberon criou os portões para guardá-la de seu retorno. Mas mesmo para uma fada de Inverno, era mais mágica que qualquer planta viva podia suportar. O maior rei das fadas deu sua vida para fazer o portão que eu guardo.”

“É tudo tão incrível”, Laurel disse.

“É a sua história”, Tamani disse. “Sua herança”.

Shar grunhiu atrás dele, mas Tamani o ignorou. “É por isso que é tão importante que esta terra não caia nas mãos dos trolls. Os caminhos não podem nunca ser destruídos – mas os portões que os guardam sim. E se os portões forem destruídos, Avalon estará aberta pra qualquer um. Nosso lar irá se tornar um lugar de guerra e destruição novamente. Nós temos registros sobre a terrível vingança dos trolls sobre Camelot, e nós apenas podemos imaginar o destino similar que espera Avalon se eles encontrarem um modo de entrar.”

“Por que agora? Minha mãe tem tentado vender essa terra há eras. Eles podiam ter comprado anos atrás.”

Tamani chacoalhou a cabeça. “Nós não sabemos. Honestamente, eu estou quase com medo de descobrir. Trolls odeiam perder. Eles nunca fazem um movimento a menos que tenham certeza que podem vencer. Talvez eles tenham um grupo realmente grande junto. Talvez... Talvez...” Ele suspirou. “Eu nem mesmo sei. Mas eles têm algum tipo de segredo que eles pensam que vai dar a eles vantagem. E ao menos que nós descobramos o que é, nós podemos não ter uma chance.” Tamani parou. “Nós nem mesmo achamos que eles sabem onde esse portão era.”

“Por que não? Eles não têm tentado entrar desde que os portões foram feitos?”

“Vamos apenas dizer que muito poucos trolls saíram de Avalon vivos. Nós suspeitamos por muitos, muitos anos que os sobreviventes sabiam aproximadamente onde era – e podem ter passado a informação adiante – mas até agora, eles foram incapazes de apontar a localização correta.”

“O que acontece se eles encontrarem?”

“Se eles encontrarem, nós os matamos. É por isso que estamos aqui. Mas isso não é o pior que pode acontecer. Se eles conseguirem comprar a terra, eles podem mandar um exército de humanos em algum projeto de construção imaginário pra derrubar tudo mais rápido do que nós podemos matá-los sem atrair mais atenção humana. Os portões são muito fortes, mas não são invencíveis. Algumas escavadeiras e alguns explosivos *poderiam* ser capazes de derrubá-los. Mas no mínimo os exporia pra qualquer um que quiser encontrá-lo.”

“Você disse que eles deixaram meu pai doente?” ela sussurrou

Tamani olhou para ela por um longo tempo, seus olhos brilhando de raiva. “Eu acredito que sim. Eu também acredito que por causa dessa *toxina* –“

Shar limpou a garganta e se destinou a Laurel. “Tamani adora falar, mas eu estou certo que vocês concordarão que o tempo é curto”.

Tamani pressionou seus lábios e olhou para o céu. “Eu levei muito tempo”, ele disse. “Nós precisamos ir. Nós queremos apanhá-los quando o céu estiver clareando.”

“Por quê?”

“Trolls são criaturas da noite; eles preferem dormir quando o sol está alto. Eles estarão cansados e fracos se nós os apanharmos no fim de seu dia.”

Laurel acenou. Ela se espreguiçou mais uma vez e hesitantemente ficou em pé, testando seu peso cautelosamente. Para sua surpresa, seus pés pareciam quase normais. Ela não estava cansada ou preguiçosa e o seu corpo inteiro estava revitalizado. “Como você fez isso?” Laurel perguntou.

Tamani sorriu e apontou para a lâmpada. “Você disse que queria ver mágica.”

Laurel olhou para o pequeno orbe de bronze. “O que isso fez?”

“Isso age como luz do sol artificial. Permite que seu corpo se regenere como se você estivesse fora em pleno sol. Não se pode usar isso muito frequentemente ou suas células vão perceber a diferença, mas é útil em emergências. Ainda”, ele disse, procurando em seu fardo uma vez mais, “você provavelmente irá querer isso”. Ele estendeu um par de mocassins macios que combinavam com os que ele estava usando.

Enquanto Laurel amarrava os cadarços, Shar deu um passo a frente e colocou a mão no ombro de Tamani. “Boa sorte pra você. Eu chamei por reforços, eles devem estar aqui dentro de uma hora.”

“Tenho esperança que não precisaremos deles”, Tamani respondeu.

“Se realmente são trolls e eles souberem o tanto que você suspeita, eu imagino que esta clareira está prestes a ser tornar nosso lar por muitos e muitos séculos.”

“E isso pra dizer algo, considerando as últimas semanas”, Tamani disse sarcasticamente.

“Você tem certeza que não precisa de alguém pra ir com você?”

“Melhor se nós mantivermos isso pequeno”, Tamani sorriu. “Além disso, há só quatro deles, e um deles é um troll menor. Você está apenas com ciúmes porque eu não estou te deixando ir”.

“Talvez um pouco. Mas de verdade Tam, um deles é um maior. Não o subestime. Eu não quero procurar por sua polpa quebrada.”

“Você não terá, eu prometo.”

Shar ficou em silêncio por um momento, então ele levantou seu queixo e acenou. “Que o olho de Hécate esteja sobre você.”

“E você”, Tamani disse baixinho se virando.

Enquanto eles andavam rápido pela trilha, Laurel estava maravilhada com o quanto se sentia bem. Após a luta para tirar David e a si mesma do rio, ela tinha estado mais desgastada do que ela conseguia se lembrar ter estado antes. Agora ela se sentia positivamente animada e a pressão suave da mão de Tamani na dela a fez querer pular.

Mas ela olhou para o rosto austero de Tamani e decidiu resistir a esse impulso particular.

Em alguns minutos, eles chegaram à vista do carro. “Você está pronto?” Laurel perguntou.

“Pra eliminar um monte de trolls? Sim. Pra encontrar David? Definitivamente não.”

Capítulo 21

Para o crédito dele, David lidou com o encontro bastante bem, especialmente considerando que ele foi chacoalhado até acordar por um homem estranho que fez nada além de olhar pra ele enquanto Laurel gaguejava as apresentações. Ele aceitou a idéia dos homens serem trolls melhor do que Laurel tinha, e Laurel se perguntou se ele estava totalmente acordado – ou talvez em choque. Não obstante, ele estava pronto pra bancar o motorista.

Tamani entrou no banco de trás e deixou a porta aberta, seus olhos convidando Laurel para sentar-se ao seu lado. Ela olhou para David – suas roupas amarrotadas e sujas da escapada no rio e uma equimose começando a se formar em sua bochecha onde ela tinha batido nele – e sorriu em desculpas enquanto suavemente fechava a porta de trás e deslizava para o banco do passageiro. Tamani não aceitava perder tão facilmente e quando David fez o caminho para a auto-estrada, Tamani se inclinou para frente e colocou seu braço em volta do apoio de cabeça de modo que sua mão podia descansar no ombro de Laurel. Se David viu na pouca claridade, não comentou.

Laurel olhou para o relógio. Quase quatro. Ela suspirou. “Minha mãe vai enlouquecer. E a sua?”- ela perguntou a David.

“Espero que não. Eu lhe disse que poderia ficar a noite toda com você e ela disse que estaria tudo bem se eu perdesse um dia de escola. Mas liguei pra ela assim que for tarde o suficiente e direi a ela que estou com você.”

“Se ela tivesse alguma idéia...” Laurel deixou suas palavras desaparecerem.

“Qual é o plano?” David perguntou, mudando de assunto.

Tamani respondeu. “Você me leva para aquela esta casa, eu cuido dos trolls, você me trás de volta. Muito simples.”

“Me fale mais sobre esses trolls”, David disse. “Ele eram as coisas mais assustadoras que eu já vi.”

“Eu espero que fique desse jeito.”

David estremeceu. “Eu também. Quando eles nos atiraram dentro do rio, este... Este troll me levantou como se eu não pesasse nada. Eu não sou um cara tão pequeno.”

“É, você é mais alto que eu, tenho que lhe dar essa.” Tamani se voltou em direção à Laurel e seu tom condescendente desapareceu tão rápido quanto tinha vindo. “Trolls são, bem, eles são quase um defeito na evolução. Eles são animais como você, David – primatas precisamente. Mas eles não são muito humanos. Mais fortes que humanos como você descobriu – capazes de se curarem mais rápido também. É como se a evolução tentasse fazer um super-humano na sorte, mas acabou um pouco bagunçado.”

“Apenas porque eles são feios?” David perguntou.

“Ser feio é apenas um efeito colateral. O problema é que eles não são equivalentes.”

“O que você quer dizer com equivalente?” Laurel perguntou.

“Eles tem falta de simetria. Humanos são na maioria simétricos – o mais perto que animais podem ser com suas células caóticas. Dois olhos, dois braços, duas pernas. Tudo no mesmo tamanho e proporção – mais ou menos. Impressionante, considerando a verdade.”

“Considerando o quê?” David perguntou acaloradamente.

“Considerando que suas células são tão irregulares. Você não pode negar isso; não se você é tão esperto quanto Laurel fica me dizendo.” A observação foi feita com uma meia-voz chiada, mas isso aparentemente aplacou David. “Laurel e eu,” ele acariciou o pescoço dela quando disse isso – “nós somos exatamente simétricos. Se você pudesse nos dobrar ao meio, cada parte combinaria precisamente. É por isso que Laurel se parece tanto com uma de suas super-modelos. Simetria.”

“E os trolls não são?” Laurel perguntou, desesperada para afastar o assunto dela.

Tamani chacoalhou a cabeça. “Nem mesmo perto. Você se lembra que me disse que o olho de Barnes era caído e que o nariz dele era fora de centro? Ai está a sua assimetria física. É

muito sutil nele, embora. Não é normalmente desse jeito. Eu vi bebês trolls tão mal formados que nem mesmo suas mães feias os manteriam. Pernas crescendo pra fora de suas cabeças, pescoços fixos lateralmente nos ombros. É uma visão terrível. Muito, muito tempo atrás as fadas tentaram incluí-los. Mas quando a evolução desistiu de você, a morte é inevitável. E isso é mais que apenas físico. Quanto mais estúpido você é – quanto mais a evolução te estragou – quanto menos simétrico você é.”

“Por que os trolls não se extinguem?” David perguntou.

“Infelizmente, eles têm seus sucessos assim como falhas; trolls como Barnes, que podem se misturar no mundo humano. Alguns podem até mesmo exercer um grau de controle sobre os humanos. Nós não temos idéia de quantos eles são, mas eles podem estar em qualquer lugar.”

“Como você pode separá-los dos humanos?”

“Esse é o problema – não é tão fácil. Quase impossível, às vezes – embora não como uma sentinela. Trolls simplesmente não respondem a nossa mágica.”

“De jeito nenhum?” Laurel perguntou.

“Não mágica da Primavera, de qualquer forma. E uma vergonha também. Faria meu trabalho hoje muito mais fácil. Existem alguns sinais que diferenciam trolls de humanos, mas a maioria deles pode ser escondida”.

“Que tipo de sinais?” Laurel perguntou.

“Originalmente, trolls vivem sob o solo porque a luz do sol é muito forte pra suas peles. Com invenções modernas, como protetor solar e loção, eles estão muito bem do lado de fora, mas mesmo assim, sua pele raramente é saudável.”

Laurel estremeceu, lembrando o jeito como a pele da criatura Bess tinha rachado e sido arrancada em volta de sua coleira.

“Juntamente com a assimetria, seus olhos são frequentemente de cores diferentes, mas lentes de contato podem esconder isso bem o suficiente também. O único modo que você poderia provavelmente ter certeza é observar sua força ou pegá-los comendo um grande naco de carne sangrenta.”

“Barnes ficou fascinado pelo sangue no meu braço”, Laurel disse.

“Você não sangra”, Tamani disse.

“Bem, não era meu sangue; era de David.”

“No *seu* braço?”

Laurel acenou. “Ele cortou seu braço vindo através da janela. Ao mesmo tempo que eu cortei minhas costas.”

“Uma boa quantidade de sangue?” Tamani perguntou.

“O suficiente pra cobrir a palma de Barnes quando ele me agarrou.”

Tamani riu. “Isso explica te jogar no rio. Nenhum troll em sã consciência tentaria afogar uma fada. Ele não sabia o que você era.”

“Por que ele saberia?”

Tamani suspirou. “Infelizmente, é muito fácil para os trolls distinguirem humanos de fadas. O sentido de olfato dos trolls é afiadamente voltado para sangue e fadas não têm nenhum. A menos que você esteja florescendo, um troll não será capaz de sentir seu cheiro definitivamente. Pensando assim, o que parece humano que não tem cheiro de sangue, vai informá-lo imediatamente.”

“Mas David sangrou em mim. Então ele cheirou sangue o suficiente e não suspeitou?”

“E no hospital?”

“Hospitais exalam sangue para um troll. Nem mesmo alvejante esmaece o cheiro. Ele não notaria dez fadas num hospital.”

“E na sua casa,” David disse, “eu cheirava como fumaça de fogueira.”

“Ele foi até sua casa!” Tamani disse, a mão no ombro de Laurel apertando um pouco. “Você esqueceu de mencionar isso”.

“Há muito tempo atrás. Eu não sabia o que ele era.”

A mão de Tamani se apertou no ombro dela. “Você teve muita, *muita* sorte. Se ele tivesse percebido o que você era antes, você provavelmente estaria morta agora mesmo.”

A cabeça de Laurel estava começando a girar e ela se recostou no apoio de cabeça – bem contra a bochecha de Tamani. Ela não retificou seu erro.

Eles se aproximaram de Brookings e Tamani começou a atormentar Laurel sobre a aparência da casa de Barnes. “Seria mais fácil se eu fosse com você”, ela protestou após descrever a casa de cada jeito que ela conseguiu pensar. O que não era muito – tinha sido muito tarde.

“De jeito nenhum. Eu não vou colocá-la em risco – você é muito importante.”

“Eu não sou tão importante assim”, Laurel grunhiu, deslizando pelo seu acento um pouco.

“Você foi determinada pra herdar a terra, Laurel. Não leve isso tão levemente”.

“Eu posso ajudar – ficar na retaguarda.”

“Eu não preciso da sua ajuda.”

“Por quê?” Laurel vociferou. “Por que eu não sou alguma sentinela especialmente treinada?”

“Porque é muito perigoso”, Tamani vociferou de volta, aumentando sua voz. Ele voltou-se ao seu acento. “Não me faça perdê-la novamente”, ele sussurrou.

Ela se ajoelhou no acento e se voltou para olhá-lo. O rosto dele era apenas visível no brilho da manhã. “E se eu te assegurar que vou ficar fora de vista? Se acontecer algo a você, nós precisaremos saber.”

Seu rosto não mudou.

“Eu não tentarei lutar ou algo assim”, ela prometeu.

Tamani parou e ponderou isso por alguns segundos. “Se eu disser não, você vai me seguir de qualquer jeito?”

“Claro.”

Ele suspirou e revirou os olhos. “Me escute.” Ele se inclinou para frente, o seu nariz quase tocando o dela enquanto falava baixinho mas com uma intensidade que quase fez Laurel desejar que não tivesse apresentado a questão em primeiro lugar. “Se houver um problema, você me deixa. Você dirige direto de volta para Shar e conta pra ele o que aconteceu. Você promete?”

Ela chacoalhou a cabeça. “Eu não poderei deixá-lo.”

“Eu quero sua palavra, Laurel”.

“Isso não acontecerá de qualquer jeito. Como você disse a Shar, não há nada pra se preocupar.”

“Não tente mudar de assunto. Sua palavra.”

Laurel mordeu seu lábio inferior, se perguntando se havia alguma forma de escapar disso. Mas Tamani não ia deixar. “Certo”, ela disse de mal humor.

“Então você vem.”

“E eu?” David perguntou.

“Isso é impossível.”

“Por quê?” David exigiu, apertando o volante. “Eu seria de mais ajuda que Laurel – sem ofensa”, ele adicionou com um sorriso.

“Bem, eu acho que você pode vir”, Tamani disse, sorrindo perversamente, “se você quiser ser a isca.”

“Tamani!” Laurel protestou.

“É verdade. Não somente ele é humano, como ele tem feridas abertas. Aquele Sr. Barnes o cheiraria a trinta metros de distância. Talvez mais. Ele é a isca ou ele não vem”. Tamani se inclinou para frente novamente e levemente socou o ombro de David no que qualquer pessoa teria pensado que era um gesto amigável, mas Laurel sabia muito bem. “ Não, camarada. Eu sugiro que você seja o homem do carro de fuga.”

David não pôde discutir. Não ao menos que ele quisesse insistir em ser a isca.

Eles saíram da 101 para *Alder* apenas quando o céu estava ficando rosado. Quando eles alcançaram a *Maple* e começaram a traçar novamente a rota que ela e David tinham tomado na noite anterior, Laurel ficou mais e mais nervosa. Ela tinha sido tão confiante e arrogante na noite passada. Ela sabia que tinha razão e tinha sido determinada em achar respostas. Agora que ela sabia em primeira mão com o que estava lutando, sua confiança estava rapidamente encolhendo.

“Tamani?” ela perguntou, mesmo que soubesse que essa era a hora errada. “Como é que uma planta supostamente derrotaria um troll super forte?”

Dessa vez Tamani não sorriu. Seu rosto estava inflexível e seus olhos estavam encobertos.

“Discrição”, ele respondeu suavemente. “Discrição e velocidade. São as únicas vantagens que eu tenho.”

Laurel não gostou do som disso.

Capítulo 22

O Civic de David rodou devagar dentro do beco sem saída a beira-mar. “É aquela lá embaixo no final”, Laurel disse apontando.

“Vamos parar aqui então,” Tamani disse.

David encostou o carro no meio-fio e os três ficaram sentados olhando a grande casa. Na luz da manhã, eles agora podiam dizer que tinha uma vez sido cinza. Laurel estudou os aparos curvados e estilhaçados nos beirais e os batentes das janelas enfeitados e tentou ver a bela casa que devia ter sido cem anos atrás. Quanto tempo ela tinha pertencido aos trolls? Ela estremeceu, se perguntando se eles tinham comprado a casa ou simplesmente chacinado a família e tomado posse. No momento, o último parecia muito mais provável.

Tamani estava tirando um cinto de seu fardo e checando os pequenos bolsos. Ele entregou a ela uma tira de couro que continha uma pequena faca, “Por precaução”, ele disse.

A faca parecia pesada na mão dela e por alguns motivos ela apenas olhou para ela.

“Isso vai em volta da sua cintura”, Tamani impeliu.

Laurel lançou a ele um olhar, mas colocou a tira em sua cintura e afivelou.

“Pronta?” Tamani perguntou. Seu rosto estava sério agora. Os fios de cabelo caindo sobre sua testa lançavam longas sombras que pareciam como tiras através de seus olhos. As sobrancelhas dele estavam enrugadas em concentração e uma pequena ruga vincava sua testa, estragando suas feições perfeitas.

“Pronta”, ela sussurrou.

Tamani saiu do banco de trás e fechou a porta muito suavemente. Laurel desafivelou seu cinto de segurança e sentiu a mão de David em seu ombro. Seus olhos se lançaram momentaneamente para Tamani quando ela olhou para ele. “Não vá”, ele sussurrou ferozmente.

Ela apertou a mão dele. “Eu tenho que ir. Eu não posso deixá-lo ir sozinho.”

David enrijeceu sua mandíbula e acenou severamente. “Volte”, ele ordenou.

Laurel não conseguiu que sua boca formasse as palavras, mas ela acenou e abriu sua porta. Tamani colocou sua cabeça pra baixo e olhou para David. “Em aproximadamente dez minutos, vá em frente e estacione um pouco mais perto. Se ninguém naquela casa souber que nós estamos lá nesse tempo, é porque estamos mortos.”

David engoliu.

“Mantenha uma observação muito cuidadosa. Se um deles vier para pegá-lo no carro, dirija – se eles conseguirem alcançar você, vai ser muito tarde pra nós. Dirija até a terra e conte a Shar.”

Laurel não gostou dessa parte.

Tamani hesitou. “Eu sinto muito não poder deixá-lo fazer mais”, ele disse, seu tom sincero. “De verdade eu sinto.” Ele fechou a porta, pegou a mão de Laurel, e andou em direção a casa sem olhar pra trás.

Laurel olhou sobre seu ombro e olhou para David por um longo tempo antes de seu voltar. Eles fizeram seu caminho em volta da casa espalhada de um jeito muito parecido que Laurel e David tinham feito na noite anterior. Laurel sentiu seu peito apertado enquanto ela refazia seus passos e rastejava mais perto das criaturas que tinham tentado matá-la. *Quem volta por vontade própria para sua morte?* Ela se perguntou balançando a cabeça. Mas ela manteve seus olhos nas costas de Tamani. A postura confiante dele, mesmo quando se esgueirava ao longo da parede, dava a ela coragem. Eu estou aqui por ele, ela repetia várias vezes em sua mente até começar a soar razoável.

Quando eles se aproximaram da janela esmagada, a mão de Tamani levantou-se e manteve Laurel parada contra o tapume descascado. Ele espreitou no batente da janela destruído, o qual os trolls não tinham nem se importado em tapar, e escavou num dos bolsos de seu cinto. Ele retirou o que pareceu com uma palha marrom e deslizou algo pequeno dentro. Ele se ajoelhou e espalhou longe da parede, se expondo por apenas um instante pra quem quer que estivesse na sala. Ele soprou na palha e Laurel ouviu alguma coisa zumbir através do ar. Então Tamani estava de bruços, rastejando sob o peitoril estilhaçado em direção a parte de trás da casa. Laurel o seguiu, deitando de bruços também. “O que você fez?” ela sussurrou. Mas Tamani apenas colocou um dedo sobre os lábios e continuou rastejando pra frente. Em alguns segundos, Laurel ouviu um zumbido suave de conversa. Vários metros à frente Tamani tinha parado e estava avaliando o pouco que ele podia ver após a curva. Ele olhou para um antiga cerca e um sorriso minúsculo tocou seus lábios. Ele virou-se para Laurel e apontou para o chão ao lado dele e moveu a boca, “Fique”.

Laurel quis discutir, mas quando seus olhos encontraram rachaduras e intervalos na cerca, ela decidiu que seu peso extra poderia ser excepcionalmente *inútil*. Tamani escalou a cerca silenciosamente – alguma coisa que Laurel não tinha achado possível naquela rede de madeira raquítica – e pareceu um macaco ágil subindo numa árvore.

Laurel agachou no canto da casa e espiou pelo lado. Scarface e o Ruivo descansando em um sofá sujo numa varanda igualmente suja. As vozes deles eram baixas pra Laurel entender o que estavam dizendo, mas, considerando a conversa deles no carro mais cedo naquela noite, isso era provavelmente melhor.

Scarface bocejou e o outro troll parecia perto de adormecer. Laurel ouviu um ínfimo deslizar quando Tamani passou pelo telhado, mas aparentemente os dois trolls estavam tão cansados ou distraídos, porque nenhum dos dois nem mesmo olhou pra cima.

Embora ela estivesse esperando ele, Laurel teve que suprimir um grito de surpresa quando Tamani veio voando do telhado e balançou para o chão graciosamente em frente dos trolls. Suas mãos se moveram como duas manchas e bateu as cabeças deles juntas com um baque surdo. Eles caíram nas almofadas do sofá e não se moveram.

Laurel deu um passo e triturou uma folha seca.

“Espere”, Tamani disse suavemente. “Deixe-me terminar primeiro. Você não quer ver isso.” Era uma tentação muito grande. Ele não estava olhando para ela, então ela pôs a cabeça de volta pelo canto – apenas observando em fascinação arrebatada, se perguntando o que ele ia fazer.

Tamani apoiou seus joelhos nos ombros de Scarface e segurou o rosto dele em suas mãos. Na hora que Laurel percebeu o que ia acontecer, era tarde demais. Seus olhos se recusaram a fechar enquanto Tamani torcia a cabeça do troll e um som repugnante atacava seus ouvidos. Tamani deitou Scarface de volta nas almofadas e enquanto ele voltava sua atenção para o outro troll, ela não pode evitar olhar para o rosto flácido – desprovido de vida, pela primeira vez, não torcido em escárnio.

Quando Tamani levantou seu joelho para o ombro do outro troll, Laurel rapidamente voltou-se para o outro lado e enfiou os dedos nos ouvidos. Não que isso importasse. A torção do pescoço do Ruivo encontrou seu caminho até seu ouvido interno e sua mente se encheu daquilo que ela não podia ver. O dedo macio de Tamani em seu ombro a fez pular. “Vamos, nós precisamos continuar”, Tamani escondeu Laurel sob seu braço o mais longe dos trolls mortos, mas ela ainda espiou em volta dele para olhar para as duas formas que pareciam estar simplesmente dormindo.

“Você tinha que fazer isso?” ela sussurrou, tentando se lembrar que esses homens tinham tentado matá-la e ao David. Mas eles pareciam tão inofensivos na luz da manhã com seus rostos deformados preguiçosos e pacíficos.

“Sim. Uma das regras das sentinelas é nunca deixar um troll hostil vivo. É algo que eu jurei fazer. Eu te disse – você não devia ter vindo.”

Ele levou um instante para pegar algo de seu cinto e espalhou nas dobradiças da porta de trás, quando ele abriu a porta, ela moveu-se silenciosamente. Laurel se lembrou de Bess e seguiu Tamani muito hesitante. Mas ela estava deitada flacidamente no chão. Tamani se agachou ao lado dela e removeu um pequeno dardo do pescoço dela. Laurel lembrou-se da palha marrom e percebeu o que ele tinha feito.

“Ela esta morta?” Laurel sussurrou.

Tamani balançou a cabeça. “Apenas dormindo. Os dardos que matam são maiores e não funcionam tão rápido. Ela soltaria alguns bons ganidos e arruinaria tudo.” Ele estavam mexendo em seu cinto novamente. Ele suspirou enquanto ele destampava uma pequena garrafa. “Esse são os que eu sempre lamento. Aqueles muito estúpidos para saber o que estão fazendo. Eles não são mais culpados do que um leão ou um tigre que persegue sua presa, pelo menos no começo. Mas uma vez que eles são ensinados a serem odiadores de fadas perversos que obedecem a cada ordem de seu mestre, eles nunca deixarão de ser perigosos.” Ele puxou um das pálpebras de Bess e espremeu duas gotas do líquido amarelo. “Ela está morta em alguns minutos”, ele disse colocando a garrafa de volta em seu cinto. Ele voltou-se para Laurel e colocou seu rosto perto do dela então ele pode sussurrar em seu ouvido. “Eu não sei onde o outro está. Se nós encontrarmos ele e o pegarmos de surpresa, será fácil. Então me siga, mas nenhuma outra palavra daqui pra frente. Ok?”

Laurel acenou e esperou que pudesse andar com a metade do silêncio que ele andava. Ela nunca em sua vida se sentiu desajeitada – ela sempre teve mais garça do que seus amigos – mas comparada com Tamani, ela era completamente inepta. Olhando os pés de Tamani e andando exatamente em suas pegadas, ela conseguiu atravessar a escada mais ou menos silenciosamente.

Eles andaram por três caminhos com nada neles além de mobília coberta por lençóis e grão de poeira em turbilhão. Tamani espreitou o quarto caminho e imediatamente apanhou seu cinto. Laurel pôde ver a sombra de Barnes, alongada através do chão pela luz do sol da janela leste, e de alguma forma mesmo o perfil da sombra era inconfundível. Tamani tirou a palha marrou novamente e se ergueu em um joelho só. Ele tomou fôlego e mirou cuidadosamente. Com um pequeno vapor o dardo voou.

Laurel manteve seus olhos na sombra. Houve uma sacudidela e um minúsculo grunhido. Segundos eternos passaram, então a cabeça da sombra caiu com um baque surdo na escrivaninha. Tamani apontou para o chão onde Laurel estava curvada contra a parede e novamente sussurrou para ela ficar.

Dessa vez ela obedeceu.

Tamani rastejou pra frente e agachou ao lado do troll imóvel por alguns segundos. Ela observou nas sombras enquanto as mãos deles se levantaram para os lados da cabeça do troll. Sabendo o que viria em seguida, ela apertou seus olhos fechados e colocou suas mãos sobre os ouvidos. O próximo som que ela ouviu não foi um estalido, mas um baque alto que chacoalhou a parede as suas costas.

“Você pensou que seus pequenos truques de fada iriam funcionar em mim?”

Os olhos de Laurel rapidamente se abriram e ela se lançou para o lugar que Tamani tinha deixado vago apenas segundos antes. Ela não conseguia ver Barnes. Ela observou a longa sombra pular em direção a Tamani e abriu sua boca para gritar um aviso, mas Tamani tinha ido antes que Barnes o esmagasse na parede, quebrando o gesso. Tamani dardejou em volta da sala enquanto Laurel tentava se pressionar mais e mais na parede. A casa toda esta tremendo agora enquanto Barnes atacava Tamani várias vezes e Tamani continuava dardejando apenas fora do alcance. Laurel observava as sombras deles dançarem e segurou sua respiração, com medo que de cada movimento, cada som, pudesse denunciá-la. Com um ganido e uma pancada forte de seus braços longos, Barnes pegou Tamani no peito e o atirou contra a parede sul, diretamente através do caminho onde Laurel se agachou.

Fendas se alastraram sob o gesso onde Tamani bateu na parede, e ele deslizou para o chão. Laurel quis que ele levantasse e que pulasse fora do alcance novamente, mas a cabeça de Tamani caiu para o lado e ele respirou pesadamente.

“Assim está melhor”, Barnes disse.

Laurel afastou sua cabeça do canto, mas isso não importava; as costas de Barnes estavam para ela enquanto ela estava de pé no meio do caminho através da sala elevando-se sobre Tamani. Ele inclinou-se para frente e examinou Tamani antes de estourar em sua risada irritante. “Olhe para você. Você é apenas um garoto. Um bebê. Você está mesmo na idade de ser uma sentinela?”

“Eu sou velho o suficiente”, Tamani respondeu grosseiramente, olhando para o troll com olhos duros quase negros.

“E eles mandaram *você* para cuidar de mim? Vocês fadas sempre foram tolas.”

Tamani lançou uma perna, mas dessa vez ele foi muito devagar. Barnes o pegou pela panturrilha e torceu, levantando Tamani do chão e o balançando antes de bater as costas dele contra a parede com força o suficiente para criar mais algumas rachaduras.

“Você quer isso da forma difícil, eu lhe darei o jeito difícil. Verdade seja dita, eu gosto muito da forma difícil.”

Os olhos de Laurel se arregalaram quando Barnes tirou uma pistola de seu cinto, e apontou para Tamani, e puxou o gatilho.

Capítulo 23

Um grito estridente e ensurdecido reverberou na cabeça de Laurel enquanto a sala se enchia com o estalido dos tiros, mas de alguma forma apenas um pequeno ganido escapou de seus lábios. Quando o cheiro de pólvora queimou o seu nariz, um grito emudecido forçou passagem pela sua consciência. Os olhos de Laurel se arregalaram e voaram para Tamani. O rosto dele estava contorcido de dor e um grunhido continuava passando por seus dentes cerrados. Ele agarrou suas pernas e seus dedos estavam molhados com seiva enquanto ele olhava para o troll.

Barnes apontou sua arma novamente, e dessa vez Tamani não conseguiu segurar um gemido de agonia enquanto uma bala rasgava sua outra coxa. O corpo todo de Laurel tremeu enquanto o grito de Tamani pareceu invadir cada célula simétrica e organizada no corpo dela, atirando-as ao caos. Ela se arrastou um pouco pra frente, e Tamani lançou a ela um olhar que ordenava que ela ficasse no lugar. Mal seus olhos tinham encontrado os dela então eles estavam de volta em Barnes. Um brilho de suor brilhava na testa de Tamani enquanto Barnes colocava a arma na escrivaninha com um baque alto e se adiantou.

“Não vai a lugar nenhum agora, vai?”

Ódio queimava os olhos de Tamani enquanto ele olhava para a figura desajeitada.

“Você está aqui no dia que eu supostamente vou descer e assinar os papéis da terra que contém o seu precioso portão. Eu não sou estúpido o suficiente para achar que é coincidência. Como você soube? “

Tamani fechou seus lábios e não disse nada.

Barnes chutou o pé de Tamani, e um rosnado baixo escapou ao seu forte controle.

“Como?” Barnes gritou.

Ainda Tamani não disse nada e Laurel se perguntou por quanto tempo ela suportaria assistir. Os olhos de Tamani estavam fechados firmemente, e quando ele abriu olhou direto para Laurel por um instante.

Ela sabia o que ele queria. Ela queria que ela mantivesse sua promessa. Ele na verdade queria que ela voltasse às costas para ele, descesse as escadas sozinha e retornasse à terra para buscar Shar.

Ela tinha dado sua palavra.

Mas ela sabia que não conseguiria fazer isso. Ela não conseguiria deixá-lo. Em um instante ofuscante ela percebeu que preferiria morrer com ele do que deixá-lo morrer sozinho.

Nesse momento de renúncia, seus olhos brilharam sobre a arma.

Barnes a tinha deixado na escrivaninha e definitivamente não estava prestando atenção a ela. Sob as pálpebras abaixadas Tamani seguiu o olhar dela. Ele olhou de volta pra ela e balançou a cabeça num movimento tão pequeno que ela mal viu. Então ele estremeceu e gemeu quando Barnes chutou sua perna novamente.

“Como?”

Barnes agachou na frente de Tamani. Laurel sabia que era a melhor chance que ela ia conseguir. Ela rastejou para frente, tentando imitar os passos largos e ágeis que ela tinha observado Tamani dar a manhã toda.

“Em dez segundos, eu vou pegar o seu pé e quebrar cada haste em sua perna.”

As mãos dela se curvaram em volta do aço frio e ela tentou se lembrar de tudo que seu pai tinha ensinado a ela sobre armas há alguns anos atrás. Essa era uma pistola pesada e quadrada – do tipo que parecia com uma pistola preta de água. Ela procurou por uma proteção ou um martelo e não viu nada. Ela fechou os olhos por apenas um segundo, esperando com toda sua força que essa fosse uma daquelas armas tipo aponte-e-atire .

“Você tem mais uma chance de me dar uma resposta fada. Um, dois – “

“Três”, Laurel terminou por ele, apontando a arma para sua cabeça.

Barnes congelou.

“Levante-se”, Laurel ordenou , ficando fora do alcance dos braços.

Devagar, Barnes se levantou e virou-se suavemente na direção dela.

“Contra a parede”, ela disse. “Longe dele”.

Barnes riu. “Você realmente pensa que vai atirar em mim? Um pequeno pedaço de uma coisa como você?”

Laurel vacilou enquanto apertava o gatilho, quase chorando de alívio quando seus esforços mandaram uma bala na parede. Ela apontou a arma para Barnes novamente.

“Ok”, ele disse e se afastou alguns passos, se voltando completamente para encará-la. Seus olhos se arregalaram quando ele reconheceu o rosto dela. “Eu pensei que eu tinha te matado.”

“Pense melhor na próxima vez”, Laurel disse, orgulhosa que sua voz não estivesse tremendo tanto quando suas pernas.

“Meu rapazes esqueceram... Espere, não.” Ele fungou o ar desconfiado. “Você – eu não...” a voz dele foi desaparecendo quando ele se voltou para Tamani e deu uma risada sinistra. “Eu entendi agora. As fadas recorreram à troca de criança. Troca de criança!” Ele olhou para

Tamani, seu tom casual. “Quando vocês vão aprender que os trolls ficam com todas as melhores idéias?”

Laurel atirou outra vez na parede e Barnes pulou. “Nós terminamos a conversa”, ela disse. Os dois ficaram em pé juntos em um tipo de impasse. Barnes parecia quase certo que ela não ia atirar, e Laurel estava quase tão certa de que não conseguiria. Mas ela não podia deixar Barnes saber disso.

Infelizmente, a única forma para acabar com as dúvidas dele era na verdade atirando. Os dedos pareciam suados no gatilho enquanto ela levantava a arma até o cano cobrir o rosto dele, bloqueando da vista dela.

Isso era o mais longe que ela podia ir.

“Lembre-se do que eu te contei Laurel”, Tamani disse muito baixo. “Ele ordenou que te matassem, ele envenenou seu pai, ele manipulou sua mãe... Ele irá fazer isso de novo se você deixá-lo fugir.”

“Pare, de verdade, você me dá muito crédito”, Barnes disse com um sorriso zombeteiro. Um respiração alta e irregular chiava para fora e para dentro da boca de Laurel enquanto ela tentava fazer seus dedos se contraírem. Mas seus braços caíram algumas polegadas e um sorriso repuxou o canto da boca de Barnes.

“Eu sabia que você não conseguiria fazer isso”, ele zombou. Ele se agachou e voou pra ela. Tudo que Laurel viu foram olhos assassinos de bordas vermelhas e mãos estendidas mais como garras do que dedos. Ela nem mesmo sentiu a arma em sua mão quando seus dedos fecharam e o estalido do tiro rugiu em seus ouvidos. O corpo de Barnes foi para trás com um movimento brusco quando o bala rasgou através de seu ombro. Laurel gritou e derrubou a arma.

Com um grunhido Tamani se puxou para frente e suas mãos agarraram a arma. Barnes rugiu de dor, mas seus olhos encontraram Laurel novamente.

“Deixa ela em paz, Barnes!” Tamani gritou, mirando a arma.

Barnes mal teve tempo para se concentrar na arma apontada para sua cabeça. Exatamente quando Tamani puxou o gatilho, Barnes saltou até a janela e a atravessou, caindo no chão embaixo. O tiro de Tamani se incorporou inofensivamente na parede. Laurel correu para a janela quebrada e pegou uma última visão de Barnes fugindo em direção ao rio antes de sua forma ensangüentada desaparecer além de uma colina.

Tamani deixou a arma pesada cair no chão. Laurel se ajoelhou e foi para os braços dele. Ele grunhiu nos ouvidos dela, mas quando ela tentou se afastar ele a segurou apertado contra seu peito. “Nunca, *nunca* me assuste dessa forma novamente.”

“Eu?” Laurel protestou. “Não fui eu que levei tiros!” Os braços dela se enrolaram no pescoço dele e seu corpo inteiro estremeceu.

Ela levantou bruscamente a cabeça quando ouviu passos martelando as escadas. Tamani a moveu um pouco para o lado e agarrou a arma, apontando para a entrada.

O rosto branco de David apareceu no alto da escada. Tamani suspirou e deixou a arma cair novamente para o chão, seus braços amoleceram.

“Eu ouvi os tiros e vi Barnes fugindo”, ele disse sua voz tremendo. “Você dois estão bem?”

“Olho de Hécate, nenhum de vocês sabe seguir ordens?” Tamani rosnou.

“Aparentemente não”, Laurel disse secamente.

“O que aconteceu aqui?” David perguntou, olhando de olho arregalado em volta do

desastre de sala.

“Nós conversamos no carro. Rápido David, Tamani precisa de ajuda.” Cada um deles se colocou sob um braço e conseguiram levantar Tamani do chão. Tamani estava tentando ser corajoso, mas Laurel tremia a cada vez que um gemido estrangulado escapava de seus lábios. Eles o tinham arrastado meio caminho em direção a entrada quando Laurel parou. “Espere”, ela disse, transferindo todo o peso de Tamani para David. Ela correu para a escrivaninha e olhou para os papéis. A camada de cima estava salpicada com um fino borrifo de sangue. *Sangue de troll*, Laurel pensou com uma careta. Mas ela respirou fundo e se forçou examiná-los de qualquer jeito. Qualquer coisa que mencionasse sua mãe ou o endereço da terra, ela tirou para levar com ela.

“Vamos”, ela disse, se enfiando embaixo do braço de Tamani novamente.

Eles ficaram em silêncio enquanto passaram pelos corpos dos trolls mortos. O sol estava alto agora e Laurel esperou que ninguém pudesse vê-los arrastando essa pessoa obviamente ferida para o seu carro. Tardiamente ela se perguntou se alguém além de David tinha ouvido os tiros. Olhando pra cima e pra baixo na rua para as outras casas dilapidadas e em ruínas, ela não tinha certeza se importava. Parecia um bairro onde tiros eram comuns. David deitou Tamani no banco de trás e tentou deixá-lo confortável, mas Tamani o rejeitou. “Apenas me leve de volta até Shar. Rápido.”

David manteve a porta de Laurel aberta, mas ela balançou a cabeça e deslizou para o banco de trás com Tamani.

Laurel colocou o peito e a cabeça de Tamani em seu colo e ele se agarrou a ela como uma criança. Gemendo cada vez que David dirigia sobre um buraco. Seu rosto estava pálido e seu cabelo preto molhado de suor. Ela tentou fazê-lo abrir os olhos, mas ele se recusou.

Enquanto a respiração dele ficava mais e mais áspera, Laurel olhou pra David, que a olhou pelo espelho retrovisor. “Nós não podemos ir mais rápido?” ela apelou.

David apertou seus lábios e balançou a cabeça. “Eu não posso ir mais depressa, Laurel. É muito arriscado. O que você acha que um guarda diria se nos parasse e visse Tamani?” Os dele encontraram os dela no retrovisor. “Eu estou indo tão rápido quanto eu ousar – eu prometo”.

Lágrimas encheram os olhos de Laurel, mas ela acenou, tentando não notar que o aperto de Tamani nos braços dela estava ficando fraco.

A estrada estava na maioria vazia, mas Laurel segurou sua respiração o caminho todo através de Cidade Crescente e por Klamath enquanto eles passavam perto de vários carros. Um homem até olhou para ela, e ela se perguntou se seus óculos de sol cobriam olhos descombinantes. Na hora que ela sentiu certeza de que era um troll mandado para acabar com eles, ele afastou os olhos e virou numa rua lateral.

Finalmente a garagem na frente da casa apareceu e David saiu da estrada. O caminho sem pavimento era acidentado, mas Tamani não protestou enquanto o carro saltava sobre as raízes. A respiração de Laurel ficou presa em sua garganta quando David alcançou o fim do caminho e se deslocou para estacionar.

“Por favor, rápido, David”, Laurel suplicou num sussurro.

David correu para o outro lado do carro e a ajudou a tirar Tamani. Eles o arrastaram passando a casa e pra baixo, no caminho agora familiar. Assim que eles passaram a linha de árvores, Laurel começou a gritar numa voz soluçante e cansada, “Shar! Shar! Nós

precisamos de ajuda.”

Quase instantaneamente, Shar apareceu no caminho vindo de trás de uma árvore. Se ele estava chocado, isso não se registrou em seu rosto. “Eu o levarei”, ele disse calmamente. Ele levantou Tamani de David e Laurel e o suspendeu gentilmente sobre seus ombros. “Você não pode ir mais longe”, Shar disse para David. “Não hoje”.

A testa de David se vincou e ele olhou para Laurel. Laurel jogou seus braços em volta dele. “Eu sinto muito”, ela sussurrou e voltou para descer o caminho.

David pegou a mão dela. “Você vai voltar, não vai?” ele perguntou.

Laurel acenou. “Eu prometo”. Então ela retirou sua mão e correu pelo caminho atrás da forma flácida de Tamani.

Tão logo David estava fora de vista, outras fadas entraram no caminho, adicionando seus ombros sob o peso de Tamani – um desfile de homens inacreditavelmente bonitos, vários vestidos em armadura de camuflagem. Cada fada que apareceu fez Laurel se sentir melhor. Tamani não estava sozinho agora – as fadas iriam encontrar uma forma de fazer tudo ficar bem. Ela tinha que acreditar nisso. Eles a guiaram por um caminho serpenteante que parecia estranhamente desconhecido, e acabou parando na frente de uma árvore antiga, que mesmo no ar gelado do outono, não tinha mudado de cor.

Várias fadas tomaram uma fila para colocar a palma numa reentrância superficial no tronco da árvore. Finalmente Shar levantou o braço flácido de Tamani e colocou a mão dele na árvore. Por alguns segundos ninguém se moveu e nada aconteceu. Então a árvore começou a oscilar e Laurel engasgou de surpresa quando uma rachadura apareceu na base. Alargou-se e cresceu, abrindo o tronco, moldando em um arco de passagem. O ar brilhava e reluzia até ser quase muito claro pra se olhar. Então houve um brilhante clarão e Laurel teve que piscar. No instante que levou pra ela fechar seus olhos e abri-los novamente, o ar cintilante tinha se tornado em um portão dourado entrelaçado com flores brancas brilhantes e cintilava com milhões de jóias faiscantes.

“É isso o portão para Avalon?” Laurel disse sem ar para Shar.

Ele mal dispensou um olhar para ela. “Barre a entrada dela; Jamison está atravessando.”

Lanças se atravessaram na frente dela e Laurel percebeu que ela tinha dado vários passos pra frente. Ela estava quase dominada pela urgência de avançar através das lanças e correr para os portões brilhantes, mas ela forçou seus pés a ficarem onde eles estavam. O portão estava se movendo agora, oscilando devagar para fora em um arco enquanto todas as fadas se afastaram dando espaço. Laurel não conseguiu ver muito enquanto se esforçava contra as lanças, mas seus olhos encontraram uma árvore verde-esmeralda, uma fibra solta de céu cerúleo, raios de sol que faiscavam como diamantes. O aroma espesso de terra fresca a envolveu, junto com um perfume inebriante, intoxicante que ela não conseguiu identificar. Um homem de cabelo branco em vestes longas e leves esperava no outro lado do portão brilhante. Laurel não pode evitar olhar fixamente enquanto ele caminhou para frente para ficar de pé ao lado de Tamani. Ele correu um dedo pelo rosto de Tamani e olhou de volta para várias outras fadas carregando uma maca branca e macia.

“Levem ele rápido”, ele disse, chamando-os pra frente. “Ele está desvanecendo.”

Tamani foi transferido para a maca e Laurel observou impotente enquanto ele foi levado para dentro da luz brilhante que se derramava do portão. Ela tinha que acreditar que ele iria ficar bem agora, que ela o veria novamente. Certamente ninguém poderia entrar num

mundo tão cheio de maravilhas e não se curar.

Quando ela olhou para cima, os olhos da fada mais velha estavam sobre ela. “Eu presumo que essa seja ela”, ele disse. A voz dele era tão doce, tão musical para ser desse mundo. Ele andou na direção dela como se estivesse flutuando no ar e o rosto que ela olhou era tão bonito. Ele parecia brilhar e seus olhos eram suaves, azuis e rodeados por rugas que não se pareciam com as fendas desiguais que ela viu no rosto de Maddie, mas em exatas e iguais dobras como cortinas perfeitamente penduradas. Ele sorriu para ela gentilmente e a dor das últimas vinte e quatro horas se derreteu.

“Você foi muito corajosa”, Jamison disse naquela voz doce e angelical. “Nós não pensamos que iríamos precisar de você tão cedo. Mas as coisas nunca dão tão certo como planejamos, não é?”

Ela balançou a cabeça e olhou de volta através do portão onde ela somente conseguia ver o topo da cabeça de Tamani. “Ele... Ele vai ficar bem?”

“Não se preocupe. Tamani sempre foi mais forte do que esperavam que ele fosse.

Especialmente por você. Nós cuidaremos dele”. Ele colocou uma mão no ombro dela e a chamou para o caminho desconhecido. “Você caminharia comigo?”

Os olhos dela ficaram travados no portão para Avalon, mas ela respondeu instintivamente. “Claro”.

Eles andaram em silêncio por alguns minutos antes de Jamison parar e convidá-la a sentar em um tronco caído. Ele juntou-se a ele e sentou perto, os seus ombros quase se tocando.

“Conte-me sobre os trolls”, ele disse. “Você obviamente se meteu em problemas.”

Laurel acenou e contou a ele como Tamani tinha sido tão cuidadoso e corajoso. Os olhos de Jamison brilharam de respeito enquanto ela descrevia como Tamani se recusou a falar, mesmo após ter sido ferido. Ela não esperava contar a ele sobre si, mas ela começou a falar de como tinha segurado a arma e não conseguiu se fazer atirar no monstro até que sua vida dependesse disso. E mesmo assim foi na maior parte um acidente.

“Então ele fugiu?” Não havia julgamento em sua voz.

Laurel acenou.

“Não é sua culpa, você sabe. Tamani é uma sentinela treinada e ele leva a sua voz muito seriamente. Mas você, você foi feita para curar, não matar. Eu acho que eu teria ficado desapontado se você fosse capaz de matar alguém, mesmo um troll.”

“Mas ele agora sabe. Ele sabe quem eu sou.”

Jamison acenou. “E ele sabe onde você vive. Você deve estar em guarda. Pelo bem de seus pais assim como o seu. Eu estou te apontando como protetora deles. Apenas você sabe os segredos que podem mantê-los vivos.”

Laurel pensou em seu pai deitado naquela cama de hospital, talvez mesmo agora dando seus últimos suspiros. “Meu pai está morrendo e em alguns dias não haverá ninguém mais além de minha mãe e eu, então não posso ser o que você quer que eu seja”, ela admitiu numa voz trêmula. Seu rosto caiu em suas mãos e o desespero tomou conta dela.

Os braços da fada velha estavam em volta dela instantaneamente, pressionando ela contra suas vestes que amorteceram seu rosto tão suavemente quanto penas. “Você deve se lembrar que é uma de nós”, ele sussurrou no ouvido dela. “Nós estamos aqui para auxiliá-la de qualquer forma que pudermos. Nossa ajuda é seu direito – sua herança”, Jamison penetrou em suas vestes volumosas e retirou uma pequena e brilhante garrafa cheia com

um líquido azul escuro. “Para horas de problema”, ele disse. “Esse é um elixir raro, uma das fadas de Outono o fez muitos anos atrás. Nós criamos muito poucas poções que podem ajudar humanos nesses dias, mas você precisa disso agora e você pode precisar novamente no futuro. Duas gotas na boca devem ser o suficiente.”

As mãos de Laurel tremeram quando ela pegou a minúscula garrafa. Jamison colocou na mão dela e fechou sua palma sobre a dela. “Guarde com cuidado”, ele avisou. “Eu não tenho certeza se nós temos outra fada de Outono forte o suficiente para fazer um elixir como esse. Não ainda.”

Laurel acenou.

“Nós gostaríamos de ajudá-la em mais uma forma. Mas,” ele disse com um dedo longo no ar, “é uma oferta condicional”.

“O que quer que você precise”, Laurel disse sinceramente. “Eu darei um jeito.”

“Não é uma condição para você. Aqui”, ele disse, abrindo sua palma para revelar o que pareceu quase com uma peça de cristal bruto do tamanho de uma bola de golfe. “Eu gostaria que você oferecesse isso a sua mãe.” Ele colocou a rocha na mão de Laurel e ela ficou pasma com a gema.

“Isso é um diamante?”

“Sim, criança. Um desse tamanho deve ser suficiente para qualquer necessidade que vocês possam ter. Aqui está nossa oferta. Você sabe que foi colocada com seus pais humanos pela única razão de obter a terra sobre a morte eventual deles.” Quando Laurel acenou, ele continuou. “Os eventos recentes fizeram seu propósito muito mais importante e nós devemos ver a transferência dessa propriedade mais cedo. Esta gema é para os seus pais se eles passarem a terra, em uma relação de confiança, para o seu nome tão logo a saúde de seu pai permita. Como e o que você dirá a eles é uma decisão que só você pode tomar”. A voz dele se tornou muito firme. “Mas você *deve* possuir essa terra Laurel. E nós estamos certamente querendo pagar um preço justo para que isso aconteça.”

Laurel acenou e colocou a gema em seu bolso. “Eu tenho certeza que eles concordarão.”

“Eu acredito que você esteja certa”, Jamison disse. “Você precisa se apressar. O tempo de seu pai agora é medido em horas e não em dias.”

“Obrigada”, Laurel sussurrou e se virou para partir.

“Oh, Laurel?”

“Sim?”

“Eu espero vê-la novamente em breve. Muito breve”, ele adicionou. Seus olhos brilharam quando ele levantou seus lábios velhos em um sorriso gentil e de conhecimento.

Capítulo 24

Parecia impossível que a viagem entre Orick e Brookings pudesse parecer mais longa do que quando ela segurava Tamani morrendo em seus braços. Mas sozinha com David – os bolsos dela cheios com dois dos maiores tesouros que ela poderia imaginar – os quilômetros rastejaram mais devagar que nunca. As palavras da velha fada martelando em sua cabeça. O tempo de seu pai é medido em horas agora, não dias. Ele tinha dito horas, plural, mas o que

isso significava? E o quanto perto do fim seria tarde demais? Laurel se mantinha pegando a garrafa e revirando nas mãos, então colocando de volta em seu bolso, sem certeza de qual era sua escolha segura. No fim ela deixou no seu bolso – por nenhuma outra razão a não ser evitar que David perguntasse coisas que ela não poderia responder.

O que ele não tinha feito até agora. Após abraçá-la quando ela saiu tropeçando da floresta, David tinha silenciosamente aberto a porta e dito, "Hospital?" Ele não tinha dito uma palavra desde então. Ela estava grata pelo silêncio dele. Ela ainda não tinha decidido o que ela podia e o que não podia dizer a ele. Semanas atrás ela tinha prometido contar a ele tudo que Tamani dissesse a menos que fosse um segredo das fadas. Mas ela não tinha na verdade esperado ficar a par de tais detalhes.

Agora ela tinha. Ela sabia a localização do caminho que qualquer troll mataria a ela e as pessoas que ela amava para ganhar acesso. Talvez contar a David apenas o colocaria em mais perigo.

Então nada era a melhor coisa a se dizer no momento.

Ele finalmente estacionou no estacionamento do hospital e olhou para o prédio alto e cinza. "Você quer que eu vá com você?"

Laurel balançou a cabeça. "Nós estamos horríveis. Pelo menos se houver apenas eu, talvez eu não chame tanta atenção." *Não é provável*, ela adicionou em sua mente.

"Eu ficarei aqui e ligarei pra minha mãe então." Ele hesitou, então colou suas mãos sobre as dela. "Eu preciso voltar para Cidade Crescente em algumas horas – minha mãe vai ter gatinhos quando eu ligar pra ela. Ela me deixou por volta de vinte mensagens. Mas se você precisar de alguma coisa..." A voz dele desapareceu e ele deu de ombros. "Você sabe onde me encontrar."

"Eu voltarei logo para me despedir. Mas eu tenho que ver meu pai agora."

"Eles te deram algo para salvá-lo, não deram?"

Lágrimas encheram os olhos de Laurel. "Contanto que não seja tarde demais."

"Vai então... Eu te esperarei."

Laurel se inclinou para abraçá-lo antes de abrir a porta do carro e correr para a entrada do hospital.

Ela tentou ficar fora de vista o tanto quando possível. A sua camiseta sem mangas estava manchada de lama do banco do rio Chetco e ela tinha esquecido de pegar de volta sua jaqueta preta com David para cobrir isso. Em adição a isso seu cabelo estava uma bagunça, seus jeans estavam rasgados no joelho direito e ela ainda estava usando os mocassins estranhamente antiquados.

Pelo menos o rio tinha lavado o sangue de David de sua camiseta, E ela não tinha o rosto cheio de equimoses como ele tinha. *Nenhuma visível de qualquer jeito*, ela pensou, tocando um lugar particularmente sensível em sua bochecha.

Ela conseguiu alcançar o quarto de seu pai sem na verdade sofrer a aproximação de ninguém – embora ela tenha recebido vários olhares de exame – e tomou um grande fôlego antes de bater na porta e abri-la. Ela espiou em volta da cortina e viu sua mãe adormecida com sua cabeça na coxa de seu pai. O quarto estava cheio de sons familiares : os bips dos batimentos cardíacos de seu pai no monitor, o suave barulho do oxigênio sendo soprado através do tubo em seu nariz, o zunido do manguito de pressão inflado em seu braço. Mas ao invés deles serem assustadores da forma como tinham sido nas últimas três semanas, os

sons trouxeram alívio instantâneo. Seu pai estava vivo, mesmo que fosse apenas escassamente.

Os olhos de sua mãe se abriram. “Laurel? Laurel!” Ela cambaleou e correu para sua filha, arremessando seus braços em volta dela. “Onde você esteve? Eu fiquei aterrorizada quando você não voltou a noite passada. Eu pensei... eu nem mesmo sei o que eu pensei. Um milhão de pensamentos horríveis de uma vez.” Ela chacoalhou os ombros de Laurel um pouco. “Se eu não estivesse tão feliz de vê-la, eu te deixaria de castigo por um mês.” A mãe dela se afastou e olhou para Laurel. “O que aconteceu com você? Você parece horrível.” Laurel lançou-se novamente no abraço de sua mãe – o abraço que tinha tido certeza que não sentiria novamente quando ela estava presa sob as águas escuras do Chetco. “Foi uma longa noite”, ela disse com uma voz trêmula enquanto lágrimas ameaçavam.

Sua mãe agarrou-se a ela enquanto Laurel olhava sobre seu ombro e estudava seu pai. Ele tinha estado deitado naquela cama de hospital por tanto tempo, era quase bizarro imaginar ele acordando e se levantando dela. Laurel se afastou de sua mãe. “Eu tenho algo para o pai.” Ela riu. “E tenho pra você também. Nunca vá viajar sem trazer de volta presentes, certo?” - a mãe dela a olhou estranhamente enquanto Laurel continuava rindo para si mesma.

Ela deu a volta até o outro lado da cama de seu pai e puxou um banquinho de rodinhas pra perto da cabeça dele. “Não deixe ninguém entrar”, ela falou para sua mãe enquanto retirava a pequena garrafa de seu bolso.

“Laurel, o que é...?”

“Está tudo bem mãe. Isso o fará melhorar.” Ela destampou a garrafa e sugou um pouco do líquido precioso no conta-gotas. Com muito cuidado, ela se curvou sobre seu pai e apertou duas gotas azuis faiscantes do elixir em sua boca. Então, olhando para o rosto pálido dele, ela deixou mais uma gota cair. Apenas por precaução. Ela olhou para sua mãe. “Ele ficará bem agora.”

A mãe de Laurel olhou de boca aberta para ela. “Onde você conseguiu isso?”

Laurel olhou para sua mãe com um sorriso cansado. “Você não perguntou sobre o seu presente”, ela disse, evitando a pergunta.

A mãe dela afundou numa cadeira ao lado da cama enquanto Laurel deu a volta com o banquinho para sentar perto dela. Ela parou por alguns segundos, sem certeza de por onde começar. Onde você começa uma história desse tamanho? Ela olhou para o relógio e limpou a garganta. “O Sr. Barnes não virá esta manhã”. A mãe dela se inclinou para frente para dizer algo, mas Laurel continuou falando em cima dela. “Ele nunca virá, mãe. Eu espero que você nunca o veja novamente. Ele não é o que você pensa que ele é.”

O rosto dela tinha se tornado branco. “Mas... Mas a terra, o dinheiro, eu não sei como...” A voz dela esvaneceu e as lágrimas começaram a deslizar por suas bochechas.

Laurel se estendeu para colocar uma mão em seu braço. “Isso ficará bem, mãe. Tudo vai ficar bem.”

“Mas Laurel, nós conversamos sobre isso. Não há outro jeito.”

Laurel tirou o diamante de seu outro bolso e o manteve na palma de sua mão. “Há outro jeito.”

Os olhos de sua mãe saltaram cautelosamente do diamante até o rosto de Laurel e voltaram para o diamante. “Onde você conseguiu isso Laurel?” - ela perguntou severamente, seus

olhos na gema brilhante e ainda bruta.

“Pediram-me para entregar uma proposta.”

“Laurel, você está me assustando”, a mãe dela disse, sua voz um pouco trêmula.

“Não, não, não se assuste. Tudo está bem. Há...” - ela hesitou – “alguém... que quer que a terra fique na nossa família. Especialmente, que eu a possua. Eles estão querendo deixar você ter esse diamante em troca de você passar a terra em relação de confiança para o meu nome.”

A mãe dela olhou para ela silenciosamente por um longo tempo. “Seu nome?”

Laurel acenou.

“Em troca disso?” Ela disse, gesticulando para a gema.

“Exatamente”.

“E salvando seu pai?”

“Sim”.

“Eu não entendo”.

Laurel olhou para o diamante. Durante toda a viagem de Orick para Brookings, ela ainda não tinha sido capaz de decidir o que contar para sua mãe. E agora que o momento estava aqui, ela ainda não tinha certeza. “Mãe? Eu... Eu não sou como você.”

“O que você quer dizer com não é igual a mim?”

Laurel ficou de pé e atravessou o quarto para a porta. Ela a fechou, desejando que tivesse tranca. Ela voltou devagar para sua mãe. “Você nunca se perguntou por que eu sou tão diferente?”

“Você não é diferente. Você é maravilhosa – você é linda. Eu não sei por que de repente você está duvidando disso.”

“Eu como de forma estranha”.

“Mas você sempre foi saudável. E...”

“Eu não tenho pulsação.”

“Perdão?”

“Eu não sangro.”

“Laurel isso é ri...”

“Não, não é. Quando foi a última vez que eu me cortei? Quando foi a última vez que você me viu sangrar?” A voz dela estava mais alta agora.

“Eu... Eu...” A mãe dela olhou em volta, de repente confusa. “Eu não me lembro”, ela disse fracamente.

E então tudo, *tudo* em sua vida de repente fez sentido. “Você não lembra”, Laurel disse suavemente. “Claro que você não se lembra”. Eles não deixariam sua mãe se lembrar as dúzias de vezes que ela deve ter suspeitado que algo estava errado. As centenas de vezes que alguma coisa estava um pouco estranha demais. Laurel se sentiu de repente fraca. “Oh, mãe, me desculpe.”

“Laurel, eu não entendi uma palavra do que você falou desde que você entrou nesse quarto.”

“Sarah?” Uma voz áspera e fraca fez ambas virarem.

“Mark! Mark, você está acordado!” a mãe dela gritou esquecendo sua confusão. Elas ficaram de pé em cada lado da cama do pai dela, apertando as mãos dele enquanto ele piscava hesitante.

Os olhos deles devagar entraram em foco e viajaram em volta do quarto, parando no inumerável equipamento médico soltando bips e zumbindo por toda sua volta. “Onde diabos eu estou?” - ele perguntou numa voz grave.

Quando Laurel voltou para o estacionamento usando uma das camisetas limpas de sua mãe, David estava sentado no porta-malas do seu carro esperando. “Está tudo certo?” - ele perguntou baixinho.

Laurel sorriu. “Sim, eu vai ficar.”

“Seu pai acordou?”

Laurel sorriu suavemente e acenou. “Ele ainda está meio aéreo por causa de toda a morfina e tranqüilizantes que lhe deram, mas tão logo ele se livre disso, vai estar pronto pra ir”. Ela subiu no porta-malas ao lado dele e ele colocou seus braços em volta dela. Ela deixou sua cabeça descansar no ombro dele. “Como sua mãe levou isso?” ela perguntou.

David riu. “Muito bem, considerando que eu menti. Eu falei pra ela que deixei meu telefone no carro a noite toda e que nós dormimos no quarto do seu pai.” Ele olhou para o pequeno telefone em suas mãos. “Bem, metade disso é verdade.”

Laurel revirou os olhos.

“Ela me deu um sermão por um tempo e me disse que eu era irresponsável, mas ela não me pôs de castigo sem carro nem nada disso. Isso graças a você, eu imagino. Ela sabe que eu estou te ajudando.”

“Sim”, Laurel disse com um suspiro. A mãe de David nunca saberia a metade disso.

“Eu não sei o que ela vai fazer quando vir isso”, David continuou, apontando para a grande equimose em seu rosto. “E isso”, ele adicionou olhando para o corte em seu braço. “Na verdade, considerando que eu não tenho idéia do que havia no rio, eu deveria provavelmente ir tomar vacinas contra tétano ou algo assim. Pontos talvez.” Ele riu morosamente. “Eu acho que eu tenho que inventar algo para explicar isso também.”

Laurel olhou para o corte amplo e vermelho por vários segundos antes de tomar sua decisão. Se David não merecia isso, quem merecia? Retirou a garrafa do elixir de seu bolso e cuidadosamente destampou.

“O que você está fazendo?” David perguntou.

“Shh,” Laurel sussurrou, virando o rosto dele assim ela podia alcançar a bochecha dele. Ela colocou uma gota do líquido em seu dedo e esfregou sobre a equimose púrpura. “Isso pode arder”, ela avisou enquanto deixava outra gota cair dentro do corte.

Na hora que ela terminou de guardar a garrafa de volta em seu bolso, a equimose tinha quase desaparecido e David estava olhando de boca aberta enquanto o corte ia passando de um vermelho forte para um rosa suave na frente de seus olhos. Em outros poucos minutos, não havia sequer uma cicatriz.

“É isso que você deu para o seu pai?” Ele perguntou, ainda olhando para seu corte desaparecendo.

Laurel acenou.

David sorriu. “Ele estará de pé rapidinho. O que é uma coisa boa”, disse com uma ofensa fingida. “Eu estava ficando muito cansado da forma como você me conduzia como um escravo naquela livraria. Eu tenho direitos, você sabe”, ele adicionou com uma risada enquanto Laurel dava um tapa em seu ombro. Ele segurou os pulsos dela até ela desistir e

ambos caíram em um silêncio suave. “Quando você vai voltar?” David perguntou. Laurel deu de ombros. “Eu não posso imaginar que meu pai fique aqui por muito mais tempo. Talvez eles o liberem nesse fim de semana.”

“Você tem certeza que essa coisa vai consertar tudo?”

“Tenho certeza.”

David sorriu, olhando para o seu braço liso. “Eu estou muito certo”, Ele parou por alguns momentos. “O que você disse para sua mãe?”

Laurel suspirou. “Eu comecei a dizer a ela a verdade, mas então meu pai acordou. Eu tenho que dizer algo a ela. Embora eu não tenha certeza do que.”

“Eu acho que a verdade é a sua melhor aposta. Bem, não sobre tudo. Você pode passar por cima de trolls e como seus pais tiveram um monstro assassino em sua casa.”

Laurel acenou.

“Mas eles devem saber a verdade sobre você. Você não deveria ter que esconder isso em sua própria casa.”

Seus dedos se entrelaçaram e David apertou a mão dela. “Fadas, trolls, o que mais está lá fora que eu nunca tinha acreditado? Medicina mágica, aparentemente. Obrigado, a propósito.”

“É apenas justo”, Laurel respondeu. “ Eu te fiz sofrer bastante. E eu não quero dizer só do troll fiasco.”

“Eu sabia em que estava me metendo quando me voluntariei.” Ele deu de ombros. “Bem, eu não sabia *tudo*, mas eu sabia que você era diferente. Desde a primeira vez que eu te vi, eu sabia que havia algo... Algo especial sobre você.” Ele deslizou um dedo pela bochecha dela. “E eu estava certo.”

“Especial?” Laurel zombou. “É como você chama isso?”

“Sim”, David insistiu. “É assim que eu chamo”. Ele parou e alcançou a mão dela, virando e a cobrindo com as suas. Ele a observou em silêncio por um momento, então levantou uma mão para a bochecha dela e a puxou um pouco mais perto. Ela não resistiu enquanto os lábios dele roçavam os dela, suave como o beijo de uma leve brisa. Ele se afastou e olhou para ela.

Ela não falou nem se inclinou. Se ele ia se envolver em tudo que a vida dela tinha se tornado, isso tinha que ser escolha dele. Ela sabia o que ela queria, mas não era somente sobre ela mais.

Após uma ligeira hesitação, David a segurou perto contra seu peito e a beijou novamente, mais demorado dessa vez. Laurel quase suspirou de alívio enquanto seus braços se entrelaçavam em volta da cintura dele. Os lábios dele eram macios, quentes e suaves, exatamente como David.

Quando o beijo deles terminou, ele ficou de pé na frente dela com as mãos dela nas dele. Nenhum dos dois falou. Nada precisava ser dito. Laurel sorriu e deixou seu dedo deslizar pelo lado do rosto dele, então desceu do porta-malas do carro.

David entrou no banco do motorista, seus olhos ainda nos de Laurel. Ela acenou enquanto observava o carro dele sair da vaga do estacionamento e se afastar suavemente pela rua, de volta na 101, em direção a vida normal novamente.

Capítulo 25

“Você tem certeza que não quer que eu vá com você?” A mãe de Laurel perguntou, enquanto ela estacionava na longa e esburacada entrada de garagem.

“Eles podem não sair se você vier”, Laurel disse. “Eu estarei segura”. Ela sorriu para as densas árvores. “Eu não acho que há algum lugar na terra que eu possa estar mais segura.” Ela tinha passado os últimos três dias convencendo seus pais que ela era uma fada e a maior parte da manhã assegurando a eles que era para seu próprio bem aceitar a proposta das fadas. E embora seus pais ficassem céticos, as objeções deles para esse arranjo pareceram insignificantes comparadas ao fato de que as fadas tinham salvado a vida de seu pai. Isso e a avaliação inicial do diamante bruto, o qual tinha um valor estimado de exatamente quase oitocentos mil dólares.

Laurel se inclinou e abraçou sua mãe. “Você vai voltar, não vai?” a mãe dela perguntou. Se lembrando de como David tinha feito a mesma pergunta, Laurel sorriu. “Sim, mãe, eu voltarei.”

Ela saiu do carro para o ar gelado e puro. O céu estava escuro com nuvens densas e cinzas que ameaçavam chuva, mas Laurel se recusou a vê-las como um agouro. “É apenas o ar do inverno”, ela murmurou sob sua respiração. Rígida, ela apertou a sacola que continha os mocassins macios contra o seu peito como se ela pudesse protegê-la das más notícias que poderiam existir esperando por ela dentro da floresta.

Poderiam não ser más notícias também. Poderiam não ser! Ela entrou na sombra da floresta e andou pela trilha em direção ao rio. Sabia que devia estar rodeada por fadas sentinelas, mas ela não ousou chamá-las – não estava totalmente certa que poderia encontrar voz para isso, mesmo que ela juntasse toda sua vontade.

Quando alcançou o regato apressado, ela colocou a sacola na rocha que ela tinha sentado na primeira vez que conheceu Tamani. Ela sentou nela novamente, esperando. Apenas esperando.

“Alô, Laurel.”

Ela teria reconhecido aquela voz em qualquer lugar; tinha assombrado seus sonhos nos últimos quatro dias. Não, não era verdade. Pelos últimos dois meses. Ela se virou e se atirou nos braços de Tamani, ondas de alívio a invadindo enquanto suas lágrimas molhavam a camiseta dele.

“Eu deveria levar tiros mais frequentemente”, ele disse, seus braços apertados em volta dela.

“Nunca mais leve um tiro”, Laurel ordenou, a bochecha dela grudada no peito de Tamani. As camisetas dele eram sempre tão macias. Agora, ela não queria nunca levantar seu rosto do tecido suave. As mãos dele estavam em seu cabelo, acariciando seu ombro, tirando uma lágrima de sua têmpora – todos os lugares de uma vez. O tempo todo, um suave murmurar de palavras que ela não entendia fluía da boca dele, a confortando a tão efetivamente quanto nenhum feitiço conseguiria. Não importava para ela que Tamani apenas tinha uma magia fraca – ele era mágico.

Quando ela finalmente o soltou, riu e enxugou suas lágrimas. “Eu estou feliz de vê-lo, realmente estou. Você está bem? Foram apenas quatro dias.”

Tamani deu de ombros. “Eu estou um pouco ferido e tecnicamente eu estou aqui para me recuperar, não em dever. Mas eu sabia que você viria. E eu queria estar aqui quando você viesse.” Ele se inclinou para frente e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha dela. “Eu-eu-eu trouxe isso de volta”, Laurel gaguejou, estendendo a sacola com os mocassins. As proximidade dele sempre a fez estremecer.

Tamani balançou a cabeça. “Eu os fiz pra você.”

“Alguma coisa para lembrar-me de você?” Laurel perguntou, tocando o minúsculo anel em volta de seu pescoço.

“Você pode nunca ter coisas demais pra se lembrar”. Os olhos de Tamani circularam a pequena clareira. Ele limpou a garganta. “As primeiras coisas primeiro, eu fui encarregado de perguntá-la como nossa proposta foi recebida.”

“Muito bem”, Laurel respondeu no mesmo tom formal. “Os papéis serão assinados tão logo seja possível”. Ela revirou os olhos. “Eu acho que eles vão fazer disso meu presente de Natal.”

Tamani riu, então a puxou mais perto. “Vamos sair daqui”, ele disse. “As árvores tem olhos.” “Eu não acho que sejam as árvores”, Laurel disse sarcasticamente.

Tamani riu. “Talvez não. Por aqui.”

Ele tomou a mão dela enquanto a guiava pelo caminho que serpenteava pra os dois lados, mas nunca parecia levar a lugar algum.

“Seu pai está bem?” Tamani perguntou, apertando a mão dela.

Laurel sorriu. “Eles o estão liberando esta tarde. Ele tem intenção de voltar ao trabalho resplandecente amanhã de manhã.” Ela se acalmou. “É por isso que eu estou aqui. Nós estamos indo para Cidade Crescente em algumas horas. Eu...” - Ela olhou para seus pés. “Eu não sei quando voltarei.”

Tamani se voltou e olhou para ela, seus olhos um poço profundo de algo que ela não conseguiu distinguir. “Você veio aqui para dizer adeus?”

Soou tão desagradável quando ele disse isso. Ela acenou. “Por agora”.

Tamani remexeu nas folhas mortas no chão com seu pé descalço. “O que isso significa? Você está escolhendo David ao invés de mim?”

Ela não tinha vindo aqui para falar sobre David. “Eu queria que pudesse ser diferente, Tamani. Mas eu não posso viver no seu mundo agora. Eu tenho que viver no meu. O que eu deveria fazer, pedir para minha mãe me trazer aqui de vez em quando para que eu possa ver meu namorado?”

Tamani se voltou e andou mais alguns passos, mas Laurel o seguiu.

“Eu deveria te escrever cartas ou ligar pra você? Eu não tenho uma opção aqui?”

“Você poderia ficar”, ele disse, a voz dele tão baixa que ela mal conseguiu ouvi-lo.

“Ficar?”

“Você poderia viver aqui... comigo.” Ele continuou antes que ela pudesse falar. “Você vai possuir a terra em breve. E há uma casa. Você poderia ficar!”

Pensamentos gloriosos de uma vida com Tamani giraram através da cabeça de Laurel, mas ela os forçou a ficarem longe. “Não, Tam. Eu não posso.”

“Você viveu aqui antes. E as coisas eram boas.”

“Boas? Como as coisas foram boas? Eu estava constantemente sendo observada e vocês estavam dando aos meus pais elixires de memórias como se fossem água!”

Tamani se concentrou no chão. "Você descobriu isso?"

"Era apenas a explicação lógica."

"Eu também não gostava, se isso ajuda".

Ela respirou fundo. "Eles... Eles alguma vez me fizeram esquecer? Após eu chegar aqui, eu quero dizer."

Ela não encontrou os olhos dela. "Algumas vezes."

"Você alguma vez fez isso?" ela perguntou tentativamente.

Ele olhou para ela de olhos bem abertos, então balançou a cabeça. "Eu não poderia." Ele se inclinou mais pra perto, a voz dele tão baixa, que ela mal podia ouvir. "Eu deveria uma vez.

Mas não consegui."

"O que aconteceu?"

Ele coçou seu pescoço. "Eu odeio isso de você não lembrar".

"Desculpe."

Ele deu de ombros. "Você era muito nova. Eu era uma sentinela nova – eu estava a serviço talvez uma semana – e eu fui descuidado e deixei você me ver."

"Eu te vi?"

"Sim, você tinha por volta de dez em anos humanos. Eu apenas pus meu dedo nos lábios para te fazer ficar quieta e me escondi atrás de uma árvore. Você procurou por mim por um minuto ou dois, mas dentro de uma hora você parecia ter esquecido."

Laurel ficou para quieta por um tempo. "Eu – eu me lembro disso. Apenas vagamente. Era você?"

Alegria brilhou nos olhos de Tamani. "Você se lembra?"

Laurel quebrou o contato visual. "Um pouco", ela disse baixinho. Ela pigarreou. "E os meus pais? Você alguma vez os dopou?"

Tamani suspirou. "Algumas vezes. Eu tive que fazer", ele adicionou antes que Laurel pudesse discutir. "Era meu trabalho. Mas apenas duas ou três vezes. Quando eu tomei meu posto aqui, você era mais velha; menos inclinada a acidentes. Nós não tínhamos que remendá-la uma vez por semana. E nas vezes que seus pais chegavam muito perto eu tentava atribuir a outra pessoa." Ele deu de ombros. "Eu sempre pensei que era um plano sujo pra começar."

Laurel ficou quieta por um momento. "Obrigada, eu acho."

"Não fique brava. Não seria dessa forma se você ficasse agora. Você sabe de tudo. Seus pais também sabem. Nós não faríamos isso novamente."

Laurel balançou a cabeça. "Eu tenho que ficar com meus pais. Eles estão em mais perigo do que nunca. Eu recebi a responsabilidade de protegê-los. Eu não posso virar minhas costas pra eles agora. Eles são humanos – e talvez isso pareça pequeno pra você. Mas eu os amo e não os deixarei para serem mortos pelo primeiro troll que vier atrás de seu cheiro. Não deixarei!"

"Então por que você está aqui?" ele perguntou amargamente.

Ela parou por alguns segundos, tentando controlar suas emoções. "Você não sabe o quanto eu desejaria poder ficar? Eu amo essa floresta. Eu amo..." - Ela hesitou. "Eu amo estar com você. Ouvir sobre Avalon, sentir essa mágica nas árvores. Toda vez que eu vou embora, eu me pergunto por que estou indo."

"Então por que você vai?" A voz dele foi mais alta agora, exigente. "Fique," ele disse,

pegando as mãos dela nas dele. “Fique comigo. Eu te levarei até Avalon. Avalon, Laurel. Você pode ir lá. Nós podemos ir juntos.”

“Pare! Tamani, eu não posso. Eu apenas não posso fazer parte do seu mundo agora.”
“Seu mundo”.

Laurel acenou fracamente. “Meu mundo”, ela cedeu. “Minha família depende muito de mim. Eu tenho que viver minha vida humana.”

“Com David”, Tamani disse.

Laurel balançou a cabeça frustrada. “Sim, você deve saber. David é muito importante para mim. Mas eu disse, isso não é sobre escolher entre você e David. Eu não estou tentando decidir quem é meu verdadeiro amor. Não é assim”.

“Talvez não pra você.”

A voz dele foi baixa – quase inaudível – mas a intensidade a atingiu como um vento palpável.

“O que é preciso, Laurel? Eu fiz tudo em que pude pensar. Eu levei tiros para protegê-la. Me diga o que mais tenho que fazer e eu farei. O que for preciso, se você apenas ficar.”

Ela se forçou para encontrar os olhos dele – piscinas profundas de uma emoção que ela nunca tinha sido capaz de identificar. A sua boca secou quando ela tentou encontrar sua voz. “Por que você me ama tanto, Tamani?” Era uma pergunta que ela tinha estado ansiando para perguntar por semanas. “Você mal me conhece.”

Sobre suas cabeças o céu ressoou. “E se – e se isso não for verdade?”

Eles estavam na borda de um precipício, ela podia sentir isso. E ela não tinha certeza se tinha forças para pular. “Como isso pode não ser verdade?” ela sussurrou.

Aqueles olhos ardentes ainda queimando nos dela. “E se eu te disser que nossas vidas foram entrelaçadas há muito tempo?” Ele deslizou seus dedos nos delas, levantando seus pulsos juntos.

Laurel olhou para as suas mãos. “Eu não entendo.”

“Eu te disse que você tinha sete anos quando você foi viver com os humanos. Mas no mundo das fadas, você era mentalmente muito mais velha, se lembra? Você tinha uma vida Laurel. Você tinha amigos”. Ele parou e Laurel pôde ver que ele estava tentando manter o controle sobre suas emoções. “Você tinha a mim.” A voz de Tamani era pouco acima de um sussurro. “Eu te conhecia e você conhecia a mim. Nós éramos apenas amigos, mas nós éramos muito bons amigos. Eu eu pedi para você não ir, mas você me disse que era seu dever. Eu aprendi sobre dever e responsabilidade com você.” Ele olhou para baixo e levantou as mãos dela até seu peito. “Você disse que tentaria lembrar-se de mim, mas eles te fizeram esquecer. Eu pensei que eu morreria a primeira vez que você me viu e não me reconheceu.”

Os olhos de Laurel se encheram de lágrimas.

“Eu menti – sobre o anel, quero dizer”, Tamani disse, sua voz suave e séria. “Eu não lhe dei apenas um anel aleatório. Era o seu. Você me deu para guardá-lo até que chegasse a hora de devolvê-lo. Você pensou – você esperou – que poderia ajudá-la a se lembrar da sua vida antes de você vir pra cá”. Ele deu de ombros. “Obviamente isso não funcionou, mas eu te prometi que tentaria.”

Chuva gelada pingou nos braços de Laurel enquanto ela ficava parada em silêncio.

“Eu nunca desisti de você Laurel. Jurei que ia encontrar um jeito de voltar para a sua vida.

Eu me tornei uma sentinela tão cedo quanto eles permitiram e pedi cada favor que eu podia para ser atribuído para este portão. Jamison me ajudou. Eu devo a ele mais do que eu um dia poderia pagar.” Ele levantou as mãos dela até seu rosto e roçou um beijo suave sobre os nós dos dedos dela. “Eu a observei por anos. Observei crescer de uma garotinha até uma fada adulta. Nós éramos como melhores amigos quando éramos pequenos e eu estive com você quase todo dia pelos últimos cinco anos. É tão despropositado que eu tenha me apaixonado por você?”

Ele riu baixinho. “Você costumava vir até aqui e sentar perto do regato e tocar seu violão e cantar. Eu subia em uma árvore e ouvia. Era a minha coisa favorita de fazer. Você canta lindamente.”

A franja dele era macia, gavinhas úmidas agora, suspensas através de sua testa. Laurel deixou seus olhos viajarem pelo comprimento dele; as calças pretas macias atadas nos joelhos, a camiseta verde justa apertando seu peito e o rosto simétrico que era mais perfeito que qualquer garoto humano poderia desejar. “Você esperou tudo isso por mim?” ela perguntou num sussurro.

Tamani acenou. “E esperarei mais. Algum dia você virá até Avalon e quando esse dia chegar, eu lhe mostrarei o que tenho pra lhe oferecer no meu mundo, nosso mundo. Você me escolherá. Você virá pra casa comigo”. Ele segurou o rosto dela em suas mãos.

Lágrimas ardiavam nos olhos de Laurel. “Você não sabe isso, Tamani.”

Ele lambeu os lábios nervosamente por apenas um segundo antes de um sorriso forçado aparecer em seu rosto. “Não”, ele disse roucamente. “Não sei”. As mãos dele no rosto dela, geladas como pedra um segundo atrás, agora pareciam tão quentes com o calor de seus olhos enquanto seus polegares traçavam as maçãs do rosto dela. “Mas eu tenho que acreditar; eu tenho que esperar.”

Laurel queria dizer para ele ser realista – pra não esperar pelo que poderia nunca acontecer. Mas ela não pôde forçar as palavras saírem de sua garganta. Mesmo em sua mente elas soaram falsas.

“E eu vou esperar Laurel. Eu esperarei o quanto tiver que esperar. Eu nunca desisti de você”. Ele pressionou seus lábios na testa dela. “E eu nunca vou.”

Ele a puxou para perto e a segurou, nenhum dos dois falou. Por um momento perfeito, ninguém mais no mundo existia fora desse espaço minúsculo na trilha da floresta. “Vamos”, Tamani disse, apertando ela uma vez mais. “Sua mãe vai ficar preocupada.”

Eles andaram de mãos dadas, mais abaixo na trilha tortuosa até Laurel começar a reconhecer onde estava. “Eu te deixarei aqui”, ele disse, por volta de trinta metros da linha de árvores.

Laurel acenou. “Não é para sempre”, ela prometeu.

“Eu sei.”

Ela levantou a fina corrente de prata que continha o anel de muda e o examinou – o seu significado muito mais constrangedor agora. “Eu pensarei em você, exatamente como eu prometi.”

“E eu pensarei em você, exatamente como eu penso todos os dias”, Tamani disse. “Adeus, Laurel”.

Ele se voltou e desceu a trilha tortuosa e os olhos de Laurel seguiram as costas dele. Cada passo que ele dava parecia arrancar um pedaço do coração dela e levá-lo com ele. A sua

camiseta verde estava prestes a desaparecer atrás de uma árvore e Laurel fechou seus olhos apertados.

Quando ela os abriu, ele tinha sumido.

E foi como se a magia da floresta tivesse partido com ele. A vida que ela podia sentir em volta dela – a mágica que escoou pelo portão. As árvores em volta dela pareceram sem vida e vazias.

“Espere”, ela sussurrou. Ele deu um passo atrás dele e seus pés começaram a correr. “Não!” O grito se libertou de sua garganta enquanto ela tirava os galhos do caminho. “Tamani espere!” ela virou outro canto e seus olhos procuraram por ele. “Tamani, por favor!” Seus pés pressionaram para frente, desesperada por um vislumbre daquela camiseta verde profundo.

Então ele estava lá, meio voltado na direção dela com uma expressão cautelosa gravada em seu rosto. Ela não parou e nem mesmo diminuiu o passo. Quando ela o alcançou, agarrou a frente da camiseta dele com ambos os punhos, o puxando para si, apertando sua boca na dele. Calor a atravessou como um turbilhão enquanto ela puxava o rosto dele mais perto, mais apertado. Os braços dele a envolveram e seus corpos se moldaram com uma exatidão que ela nem se incomodou em questionar. Os lábios dela se encheram com a doçura da boca dele e Tamani a segurou contra o próprio corpo como se ele pudesse de alguma forma puxá-la para dentro dele, fazê-la parte dele.

E por um momento, ela se sentiu assim. Como se seu beijo fosse uma ponte entre dois mundos, mesmo que somente por esse breve e reluzente instante.

Um suspiro que continha o peso de eras saiu estremecido de Tamani quando seus rostos se afastaram. “Obrigado”, Tamani sussurrou, quase tão baixo para ser ouvido.

“Eu...” Laurel pensou em David, esperando em casa pela volta dela. Por que quando ela estava com um só conseguia pensar no outro? Não era justo, sentir-se tão transtornada o tempo todo. Não pra ela, para David ou Tamani. Ela olhou para cima se forçando a encontrar os olhos dele. “Eu não sei o que vai acontecer. Mas meus pais estão em perigo. Eles precisam de mim, Tam.” Laurel sentiu uma lágrima deslizar pelo seu rosto. “Eu tenho que protegê-los.”

“Eu sei. Eu não devia ter perguntado.”

“Se não fosse por eles, eu...” Eu faria o quê? Ela pensou.

Ela não sabia a resposta.

“A pequena fada que me deu o anel, eu não me lembro dela, Tam. Eu não me lembro de você. Mas alguma coisa... Alguma parte de mim lembra. Alguma coisa dentro de mim se preocupa com você desde aquela época”. Ela abaixou sua cabeça. “E eu me preocupo com você agora.”

Tamani sorriu um sorriso estranho e melancólico. “Obrigado por esse raio de esperança, mesmo tão fugaz.”

“Sempre há esperança, Tamani.”

“Há agora.”

Ela concordou, forçou seus dedos a soltarem a camiseta de Tamani e se voltou para o caminho do qual ela tinha vindo.

Fim.

Agradecimentos

Onde eu estaria sem velhos amigos que estiveram comigo desde o começo? Obrigada a David McAfee, Pat Wood, Michelle Zink e John Zakour, todos que acreditaram em mim mais do que eu jamais acreditei em mim mesma. Stephenie, você abriu muitas portas para mim, eu sempre serei grata. Obrigada. E, é claro, novos amigos – Sarah Rees Brennan, Saundra Mitchell e Carrie Ryan, mas do resto dos inacreditáveis debutantes em www.feastofawesome.com. Vocês são todos maravilhosos demais. Um enorme obrigada a minha incrível instrutora de ficção no LC, assim como autora companheira Claire Davis; a fundação das minhas habilidades de escrita eu devo a você. Um especial agradecimento para as garotas Carson, Hannah, Emma, e Bethany por serem minhas betas. Vocês são inestimáveis!

Finalmente, para a minha família maravilhosa, que também encabeça meu fã-clube. Duane, Trina, Kara, Richard, Emily, Corbett – obrigada. Aos meus filhos maravilhosos Audrey, Brennan e Gideon, que são miraculosamente calmos e mesmo quando não são, são o sol da minha vida. E a mais do que ninguém, obrigada Kenny. Sem você nada disso teria sido possível.